

**MARIA SOLEDAD RIVERA MARTINEZ**

**CONSCIÊNCIA DE GÊNERO NA EXPERIÊNCIA DE  
TORNAR-SE MULHER: UM DIÁLOGO DE  
ENFERMAGEM EM EVOLUÇÃO**

Florianópolis

1999

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM  
PROGRAMA DE DOUTORADO EM ENFERMAGEM**

**CONSCIÊNCIA DE GÊNERO NA EXPERIÊNCIA DE  
TORNAR-SE MULHER: UM DIÁLOGO DE  
ENFERMAGEM EM EVOLUÇÃO**

***MARIA SOLEDAD RIVERA MARTINEZ***

*Tese apresentada ao Programa de Pós-  
graduação em Enfermagem, da  
Universidade Federal de Santa Catarina,  
para obtenção do título de Doutor em  
Enfermagem.*

**FLORIANÓPOLIS**  
1999


CONSCIÊNCIA DE GÊNERO NA EXPERIÊNCIA DE TORNAR-SE MULHER: UM  
DIÁLOGO DE ENFERMAGEM EM EVOLUÇÃO

MARIA SOLEDAD RIVERA MARTINEZ


Esta tese foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para a obtenção do título de

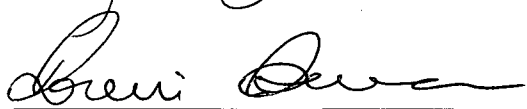
Doutor em Enfermagem, área de concentração Filosofia de Enfermagem

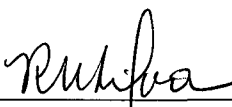
E APROVADA em sua forma final em 12 de fevereiro de 1999, atendendo às normas da legislação vigente do Curso de Pós-Graduação em Enfermagem- Programa de Doutorado em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina .

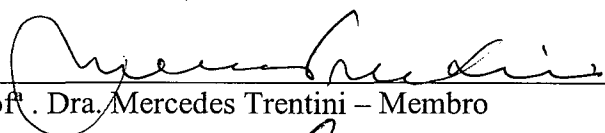
  
Profa. Dra. Alacoque Lorenzini Erdmann  
Coordenadora do Curso

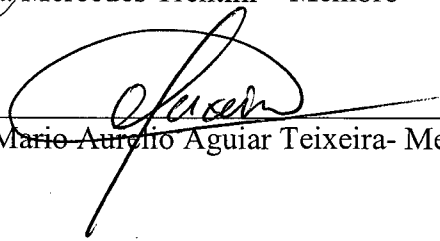
BANCA EXAMINADORA:

  
Profª. Dra. Maria de Lourdes de Souza- Presidente/ Orientadora

  
Profª. Dra. Roseni Rosângela de Sena – Membro

  
Profª. Dra. Raimunda Magalhães da Silva – Membro

  
Profª. Dra. Mercedes Trentini – Membro

  
Prof. Dr. Mario Aurélio Aguiar Teixeira- Membro

Profª. Dra. Sandra Caponi – Suplente

Profª. Dra. Denise Elvira Pires de Pires- Suplente

**MARIA SOLEDAD RIVERA MARTINEZ**

**CONSCIÊNCIA DE GÊNERO NA EXPERIÊNCIA DE  
TORNAR-SE MULHER: UM DIÁLOGO DE  
ENFERMAGEM EM EVOLUÇÃO**

**Orientadora:**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> MARIA DE LOURDES DE SOUZA**

## DEDICATÓRIA

*Àquele e àquela que me amou primeiro, que sempre se tem feito presentes em meu coração, através de seu Espírito Santo, nos meus desejos, minhas intuições e inspirações, iluminando-me e conduzindo-me para que seja fiel a aquilo que Sou.*

*A minha família, comunidade de vida e amor, que tem sido cúmplices em cada passo que tenho dado na minha vida, dando-me as oportunidades para que eu possa desenvolver minhas potencialidades, apoiando-me concretamente. Meus pais Elsa e Jorge, meu filho Tomás, meus irmãos Isabel, José Manuel e Bernardita, meus cunhados Felipe, Cecilia e Steve e meus sobrinhos Felipe, Matias, Diego, Wayne Robert, Nicole, Micheal, Juan Paulo e Nicolás.*

*Ao Paulo, grande amor e companheiro de caminho, por ajudar-me a passar das aspirações e desejos às realizações de viver minha feminilidade consciênte.*

*A Tencha, amiga fiel de toda minha vida, pela escuta atenta, o amor, a compreensão e cuidado de meu Ser Feminino.*

*A meus amigos brasileiros, Águeda e Jorge, Yolanda e Fransisco, Valéria e Wilson, Elza, Maria do Horto, Álvaro e Márcia, Vannia e Betta, Jonas e Angela, pelo compartilhar amoroso e solidário e pelo apoio incondicional durante minha estada no Brasil.*

*A meus companheiros e irmãos de viagem, Gastón, Vera, Arton, Néia, Nira, Paulo César, Cléide, Lúzia, Cristina, Susana, George, Betty, Luis, Eliane, Jane e Marilda, pelos momentos de intimidade compartilhados na busca de viver a plenitude da vida, através da biodança.*

*A Sandra e Gustavo Caponi, pela amizade nos momentos de partilha que sempre me convidaram a ser mas livre.*

*A minhas companheiras chilenas Mila, Ilta, Patricia, Angela e Angélica por seu apoio incondicional e permanente durante minha estada no Brasil.*

*As mulheres que permitiram ser entrevistadas, e que com seus depoimentos sinceros tornaram possível penetrar no mistério de suas vidas.*

## AGRADECIMENTOS

No momento em que me detenho para refletir sobre as pessoas que têm estado presentes ajudando-me para que este trabalho se tornasse realidade, tenho muito a agradecer. Foram muitas as pessoas que me acompanharam durante cada passo desta caminhada, dando-me sustento material, conversando, acreditando em mim, lendo meus trabalhos e dando-me sugestões e compartilhando experiências e idéias sobre este processo de tornar-se mulher. A todos agradeço, e em especial:

À minha orientadora Dra. Maria de Lourdes de Souza, que desde que a conheci no Chile, me estimulou a fazer este Doutorado. Mulher multifacetada, foi para mim muito mais que uma orientadora neste trabalho, foi uma amiga, uma irmã, uma mestra que soube enxergar-me profundamente e me ajudou não só a produzir intelectualmente, como também a tornar-me uma mulher mais integrada.

À Dra. Mercedes Trentini, que também me encorajou no Chile a fazer este Doutorado, e esteve sempre presente estimulando-me durante esta experiência, especialmente nos momentos mais difíceis. Sua ajuda foi definitiva para a concretização do projeto desta tese.

À Escola de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Chile, que através das professoras Ilta Lange, Mila Urrutia, Patricia Masalám e Angela Castellano, acreditaram e confiaram em mim, para fazer este Doutorado. Agradeço particularmente a ajuda financeira e o apoio que recebi sempre que necessitei.

À Fundação W. K. Kellogg, pelo apoio financeiro através da bolsa e pelo estímulo através das oportunidades de poder participar dos projetos que me abriram perspectivas inovadoras do ser-fazer na saúde. Agradeço, especialmente, a Dra. Rosení Sena, Robert DeVries, Maria Marti, Rebecca Hernández, Mark Carnessi e Denise

Alavarado, pela paciência e ajuda em cada momento que necessitei nestes anos de formação.

À Dra. Alacoque e Dr. Rolff Herdman, pela sua amizade, estímulo e ajuda durante toda a minha estada no Brasil.

À Enfermeira Rita de Cássia Heinsen de Almeida Coelho, por abrir-me as portas do ambulatório da Maternidade Carmela Dutra, ajudar-me na seleção das mulheres entrevistadas, facilitar-me o espaço físico, e proporcionar-me seus comentários sobre meu trabalho.

À Betty pelo material bibliográfico emprestado, e os diálogos ricos sobre o tema de ser mulher.

À Tereza, pela compartilha inicial sobre feminilidade, nos longos e maravilhosos diálogos pessoais, e discussões da literatura psicanalítica, que me permitiram ir além e criar o marco deste trabalho seguindo minhas intuições.

A meus professores e professoras do curso de Doutorado, porque me ensinaram a ir além dos marcos habituais de reflexão e sobretudo me ensinaram a ser livre para pensar. Agradeço especialmente a Dra. Eloíta Neves, Dra. Ana Lúcia Magela, Dr. Ivo Gelain, Dra. Sandra Caponi, Dr. Gustavo Caponi, Dra. Jean Langdom e Dr. Theóphilus Riffiottis.

Aos integrantes da Banca Examinadora, pela disponibilidade e preciosa contribuição quando da defesa deste trabalho.

A Dra Maria Helena Bittencourt Westrupp e Prof. Fernando pela sua preciosa ajuda na revisão do português, e a Carlos Alberto Leal da Costa, pela ajuda na editoração, tornando este trabalho belo e apresentável.

E, especialmente, às mulheres informantes do estudo, eles preciosos entre uma idéia e sua concretização. Sem elas.... o diálogo não teria início.

## SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	iv
AGRADECIMENTOS	v
SUMÁRIO	vii
RESUMO	x
ABSTRACT	xii
CAPÍTULO I	1
DOS CAMINHOS E APROXIMAÇÕES PARA COMPREENDER O CONTEXTO DO TEMA DE PESQUISA	1
1.1 O que levou a interessar-me pela saúde mental das mulheres e pela psicologia feminina?	1
1.2 Do envolvimento temático: tornar-se mulher	13
1.2.1 Uma leitura crítica da visão de Sigmund Freud sobre tornar-se mulher: lógica dos desejos inconscientes femininos	13
1.2.2 A visão das mulheres nas teorias sobre gênero	19
1.3 Delimitando o fenômeno a pesquisar	27
1.3.1 O processo de desenvolvimento das mulheres.	29
1.4 Do propósito.	31
1.4.1 Questões norteadoras	32
CAPÍTULO II	33
REFERENCIAL TEÓRICO-FILOSÓFICO DA PESQUISA	33
2.1 Sobre a "consciência" como conceito articulador do desenvolvimento humano	34
2.1.1 Sobre Autoconsciência	38



2.1.2 DESEJO como força vital da consciência _____	40
2.2 A perspectiva teórica sobre “consciousness-raising” (“amanhecer da consciência”) nas mulheres _____	42
2.3 A teoria sobre desenvolvimento humano na meia idade, segundo Carl Gustav Jung _____	46
2.4 A teoria evolutiva da consciência de Connie Zweigg _____	51
2.4.1 Os estágios de evolução da consciência _____	52
2.5 Estrutura guia para uma operacionalização do processo de evolução da consciência de gênero _____	62
2.5.1 Processo de individuação (ser-si-mesmo): _____	65
2.5.2 Padrões de relacionamento com os outros (ser-com-outro): _____	69
2.5.3 Processo de percepção da consciência do feminino e masculino na sua vida _____	71
CAPÍTULO III _____	77
DO DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA _____	77
3.1 Do fenômeno em estudo _____	77
3.2 Recurso metodológico para compreender a experiência de tornar-se mulher: a entrevista como convite à comunicação _____	82
3.3 Dos critérios e características das mulheres entrevistadas _____	83
3.4 Do percurso da pesquisadora na realização e análise das entrevistas. _____	84
3.5 Aspectos éticos da Pesquisa. _____	89
3.6 Alguns controles a considerar _____	89
CAPÍTULO IV _____	92
DA COMPREENSÃO DA EXPERIÊNCIA DE TORNAR-SE MULHER E DO FENÔMENO EVOLUTIVO DA CONSCIÊNCIA DE GÊNERO NAS MULHERES USUÁRIAS ENTREVISTADAS _____	92
4.1 Do perfil das mulheres entrevistadas: _____	92

4.2	Descrição da experiência consciente de tornar-se mulher nas usuárias entrevistadas	93
4.2.1	A experiência de tornar-se menina	93
4.2.2	A experiência de tornar-se moça	105
4.2.3	A experiência de ser mulher adulta	109
4.3	Segundo momento de análise : da evolução da consciência de gênero (do Feminino e masculino) no processo de tornar-se mulher	134
4.3.1	O processo de individuação como “ ser-si-mesma”	135
4.3.2	O processo de desenvolvimento em relações interpessoais: “Ser-com-outros”	139
4.3.3	Processo de percepção da consciência do princípio feminino e masculino na sua vida	142
CAPÍTULO V		148
DAS PRINCIPAIS DESCOBERTAS		148
5.1	Em relação à concepção teórica diante da realidade.	148
5.2	Refletindo sobre esta pesquisa a partir de um olhar para a saúde mental das mulheres: Feminizar as teorias e práticas vigentes na saúde mental	154
5.3	Considerações finais: Consciência de Gênero como um diálogo de enfermagem em evolução	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		166
ANEXOS		182
ANEXO I - Aproximação Fenomenológica como Metodologia de Pesquisa		182
ANEXO II - Roteiro de Entrevista		193

## RESUMO

A presente tese visa contribuir para a compreensão do desenvolvimento da consciência de gênero, definida como resultante do processo de integração progressiva dos princípios de consciência do feminino e masculino, baseada num referencial teórico na perspectiva da psicologia analítica jungiana de Connie Zweigg (1994). Se aprofundam os conceitos de consciência, consciência feminina emergente e consciência de gênero, dentro de um processo geral de desenvolvimento humano. Se enfatiza na potencialidade e força contida no feminino na sua singularidade e na necessidade de torná-lo visível, na linguagem das próprias mulheres. A necessidade de estudar uma consciência situada num grupo de mulheres, definiu a eleição de um marco metodológico de aproximação fenomenológica que permitisse desvelar o fenômeno do desenvolvimento da consciência de gênero, em mulheres de meia idade, usuárias do sistema público de saúde. Assim, o propósito deste estudo é compreender o desenvolvimento da consciência de gênero, nestas usuárias, através de suas experiências de vida (ser - no mundo), com respeito a seu processo de individuação (ser - si - mesma), seu processo de relacionamentos interpessoais (ser - com - outros) e sua percepção do feminino e masculino como princípios de consciência, na expressão, realização ou frustração de seus desejos e aspirações. A descrição e análise das entrevistas das mulheres revelou que sua existência infantil transcorre em famílias agrícolas do interior do Estado de Santa Catarina, onde aprendem que ser mulher é trabalhar tanto nas tarefas domésticas quanto nas atividades agrícolas, definindo papéis de gênero hierarquizados onde elas são exploradas. A adolescência é uma etapa muito curta que define seu momento de casamento, para sair da opressão da família de origem. O casamento representa o primeiro momento em que a mulher decide algo por si mesma. Casam com expectativas de um projeto de família sempre melhor ao de sua família de origem. Mas, no transcurso da vida, sentem-se frustradas e presas na relação de casal quando os maridos as maltratam, bebem em excesso ou deixam de trabalhar. Elas reagem separando-se e trabalhando para sustentar a seu filhos. Com isto, descobrem novas potencialidades e se reafirmam como pessoas autônomas e independentes. A partir de agora, a vida muda, estabelecem novas relações de casal mais de iguais e compartilhadas. Em relação a consciência de gênero, na infância elas desenvolvem uma identidade intensamente vinculada e relacionada ao grupo familiar. Esta característica as faz construir suas próprias famílias como comunidades de colaboração mútua. Compartilham um mesmo terreno, habitualmente da mulher (agora mãe e avó), mas com casas independentes. As relações interpessoais evoluem desde dependência e submissão à família de origem, e ao esposo, até que entram em crise, se rebelam e desenvolvem uma identidade mais independente, através do trabalho remunerado. O princípio de consciência do feminino e masculino vai aparecendo em forma sutil desde a infância, quando mesmo morando em comunidades familiares tipo “tribo,” onde a autoridade a têm o pai (patriarcal), o grupo trabalha pela sobrevivência de todos, o que é dimensão do estágio feminino matriarcal. No entanto, pelas condições duras da vida

de trabalho, elas despertam cedo a dimensões do princípio de consciência masculino, porque lutam contra as condições de pobreza e adversidades ambientais. Logo na adolescência, adquirem a coragem para separar da família de origem, para casar, e mudam-se para outras cidades, o que mostra o princípio de consciência masculina construindo sua própria família. Por alguns anos, se mantêm no princípio do feminino submisso e abnegado baixo o domínio do masculino, num estágio patriarcal, com seus esposos. Nesta etapa, realizam papéis tradicionais de esposa e mãe, até que entram em crise de identidade, e procuram desenvolver-se como pessoas. Estas situações acordam o princípio masculino que as sustenta para sair ao espaço público e conquistar o mundo do trabalho, e com isto sentem que são capazes de auto sustentar-se. Se o esposo não muda, separam-se, e procuram cultivar relações de troca e colaboração de iguais com outros parceiros, o que inaugura a passagem do feminino que emerge consciente e que tornará a mulher cada vez mais si –mesma. Discute-se a ênfase individual e interna dada pelas teorias a respeito do processo de desenvolvimento da consciência de gênero. Pelo contrário, a identidade destas mulheres é sempre relacionada e vinculada a outros, mantendo sua autonomia pessoal em relações de troca e parceria. Termina-se refletindo sobre uma proposta de leitura da saúde mental, que enfatiza a importância dos processos de conflito e transformação para o desenvolvimento das mulheres. É possível, ainda, que outra leitura acerca da clientela deva ser feita pelos serviços de saúde, onde as mulheres sejam vistas como aquelas que, independente do estágio de consciência em que se encontrem, revelam modos peculiares de existência e que se constituem em características que a lógica da assistência precisa, no mínimo, respeitar.

## ABSTRACT

### **Development of gender consciousness. A dialogue of Nursing in evolution.**

In this thesis we see a contribution to the development of gender consciousness, defined as the outcome in the progressive integration of feminine and masculine consciousness principles, being based on a theoretical reference basis under the perspective of Connie Zweigg's (1994) theory of analytical psychology. Based mainly on such theory, a deepening of concepts is seen, namely those of consciousness, feminine desire and consciousness, emerging within a general process of human development; it acquires emphasis in the potentiality and strength of what is feminine, kept in silence and as opposed to masculine along many centuries of patriarch dominion. Feminine must become visible, in its singularity, in women's own language. The need to make visible a consciousness based in a group of women came to define the option for a methodologic milestone in phenomenological approach, capable of revealing the phenomenon of gender consciousness development in middle-age women who are users of the public health system. This should be done through their life experience (to be-in the world), as it regards their individuation process (to be-one-self), their process of interpersonal relationships (to be-with-others) and their perception of feminine and masculine as principles of consciousness, in the expression, achievement or frustration of their wishes and aspirations. Description and analysis of interviews with the women showed their existence to have occurred amidst farmer families in the interland of Santa Catarina State, where they learn to be a woman is tantamount to work both at home chores and farming activities, in a definition of hierarchical gender where the woman is abused. Adolescence is a very short span, the end of which defines the moment for marriage to free oneself from the oppression of their families. Marriage thus represents the first moment when a woman can decide on something by herself. They marry hoping for a family project which will be a better one than their own. However, as life proceeds, they feel frustrated and tied up to the couple relationship, ill-treated by their husbands, who drink too much, or quit their jobs. As a solution, they ask for separation and start working to keep their children. It is at this moment they find out their new potentialities, and position themselves as autonomous and independent persons. From then on, life changes, new relationships are established between the couple, now on equal levels and equally shared. As it regards the development of a gender consciousness, the identity developed along childhood is intensely linked and related to the family group. From such a characteristic, they will build their own families as mutual collaboration communities. They share one same plot of land belonging usually to the interviewed woman (now a mother and a grandmother), but having independent homes. Interpersonal relationships evolve from dependency and submission to their original families, and to their husbands, until a crisis is lived through, when they rebel and develop a more independent identity fostered by remunerated work. Principles of consciousness of what is masculine and what is feminine start showing up in a subtle manner since

childhood when, in spite of inhabiting family communities like “tribes”, where all authority rests with the father (patriarchal), the group works for survival as a whole, and this is a dimension belonging to the matriarch feminine stage. However, due to hardships imposed by work, women awake early to the dimensions of a masculine consciousness principle, since they fight against poverty and environmental adversities. Soon during adolescence, women acquire the needed courage, due to the masculine principle, to break loose from the original family and get married, moving over to other cities, building their own family. For a few years, they keep under the docile and abnegate feminine principle, under the masculine dominion, in a patriarch stage, at the side of their husbands. At this stage, they perform the traditional roles of wife and mother, until they are cast into an identity crisis and try to develop as persons. Such situations wake up the masculine principle giving them strength to come out to the public space and conquer the world of work, wherefrom they feel able to support themselves. When the husbands do not change in their manners, the women fight for separation, trying to develop exchange relationships in equal level collaboration with other partners. This inaugurates the passage into the feminine, which comes up conscious and makes the woman more and more her-self. Concepts such as developed by Jung and Zweigg are discussed, on the process of gender consciousness development, seen as an individual and intense process of integration of unconscious feminine and masculine principles, as revealed in these women, with an identity related and always linked to others without loss of their personal autonomy in an exchange and partnership relation, whereby such women become complete. The work closes with a reflection on a proposal for the reading of women’s mental health, where the importance of conflict and transformation processes for the development of women is emphasized. Possibly, further readings should be made by the health services regarding these clients, where women can be seen as those who, indifferent from the consciousness stage they are in, would reveal peculiar ways of existence, becoming characteristics assistance logics would have, at least, to respect.

# CAPÍTULO I

## DOS CAMINHOS E APROXIMAÇÕES PARA COMPREENDER O CONTEXTO DO TEMA DE PESQUISA

*“Volver a los 17, después de vivir un siglo,  
es como decifrar signos, sin ser sabio competente,  
volver a ser de repente, tan frágil como un segundo,  
volver a sentir profundo, como un sabio frente a Dios...  
eso es lo que siento yo...en este instante fecundo...  
(Violeta Parra de Chile)*

### 1.1 O que levou a interessar-me pela saúde mental das mulheres e pela psicologia feminina?

Como enfermeira psiquiátrica e professora da Escola da Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica do Chile desde a década de setenta, tenho trabalhado com pessoas que apresentam problemas de saúde mental, tanto em instituições de saúde públicas como privadas. Nesta experiência, tenho observado que as pessoas que mais consultam os ambulatórios são mulheres adultas,<sup>1</sup> e a grande maioria apresenta problemas de transtornos afetivos e transtornos por ansiedade, relacionados a problemas familiares, tais como

---

<sup>1</sup> Pesquisas no Chile estabelecem que elas são responsáveis por 70% das consultas na atenção primária em saúde (Reyes, 1990).

conflitos no relacionamento de casal, comunicação com os filhos, violência intrafamiliar, e dificuldades sexuais.

Como resposta a essa demanda, junto às alunas e enfermeiras, fazíamos o primeiro diagnóstico dos problemas e tratávamos, num primeiro nível de complexidade, aqueles relativos a situações de crises evolutivas ou situacionais. Nossa prática sustentava-se num modelo de intervenção em enfermagem psiquiátrica compreensivo, baseado em várias teorias, como a de desenvolvimento humano de Erickson (1980); sob prevenção em saúde mental de Caplan (1975); nas teorias de enfermagem psiquiátrica de Peplau (1990) e Travelbee (1982); na psicoterapia centrada na pessoa de Rogers (1970), e a terapia gestáltica de Perls (1973). Aplicávamos uma intervenção breve que denominamos de "intervenção em crise" e que consistia na realização de entrevistas de ajuda pessoal e um trabalho em grupo sobre ativação e relaxamento corporal. O programa desenvolvia-se durante seis semanas aproximadamente (Rivera; Compagnoni; Opgaard, 1978).

Durante as entrevistas, trabalhávamos progressivamente as diversas áreas de problemas, segundo eram trazidos por elas. Somente um tempo depois de transcorrida a relação, ao aprofundar-se na história de vida, aparecia sua realidade sofrida e sufocada, numa rede de conflitos que envolviam um estilo de vida pessoal e familiar expressada em relações conflituosas, desencontros, brigas e lutas de poder na relação do casal, com os filhos e famílias de origem e que, junto aos problemas econômicos e sociais, provocava na mulher (e na entrevistadora) uma sensação de estar sem saída. Um tema que aparecia, quando já se havia estabelecido uma confiança suficiente entre enfermeira e usuária, era o referente a insatisfação sexual, que se traduzia por disfunções diversas, desde ausência de desejo sexual, incapacidade de excitar-se, incapacidade de obter orgasmo, dor na penetração, rejeição de qualquer forma de aproximação do marido, etc. Todavia, esses problemas de saúde sexual não se apresentavam isolados, mas relacionados no mundo-vida da mulher.

Defrontei-me com a necessidade de uma formação sistemática, na área da sexualidade humana, porque me parecia que era um tema possível de manejar concretamente, e assim constituir-se numa luz a partir da qual a mulher poderia tomar forças para enfrentar os outros conflitos e reformular sua vida. Porém no Chile não existia



um programa de especialização ou pós-graduação em sexualidade humana, ou saúde mental da mulher, e pelo momento político que o país vivia em fins dos anos 70, haviam-se fechado os mestrados nas áreas de enfermagem (da PUC) e das ciências humanas. Minha única possibilidade foi entrar no mestrado em Saúde Pública na Universidade de Chile, em 1982. Esta experiência foi importante, já que me permitiu sair da visão especializada e individual da psiquiatria, para um olhar abrangente da saúde pública que enxerga os problemas que afetam os grupos e populações no âmbito da saúde em geral. Mais ainda, significou a integração dos saberes da epidemiologia, do método científico, da saúde do adulto e da mulher, da interdisciplinaridade e das dimensões de planejamento de políticas públicas da saúde. Assim, através de minha dissertação, aprofundi-me no tema que mais me interessava: a saúde sexual feminina, num olhar mais abrangente de prevenção e promoção da saúde.

A partir de então, minha caminhada seguiu três trilhas definidas e inter-relacionadas: a busca e construção teórica do tema da sexualidade; o início e desenvolvimento do caminho de pesquisa no tema da sexualidade feminina e, posteriormente, a criação e aplicação de um modelo de educação para o autocuidado em saúde sexual, com o propósito de promover, prevenir e orientar mulheres e casais adultos em assuntos de sua sexualidade.

Minha dissertação de mestrado consistiu-se numa pesquisa diagnóstica de tipo epidemiológica analítica, para conhecer o que estava acontecendo com as mulheres usuárias do sistema público, com respeito a sua vida sexual, para estabelecer uma base de dados que desvelasse um pouco a realidade no contexto sociocultural da mulher chilena (Rivera, 1986). Nessa época, a literatura e as pesquisas revelavam as realidades culturais de sociedades norte-americanas e européias, muito diferentes das nossas latino-americanas, e precisava-se de informações locais.

Baseada no conceito sobre saúde sexual proposto por um grupo de peritos da Organização Pan-Americana da Saúde, em 1975, que entendem "*por saúde sexual a integração dos elementos somáticos, emocionais, intelectuais e sociais do ser sexual por meios que sejam positivamente enriquecedores e que potencializem a personalidade, a comunicação e o amor*", elaborei um marco teórico sobre sexualidade humana que

integrou as concepções de pesquisadores clássicos norte-americanos e chilenos das diversas áreas dos saberes implícitos no tema da sexualidade humana. Desta forma, construí um marco conceitual integrador das dimensões filosófica-antropológica (teleológicas), fisiológica, psicológica e socioantropológica da sexualidade humana. As dimensões sexuais somáticas, baseada em Masters & Johnson (1967, 1972, 1975) e Kaplan (1978); as dimensões psicológicas baseadas em Kaplan (1978), Willis (1978), Lerch (1972), Pasache (1983), Bustos (1980); as dimensões socioculturais baseadas em Mead (1961), Gissi (1982, 1985), Covarrubias (1982,, 1988) Ortiz (1983) e as dimensões filosóficas de orientação antropológica cristã, conforme Larrain (1972), Romo (1990) e Bockle (1974). Os estudos clássicos sobre conduta sexual humana de Kinsey & Pomeroy (1967) e de Hite (1982) direcionaram os aspectos metodológicos e o desenho de análise estatística em Kerlinger (1975) e Himel & Maltes (1981).

Avaliei a *satisfação na vida sexual* através das respostas das mulheres, para obter um perfil do nível de satisfação alcançado durante cada fase de resposta sexual, e alguns comportamentos antes, durante e depois de suas relações sexuais. Os fatores psicossociais foram avaliados através da medição da *qualidade de comunicação* e os *tipos e níveis de conflitos* com o companheiro, seu *sistema de valores sexuais*, e as *experiências traumático-sexuais*, todas variáveis assinaladas pela literatura como as mais determinantes da qualidade da vida sexual (Rivera, 1986). Entrevistei um grupo de 85 mulheres adultas entre 20 e 35 anos de idade, com relação marital estável, usuárias de um centro de saúde comunitário do sistema público de saúde de Santiago do Chile. Através de uma análise de correlação e regressão múltipla, foi determinada a relação entre a qualidade de vida sexual e a qualidade de comunicação e de conflitos com o companheiro, sistema de valores sexuais e antecedentes traumáticos sexuais, bem como o peso que cada uma destas variáveis tinha na predição da qualidade da vida sexual.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> A metodologia e os resultados detalhados do estudo estão em Rivera, M. Soledad: Vida sexual de mujeres adultas de estrato social medio bajo y bajo, y su relación con la comunicación y conflictos de pareja, sistema de valores sexuales y antecedentes traumáticos sexuales. Tesis de Magister en Salud Pública, mención Epidemiología. Universidad de Chile 1986. Solicitar em Biblioteca de la Escuela de Salud Pública de la Universidad de Chile. Série Tesis.

Dos resultados obtidos, alguns me estimularam a procurar compreender a situação de submissão da mulher na sua intimidade sexual com seus esposos. Chamou-me a atenção que a metade das mulheres apresentavam algum nível de insatisfação sexual. que a responsabilidade da iniciação, condução, regularidade, penetração, carícias e orgasmo está centrada no companheiro. Elas apresentaram padrões de participação bem mais passivos e submissos durante as relações sexuais. Quase a metade não tinha orgasmos, ou porque não tinham desejo, ou não sentiam prazer nas carícias, ou o parceiro alcançava o orgasmo antes do que elas. A ausência de orgasmo lhes despertava raiva, sensação de que "não serve como mulher", frustração, culpas e insegurança, Mas a maioria *mantinha silêncio sobre suas frustrações sexuais* frente a seu companheiro, e algumas até fingiam orgasmos por apresentarem temor frente a uma possível resposta agressiva do companheiro. Elas temem a rejeição e apresentam temor de perder o companheiro ou de estimular sua infidelidade, caso falem diretamente de sua insatisfação.

Por outro lado, a satisfação sexual destas mulheres parecia estar carregada de muitos outros significados : por uma parte é um signo de bom desempenho dele, porque afirma seu ego-macho, na medida em que o orgasmo dela é provocado pela competência dele; e por outra, revela a extrema submissão do prazer das mulheres ao de seus maridos, porque elas temem perdê-los. Manter o marido ao seu lado aparece como um motivo essencial que subordina e ordena os outros. E manter o marido, por sua vez, significa manter a família unida.

Na procura de compreender porque estas mulheres tinham estes comportamentos, explorou-se o sistema de valores sexuais o qual revelou-se para a grande maioria das mulheres (77%) *controlador, castigador e punitivo. Prazer sexual corporal relaciona-se a sofrimento*, intensificando os conflitos. A grande maioria das mulheres não receberam informação e educação sexual dos pais e das escolas.

A experiência familiar destas mulheres (relação com a mãe, com seu pai ou adultos significativos) condiciona e modela negativamente o desenvolvimento de suas atitudes sexuais; elas são direcionadas a restringir-se e a negar seus desejos eróticos quando são proibidas de namorar, de mostrar seu corpo e de exibir qualquer conduta de sedução e de prazer sexual. Elas são positivamente condicionadas, durante sua infância e

adolescência, não só a *reprimir* seus desejos sexuais, mas a *desenvolver uma conduta de medo ante os próprios desejos eróticos* e o do homem, porque o sexo foi considerado algo "sujo" e pecaminoso. Foram vigiadas durante seus namoros e direcionadas, pela via do castigo físico, a evitar os contatos eróticos, manter o controle e exibir um comportamento considerado apropriado para a mulher: ou seja, elas devem ser recatadas e castas a respeito de seus desejos sexuais e suas formas de expressão. Isto se chama, no Chile, ser uma mulher "decente," que implica negar-se aos contatos eróticos e a qualquer tipo de aproximação sexual genital. Assim, quando as entrevistadas tiveram suas primeiras experiências sexuais, vivenciaram-nas com confusão e conflitos, experimentando sentimentos ambivalentes de prazer, amor e felicidade, associados a sentimentos de culpa, vergonha e medo de serem castigadas, por estarem transgredindo a regra paterna e materna.<sup>3</sup>

Das variáveis estudadas, a *comunicação do casal* é a que estaria influenciando e predizendo mais a vida sexual destas mulheres (37% da predição). Este dado indicou que, para este grupo de usuárias, os aspectos atuais sobre a relação com seu companheiro estavam influenciando mais na sua qualidade de vida sexual que as experiências e os valores sexuais aprendidos desde a infância e todas suas experiências dolorosas e traumáticas sexuais.

Outro fato interessante nesta pesquisa é que mesmo que a grande maioria das mulheres (73%) tenham sido educadas neste contexto negativo de valores sexuais, a metade delas logra desenvolver uma vida sexual satisfatória. Ou seja, os valores sexuais adquiridos na infância são modificáveis quando se tem uma experiência positiva e amorosa como adulta com um companheiro. Este fato é relevante porque significa pensar que a experiência atual adulta do casal, por si mesma, teria o poder de reestruturar e até restaurar as experiências que foram fonte de sofrimento na infância e na adolescência. Além disso, deu luzes para centrar a educação sexual em aspectos atuais da vida e da relação das mulheres e casais, e aprofundar suas experiências.

---

<sup>3</sup> Alguns desses achados, de forma muito similar, são comunicados por Patricio, (1997), na sua pesquisa em adolescentes de Florianópolis.

A partir dos achados, sistematizou-se um modelo conceitual sobre sexualidade humana e outro modelo sobre educação para autocuidado de saúde sexual para mulheres e casais adultos (Rivera, 1996). O programa foi implementado de forma integrada aos programas de atendimento habituais de autocuidado em saúde da mulher, no Centro Ambulatório da PUC, como modo de favorecer o relacionamento e promover uma sexualidade saudável (Rivera, 1990, 1996). Esta experiência despertou (por iniciativa dos participantes) uma demanda crescente de diversos setores da comunidade por palestras e oficinas.<sup>4</sup> Dentro da Universidade Católica, fui chamada por professores de filosofia, teologia e medicina para criar uma equipe multidisciplinar para ministrar uma disciplina na área da sexualidade para alunos da própria Universidade (cursos optativos de formação geral, para alunos de graduação de diferentes áreas). Nos anos 90, fui convidada por dois canais da televisão chilena para participar em alguns programas ao vivo, devido ao interesse que a sexualidade e a educação sexual de adultos estava provocando na comunidade.

Diante desta experiência, de pesquisa, educação, docência e extensão, vi-me envolvida cada vez mais, na realidade da relação de casal e sexualidade como uma força que impulsionava os projetos a partir das necessidades da comunidade, apresentando-se na sua imensa riqueza e ante a qual sentia-me desprovida de meios que me permitissem continuar com os estudos e pesquisas. Precisava aplicar métodos de pesquisa que me permitissem estudar os fenômenos de forma mais integrada, tal como eram vivenciados pelas pessoas. Eu tinha uma sólida formação de pós-graduação na visão clássica do método das ciências em educação, ciências sociais e epidemiologia. Esses desenhos de pesquisa são baseados na lógica da quantificação, os quais me exigiam reduzir a essência do fenômeno em múltiplas partes, para medi-las; com isso, perdia o sentido da integridade e os significados do fenômeno. A insatisfação desses resultados levou-me a pensar no Doutorado, para aprender a refletir, estudar os fenômenos humanos e pesquisá-los numa forma o mais integral e aproximada possível da realidade das experiências das pessoas.

---

<sup>4</sup> Provenientes de agrupamentos de formação de líderes, de professores primários e secundários, de escolas para pais, projetos de ONG que trabalhavam com adultos e adolescentes.

As experiências e a observação nas oficinas com casais e mulheres adultas levantaram novas interrogações que pareciam constantes neste tema: a maioria das pessoas parecia interessada em saber o que a ciência fala sobre sexualidade, procurando ansiosamente uma norma, uma indicação sobre como agir frente a determinadas situações, dando maior valor às informações vindas dessas fontes externas do que à própria experiência pessoal. A autoridade é projetada ao facilitador, palestrante ou professor e ao seu conhecimento. Nesse cenário, eu procurava devolver e estimular, através de minhas estratégias educativas, a autoridade para as pessoas, ajudando-as a refletir e a resgatar de suas experiências de vida o que já sabiam e acreditavam.

Outro fato que foi aparecendo e me inquietava era que as mulheres pareciam submissas, silenciosas e tímidas nas oficinas, quando estavam com seus esposos e, pelo contrário, quando fazíamos oficinas de mulheres sozinhas, pareciam outras pessoas, mais livres, falantes e expressivas sobre seus problemas, suas opiniões, idéias e emoções. Todavia, nas mulheres que se atreviam a falar de suas experiências, eram freqüentes as queixas em relação a falta de liberdade na sua vida em geral, e na sexual em particular, para conversar e compartilhar sobre sua experiência sexual com seu esposo. Assim, o normal era manter silêncio a respeito do tema e com isso perpetuavam-se muitos problemas sexuais que poderiam ser resolvidos pela via da comunicação direta com o parceiro: por exemplo, poder falar sinceramente do que acontecia quando não atingiam orgasmo, ou a respeito de seus desejos de certos tipos de carícias. Em forma encoberta, como regra, aparecia o medo de "ferir sua masculinidade" se elas se abrissem. Observou-se, ainda, que mesmo tendo vida sexual regular, relativamente satisfatória, e atingindo orgasmos, elas deixavam uma impressão de estar insatisfeitas pelas suas falas e expressividade. Algo ficava contido nelas, expressado num silêncio, que eu percebia como uma falta de palavras, falta de vocabulário para mencionar suas experiências e, ao mesmo tempo, ansiedade ao expor-se. Estas observações levaram-me a interrogar-me sobre os fatores socioculturais que determinam os padrões de crenças, valores e significados que as pessoas atribuem à sua vida sexual. Inquietava-me a situação geral de inibição das mulheres, como é que a sociocultura ensina, modela, e direciona essa tendência a reprimir a vida, a força, o desejo, e como é que a mulher se desenvolve no seu ciclo de vida.

Devo reconhecer, todavia, que por ser mulher e enfermeira defrontei-me com muitas barreiras na minha vida profissional. Não sentia o direito a existir plenamente no meu mundo acadêmico feminino pelas restrições impostas no ambiente institucional (disciplina, normalização de comportamentos, homogeneidade de ideologias), o diálogo teórico quase inexistente, tendência ao consenso homogêneo com a conseqüente repulsa a tudo o que surgisse como original, diferente ou oposto. O contexto macroinstitucional, por outro lado, constituía-se de um mundo masculino, que restringia abertamente as possibilidades de desenvolvimento da enfermagem, por ser uma profissão vista como feminina e, em assim sendo, de serviço, tecnológica e secundária. A pós-graduação era vista como "soberba" de nossa parte. Essas situações tentavam ser manejadas, mas sem resultados. Eu me sentia bastante impotente no meu mundo profissional, o que se somava à minha experiência consciente com as mulheres com as quais trabalhava.

Desta maneira, as vivências pessoais de nosso mundo feminino de enfermagem, mais as experiências educativas em saúde mental e como pesquisadora, aprofundaram-me as interrogações sobre o processo de ser mulher na nossa cultura latino-americana: como é que nós, mulheres, somos socializadas para transformarmo-nos no que somos? Como é que aprendemos a inibir nosso potencial de existir plenamente como seres humanos, com os mesmos direitos a experimentar o prazer que os homens, a vivenciar as nossas singularidades, a deixar sair a originalidade que cada uma traz consigo desde o nascimento? Por que nós, as mulheres, nesta época supostamente de revolução e liberação geral das cadeias e liberação do prazer sexual, ainda apresentamos esses temores que refletem padrões de subordinação e submissão das mulheres aos homens?

Procurando respostas na literatura, nos modelos norte-americanos, sobre terapia sexual, alude-se ao fato de que as mulheres têm sido socializadas nesta cultura ocidental, para exibir um padrão de comportamento sexual mais passivo e subordinado aos homens, tendem a ter sentimentos de culpa associados ao prazer erótico, e aprendem a reprimir e a negar suas sensações eróticas, por temor ao castigo e à rejeição (Kaplan, 1978). O padrão de mulher ideal nessa cultura (a que encontra esposo) é uma mulher que deve: ser recatada a respeito de seus desejos de prazer e satisfação erótica, exibir uma imagem "pura", mostrar-se ignorante, inexperiente, passiva, com pouca iniciativa e criatividade na vida

íntima; e deixar-se conduzir pelo homem sexualmente. O preconceito de base a estas atitudes é que os homens possuem um instinto sexual superior ao das mulheres, o qual devem satisfazer regularmente. Estas crenças desenvolvem-se num conjunto de outros preconceitos estimulados e aceitos socialmente em relação a superioridade e domínio "natural" deles em outras dimensões da vida, como por exemplo: econômica, inteligência, destreza, e nos negócios. Todos estes fatores, que se resumem na superioridade dos homens e submissão e subordinação das mulheres, interagem de maneira singular para provocar ansiedade e bloquear o desempenho satisfatório durante o encontro sexual (Masters & Johnson, 1967 e 1975; Kaplan, 1978; Gissi, 1985,).

Na sua obra *O Vínculo do Prazer*, Masters & Johnson (1975) afirmam o caráter relacional da vida sexual: para eles a pedra angular para o desenvolvimento de uma sexualidade satisfatória e plenamente humana, é que o casal desenvolva uma relação amorosa de intimidade, num vínculo estável, que permita a criação dessa atmosfera de confiança, mutualidade e prazer de estar juntos. Esta atmosfera permite que ambos se sintam seguros, porque pouco a pouco se aceitam nas suas diferenças sem ter que desculpar-se e defender-se. Cada um confia, compreende e se abre para receber o outro sem julgá-lo. Desenvolve reciprocidade e uma relação onde ambos podem florescer. O compartilhar e o mostrar-se tal como se é em liberdade constituem os pilares da intimidade e são processos em desenvolvimento que se vão construindo ao passar do tempo (Masters & Johnson, 1975; Willis, 1978; Kaplan, 1978).

Parece que não é possível separar a satisfação sexual da qualidade de relacionamento com a pessoa com quem se compartilha essa vida sexual. Para a maioria dos pesquisadores, uma vida sexual satisfatória depende do desenvolvimento de um estilo de relação e comunicação onde ambos possam ser e existir como pessoas na sua singularidade e originalidade. Um casal assim pode dar-se a possibilidade de criar sua intimidade para que ambos se sintam plenos e satisfeitos (Willis, 1978; Pasache, 1983; McCary, 1991).

Diante da realidade que eu percebia, essa forma de relacionamento parecia-me uma idealização própria dos norte-americanos, pois pouco tinha a ver com a realidade cotidiana das mulheres usuárias que eu observara. Todavia, pesquisas e trabalhos com



mulheres e famílias de classes populares, no Chile, mostram que a situação de pobreza determina condições de vida desfavoráveis ao desenvolvimento das pessoas e da relação de casal (Ortiz, 1983). Até mesmo o estágio inicial da eleição do companheiro normalmente apresenta-se precipitado pelos conflitos familiares como gravidez indesejada, desejos de fugir de um pai alcoólatra, ou de uma situação de violência intrafamiliar. A experiência familiar proporciona modelos de relações com tendência à não-comunicação e ao silêncio; desconfiança e inibição da expressão afetivo-amorosa. Os sentimentos e expressões emocionais são considerados debilidades. Vive-se o momento presente em função da satisfação das necessidades imediatas básicas (que dificilmente são plenamente satisfeitas); a vida é algo com o qual deve-se lutar para sobreviver. A experiência familiar e social estimula modelos de relação de casal onde o normal é a polarização, desigualdade e hierarquização dos comportamentos para cada sexo. Nesta relação, os homens aparecem submissos perante a sociedade e autoritários e violentos com sua família (o álcool tem uma função importante na medida em que reforça estas condutas e enfraquece a consciência de seus efeitos) (Bastias e Saavedra, 1983). As mulheres são duplamente subordinadas pelo marido e pela sociedade. Como mães e esposas, exibem uma atitude conformista e de aceitação de sua situação, acreditando ser tal situação determinada por forças naturais e superiores. Diante disso, sua vida sexual é um dever a mais a cumprir, como parte das atenções com que deve brindar seu homem, em função de satisfazer-lhe os desejos. Nesta realidade "machista" não é possível uma experiência de intimidade plena, voltada para o desenvolvimento de um estilo de relação e comunicação onde ambos possam ser e existir como pessoas na sua singularidade e originalidade (Pasache, 1983; Bastias e Saavedra, 1983; Ortiz, 1983).

Por conseguinte, *minhas inquietações foram encaminhando-se para o desejo de compreender além do sexual, o que acontecia com essa insatisfação feminina geral, que é meio oculta e meio crônica, situando-se numa ambigüidade, numa fronteira movediça e que as próprias mulheres têm dificuldade de nomear*. Uma situação ambígua, porque muitas vezes elas tinham relações de casal e familiares consideradas boas, tinham trabalho e condições socio-econômicas suficientes, porém sentiam-se insatisfeitas. O problema da insatisfação das mulheres levou-me a interrogar por que as mulheres se mantinham nesses padrões de subordinação e submissão ao homem, seja seu marido, ou seu pai, ou seus

chefes e outros no seu trabalho. O que acontece para que esta situação exista e se mantenha? Existe um ganho para manter essa situação? Eu precisava responder minhas dúvidas mais a fundo: se elas gostam de estar subordinadas, como é que elas chegam a gostar disto? Se não gostam desta submissão: será isso que está encobrindo a insatisfação sutil de suas vidas? O que mais estaria explicando esses fatos? E então, o que elas querem ser e viver em suas vidas? A que aspiram?

Tais perguntas direcionaram-me ao aprofundamento no estudo do processo de socialização e desenvolvimento da identidade feminina, porque era evidente o peso dos fatores socioculturais nestes processos, para ampliar, agora, a visão sobre a realidade de ser mulher. O estudo confrontou-me com o processo de tornar-se mulher, e encontrei uma interrogação que muitos pesquisadores têm feito e continuam fazendo, e que me levou por caminhos novos: *O que as mulheres desejam? Como é que se dá esse processo de tornar-se mulher na nossa cultura?*

Para procurar respostas a estas interrogações defrontei-me com a literatura, fiz disciplinas independentes na antropologia, psicologia e em temas de filosofia, para estudar as diversas visões do tema: tornar-se mulher. E, como trabalho final da disciplina optativa sobre etnografia, realizei uma pesquisa microetnográfica, para compreender as percepções que as mulheres usuárias do Ambulatório da Maternidade Carmela Dutra, em Florianópolis, têm de sua vida sexual. O objetivo desta pesquisa foi aplicar o método etnográfico, sobretudo para explorar a realidade da mulher brasileira e minhas habilidades para tomar contacto com seu mundo; fortalecer habilidades a respeito de entrevistar, analisar e compor um relatório de pesquisa em português, e estudar a factibilidade de fazer minha tese no Brasil (Rivera, 1997). A experiência ofereceu-me argumentos de que eu podia realizar a pesquisa com as mulheres no Brasil, porém apresentavam-se sérias restrições de tempo para a pesquisa.

## 1.2 Do envolvimento temático: tornar-se mulher

Assim, aproximo-me ao mundo das mulheres com uma interrogação geral que direciona mais profundamente a procura da literatura para apreender o estado teórico do tema e, então, poder definir mais minha pergunta de pesquisa e, a partir dela, selecionar o método. Foi assim que na literatura três grandes abordagens teóricas clarearam-me o tema a pesquisar, uns por coincidência com minhas crenças, outros por crítica: *a psicanálise* (como um saber que é um dos pontos de fundamento que alimenta uma perspectiva masculina patriarcal da sexualidade, a mulher e a vida); *a abordagem de gênero das feministas que trabalham na saúde mental* (como uma perspectiva centrada nas mulheres) e *a abordagem do feminino como princípio de consciência emergente* (no ser-no-mundo de homens e mulheres, estruturas e dinamismo sociais) e que enfatiza o desenvolvimento da diferença contida na singularidade do feminino como força.

O problema que eu observava defmia-se como uma insatisfação sutil nas mulheres, na sua vida geral, e na sexual em particular. Essa insatisfação parecia conter o(s) desejo(s) oculto(s), de alguma coisa à qual se aspira, e que ao mesmo tempo é difícil denominar. Trata-se de um sentimento de frustração generalizada de muitas mulheres que não encontram respostas às suas inquietações, nem possibilidades de realizar suas vocações em diferentes períodos de sua vida.

Uma falta de consciência, falta de linguagem para nominar tanto o que afoga a vida como o que quer sair e desvendar-se como força: alguma coisa retida entre as “pregas da vida do dia-a-dia” e que, como uma rede invisível, aprisiona as mulheres desde a raiz de seu processo de desejar, na forma de um querer que impulsiona para frente.

### 1.2.1 Uma leitura crítica da visão de Sigmund Freud sobre tornar-se mulher: lógica dos desejos inconscientes femininos

Fazendo uma breve incursão de algumas das compreensões essenciais que se podem extrair das idéias de Freud (1927, 1974) sobre sexualidade feminina e o processo de tornar-se mulher, e que tenham influído a forma de pensar das mulheres ocidentais constatamos que, para o criador da psicanálise, a sexualidade feminina é diferente e mais complicada que a masculina, porque nela existiria uma fase pré-edípiana, de intensa

dependência afetiva com a mãe, que demora um longo período e que determina, posteriormente, a qualidade do vínculo afetivo com o pai. Assumindo a bissexualidade "na disposição inata dos seres humanos" (1974:262), esta seria mais clara nas meninas. Apoiando-se nas diferenças anatômicas genitais, Freud afirma que elas têm dois órgãos sexuais: vagina (órgão genital propriamente dito feminino, passivo) e o clitóris (análogo ao pênis, masculino e ativo). O menino tem só uma zona sexual principal, e um órgão sexual. O clitóris é ativo na primeira fase de vida da menina e possui um caráter masculino, enquanto a vagina é "virtualmente inexistente" e só se ativa na segunda fase que é especificamente feminina.

Uma outra diferença da sexualidade feminina está relacionada com o encontro do objeto. No caso dos meninos, "a mãe torna-se para ele o primeiro objeto amoroso como resultado do fato de alimentá-lo e de tomar conta dele, permanecendo assim até ser substituída por alguém que se lhe assemelhe ou dela se derive". Para as meninas, também, o primeiro objeto amoroso é a mãe, e pelas mesmas motivações. Porém, as meninas devem mudar de objeto amoroso para o pai, ao final do desenvolvimento. Essa passagem de menina a mulher contém, para Freud, uma complexidade maior que a dos meninos, a respeito da "maneira pela qual essa mudança ocorre, quão radical ou incompletamente é efetuada, e quais as diferentes possibilidades que se apresentam no decurso desse desenvolvimento" Freud (1974:263).

No complexo de Édipo nas crianças do sexo masculino, segundo Freud, encontra-se a combinação de amor por um dos pais (a mãe) e, simultaneamente, ódio pelo outro (o pai), como rival. Na visão da sua mãe castrada, ele teme a possibilidade de castração (pelo pai), o que o conduz a criar seu superego e com ele sua entrada na comunidade cultural. O menino internaliza o agente paterno tornando-o superego e, com isso, desliga o pai como representante psíquico do superego. Freud " (1974: 263) escreve: "Nesse notável curso de desenvolvimento é precisamente o interesse narcísico do menino por seus órgãos genitais – seu interesse em preservar o pênis – que é transformado numa restrição de sua sexualidade infantil. Além disso, para Freud, uma das coisas que remanesce nos homens, da influência do complexo de Édipo, é um certo desprezo em sua atitude para com as mulheres, a quem

encaram como castradas. Este fato estaria condicionando, em casos extremos, uma inibição em sua escolha de objeto amoroso e sexual, e leva ao homossexualismo exclusivo.

Porém, o que explica a transição à feminilidade nas meninas são os efeitos do complexo de castração. De modo absolutamente diferente dos homens, as meninas se reconhecem castradas e, com isso, "também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas rebela-se contra esse estado indesejável de coisas" Freud (1974: 264). Dessa atitude dividida nas meninas, abrem-se três linhas de desenvolvimento. A primeira leva a uma rejeição e repulsão geral à sexualidade. A menina, assustada pela sua castração e inferioridade a respeito dos meninos, abandona sua atividade fálica e com ela sua sexualidade em geral, e com isso também parte de sua masculinidade e outros campos. A segunda possibilidade a leva a aferrar-se com desafiadora auto-afirmatividade à sua masculinidade ameaçada. Freud diz a respeito: "até uma idade inacreditavelmente tardia, aferra-se à esperança de conseguir um pênis. Esta esperança torna-se o objetivo da sua vida, e a fantasia de ser um homem, apesar de tudo, freqüentemente persiste como fator formativo por longos períodos" Freud, (1974:264). Esse *complexo de masculinidade* nas mulheres pode também resultar numa homossexualidade manifesta, a não ser que seja escolhido o terceiro caminho. O terceiro caminho leva à atitude feminina normal, onde a menina toma o pai como objeto, encontrando assim a trilha para a forma feminina do complexo de Édipo. Freud (1974: 265) diz a respeito: "Nas mulheres, o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração; foge às influências fortemente hostis que, no homem, tiveram efeito destrutivo sobre ele e, na verdade com muita freqüência, de modo algum é superado pela mulher. "Seguindo este raciocínio, Freud desenvolve sua idéia que, para as feministas, é derivada da sua crença da inferioridade "moral" das mulheres. Assim diz: "Por essa razão, também nela as conseqüências culturais de sua dissolução são menores e menos importantes. Provavelmente não estaríamos errados em dizer que é essa diferença na relação recíproca entre o complexo de Édipo e o de castração que dá seu cunho especial ao caráter das mulheres como seres sociais"Freud,(1974. : 264).

Ainda para esse autor, a fase de ligação exclusiva à mãe, que chama de *pré-edipiana*, tem uma importância muito maior nas mulheres do que nos homens,

determinando nelas o modelo de relacionamento amoroso da vida adulta. Assim, mulheres que casaram com homens seguindo o modelo do pai, ou que o colocaram no lugar do pai, repetem para eles, na sua vida conjugal, seus maus relacionamentos com a mãe. Isto porque o relacionamento com a mãe foi o original, tendo a ligação com o pai sido construída sobre ele; agora, no casamento, o relacionamento original emerge da repressão, pois o conteúdo principal de seu desenvolvimento para o estado de mulher jaz na transferência, da mãe para o pai, de suas ligações objetivas afetivas. Sobre esta base se pode compreender, segundo Freud, as lutas de poder de muitas mulheres com seus maridos, que refletem as lutas com suas mães.

Nesta perspectiva, para compreender o processo de tornar-se mulher, é necessário compreender os mecanismos de afastamento da mãe, que era um objeto tão intenso e exclusivamente amado, fonte e modelo afetivo primordial. O afastamento da mãe garante o processo de autonomia e identidade pessoal. Conforme Freud, existem múltiplos fatores neste processo de separação da mãe: o primeiro é o ciúme de outras pessoas (irmãos, irmãs, o pai), porque o amor infantil é ilimitado, exige a posse exclusiva, não se contenta com menos do que tudo. Uma segunda característica é a que não tem objetivo, sendo incapaz de obter satisfação completa, e por isso está determinada a acabar em desapontamento e ceder lugar a uma atitude hostil. Outros motivos para se afastar da mãe, nas meninas, têm a ver com a censura por a mãe não lhes ter dado deus um pênis apropriado, tê-las trazido ao mundo mulher; por não as terem amamentado o suficiente, porque a compeliu a partilhar seu amor com outros, porque nunca atendeu às expectativas do amor dela e, finalmente, porque primeiro despertou a sua atividade sexual e depois a proibiu. Porém para Freud (1974: 265-266) todos esses motivos são insuficientes para justificar a hostilidade final da menina. Depois, concluí que a intensa ligação da menina à mãe é fortemente ambivalente, e como consequência dela é que tem que afastar-se à força.

Com respeito ao caráter passivo e ativo da sexualidade feminina, Freud encontra fundamentos nesta relação com a mãe. Os objetivos sexuais da menina em relação à mãe são tanto ativos quanto passivos e determinados pelas fases libidinais pelas quais a criança passa. Ele enfatiza o caráter passivo e ativo das respostas das crianças no seu processo de adaptação e domínio do mundo externo. Assim, quando uma criança recebe uma impressão

passiva, ela tende a produzir uma reação ativa, tenta fazer ela própria o que acabou de ser feito a ela. Por um lado, as primeiras experiências sexuais que a criança tem em relação à mãe são de caráter passivo: ela é amamentada, limpa, vestida e ensinada a cuidar-se. Diante disso, uma parte de sua libido desfruta das sensações passivas e outra, porém, esforça-se por transformá-la em atividade. A amamentação ao seio dá lugar a sucção ativa, (e hoje sabemos que essa sucção é responsável pela descida do leite). Quanto as outras atividades, a criança contenta-se em se tornar auto-suficiente, executando-as uma e outra vez até obter sucesso (em lavar-se, vestir-se e comer), ou repetindo suas experiências passivas, nos brinquedos, em forma ativa. Outra forma de expressão de sua feminilidade ativa dá-se ao brincar com bonecas, em cuja atividade ela se identifica plenamente com a mãe, e a boneca é a filha. Para Freud, (1974: 274), ainda, a relação com a mãe durante a fase fálica “adquire profundos significados eróticos, porque as meninas (e meninos) recebem suas primeiras e mais fortes sensações genitais quando estão sendo limpas pela mãe, babá ou alguém que substitui a mãe.” Para ela, a atividade sexual deste período fálico culmina na masturbação clitoriana, a qual deve acompanhar-se de intensos desejos e fantasias com a mãe e que a menina desloca logo para o pai, dando passo à marcha definitiva para sua feminilidade. Freud conclui que, na menina, o processo de passagem pela fase pré-edípica e edípica é fundamental quanto à sua relação com a mãe, que é intensamente carregada de ambivalências, desejos, hostilidades que vão determinar a vida e direção sexual das mulheres.

A maior crítica feita pelas feministas ao discurso da psicanálise sobre a mulher é que ela é pensada e construída a partir do masculino, quando a definiu a partir da *falta*, como falha, porque, para Freud, na menina falta o pênis. Freud coloca no pênis real e simbólico a representação do "todo", do que "é", a percepção do "um" e nas mulheres, como não têm pênis, pensa-as como castradas; aquelas a quem "falta algo", incompletas, incapazes de igualar-se biológica e culturalmente aos homens; assim, elas são o "outro" (Simone de Beauvoir, 1981).

A "inveja ao pênis", os desejos da menina de ter um, e o ressentimento com a mãe quando descobre que ela deu um pênis ao irmão são contestados por Muzscat (1994) e Cavalcanti (1987). Segundo as autoras, a inveja que as meninas têm refere-se à situação de

privilegio e impunidade que os irmãos têm regularmente, em comparação às restrições severas à liberdade de existir e experimentar das meninas. O mundo masculino aparece como sendo mais interessante, por ser mais livre, e privilegiado.

As idéias de Freud (1974) sobre o desenvolvimento da vida psíquica, sobre as bases da sexualidade infantil (e com isso do fundo anímico da vida psíquica), tanto de meninas quanto meninos, continuam sendo partilhadas por muitas escolas psicológicas. Todavia, não concordamos com suas concepções deterministas da infância sobre as bases da vida psíquica adulta, com sua visão biologista, com suas reflexões sobre a mulher como castrada, em falta e, portanto, sempre "desejante" (e insatisfeita), invejosa do pênis, passiva, inferior aos homens por natureza (e nas suas proposições derivadas de ambas hipóteses). Porém, acolhemos muitas de suas hipóteses, tais como a existência dinâmica e o papel do inconsciente na vida consciente, sua descoberta da intensidade e do lugar da sexualidade infantil, a influência das relações com a mãe e pai no desenvolvimento da personalidade singular, a dinâmica da vida, suas mudanças e possibilidades de transformação.

O pensamento psicanalítico influi o psiquiátrico, psicológico e a educação sexual até hoje, sobretudo na saúde, área em que muitas práticas refletem as proposições assinaladas acima. Uma evidência disso pode-se observar nos sistemas de atendimento às mulheres, os quais estão centrados numa visão restrita à sua função reprodutiva, nos clássicos programas materno-infantis, de planejamento familiar, e de gineco-obstetrícia. Nesta lógica, as mulheres merecem atendimento só enquanto elas são mães (engravidam, parem, amamentam, criam e cuidam dos filhos), ou enquanto elas ficam doentes com relação a suas funções reprodutivas.

Com os desejos restritos a suas funções maternas, a visão psicanalítica reforçou pela via do saber médico-psiquiátrico aqueles outros significados socioculturais construídos pela via da religião, congelando as mulheres num modelo que justificava sua submissão e subordinação ao masculino.

A partir desta realidade desigual de subordinação e submissão das mulheres é que as líderes e ativistas do movimento feminista iniciaram sua luta, em primeiro lugar para fazer visível esta situação e gerar consciência nas mulheres (e uní-las), e nas sociedades.



Esta etapa prevalece entre os anos 50 e até parte dos anos 70, e marca o primeiro estágio do movimento feminista que se caracteriza pelo seu caráter militante de denúncia do que ocorre, para criar consciência social necessária desta situação sociopolítica, e organizar e mobilizar as mulheres. Esta fase é seguida de outra, de mais longo alcance, dedicada a estudar e a elaborar teorias sobre a condição e situação das mulheres, para compreender as raízes das desigualdades, suas formas de socialização, de transmissão e de transformação. Uma característica que marca as teorias ou visões feministas é que sempre elas têm sido pensadas para transformar a realidade e não como exercícios acadêmicos de teorização. Assim, desde os anos 70 e 80, produz-se uma vasta literatura dos diversos saberes sob o nome de "teorias feministas". Na realidade, eles se apoiam nas diversas perspectivas teórico filosóficas existentes, num esforço por abranger os saberes compreendidos como caminhos de busca de um conhecimento orientado a transformar a realidade, onde cada um é necessário para desvelar a complexidade do fenômeno da situação e da condição das mulheres. Assim, existem as teorias feministas de orientação marxista, psicanalítica freudiana, lacaniana e jungiana; fenomenológica, bem como na história, filosofia, literatura, psicologia, sociologia, antropologia e educação.

Este trabalho privilegia a visão das mulheres sobre as mulheres, porque na visão masculina se perpetua a visão patriarcal e, no fundo, não se pode transcender para criar novos olhares sobre este tornar-se mulher. Por isso me baseio-me, como telão de fundo teórico geral, na perspectiva de *gênero*. Posteriormente, no capítulo 2, apresentarei as outras teorias que formarão o marco teórico-filosófico da pesquisa.

### **1.2.2 A visão das mulheres nas teorias sobre gênero**

As teorias baseadas no gênero explicam o processo de desenvolvimento da menina, separando o conceito de sexo e gênero. Enquanto o sexo alude aos aspectos biológicos, tanto genéticos como anátomo-fisiológicos, que determinam as características do macho e da fêmea, ou de homens e de mulheres, gênero denota os aspectos desenvolvidos na sociocultura que determinam os padrões de significados e comportamentos definidos para o feminino e o masculino.

A reflexão teórica do conceito de gênero, segundo Eienstein (1984); Farnham (1987); Jaggar & Rothenberg (1993), corresponde a um segundo período do movimento feminista, nos anos 70, quando acadêmicas produzem conhecimento e constroem teorias que não só descrevem, mas tentam explicar a situação e a condição das mulheres no mundo. Este movimento teórico não é homogêneo, e produz diversas interpretações segundo as "lentes" com a quais os fenômenos são analisados e articulados com as grandes perspectivas teóricas da sociologia, psicologia, história, educação, literatura, e segundo o marxismo, a fenomenologia ou psicanálise, entre outras.

Equipes de pesquisadoras de universidades americanas e européias abriram os programas sobre estudos da mulher (*women's studies programs*) porque perceberam que a denúncia e visibilidade da situação de discriminação, dominação e subordinação das mulheres precisava ser pensada mais em profundidade e sistematizada. Assumia-se que a situação de subordinação e dominação das mulheres era universal, e não se consideraram as distinções de raça, etnia, idade e cultura. Foi necessário aclarar as diferenças entre o "sexo" determinado biologicamente, e "gênero" que se refere a uma construção social como sujeito masculino ou feminino. A partir de então, o objeto de estudo não se focaliza só nas mulheres, mas nos processos de formação da feminilidade e da masculinidade, ou dos sujeitos femininos e masculinos, agregando a idéia de relação. Os sujeitos existem e produzem-se em relações, e não como entes isolados e separados (Louro, 1996). Isto focalizou os estudos em relações tanto de homens como de mulheres nas sociedades, assim como o desenvolvimento dos significados e percepções sobre o feminino e o masculino, que, até então, consideravam-se como naturais, inatos e, com isso, não modificáveis.

Na medida em que se tem estudado estas relações, o processo de produção dos gêneros revela-se como uma construção social complexa. Por uma parte, o conceito de gênero, como construção social e histórica, seria um conceito *plural*. Isto significaria admitir que não só sociedades diferentes definem o masculino e o feminino em forma diversa, mas que, dentro de cada sociedade, esses conceitos variam segundo raça, classe, idade e religião. Além disso, seria admitir que eles se transformam no transcurso do tempo. Diante disto, gênero não se refere a uma essência feminina e masculina natural, universal e

imutável, derivada da natureza biológica pura, mas a processos em construção dinâmica, histórica, lingüística, socialmente determinados e, portanto, múltiplos (Louro, 1996).

Não obstante o afirmado anteriormente, isso não significa negar os componentes biológicos do sexo, mesmo que nos estudos feministas sobre gênero apareçam excluídos, por motivos estratégicos mais que teóricos. Distinguir sexo de gênero foi necessário no contexto da luta contra as interpretações biologistas, que se afirmando nas diferenças biológicas encontravam explicação e justificativa para as desigualdades e diferenças de valor entre homens e mulheres (como naturais e inatas, porém universais, fixas e imutáveis).

Para Helman (1994), na sua obra *Antropologia e Saúde*, o gênero pode ser compreendido como o resultado da combinação complexa entre várias dimensões: a *dimensão genética, somática, psicológica e sociocultural*. A dimensão de gênero *genética*, está baseada no genótipo e nas combinações de cromossomas de ambos os sexos –  $x$  e  $y$  – sendo  $xx$  fêmea e  $xy$  macho. A dimensão de gênero *somática* baseia-se no fenótipo, especialmente da aparência física e no desenvolvimento de características sexuais secundárias como genitália interna e externa, seios, voz, distribuição da graxa e pêlos no corpo. Estas duas dimensões são estritamente biológicas e denominam o macho-homem e a fêmea-mulher. O gênero *psicológico* baseia-se na autopercepção e consciência interna de si mesmo como ser feminino ou masculino. O gênero social fundamenta-se em categorias culturais amplas de feminino e masculino que definem como a sociedade percebe e valoriza os homens e as mulheres, determinando como eles devem comportar-se, qual deve ser sua aparência, pensamentos, sentimentos, vestuário e ações, assim como seu lugar dentro da sociedade.

As duas primeiras dimensões do gênero, genético e somático, são determinadas biologicamente, quer dizer, são universais para os humanos independente da sua sociocultura, e determinam diferenças objetivas entre os homens e as mulheres. A diferença mais essencial é que as mulheres menstruam, engravidam, parem filhos e amamentam, e os homens não o fazem.

Neste sentido, as dimensões socioculturais do gênero são as mais variáveis e flexíveis enquanto são influenciáveis pelos padrões construídos por essas sociedades e

culturas. Os antropólogos e antropólogas, ao estudarem ambas as categorias – masculina e feminina – em diversas sociedades do mundo, descobriram uma enorme variabilidade na extensão e nos conteúdos de cada categoria. Ou seja, constataram que o considerado tipicamente masculino (ou feminino) num grupo humano determinado pode ser considerado mais feminino (ou masculino) em outro (Mead, 1961; Gregersen, 1983; Keesing, 1981).

Para esclarecer a perspectiva de gênero em saúde mental e as idéias básicas sobre este trabalho, explicito, na continuação, alguns pressupostos gerais que direcionam a perspectiva teórica escolhida dentre as existentes.

### ***1.2.2.1 Pressupostos da perspectiva teórica do gênero a partir da saúde mental***

Pensando numa perspectiva de gênero nas culturas latino-americanas e a partir da saúde mental, Daskal e Ravazzola (1990) na sua obra *El Malestar Silenciado: la otra salud mental*, de Isis Internacional, sintetizam o que, para profissionais que trabalham com mulheres, constituem pressupostos gerais das teorias baseadas no gênero.

- A perspectiva de gênero é uma construção cultural sobre os significados atribuídos ao feminino e masculino e, na América Latina, esta polaridade revela-se extremadamente rígida, prescrevendo condutas de papel sexual fixas, assinalando valores, *status* hierárquico e diferenças de poder em cada um. Estas prescrições transformam-se em estereótipos sexuais onde o *ser* ou o *dever ser* estão confundidos;
- a socialização destes estereótipos sexuais faz que homens e mulheres se desenvolvam mutiladamente em muitas das suas capacidades, desejos e possibilidades. Os estereótipos clássicos determinam para a mulher o papel de sustento emocional, do afetivo, do doméstico, do irracional e a definem como dependente e "passiva". Os varões, em troca, são percebidos como suportes econômicos da família, os racionais, os possuidores da iniciativa sexual, os capacitados para tomar as grandes decisões e os dominantes. Nesta perspectiva, as mulheres historicamente ocuparam o lugar subordinado e os homens o dominante;

- uma característica desta desigualdade de gênero é seu caráter de invisibilidade, (à diferença das outras que existem na humanidade como é a de raça e classe) porque se desenvolvem na estrutura do casal e da família, onde ficam ocultas e são reproduzidas, mas também onde são questionadas e transformadas;
- as mulheres têm uma participação ativa do sistema subordinador /subordinado e contribuem inconscientemente para sua perpetuação (Salamovich, 1990);
- a vida cotidiana é um cenário perfeito para o desenvolvimento e reprodução dos estereótipos sexuais, tanto nos espaços públicos como nos privados;
- os comportamentos de papel sexual que a sociocultura determina reproduzem-se dentro da família e da relação do casal, mas como ambas são estruturas e experiências dinâmicas, transformam-se ao longo da vida. Cada etapa da vida provoca oportunidades de mudanças, seja a partir de insatisfações ou frustrações a respeito dos estilos de vida desenvolvidos, de rotinas ou de desejos e aspirações esquecidos que se tomam atuais por qualquer razão.

Conforme Geertz (1978), se o papel da cultura é proporcionar padrões que dêem sentido e direção à conduta humana, é necessário compreender a visão do mundo das pessoas a partir de suas próprias perspectivas, para desvelar esses padrões de significados. Como os significados que permeiam as vivências cotidianas são inconscientes, as regras tácitas das condutas são aprendidas e reproduzidas sem serem pensadas. A contribuição da pesquisa neste campo é tornar algumas dessas regras explícitas.

Neste fim de século, parece haver acordo, entre muitos pesquisadores e pensadores das mais diversas áreas, que o mundo enfrenta uma intensa crise referente aos gêneros. Nas sociedades urbanas complexas, coexistem vários padrões de gêneros. Existem os padrões tradicionais, próprios do estágio de consciência patriarcal, onde se subvaloriza a mulher e o feminino, submetendo-a ao poder e domínio dos homens e do masculino. Por outra parte, as mulheres, tentando sair de sua ambigüidade e submissão, vão ao outro extremo, assumindo o modo de ser masculino porque é o único padrão que existe para identificar-se no-mundo-masculino.

Entretanto, outro padrão emergente é o andrógino que nega as diferenças de gênero, e propõe um ser bissexual, integrado e autônomo, que não precisa e a quem não interessa complementar-se sexualmente. Junto a estes padrões, visualizam-se outros, polimórficos, que advogam pela absoluta pluralidade dos comportamentos humanos a respeito de sua identidade sexual, independente do sexo e do gênero, e que se manifestam através das múltiplas possibilidades de comportamentos sexuais: heterossexual, homossexual, transexual e bissexual.

Esta coexistência de padrões de gênero faz com que hoje homens e mulheres estejam passando por uma crise de ambigüidade, incerteza e desorientação na sua própria identidade sexual, que se manifesta numa crise do relacionamento entre homens e mulheres. Giddens (1993), alude ao fato de que nunca na história os sexos encontram-se tão conflitivos e separados. Propõe que as sociedades modernas possuam uma história emocional secreta, mas prestes a ser completamente revelada, e uma história das buscas sexuais dos homens, mantidas separadas de suas identidades públicas. Conforme este autor, o controle sexual dos homens sobre as mulheres é muito mais que uma característica incidental da vida social moderna. À medida que esse controle começa a falhar, observamos mais claramente revelado o caráter compulsivo da sexualidade masculina – e este controle em declínio gera também um fluxo crescente da violência masculina sobre as mulheres. *"No momento, abriu-se um abismo emocional entre os sexos, e não se pode dizer com qualquer certeza quanto tempo levará para ser transposto"*(Giddens, 1993:32).

Ainda conforme Giddens (1993), as possibilidades radicalizadoras da transformação da intimidade são bastante reais. Alguns têm declarado que a intimidade pode ser opressiva, e isso pode realmente ocorrer se ela for encarada como uma exigência de relação emocional constante. No entanto, se considerada como uma negociação transacional de vínculos pessoais, estabelecida por iguais, ela surge sob uma luz diferente. A intimidade implica uma total democratização do domínio interpessoal, de uma maneira plenamente compatível com a democracia na esfera pública. Levando seu argumento ainda mais longe, o autor propõe algumas implicações adicionais destas mudanças: "A transformação da intimidade poderia ser uma influência subversiva sobre as instituições modernas como um todo. Um mundo social em que a realização emocional substituísse a

maximização do crescimento econômico seria muito diferente daquele que conhecemos hoje"(Giddens, 1993:35). As mudanças que atualmente afetam as relações dos gêneros e da sexualidade são, na verdade, revolucionárias e muito profundas.

Hoje em dia, é difícil ter certeza do que se procura num parceiro, e os que acreditaram tê-la, encontram que, na experiência, aparecem os conflitos de relacionamento derivados das lutas de poder, ambigüidades na identidade e conflitos de papéis sexuais. Os seres humanos cada vez têm mais medo de se aproximar, cada vez sabem menos do que falar, como expressar as emoções, o que esperar do outro, ou se podem confiar nas intenções do outro. Os homens, expostos nas suas fraquezas de desejo de poder e domínio sobre as mulheres, não querem identificar-se com esse padrão de explorador, e, no processo de recriar sua identidade, não se definem nas suas escolhas e terminam afastando-se das mulheres ou aproximam-se dos homens ou, ainda, ficam sozinhos. As mulheres, na sua consciência de haverem sido subjugadas pelos homens e exploradas por uma sociedade masculina, estão apavoradas, temem repetir o padrão. Procuram sua autonomia e desenvolvimento individual mediante uma profissão ou trabalho remunerado, porém não conseguem fugir das expectativas tradicionais que nesses espaços tem-se delas, assim como da reprodução dos papéis sexuais que a sociedade estabelece para elas como esposas e como mães. Assim, ficam divididas e cansadas pela dupla jornada de trabalho, ou na procura pela independência vão afastando-se das pessoas a um ponto tal, que vêm a isolar-se.

Na sua luta para mudar, a mulher tem que experimentar rupturas que a enfraquecem quando tem que escolher entre seus desejos de ser autônoma, competente e independente como pessoa e ter que cumprir, ao mesmo tempo, com as expectativas ideais que o padrão social tradicional estabelece para ela. Neste processo de transformação das mulheres, o caminho de desenvolvimento da autoconsciência da situação de discriminação, de subordinação e domínio das mulheres nesta sociedade patriarcal tem sido foco privilegiado dos estudos e experiências feministas. Agora é o momento de explorar a autoconsciência do feminino, não das formas como ele está subordinado, mas das formas como ele quer emergir, das formas como o feminino quer aparecer de novo.

Tem-se pensado e trabalhado muito na consciência de gênero como consciência da situação de opressão das mulheres. Isto foi e é necessário para denunciar esta desigualdade e poder estimular formas de transformação dessa situação. A partir da necessidade de pensar esse feminino emergente, Connie Zweig (1994) propõe sua teoria sobre evolução da consciência feminina, que neste momento só apresento em seus contornos porque será mostrada com mais profundidade no próximo capítulo.

### **A perspectiva teórica da evolução da consciência feminina.**

Numa perspectiva feminista de desenvolvimento humano, Zweigg (1994), analista jungiana, pensa o feminino e o masculino como arquétipos inconscientes, presentes no inconsciente coletivo e individual de ambos os sexos e que se desenvolvem durante a vida pessoal e a história da humanidade. Assim, homens e mulheres têm o feminino e o masculino em si mesmos, porém a cultura patriarcal haveria desenvolvido mais o princípio de consciência masculina, tanto nos homens como mulheres. Em nossas sociedades estaria ausente o feminino, e fazê-lo emergir seria a tarefa deste século.

Zweigg propõe uma *teoria da evolução da consciência feminina* da humanidade, tanto no plano da consciência coletiva como da individual, que se desenvolve através de três estágios inter-relacionados, paralelos e progressivos. O primeiro estágio é o da *consciência matriarcal*, onde tanto o feminino como o masculino são inconscientes; o segundo estágio é o da *consciência patriarcal*, onde o feminino está subordinado, deformado ou adaptado ao princípio de consciência masculina que domina todos os campos; e o terceiro estágio de *consciência*, seria o *feminino emergente*, onde se resgata e faz visível o princípio de consciência feminina tanto nas mulheres quanto nos homens num processo de integração consciente.

Entretanto, si se pensa que o feminino tem estado mais inconsciente, submisso, subordinado e deformado, porque se tem mantido no silêncio (no prolongado estágio de consciência patriarcal), é necessário partir por aceitar nominá-lo, e fazê-lo emergir na sua singularidade, tal como se diz em cada mulher e grupo que pertença, para cortar essa cadeia negativa de reprodução do feminino no estágio de consciência apenas masculino.



Este trabalho também busca explorar e desvendar essa *consciência feminina* nas mulheres, pensando no desenvolvimento das potencialidades femininas não exploradas ainda, mas que podem constituir forças novas para construir uma vida mais prazerosa, uma vida que lhes dê satisfação. Neste sentido, a percepção da vida humana, conforme Connie Zweigg (1994), baseia-se numa visão de *desenvolvimento humano*, ou seja, pensar na evolução da *consciência feminina* é pensar na possibilidade de transformação ativa da própria vida através do ciclo de vida.

### 1.3 Delimitando o fenômeno a pesquisar

As dúvidas sobre a insatisfação geral e sexual das mulheres, que foram aparecendo na minha experiência profissional, e a pesquisa bibliográfica sobre as teorias que têm trabalhado sobre os processos do desenvolvimento da sexualidade feminina e os fatores que a influem, levam a pensar que a base disto está dada, em grande parte, pela *situação crônica de subordinação e dominação que, durante séculos, as mulheres têm vivido*.

Interrogando essa situação de subordinação e dominação das mulheres, a literatura feminista afirma que as mulheres, até agora, nas sociedades patriarcais, têm sido "produzidas e pensadas pelos homens," tanto na estrutura e dinâmica da sociedade, e na cultura, quanto através dos saberes da ciência, da literatura, da filosofia, da teologia, da história, etc. (Eisenstein, 1987; Jaggar & Rothenberg, 1993; Flax, 1993). Neste modelo de pensamento, estabelece-se que as mulheres são socializadas e positivamente produzidas para satisfazer as necessidades dos outros (seja marido, pai, mãe, filhos, clientes e chefes) e depender deles. Neste processo esquecem seus desejos, aspirações e necessidades próprias de desenvolvimento como pessoas autônomas (Cardacci, 1990; Cavalcanti, 1987; Muszkat, 1994; Zweigg, 1994).

Seu projeto de vida é construído sobre o "desejo de ser o desejo dos outros", de seu pai e mãe, sendo a filha; da sua avó, como neta; de seu esposo, como esposa; de seus filhos, como mãe e do seu grupo sociocultural, sendo membro digno dele. Esses múltiplos

papéis da mulher têm como denominador comum a docilidade e a obediência das mulheres ao que se exige dela, o que determina que sua identidade seja indefinida e dependente dos "outros"; que exista mais para satisfazer as demandas que se têm sobre ela; que se esgote no processo de dar-se a si-mesma. Não se dá o direito de pedir para ela, de receber e descansar sobre os outros reciprocamente e, finalmente, dilui-se como pessoa e como mulher, numa identidade que deve estar permanentemente em definição pela sua dependência a esses outros externos a ela. Entre esses papéis, tradicionalmente tem-se estimulado e privilegiado o de "mãe", que produz e reproduz o modelo de mulher "serviçal" (Chorodow, 1987; Bandinter, 1985; Rubin, 1987).

Com relação ao dito, Cavalcanti (1993: 130) escreve: "A valorização do papel da mãe será utilizada como mecanismo de controle e poder sobre a mulher. A fabricação de uma identidade que dá algum poder, reconhecimento e admiração social impede-a também de desejar qualquer outra coisa. O prêmio que lhe foi dado é tão grande que serve de freio para seu desejo. O controle se dá no nível do desejo e tudo fica garantido."

Uma sinal desta situação é a demanda das mulheres por atenção por problemas saúde mental, como já se assinalou. Como resultado, as mulheres apresentam mais crises emocionais e problemas afetivos que os homens (Daskal, & Ravazzolla, 1990; Burim, 1991;) e são responsáveis pela maioria das consultas no sistema de atenção primária nas Américas (De Los Rios, 1992). Porém, esta situação de adoecer está muito relacionada com os problemas de subjugação das mulheres como grupo social, como já se assinalou. (Daskal, Ravazzola, 1990; Cardacci, 1990)

No transcurso da vida, a menina é socializada num meio humano sociocultural que a determina a desenvolver-se segundo padrões preestabelecidos por esse contexto. Neste processo de aprendizagem, ela pode ter mais ou menos oportunidades para desenvolver sua personalidade na sua originalidade. O comum é que a família, no contexto sociocultural latino-americano, tenha padrões rígidos pré estabelecidos sobre o que as meninas devem ser, o sobre o que elas podem ser. Muitos desejos conscientes e inconscientes ficam sem desabrochar. Alguns destes desejos ocultos são esquecidos, outros ficam num nível subconsciente aparecendo cada vez que a pessoa percebe uma sinal de incômodo, tristeza e frustração com seu estilo de vida atual, e entra em crise.

### 1.3.1 O processo de desenvolvimento das mulheres.

No processo de desenvolvimento em direção à sua auto-realização, segundo Zweigg et al. (1994), Cavalcanti (1993), Muszkat (1993), as mulheres estão num processo de evolução, que implica o desabrochar de *sua consciência de gênero*. Por *consciência de gênero*, entende-se o processo de dar-se-conta (*awareness*) de seu tornar-se mulher durante a sua vida, tanto nos seus princípios femininos como masculinos. Isto é compreender de que maneira tem podido realizar suas aspirações, metas, e desejos, assim como os obstáculos que a têm impedido de desenvolvê-los, ou as maneiras como eles foram encobertos, esquecidos e "deixados no porão". O processo *de consciência de gênero* implica, ainda, poder definir as maneiras pelas quais esses desejos, ainda vivos hoje, podem ser realizados.

Neste processo e evolução da consciência do feminino e do masculino, tanto homens como mulheres têm sido socializados nesta cultura durante séculos, para existir identificando-se só com um pólo da dualidade. Assim, os homens têm fortemente desenvolvido seu aspecto de consciência masculina, criando um mundo que desvaloriza e nega o feminino; e as mulheres (socializadas nesse mundo masculino) têm respondido ao que se espera delas, negando seus desejos e necessidades de auto-realização ou, ao contrário, fazendo de sua vida uma luta.

A consciência masculina patriarcal tem exagerado as qualidades do masculino, superdimensionando o pensamento analítico, que distingue, separa e isola para compreender e ter controle sobre as coisas e, assim, em sendo parcial, perde a visão do todo. Tem exagerado a individualidade, independência, e autonomia, com o super-individualismo, onde o indivíduo é mais importante que a comunidade. Tem exagerado, todavia, a orientação por metas, direcionando-as preferentemente a valores de utilidade, e o ter é mais importante que o ser.. Conforme Zweigg, (1994) neste estágio de domínio do princípio de consciência masculina patriarcal, o princípio de consciência feminina é sacrificado e desvalorizado, tanto nos homens como nas mulheres, em nível individual e coletivo. O feminino é dependente; enquanto isso, o masculino concentra o poder e modela a sociedade e as pessoas (Zweigg, 1993).

No estágio *patriarcal*, a consciência feminina tem sofrido um processo de adaptação ao mundo masculino para sobreviver. O caminho que o masculino estabeleceu durante milênios é de que o feminino fique a serviço das necessidades desse mundo. As mulheres têm sido educadas para desenvolver uma feminilidade, definida por uma cultura dominada pelos homens, que sustente emocionalmente e materialmente o cuidado das necessidades básicas da família. Entretanto, as mulheres ficam subordinadas, dependentes e submissas aos desejos dos outros. No outro pólo, as mulheres têm imitado as qualidades masculinas para conquistar sua autonomia, sua independência, revalorizar-se e ocupar seu lugar no espaço social com plenos direitos.

O processo de desenvolvimento da consciência feminina é complexo porque é necessário desvelá-la, descobri-la e até criá-la. Nesse caminhar, é provável que se façam mais evidentes outras desigualdades, como de raça, classe, etnia, situação econômica, e assim por diante. No processo de transformação, a pessoa deve-se tornar consciente das formas de submissão e domínio da consciência patriarcal na sua vida, para acolher o chamado de sua feminilidade adormecida. Para Zweigg et al. (1993), Cavalcanti (1990), Muszkat (1993), Darcy de Oliveira (1993), o caminho do desabrochar da consciência feminina passa por esta introspecção intensa, na solidão e verdade com o ser pessoal, para poder, pouco a pouco, compartilhar-se com outros e fazer as opções concretas que darão corpo e vida a nova mulher consciente de sua feminilidade. Por outro lado, neste processo de desabrochar a sua consciência feminina, na medida em que resgata e faz real sua singularidade, a mulher se perfila com clareza como pessoa diferente e, nesse estágio, está integrando sua consciência masculina. É por isto que Zweigg enfatiza que, na evolução da consciência de gênero, desabrocha a dualidade *feminino-masculino* e esta pode integrar-se.

Em síntese, a consciência do feminino nas mulheres (e nos homens) tem permanecido parcialmente oculta, por estar socializada numa cultura patriarcal, que enfatiza o princípio de evolução masculina de consciência. O que as mulheres têm desejado, neste nível de consciência patriarcal, tem sido produzido pelos processos de socialização inconsciente, e reflete-se nas condições e situação de subordinação e dominação aos outros ou nas formas de adaptação a esse mundo, assumindo a forma de ser masculina. Nestes processos, os desejos das mulheres têm sido produzidos, e outros

ficaram no esquecimento, negados e reprimidos por não terem espaço para sua manifestação.

É possível desvendar os desejos reprimidos, postergados e esquecidos no processo de vida das mulheres, nomeando suas aspirações, suas realizações e frustrações. Desta maneira, é possível começar a desvelar sua consciência feminina esquecida.

Os desejos nas mulheres são socialmente produzidos segundo padrões culturais que as estimulam a serem e a desejar ser o desejo dos outros, e as direcionam a satisfazer as necessidades dos outros antes que as próprias. Aprende-se a ser mais sensível aos desejos dos outros, postergando os próprios, como esposa e mãe. Ao esquecer os próprios desejos, a mulher vai aspirando e realizando o que os outros vão determinando para sua vida. Aprende a colocar-se limites que determinam o que pode realizar de suas aspirações e o que não pode, em vez de estabelecer limites aos outros. Isto se dá em nível pessoal e coletivo, determinando uma invisibilidade das mulheres, e do feminino, sendo que o visível reproduz o que se quer produzir nas mulheres.

O processo de frustração na realização de aspirações gera agressividade e ansiedade, podendo levar a lutar para conseguir mudar a situação que a sujeita. O processo de crise pode ser uma oportunidade para fazer nascer a consciência de si mesma, e nesse processo retomar a identidade do feminino e fazê-la emergir, nominá-la e concretizá-la.

Uma mulher com a consciência do feminino emergente pode atingir um nível de desenvolvimento subjetivamente prazeroso, integrativo, e objetivamente eficaz para mobilizar mudanças no seu entorno familiar e social.

#### **1.4 Do propósito.**

O propósito desta pesquisa é desvelar para compreender o processo de evolução da consciência de gênero em mulheres de meia idade, através de sua experiência de vida (ser-no-mundo), com respeito a seu processo de individuação (ser-si-mesma), seu processo de relacionamentos (ser-com-outros) e sua percepção de gênero (do feminino e do

masculino), na expressão, realização ou frustração dos seus desejos, visando a construção do diálogo de Enfermagem com o qual me comprometo.

### 1.4.1 Questões norteadoras

*Como evolui a consciência de gênero, na experiência consciente de vida da mulher de meia idade, com respeito à sua individuação (ser-si-mesma), aos seus relacionamentos interpessoais (ser-com-outros) e em relação à sua percepção da consciência de gênero (do feminino- e-masculino)?*

Visando maior clareza, buscou-se um detalhamento conforme segue.

1. Quais as aspirações, realizações e frustrações nos desejos das mulheres, com respeito a seu desenvolvimento individual (ser-si-mesma) na sua experiência de vida, desde a infância até a vida adulta?
2. Quais as aspirações, realizações e frustrações nos desejos das mulheres com respeito a seu relacionamento com os outros (ser- com- outros) na sua experiência de vida desde a infância até a vida adulta?
3. Quais os desejos, aspirações, realizações e frustrações das mulheres em relação à sua feminilidade, na sua experiência de vida desde a infância até a vida adulta?
4. De que maneira se manifesta a consciência de gênero feminina e masculina em relação a seus desejos, aspirações, realizações e frustrações, na sua experiência de vida desde a infância até a vida adulta?

## CAPÍTULO II

### REFERENCIAL TEÓRICO-FILOSÓFICO DA PESQUISA

*“De par en par la ventana, se abrió como por encanto  
entró el Amor con su manto, como una tibia mañana.  
En pós de su bella diana, hizo brotar el jasmín,  
volando cual serafín, al cielo le puso aretes,  
y mis años en diecisiete, los convirtió el querubín.”*  
(Violeta Parra de Chile)

A partir da análise do conceito de *consciência* na filosofia, e da concepção que nela se tem dos desejos humanos, aprofundo meus estudos sobre a perspectiva feminista do "*consciousness-raising*" ou do processo de *consciência emergente*, para desenvolver algumas proposições das teorias de *desenvolvimento humano*. Estas três análises me permitem contextualizar a *teoria da evolução da consciência* feminina de Connie Zweigg(1994), que é a teoria que guia este trabalho. Desta maneira, apresentam-se entrelaçados os conceitos de *consciência*, *desejos*, e *consciência feminina emergente* dentro de um processo geral de *evolução e desenvolvimento humano*.

## 2.1 Sobre a "consciência" como conceito articulador do desenvolvimento humano

Para Ferrater Mora (1981), o termo consciência, do latim *conscientia*, significa etimologicamente (1) "percatação ou reconhecimento de algo, uma qualidade, uma situação, etc., ou de algo interior, como as modificações experimentadas pelo próprio eu". Porém, na filosofia apresenta outros sentidos, sendo o mais utilizado o de consciência moral como (2) conhecimento do bem e do mal. Segundo o foco deste estudo interessa analisar a consciência no primeiro sentido. O autor distingue dentro deste (1), outros três sentidos: (a) o psicológico; (b) o epistemológico ou gnoseológico, e (c) o metafísico.

No sentido psicológico, a consciência é a percepção do eu por si mesmo ou a percepção também chamada autoconsciência. Em sentido epistemológico, a consciência é, primariamente, o sujeito do conhecimento, onde a relação consciência-objeto consciente equivale à relação sujeito-objeto. No sentido metafísico, a consciência é com frequência chamada "Eu" (*Yo, Self*), uma realidade que se supõe prévia a toda esfera psicológica ou gnoseológica.

Considerando o sentido psicológico da consciência, segundo Ferrater (1981), Husserl entende a significação da consciência como: 1) "a total consistência fenomenológica real do Eu empírico", como o entrelaçamento das vivências psíquicas na unidade de seu curso; 2) como percepção interna das vivências psíquicas próprias, e 3) como nome coletivo para toda classe de atos psíquicos ou vivências intencionais, dando maior amplitude à discussão da consciência como *vivência intencional*, onde a consciência é sempre *consciência de algo*. Pode-se reconhecer, nesta visão de Husserl, a influência das idéias de Franz Brentano de que a *intencionalidade* é o caráter descritivo fundamental dos "fenômenos psíquicos," e isto fundamenta o método de uma teoria descritiva da consciência, uma teoria tanto psicológica-natural quanto filosófica-transcendental (Ferrater Mora, 1981: 564). Seguindo a Husserl, Aron Gurwitsch faz uma detalhada análise fenomenológica da consciência – como *campo da consciência*–. Ele descobre três aspectos, ou partes estruturais do campo da consciência: o *tema* – que forma a consciência atencional; o *campo temático* – que designa todo o presente à consciência ao mesmo tempo



que o tema; e a *margem* – que inclui elementos co-presentes ao tema, porém não relacionados direta ou intrinsecamente com ele, num sentido que parece próximo a um dos elementos da circunstância.

Aprofundando-se em seu sentido psicológico, a consciência, no *Logos: Enciclopédia Luso- Brasileira de Filosofia*, é designada como “o conhecimento concomitante ou cumulativo dos próprios atos ou estados internos no preciso momento em que são vividos ou experimentados. Na medida em que experimentamos e vivemos os nossos atos ou estados internos, para além do conhecimento do conteúdo objetivo de que são portadores, sabemos que eles existem, temos deles consciência. A consciência envolve, portanto, um duplo saber: é um saber de algo que como tal se sabe”(Freitas, 1989: 1130).

Continuando, o autor diz ainda que o seu desdobramento nos diversos elementos que o integram, supõe a intervenção da reflexão, só possível pela emergência ou distância do sujeito espiritual em relação quer ao conteúdo das suas experiências quer às próprias experiências. Nesta obra, é proposta a divisão entre consciência *direta ou espontânea* e consciência *indireta ou reflexiva*. A primeira consiste na simples advertência ou percepção imediata da realidade presente em nossos atos; a atenção dirige-se aos objetos, ao que é visto, sentido, desejado, etc., deixando-se como que absorver por eles. A consciência direta tem a mesma duração e intensidade dos fenômenos conscientes (consciência do mundo externo, consciência concomitante). A consciência *indireta ou reflexiva* caracteriza-se pela incidência da reflexão sobre os próprios atos internos, como conhecer, sentir, querer, etc. Dirigida a atenção para os próprios atos, estes adquirem um novo ser (intencional) enquanto representados ou tematizados pelo pensamento. A consciência reflexiva só se completa no juízo de consciência. Aí se afirma o que na consciência direta é vivido ou percebido implicitamente: a existência real de um sujeito e suas afeições ou estados internos.

Como consciência reflexiva, ela se revela para além de simples relação cognitiva sujeito-objeto, porém como realidade permanente, una e imutável, subjacente a todos os fenômenos conscientes não só presentes como também passados (memória). Os fenômenos psíquicos sucedem-se ininterruptamente no campo da consciência, não como elementos isolados e justapostos, mas fundidos numa unidade dinâmica a que William James chamou

"corrente da consciência". Todos estes fenômenos apresentam como característica essencial o referir-se a um mesmo *eu* que permanece idêntico e imutável através do fluir constante dos seus estados e representações. Aparece assim mais propriamente como o conhecimento ou experiência íntima que o sujeito tem de sua consciência ontológica (do ser) e da realidade dos seus atos e estados internos enquanto presentes (autoconhecimento, autoconsciência)

Graças à reflexão, é possível distinguir os diversos fatores ou momentos que integram a realidade única da consciência, como sejam: a percepção dos objetos da experiência, os atos de percepção e o sujeito ativo desses mesmos atos como fonte original e originante, sempre idêntica, de toda a experiência atual e possível. A reflexão não torna consciente o que antes não o era; intervém apenas como elemento isolador e explicitante.

Destes distintos saberes concomitantes, derivam diferentes acepções do termo consciência: Em sentido objetivo, a consciência designa o conjunto de fenômenos conscientes percebidos distinta ou confusamente (consciência clara, consciência marginal). Subjetivamente, toma-se como faculdade ou capacidade de apreensão das próprias operações e afeições internas enquanto presentes e próprias. Não podendo haver conhecimento algum sem consciência, esta representa a condição universal de todo o psiquismo. O seu objeto direto e imediato é constituído pelos atos psíquicos presentes considerados na sua individualidade concreta (sensações, sentimentos, juízos, tendências, etc.). A maior parte desses atos, porém, dirige-se a determinados objetos, e como atos intencionais, de certo modo, nela penetram, por ela se exprimem e com ela se identificam. Evidencia-se, assim, o caráter *relacional* da consciência, pois que esta sempre se traduz num ter presente alguma coisa, num estar em relação com um mundo externo e circunstante (consciência aberta, consciência intencional) que lhe permite ser os outros sem deixar de ser ela mesma, ou seja, acolher a diferença sem perder a identidade através dos múltiplos e sucessivos atos de conhecimento.

Pode-se inferir que a consciência supõe uma conexão unitária e duradoura dos fenômenos psíquicos, só possível pela presença cativa e vigilante de um mesmo eu como ato e fundamento ontológico de toda experiência real e possível. Não pode, por isso, reduzir-se a consciência aos mecanismos biológicos que ela transcende, domina e orienta,

integrando-os num horizonte de valor e sentido. Também não pode ser considerada como essência absoluta e autônoma (razão ou espírito), nem uma forma impessoal de misterioso sujeito (consciência em geral), pois nos é dada sempre como pessoal, singular e concreta. A respeito Freitas (1989: 1113) assinala: "A consciência representa a característica distintiva de um espírito encarnado que através da opacidade e resistência da matéria conserva intacta uma transparência habitual (latente), podendo possuir-se e estar presente a si mesma no preciso momento em que se abre e está presente aos outros (identidade na diferença)"

Na psicologia, como disciplina, reconhece-se que a consciência tem sido objeto central de estudo e ganhou sua independência na metade do século XIX. Num primeiro momento, sob a influência do empiricismo, estudaram-se as manifestações sensoriais da consciência, seguindo a episteme que sustentava que os dados dos sentidos eram o fundamento de toda a vida mental e os mais possíveis de medir experimentalmente. Nos anos posteriores, a escola alemã, com Freud, Jung, Jaspers, abre uma outra perspectiva que supera este objetivismo e este modo de experimentação, introduzindo outras teorias dinâmicas do desenvolvimento humano, e com elas retomou o tema da consciência como central no psiquismo humano. Reconhecendo a existência do inconsciente, como realidade dinâmica plena de significados, sujeito a leis, linguagem, e expressões próprias, e com poder de direcionar parte das escolhas do sujeito na sua vida, as escolas dinâmicas psicanalíticas freudianas, lacanianas e jungianas abrem um campo novo e inesgotável de pesquisa, porquanto o inconsciente só é possível ser desvendado em parte.

Para Jung (1930, 1988), o inconsciente terá duas naturezas: a pessoal ou subjetiva, e a coletiva ou objetiva, esta última no sentido de conter a história inconsciente da humanidade no seu processo de desenvolvimento. Para ele, os conteúdos inconscientes dividem-se em três grupos: (1) o dos conteúdos temporariamente subliminares, isto é, voluntariamente reproduzíveis; (2) o dos conteúdos que não podem ser reproduzidos voluntariamente e (3) o dos conteúdos totalmente incapazes de se tornarem conscientes.

O inconsciente pessoal compreende conteúdos da personalidade individual e, por isso mesmo, poderia ser também de natureza consciente. O inconsciente coletivo representa uma condição ou base da *psique em geral, universalmente presente e sempre idêntica a si mesma*. No processo de desenvolvimento humano, a pessoa enfrenta desafios, problemas a

resolver por mudanças na vida, necessidades de adaptação a novos estados internos, enfrentamento de conflitos, que têm relação com conteúdos do inconsciente. O processo de individuação (ser-si-mesmo) do sujeito transcorre através do confronto consciente, elaboração e integração destes conteúdos, através das experiências da vida, num movimento contínuo de avanços e retrocessos na direção do desenvolvimento para alcançar estágios de maior integração. Jung(1988).

### 2.1.1 Sobre Autoconsciência

A autoconsciência, como conhecimento de si mesmo, tem sido considerada por muitos filósofos como a pedra angular de toda sabedoria humana: "conhece-te a ti mesmo", dizia a inscrição do templo de Delfos. O conhecimento de si mesmo se define nos dicionários de filosofia como o conhecimento do "Eu", ou seja, das disposições, habilidades, erros, fraquezas, potencialidades, desejos, padrões de respostas emocional, afetiva e cognitiva de si mesmo.

O *eu*, segundo Abbagnano (1982) (do latim *Ego*, do inglês *I, Self*; do francês *Moi*; do espanhol, *Yo*;) tornou-se objeto de investigação filosófica desde o momento que a referência do homem a si mesmo, como reflexão de si ou consciência, assumiu-se como definição do homem. Segundo este autor, Descartes seria o primeiro a explicitar o problema do *eu*. "O que então sou *eu* ?" perguntava Descartes. Uma coisa que pensa. Mas o que é uma coisa que pensa? É uma coisa que duvida, concebe, afirma, nega, quer ou não quer, imagina e sente. Todas essas coisas são percebidas como contidas na natureza humana. Sou *eu* que duvido, entendo e desejo, portanto sou consciente de mim. O *eu* para Descartes é consciência, ou seja, relação consigo mesmo, subjetividade. Esta é a primeira interpretação historicamente dada ao *eu*. Outras interpretações acrescentam o *eu* como autoconsciência, o *eu* como unidade e o *eu* como relação.

Conforme Abbagnano (1982), a interpretação do *eu* como autoconsciência nasce da distinção que Kant fizera entre o *eu* como objeto da percepção, ou do sentido interno, e *eu* como sujeito do pensamento ou da percepção pura, isto é, o *eu* da reflexão. Fichte assume esta distinção como ponto de partida para fazer do *eu* o criador da realidade, e propõe uma doutrina do *eu* absoluto: "(...) o *eu* é infinito e ilimitado enquanto é absoluto.

Ele coloca tudo o que é; e o que ele não coloca, não é. Tudo o que ele coloca, ele o coloca como *eu*; e ele coloca o *eu* como tudo o que ele coloca. Portanto, a esse respeito, o *eu* abraça em si toda a realidade, isto é uma realidade infinita e ilimitada". Por sua parte, Shelling reconhece que para ele o *eu* é tudo. Hegel também compartilha da tese do caráter infinito do *eu*: "O *eu*, essa consciência imediata de si, aparece como conhecido em um sentido muito mais elevado do que qualquer outra representação. Todas as outras coisas conhecidas pertencem de fato, e certamente, ao *eu*. Mas ao mesmo tempo são ainda diferentes dele... o *eu* é a simples certeza de si. Mas o *eu* em geral também é o concreto, a consciência de si como de um mundo infinitamente múltiplo" (*Wissenschaft der Logik*. I livro; trad. ital., I: 65-66 apud Abbagnano (1982).

Ainda segundo Abbagnano (1982), nas interpretações do *eu* como consciência e como autoconsciência insiste-se, às vezes, em um caráter formal ou *unidade e identidade do eu*. Para Locke, conforme Abbagnano (1982), o *eu* é a consciência enquanto funda a identidade pessoal; para Kant, o *eu* da reflexão é "a unidade da percepção pura". O homem pode mudar as suas impressões e as suas idéias, permanecendo o mesmo *eu*. Para Hume, segundo Abbagnano (1982), esta unidade não é absoluta nem rigorosa: é formal e aproximativa, fundada na relativa constância de certas relações entre as partes ou momentos do *eu*. Esta perspectiva tem em conta os limites e os perigos a que está sujeito o *eu* na experiência efetiva.

O conceito do *eu* como *relação* é descrito por Kierkegaard quando define o *eu* como "uma relação que se relaciona consigo mesma". O homem é uma síntese de alma e corpo, de infinito e finito, de liberdade e de necessidade. Uma síntese é uma relação, isto é, um relacionamento da relação consigo mesma (Kierkegaard, 1984). Ele acrescentava que enquanto relação consigo mesma, o *eu* é relação com o outro: isto é, com o mundo, com os outros homens e com Deus.

É da relação que Heidegger (1974) se vale para definir *eu* como ente que eu sou enquanto: *eu -sou-em-um-mundo*. Considerado na sua relação com o mundo, o *eu* é, às vezes, determinado a partir do seu caráter ativo, da sua capacidade de iniciativa, do seu poder projetante ou antecipador.

A consciência, a autoconsciência, e o *eu* constituem conceitos que estão entrelaçados intimamente uns aos outros, sendo impossível separá-los. Numa pessoa, a consciência é singular, e designa a sua capacidade de conhecer-se (intuitiva e reflexivamente) e de conhecer aquilo que está dentro de seu campo de percepção e de experiência. Sujeito a desenvolvimento, o ser humano vai tornando-se consciente de si, e de sua experiência à medida que transcorre sua vida. Esse movimento vital é impelido por forças inerentes a seus desejos e necessidades de conservação e desenvolvimento. Neste sentido, o desejo, como querer, é uma força vital que necessita ser compreendida além do sentido comum que o reduz a desejo de algo material que falta ou que deve satisfazer-se: seja dinheiro, *status*, poder, satisfação sexual ou libido, etc.

### 2.1.2 DESEJO como força vital da consciência

Conforme Abbagnano, (1982) ao longo da história do pensamento, o desejo tem-se constituído tema de reflexão permanente. Segundo este autor, na Filosofia, este termo pode assumir dois significados: 1) o geral, de apetite, isto é, o de princípio que impele à ação um ser vivo; e 2) outro, mais restrito, de apetite sensível, pelo qual corresponde ao latim *cupiditas*. Nesse sentido, o desejo é, segundo Aristóteles, "o apetite do que é agradável". Analogamente, Descartes o definiu como "a agitação da alma causada pelos espíritos que a dispõem para querer para o futuro as coisas que ela representa a si mesma como convenientes" (*Passions de l'âme*, §86). No mesmo sentido, Espinoza define: "A tristeza que se refere à carência da coisa que amamos" (*Et. III, 36, scol.*). Esses significados do desejo como paixão, libido, procura do prazer acham-se muitas vezes repetidos na história da filosofia (Abbagnano, 1982: 226).

Ainda segundo Abbagnano (1982), na literatura contemporânea, a palavra desejo assume alguns significados novos: Assim, conforme o autor, Dewey o define como sendo: "a atividade que procura caminhar para romper o dique que a detém. O objeto que se apresenta no pensamento como a meta do desejo é o objeto do ambiente que, se estivesse presente, garantiria uma reunificação da atividade e a restauração da sua unidade" (Abbagnano, 1982: 226). Por sua parte, Heidegger (1974: 89) vinculou o desejo à natureza do homem como ser projetante: "o ser para as possibilidades manifesta-se em geral como

puro desejo. No desejo, o ser-aqui projeta o seu ser sobre as possibilidades que, no interior do preocupar-se, não só não são jamais captadas, mas cuja realização não é tomada em sério exame nem efetivamente esperada".

Segundo Ferrater, (1981:768), em Hegel a noção de desejo é tratada no sentido "metafísico- existencial". Hegel indica que "a consciência de si mesmo é o estado de desejo em geral". A condição do "desejo" e do "trabalho" (esforço), aparece no processo onde a consciência volta a si mesma no curso de suas transformações como consciência infeliz. Segundo Heidegger, o "ser para as possibilidades" se mostra como "puro desejar". Este desejar pressupõe ontologicamente o cuidado.

Para Freitas (1989:1345), o desejo é definido como "impulso espontâneo e consciente para um bem conhecido ou imaginado, capaz de satisfazer uma necessidade ou carência". Ele mesmo assinala que São Tomás, a respeito do desejo, escreve: "trata-se de tendência para um bem apreendido e amado, mas ainda não inteiramente possuído - *desiderium est de bono futuro absolute*. Do latim *desiderare*, *desiderium*, significa deixar de ver, sentir a ausência de e, por conseguinte, procurar diligentemente. O desejo evoca simultaneamente imperfeição ou carência e o conseqüente esforço para vencer ou superar.

O desejo propriamente dito distingue-se da necessidade, pois, enquanto esta não excede o plano do ter, extinguindo-se com a posse do objeto para que tende, o desejo projeta-se em reconhecimento e disponibilidade no domínio do Ser. "Situado entre as tendências de que se alimenta e a vontade, que o fixa e orienta, o *desejo constitui, na sua espontaneidade natural, a fonte e origem primeira da ação, a energia necessária para que o homem assuma a responsabilidade do seu destino e se lance na construção do futuro, pois, como advertiu Lavelle, só há futuro para aquele que deseja.*" (Traité des valeurs, I: 199 conforme Freitas, 1989: 1345).

Do ponto de vista psicológico, pode-se dizer que todos os desejos nascem do sentimento de uma indigência congênita e da ânsia irreprímível de possuir a vida em plenitude, ou seja de ser feliz. Do ponto de vista ontológico, o desejo constitui traço característico da condição humana, da qual emerge a alteridade como sua dimensão constitutiva. De fato, todo o desejo tem referência ou relação a um bem ausente e, em

particular, a um bem invisível e indefinido, cuja verdadeira identidade só muito lentamente, através de sucessivos desenganos e frustrações, assoma à consciência.

*"A este nível o desejo é o verbo que separa e une sujeito de objeto e, mais fundamentalmente, a palavra em que silenciosamente se exprime, por entre os estremecimentos da vida e os rumores do espaço e do tempo, o valor e sentido último do Ser. Ele vem mostrar que o homem se encontra situado num mundo mais vasto que, de algum modo, condiciona e orienta as suas iniciativas e decisões. Assim, o conhecimento do homem supõe o conhecimento daquilo que nos seus desejos verdadeiramente se exprime ou deseja." (Freitas.1989: 1346)*

## **2.2 A perspectiva teórica sobre “consciousness-raising” (“amanhecer da consciência”) nas mulheres**

O "*consciousness-raising*" é definido por Eisenstein (1983: 35-41), na sua obra *Contemporary Feminist Thought*<sup>5</sup>, como o processo de reeducação e reconstrução que as mulheres devem fazer, para se tornarem conscientes dos efeitos da dominação masculina na suas vidas. Enfatiza a necessidade de tornar visíveis as experiências de subordinação e dominação das mulheres para criar uma consciência individual e grupal de sua natureza social (e não natural como se acreditava) produzida pelo sistema patriarcal. Num segundo momento, desde meados dos anos 80, este processo enfatizou a necessidade de tornar-se consciente da potencialidade e da força contida no feminino, que devia ser resgatado do silêncio e do sepultamento onde ficou durante os séculos do patriarcado. Como o feminino foi pensado e desenvolvido a partir do princípio masculino, havia uma especificidade a ser desenterrada. Essa tendência do feminismo é conhecida através das teorias que enfatizam a "diferença" entre os sexos como valor, e consideram que o feminino deve-se tornar visível na sua singularidade (Eisenstein&Jardine, 1987; Jaggar&Rothenberg, 1993).

---

<sup>5</sup> Tradução livre do inglês e para o português de Maria Soledad Rivera.



Nesse contexto, a teoria do processo de evolução da consciência de Zweigg e al. (1994) pretende reconstruir o princípio do feminino esquecido, desfigurado ou dominado, durante o estágio da consciência patriarcal. Sua proposta situa-se no feminismo que trabalha a *diferença como fator de poder e força* para mulheres, homens, grupos, culturas e para o equilíbrio do mundo como um todo. Não fica paralisada nas diferenças produtos do domínio masculino, mas vai além delas para recriar esse princípio feminino e fazê-lo emergir.

Conforme Eisenstein (1983: 35), a metáfora da "*consciousness-raising*" evoca a idéia de dar-se conta (*becoming aware*) de como trazer à consciência coisas que estão reprimidas no inconsciente, para manter um estado de equilíbrio que se deseja manter para evitar conflitos e mudanças. O que se reprime é a experiência que provocou sofrimento, ira, medo e, portanto, mais difícil de reviver. Ampliar a própria consciência sobre a experiência pessoal de subordinação ou opressão como mulher, e o impacto que ela tem na própria vida, significava tornar-se consciente de um conhecimento que se preferia manter no inconsciente, mas que permitiu denominar os mecanismos através dos quais o sistema patriarcal modelou formas de dominação como condutas tidas como naturalmente "femininas": ser passiva, submissa, doce, suave, obediente e serviçal com o esposo, pai, chefe, etc.

Uma função essencial desta experiência grupal de "*consciousness-raising*" foi possibilitar que as mulheres conectassem o pessoal com o político, na medida em que, ao compartilharem suas experiências individuais, e constatarem que outras mulheres também as tinham vivenciado, elas refletiam um padrão mais geral.

O processo de "*consciousness-raising*", como um elemento na construção da teoria feminista, fundou-se em axiomas que contribuíram para a construção de uma visão do mundo da perspectiva feminista e da teoria do patriarcado. Este processo ajudou as próprias mulheres a mover-se desde um foco de consciência centrado na sua opressão e vitimização, até um onde estas experiências foram valoradas e assumidas como uma tarefa a modificar.

O primeiro pressuposto desta experiência de "*consciousness-raising*" é sobre o que as mulheres têm a dizer acerca dos detalhes de suas vidas diárias, das suas experiências

pessoais e histórias, preocupações etc., *tem significado e, mais ainda, tem validade*. Isto significa que a fonte da autoridade, da legitimidade e validade sobre suas vidas e os significados do que foi experienciado está nas mãos das próprias mulheres, individualmente. Na mesma linha de pensamento, afirma-se que as mulheres eram as peritas, as autoridades, as fontes de conhecimento sobre si mesmas. Isto se denominou "a autoridade da experiência" (*the authority of experience*). Uma mulher reconhece algo como verdadeiro, porque o vive, e tem seus próprios sentimentos e reações. Em contrapartida, a tendência das pesquisas sobre as mulheres e o movimento feminista da primeira etapa (movimento sociopolítico de esquerda) as tratava como objetos de estudo, atribuindo-lhes os sentimentos que se supõe deveriam ter, o que provocava um efeito e estranheza nas mesmas mulheres (Eisenstein, 1983).

O segundo pressuposto, do "*consciousness-raising*", é que as experiências individuais das mulheres, quando compartilhadas e confirmadas pelas outras mulheres, evidenciavam uma realidade de grupo e de gênero. Não se está sozinha; outras mulheres tinham experiências e sentimentos comparáveis. Isto constituiu a contribuição mais essencial deste processo de "*consciousness-raising*". A partir dos conhecimentos coletados sobre as experiências das mulheres sobre temas como violência familiar, aborto, e incesto, pôde-se construir um novo conhecimento sobre a situação das mulheres. Deixou-se de enxergar esses fenômenos como isolados e pessoais, e passou-se a vê-los como sintomas de uma ampla estrutura de poder social onde os homens, tomando o poder da autoridade oficial (tanto como esposos ou como oficiais públicos) vitimizam as mulheres (Eisenstein, 1983).

O processo do "*consciousness-raising*" *construiu uma ponte entre o público e o privado*. Era uma experiência privada na medida que acontecia num grupo de seis a dez mulheres, num espaço da sala de uma casa particular ou um pequeno escritório, e acontecia só entre mulheres. Porém, era público na medida em que os segredos pessoais, ao serem compartilhados, transformavam-se em conhecimento de todas. Uma vez exposta a experiência pessoal, podia-se converter em tema para uma campanha pública e na base de uma organização política sobre esses assuntos. Neste sentido, a transição do pessoal ao político tem duas fases: primeiro, os fatos da opressão individual das mulheres foram

percebidos como políticos e sociais, isto é, como efeito de forças operando na sociedade para perpetuar a subordinação das mulheres. Segundo, esses fatos podem então transformar-se em elementos de organização política. Podem ser a substância da política do movimento das mulheres (Eisenstein, 1983).

Outra contribuição do processo de "*consciousness-raising*" para a teoria feminista foi a noção de que além *da grande diversidade das experiências* das mulheres segundo família, educação, trabalho, raça, etnia, costumes, crenças religiosas, etc., *havia elementos comuns* nessas experiências. Conforme Eisenstein, isto pode-se ler como as conseqüências e variedade dos efeitos resultantes do fato de ser mulher e de ser tratada como mulher pelos outros. A condição de ser mulher assumia uma categoria como a de classe, raça e orientação sexual (Eisenstein, 1983).

Ao mesmo tempo o processo de "*consciousness-raising*" *provocou um sentido de pertencimento de gênero feminino*, independente do agrado experimentado. Por uma parte, permitiu tomar consciência de que "mulheres excepcionais", que se destacam intelectualmente, são comumente catalogadas de "masculinas" porque elas "pensam como homens" e junto com isso: "você não é uma mulher real" e ainda simultaneamente, "as mulheres reais são inferiores". Neste processo, se as mulheres concordam, deixam de identificar-se com seus pares porque são vistas como inferiores, porém, ao fazê-lo, autodesqualificam-se. O preço da aceitação numa área dominada pelo masculino é a rejeição da identificação com outras mulheres e, ao mesmo tempo, com a própria identidade sexual. Este mecanismo, por anos, isolou e controlou as mulheres excepcionais intelectualmente. A tomada de consciência deste processo de manipulação permitiu um novo nível de irmandade e de unidade entre as mulheres, e isto traz força para transformar essa realidade, reforçando a identidade feminina entre as pares (Eisenstein, 1983).

O processo de "*consciousness-raising*" em grupo *representa um experimento microssocial*, porque a maneira de conduzir-se, seus objetivos e métodos são, em si mesmos, uma forma de experimentar os princípios do feminismo e, portanto, uma maneira de transformar teoria em prática. Elemento desse espaço é a liberdade de participar sem ser julgada, porque cada uma é considerada igual às outras, assim como a confiança e confidencialidade que estabelece um clima que anima a compartilhar as experiências e,

deste modo, facilita a participação posterior das mulheres em espaços mais públicos (Eisenstein, 1983)

Em resumo, a experiência dos grupos de "*consciousness-raising*" tem um duplo aspecto. Por um lado, examina os meios através dos quais as mulheres são oprimidas, e estende e desenvolve a análise de como o patriarcado trabalha, usando informação e matérias geradas da experiência individual dos participantes. Por outra parte, simultaneamente, valida essas experiências, criando um pequeno espaço neste mundo onde essas experiências que preocupam as mulheres têm autoridade e são úteis para outras mulheres. É uma experiência terapêutica quando anima as mulheres a "falar de suas amarguras", e as ajuda a curar algumas de suas feridas. É utópica enquanto um espaço onde os efeitos do patriarcado podem ser remediados. Abre novos horizontes. À medida em que as mulheres intercambiam informações e conhecimentos, elas podem resgatar os valores positivos e a riqueza da experiência das mulheres (Eisenstein, 1983: 40-41). As experiências do "*consciousness-raising*" foram replicadas nos grupos do movimento feminista no mundo todo, com os mesmos resultados (Daskal, 1990). No Brasil, a experiência tem sido aplicada como método de pesquisa por Waldow (1996).

### **2.3 A teoria sobre desenvolvimento humano na meia idade, segundo Carl Gustav Jung**

Zweig formula a teoria sobre a evolução da consciência feminina, fundada em alguns pressupostos da teoria de desenvolvimento humano de Carl Jung (1940. 1988), criador da psicologia analítica; por isso apresento sumariamente alguns de seus pressupostos. Como ele não publicou a teoria de desenvolvimento num texto só, recorri ao trabalho específico sobre esta teoria de John-Raphael Staude (1995), que a resgata profundamente, e aos textos onde Jung refere-se a alguns de seus conceitos principais.

Conforme o trabalho de John-Raphael Staude, (1995), a teoria de Jung constitui uma análise da psique como uma profenomenologia da consciência baseada em Husserl, Gurwitch, Scheler, Heidegger, Schutz, Sartre e Merleau-Ponty. O *self* em Jung pode ser

visto como o *ser (DASEIN)*, o campo e o horizonte da nossa experiência, o contexto para os conteúdos da consciência e do inconsciente. Junto a eles, acredita que o segredo da vida está em tornar-se consciente de si-mesmo durante o processo de desenvolvimento vital. Jung acreditava nas múltiplas categorias da realidade, cada qual com seu modo de ser. "Tudo o que excita o nosso interesse e o estimula é real", afirmava ele. Assim, para Jung, os objetos da vida da fantasia, dos sonhos, das visões, do mundo físico e psíquico consciente e inconsciente, tudo o que pode ser aceso, é real. Mais ainda, a psique não só é real mas objetiva: "Ao contrário do subjetivismo da mente consciente, o inconsciente é objetivo, manifestando-se principalmente sob a forma de sentimentos, fantasias, emoções, impulsos e sonhos opostos, nenhum dos quais é criado por nós mesmos, mas nos vêm de forma objetiva" (Jung, 1988: 4).

De acordo com Staude (1995: 99), a teoria do desenvolvimento adulto de Jung baseia-se no princípio de que o ser humano compartilha com os organismos vivos a tendência à auto-realização, e portanto comparte com Platão e Aristóteles a concepção de auto-realização como "tornar explícito o que, implicitamente, alguém já é. Cada pessoa é tanto a sua realidade empírica como a sua possibilidade ideal. Neste sentido, de acordo com a ética da auto-realização, é responsabilidade básica de cada pessoa descobrir primeiro, dentro de si-mesmo, o *self*, e depois viver de acordo com ele. A tarefa do desenvolvimento é a individuação através da realização do *self*, esse processo através do qual nos tornamos o que realmente somos. Distingue *ego* para designar apenas a porção central da esfera da consciência, e *self* designa a "totalidade de todos os processos psíquicos conscientes e inconscientes". O *self* exprime a unidade da personalidade como um todo; portanto, compartilha partes conscientes e inconscientes, que se transformam em potencialidades e limites. O *self* é experimentado como um símbolo do sentido e do objetivo da existência do ser humano. (Staude, 1995: 99)

Jung achava que as verdades permanentes e profundas, das quais a humanidade precisa para sobreviver, permanecem enterradas *dentro de nós* (em nível individual e coletivo), e têm estado à disposição da humanidade ao longo da história humana. O verdadeiro acontecimento histórico permanece profundamente encoberto, experimentado por todos e observado por ninguém. A história constitui o trabalho sobre as polaridades

sociais e individuais. Uma interação dialética dos opostos leva à reconciliação e à transformação das diferenças em novas sínteses mais elevadas. Com isto Jung estabelecia uma teoria sobre o desenvolvimento humano, que começava no ponto onde as outras terminavam, porque nesse tempo a maioria das teorias sobre desenvolvimento humano centraram suas hipóteses no período da infância e adolescência. Ele foi o primeiro a estudar a idade adulta.

Para Jung (1988), na infância e na adolescência o *ego*, como elemento central da consciência, é trazido à existência e firmemente estabelecido. Quando se entra na primeira fase da idade adulta, deve-se criar as bases materiais e familiares para a última fase da vida. Para Jung, a personalidade que se desenvolve no decorrer da vida inteira de uma pessoa "é um ideal adulto", cuja realização consciente através da individuação é o objetivo do desenvolvimento humano na segunda metade da vida.

Em suma, Jung afirmava que um novo processo de desenvolvimento *interno* começa na meia-idade, dando à segunda metade da vida um caráter diferente daquele que havia caracterizado a primeira metade. Em condições favoráveis, é possível chegar, na meia-idade, a um conhecimento mais profundo do *self* do que antes, e começar a dar mais atenção às estruturas arquetípicas, que Jung via como a fonte interior do desenvolvimento da personalidade, da autodefinição, da sabedoria e da criatividade pessoal. A transição da meia-idade implica essencialmente uma avaliação da própria vida entre o já experienciado na primeira metade da vida e o que se quer "realmente". E esta leitura só se pode fazer quando se tem experiência suficiente para valorizar a própria vida e decidir os rumos da outra metade que se tem pela frente. "O que quero viver agora, neste tempo de vida que me resta?" é a pergunta desta etapa. Esta questão leva, muitas vezes, a uma experiência de renascimento ou renovação da vida. É uma oportunidade de mudança real, para alcançar uma evolução até a plenitude. Mas como esse processo implica deixar muitas coisas internas e externas para dar lugar ao novo, as lutas consigo mesmo podem apresentar-se críticas e cheias de perigos, como se pode verificar em pessoas que não conseguiram transpassá-las, como é o caso de Nietzsche, Thomas, Fitzgerald e Vincent Van Gogh, entre muitos.

No decorrer do processo da meia-idade, a pessoa começa a lidar com as grandes polaridades que tantas vezes ocasionam uma divisão do *self* na nossa vida, na primeira fase da idade adulta, e pode pelo menos superá-las parcialmente. Deve entrar em acordo com a *sizígia do animus e anima* que representam os arquétipos ou princípios feminino e masculino da psique. Pode tornar-se mais consciente da *sombra*, figura arquetípica que contém as qualidades pessoais que foram reprimidas pela influência das nossas crenças e valores, conscientemente assumidos e socialmente programados. Podem-se confrontar mais diretamente os arquétipos gêmeos de *puer e senex*. *Puer* representa o nascimento, o potencial de juventude, a energia, a possibilidade ilimitada, sem peso, estrutura ou constrangimento, o vôo, a ascensão, a aventura e, muitas vezes, uma morte heróica trágica. No outro extremo, o *senex* representa o envelhecimento, a morte, a paralisia, a estrutura sem a energia, a razão sem o prazer, a deliberação sem a ação. Nas sucessivas eras da vida, deve haver uma integração variável desses arquétipos de duas faces, e na meia-idade os conflitos aparecem com mais força: "o problema dos opostos costuma aparecer na segunda metade da vida, quando todas as ilusões que projetamos sobre o mundo voltam gradualmente a nos perseguir... a energia que flui dessas relações múltiplas entra no inconsciente e ativa tudo o que deixamos de desenvolver" (Jung 1966b: 59). Para Staude(1995), na segunda metade da vida, o desenvolvimento da função dos opostos, que permanece adormecida no inconsciente, significa uma renovação.

Segundo Jung (1998), a tarefa de desenvolvimento na segunda fase da vida adulta é a individuação, processo através do qual nos tornamos o que realmente somos. A individuação leva à progressiva integração do *self* inconsciente na vida do indivíduo dentro dos limites de tempo e espaço. Assim, a meta da individuação é despojar o *self* dos falsos invólucros da *persona* ou máscara social, (identificação do quem-eu-sou com o-que-eu-faço nos papéis sociais). A dissolução da *persona* é necessária para o desenvolvimento porque ela não passa de um segmento da psique coletiva. Segundo Staude, (1995: 106-107) "A dissolução da pessoa pode ser terrível, quando leva a uma liberação de inquietantes fantasias selvagens ou a temerosos sentimentos de extrema vulnerabilidade. A pessoa pode tentar fugir do encontro com o inconsciente, refugiando-se na segurança familiar de sua pessoa e repudiando seu inconsciente como uma loucura, ou um erro. Por outro lado, ela pode identificar-se completamente com o inconsciente, no qual o ego esta

mergulhado, e a identidade individual desaparece (abrindo experiências até psicóticas).” Embora o processo seja difícil, Jung, baseado na sua própria experiência, sentiu-o como a expressão simbólica necessária da transição de vida e como um pré-requisito para alcançar níveis mais elevados de existência e consciência.

Jung interessou-se mais pela transição da meia-idade e pela sua consequência e potencialidades no que diz respeito à criatividade e à integridade na última fase da vida. O gênio de Jung foi a integração que ele fez dos arquétipos do inconsciente coletivo, os universais arquétipos do desenvolvimento humano, complementando e suplementando a ênfase pessoal da psicanálise, da psicologia do desenvolvimento do *ego* e da psicologia humanístico-existencial. “ O reconhecimento de que cada vida é completamente singular e peculiar, e de que cada um de nós, em nossa experiência, também está realizando o padrão da vida humana – um padrão realizado um número infinito de vezes antes que nós – é algo imensamente libertador ”(Staude, 1995: 120).

*"Minha vida é o que realizei, o meu trabalho científico; ambos são inseparáveis. O trabalho é a expressão do meu desenvolvimento interior; porque o compromisso com o conteúdo do inconsciente forma o homem e produz suas transformações. Meus trabalhos podem ser vistos como pontos de parada ao longo do caminho da minha vida.*

*Todos os meus escritos podem ser considerados tarefas impostas pelo interior; sua origem foi um impulso decisivo. O que escreví foram coisas que surgiram a partir do meu íntimo. Permití que o espírito, que me incitou, se expressasse.*

*Uma pessoa criativa tem pouco poder sobre a sua própria vida. Ela não é livre. É cativa e dirigida pelo seu daimon...O daimon da criatividade fez comigo tudo o que quis... fui impelido a dizer o que ninguém quer ouvir. Estou satisfeito com o rumo tomado pela minha vida (Jung, 1961: 397 apud Staude, 1995: 121).*



## 2.4 A teoria evolutiva da consciência de Connie Zweigg

Zweigg (1994), fundamentando-se em Jung, percebe que, assim como a evolução biológica, a evolução da consciência caminha em estágios que são revelados através de experiências específicas no interior da psique: desde o processo de indiferenciação e fusão com a mãe, passando pelo processo de separação como início da individuação e expansão do *ego*, logo o processo de especificação do *ego* e nascimento do *self*, para finalmente viver o processo de integração das dualidades psíquicas e da sombra. Contudo, ao contrário da evolução biológica, *o crescimento psicológico é um processo autoconsciente, ou seja, é possível nominá-lo de alguma forma e exige empenho e propósito para mover-se adiante.*

Na perspectiva desta autora, ainda o processo de desenvolvimento *pode ser acelerado* com determinadas práticas que intensificam nossas experiências internas (como meditação, psicoterapia, auto-análise consciente da experiência, etc.), bem como o conhecimento prático de como integrar essas experiências numa vida consciente.

Alguns dos pressupostos que baseiam esta teoria são os seguintes:

- Existe uma crescente ânsia (desejo) nas mulheres de ser autenticamente femininas, de se experimentar integralmente como uma mulher e, ao mesmo tempo, ser um indivíduo forte e independente, cujo poder e autoridade estão enraizados dentro de si.

- Nossa sociedade é estruturada de tal forma que deixa essa ânsia (desejo) insatisfeita. Uma mulher não pode ser, ao mesmo tempo, uma adulta saudável e uma mulher ideal. Se adotar uma atitude vocal capaz, será considerada demasiado masculina e, portanto, irá se tornar uma pessoa sem atrativos e até ameaçante para os homens. Por outro lado, se escolher um estilo de feminilidade definido pelos homens e por uma cultura dominada pelos homens, ela ficará dependente, sem poder e sem escolhas.

- Ao escutar a voz das mulheres, emerge um padrão particular de desenvolvimento que se ajusta no quadro maior da evolução humana e que parece não ter direção, nem propósito, mas revela-se de uma forma ordenada. Ao mesmo tempo, este desenvolvimento da consciência se dá em nível pessoal-individual e coletivo-cultural. O desenvolvimento psicológico individual recapitula todo o desenvolvimento das espécies. Assim, estamos intimamente conectados a todos os seres humanos em qualquer estágio da evolução.

- Aqueles poucos indivíduos que desenvolvem modos avançados de percepção e de consciência podem servir como balizas que apontam o caminho para os outros. Este princípio pode ser verdadeiro não apenas para santos e sábios, que parecem constituir ligas adiante de nós mas pode, também, significar que aquelas pessoas que estão realizando o trabalho da diferenciação psicológica guardam igualmente as chaves para o nosso futuro (Zweig, 1994: 12-15).

### 2.4.1 Os estágios de evolução da consciência

Zweig (1994) propõe sua visão evolutiva da consciência em três estágios: o nível de consciência matriarcal, o nível da consciência patriarcal, e o nível da consciência do feminino emergente.

Fundada nas teorias da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, ela denomina masculino e feminino como princípios e padrões universais inatos na psique, aos quais Jung deu o nome de arquétipos. Eles estão presentes no inconsciente e no consciente, tanto em mulheres como homens. O princípio feminino nos homens é chamado de *anima*, e o princípio masculino nas mulheres é chamado de *animus*. A *anima* corresponde ao *Eros materno*, e o *animus* corresponde ao *Logos paterno*. Enquanto o consciente da mulher é feminino e caracterizado pela sua vinculação ao *Eros*, que é a função do relacionamento, seu inconsciente é masculino ou *animus*, caracterizado pelo *Logos*, que é a função diferenciadora e cognitiva. No homem, seu inconsciente é feminino sob o princípio da *anima* ou *Eros* e via de regra (ao menos em culturas patriarcais) aparece menos desenvolvido do que o *Logos*, que é a característica de seu consciente (Jung, 1988: 29).

O feminino e o masculino, então, referem-se a uma das estruturas da consciência humana. Constituem dois modos de perceber e reagir de nossa consciência que são distintos entre si. Expressam-se em distintas imagens, comportamentos e respostas emocionais. Por exemplo, o aspecto feminino de nós mesmas poderia reagir a uma enfermidade contemplando-a por seus significados simbólicos e nutrindo-a lentamente de volta à saúde; o masculino poderia reagir movendo-se rapidamente com um procedimento

invasivo para remover os sintomas. Ambas as abordagens têm valor e são convocadas sob circunstâncias distintas (Zweigg, 1994).

Nas tradições psíquicas no mundo, o feminino e o masculino são metáforas – raízes para designar a polaridade que existe nos mundos natural e simbólico, em muito semelhante às bem conhecidas qualidades chinesas *yin-yang*, que se encaixam uma à outra no interior de um todo maior. Como disse Jung do feminino e masculino: "este par primordial de opostos simboliza todos os pares concebíveis de opostos que possam existir: quente e frio, claro e escuro, norte e sul, seco e molhado, bom e mau, consciente e inconsciente" (Jung, 1976: 11).

Psicologicamente, se uma pessoa se mantém inconsciente de um dos pólos, então ele ou ela desiste da propriedade desse traço e perde seus dons por projetá-lo para fora. Quando uma mulher projeta seu masculino, o *animus* num homem, torna-se dependente desse homem para que ele carregue seu *animus*, exige dele um padrão de comportamento centrado no *Logos*, e ela fica encapsulada no seus traços de *Eros*, no mundo do sensível, e dos relacionamentos (Jung, 1976: 12).

Quando essa projeção acontece com um grande número de pessoas, como ocorreu em nossa sociedade ocidental, então os homens ficam responsabilizados de carregar todas as qualidades do masculino, como *o pensamento analítico, independência e orientação por metas*. Às mulheres são negadas essas qualidades, e elas ficam responsabilizadas de carregar os traços femininos como *sentimentos, interdependência e orientação por processos*. Aos homens, por sua vez, são negadas essas qualidades. Por outro lado, se uma pessoa está ciente de ambos os pólos, o masculino e o feminino, então existe uma dinâmica harmoniosa dentro da psique. Como resultado, torna-se possível um desenvolvimento mais global de uma ampla gama de capacidades e possibilidades. Além disso, a relação entre esses dois princípios é recíproca: à medida em que o feminino de uma mulher é trazido à sua consciência e revelado, ele permite o crescimento de um princípio masculino mais forte que, por sua vez, dá sustentação a um feminino definido com maior clareza (Zweigg, 1994: 22).

O processo de desenvolvimento da consciência segue um padrão em estágios que se dão em nível individual e coletivo: o estágio de consciência matriarcal, o estágio de

consciência patriarcal, e o estágio de consciência do feminino emergente. Eles não seguem uma ordem linear; seguem uma ordem dinâmica, em processos que avançam e regridem, evidenciando predominância de uma determinada consciência sobre as outras em um determinado momento do ciclo de vida.

### ***ESTAGIO 1: CONSCIÊNCIA MatriARCAL***

Todos nascem de mulher. Inicialmente, nosso desenvolvimento tem como referência uma mãe pessoal, num mundo instintivo e confinado de sentimentos e sensações. Neste universo fechado, *ainda não se tem fronteiras ao redor do eu, não há divisões entre "eu" e "não-eu", "eu" e "outro"*. Zweigg(1994: 23)

Como os indivíduos, as culturas também têm raízes, o que pode ser chamado o *arquétipo da Grande Mãe*. As pessoas vivem em pequenas tribos ou clãs próximos à terra, suas *identidades estão contidas no grupo*. Segundo Eisler (1994:52) alguns arqueólogos como James Mellaart, estudando as comunidades pré-históricas, encontraram que durante milênios os valores femininos estavam em harmonia com o masculino. Assim, homens e mulheres viviam em paz e harmonia com a natureza, compartilhavam papéis, consideravam-se parceiros. Muitas dessas comunidades adoravam uma deidade feminina (a Deusa), tinham pouca propensão para a guerra e apresentavam uma organização em torno a *vínculos*, como sociedade de *participação* (Zweigg, 1994; Stein, 1994: 52, Eisler, 1994). Entretanto, isto não significa que todas as sociedades primitivas foram matriarcais.

Esse estágio inicial indiferenciado de desenvolvimento humano, tanto individual quanto coletivo, personifica o princípio *feminino instintivo, inconsciente*. Nós podemos observá-lo nas culturas nativas contemporâneas, onde o grupo continua sendo mais importante que o indivíduo, e em que a relação das pessoas com a natureza está vinculada à sua relação com o divino. A qualidade mística dessas culturas reside num senso de *unidade com o mundo natural*. Alguns pesquisadores têm sugerido que nossos mitos do Éden e outros paraísos podem ter suas origens nesta era pré-histórica, ou neste estado de consciência matriarcal (não oposto à patriarcal, porque nelas não há qualquer domínio das mulheres, mas cooperação e parcerias) (Eisler, 1994)).

Em nível da experiência individual, este estágio significa a total dependência da mãe biológica ou daquilo que a representa, e a total fusão psicológica dela enquanto ela tem e dá tudo o que a criança precisa: alimento, calor, amor, proteção, segurança.

A mãe simbólica reflete um nível de ser psicológico no qual o indivíduo ou o grupo vive sem qualquer experiência consciente *das diferenças psicológicas* entre os arquétipos masculino e feminino e *sem qualquer individualidade consciente*. Existem como bebês psicológicos abrigados nos braços da Grande Mãe, *dependentes* dela, em maior ou menor grau, para sua identidade e seu bem-estar psicológico, seja ela sentida como Deusa cósmica, seja projetada na sua mãe ou na esposa individual. "A benevolência da norma da Grande Mãe da consciência humana continua enquanto servir às necessidades psicológicas do indivíduo ou do grupo que está desabrochando." (Colegrave, 1994: 42).

Sugerimos que o desejo humano, neste nível de consciência matriarcal manifesta-se instintivamente como *a necessidade inconsciente de dependência e fusão psicológica* com aquilo que pode representar a Mãe. Não há qualquer diferenciação entre "EU" e o "OUTRO". Procura-se retornar àquele estado indiferenciado, para não assumir a própria individualidade consciente, que significa romper esse vínculo que lembra o paraíso perdido. A pessoa procura na sua vida relações de fusão e dependência afetiva e material seja em um esposo(a) filhos, famílias tipo tribos indiferenciadas, onde a identidade é construída como um "nós" grupal. Neste estágio de consciência matriarcal, não se deseja a individuação de um Eu autônomo. Tem-se medo de aventurar-se ao desconhecido que significa abrir caminhos novos. O desenvolvimento estaria parcialmente detido, quando a pessoa só existe para satisfazer necessidades básicas para preservação da vida.

## ***ESTÁGIO 2: CONSCIÊNCIA PATRIARCAL***

Inevitavelmente, quando uma pessoa está pronta para começar a sentir sua individualidade e sua liberdade, sua capacidade de percepção e compreensão e seu potencial para a relação e amor humano, "o forte abraço da inteireza inconsciente da Grande Mãe pára de dar a sensação de um útero quente e seguro e começa, da perspectiva do Eu-consciente emergente, a dar a sensação de voracidade, claustrofobia e ameaça" (Colegrave, 1994: 42).

A luta da consciência recém-emergente, para diferenciar-se da norma da Grande Mãe e dela desfazer-se, assume uma variedade de formas mitológicas, mas todas compartilham uma característica essencial: refletem o princípio masculino. Seja individual ou coletivamente, o *masculino luta para separar-se* de seu abraço inconsciente com a Grande Mãe, para que possa assegurar sua *autoridade e poder independentes*. Esse nascimento para a consciência do arquétipo masculino, e sua conseqüente vitória sobre o arquétipo da Grande Mãe, inauguram histórica e individualmente a era *do patriarcado psicológico* (Colegrave, 1994: 43.),

Inevitavelmente, os indivíduos se desprendem-se do grupo indiferenciado e do arquétipo inconsciente da Grande Mãe. Começam a desenvolver um sentido *de identidade individual*. Quando isso acontece, surge uma estrutura social inteiramente nova, com seus conseqüentes padrões de crenças e costumes. Também surge um novo estilo de pensamento, no qual as pessoas se concentram em *diferenciar o eu do outro*, o sujeito do objeto, a parte do todo. A transição se faz da *participação mística* no colo da Grande Mãe para a *objetividade analítica*.

Conforme Zweigg (1994), nós pouco sabemos sobre o processo de transição das sociedades matriarcais para as patriarcais. Conhecemos, entretanto, que as sociedades patriarcais se organizam socialmente, de forma que o pai ou o homem mais velho é reconhecido como a cabeça da família, ou da tribo, e a descendência e os laços de parentesco são seguidos através da linhagem masculina. Este modo particular de vida social e política ocupa uma posição de domínio no mundo, e teve seu auge no Ocidente dos dias atuais. Caracteriza-se por "*individualismo inflexível*", pelo herói que luta pelo domínio e pela *conquista pessoal*, mesmo que em detrimento da comunidade, e pela crença generalizada de que os homens (e o princípio masculino) superam, em hierarquia e valor, as mulheres (e o princípio feminino) (Zweigg, 1994)

Neste eixo, entende-se a *subordinação, domínio e abuso* contra as mulheres, a *negação e desvalorização do feminino*. Como forma de reação, as mulheres, na sua luta pela liberação do domínio masculino, tentaram procurar sua identidade feminina (que aparece deformada no patriarcado) no seu caminho de sobrevivência: algumas optaram pela norma da segurança de permanecer na *obediência à norma do Pai*, e ficaram

subordinadas e submissas frente ao que a sociedade lhe solicitava; outras tentaram voltar-se para a identificação com a norma sexualmente indiferenciada da Grande Mãe, e ficaram envoltas em si-mesmas; outras, pela via de jogar com as regras do masculino, *entraram a competir* e ficaram presas no *modelo masculino*; outras aborrecidas com a opressão de seu gênero, tentaram se tornar-se *patriarcas num corpo feminino*. Outras, num esforço consciente, trabalham na procura de sua identidade por meios de desenvolvimento, despertando uma nova consciência de si-mesmas e do seu pertencimento ao gênero feminino.

Contudo, a emergência da consciência masculina tem um papel importante perante o processo de desenvolvimento humano individual e coletivo. Tanto as culturas patriarcais como os indivíduos, no estágio de consciência patriarcal, são governados pelo arquétipo do Pai e caracterizados pela *ação, vontade, análise, luta e competição*. O nascimento do princípio masculino no processo de desenvolvimento individual permite a separação do elo inconsciente da mãe, para conquistar um senso de *autonomia e conhecer as fronteiras do ego*. Para Colegrave (1994), o estágio de consciência masculina, nos seres humanos, através de sua energia e poder, "permite a experiência da *discriminação, individualidade e diversidade*, necessárias para desenvolver a *capacidade de escolha e de liberdade*" Colegrave (1994 :43). Ainda mais pela sua força de domínio da natureza, permite controlar muitos dos acontecimentos do mundo material e psicológico, desenvolvendo a capacidade de simplificar a mecânica da sobrevivência e do conforto físico para nos proporcionar espaço e tempo para ouvir e explorar outras dimensões de nós mesmos. Neste sentido, o desabrochar do masculino na consciência é um estágio necessário para desenvolver-se como pessoa singular.

### ***ESTAGIO 3: A CONSCIÊNCIA FEMININA EMERGENTE***

Neste estágio de desenvolvimento, Zweigg propõe o eixo da sua teoria. Com base no exposto anteriormente, o estágio de consciência patriarcal estaria no começo da sua decadência na consciência coletiva e individual, no social e cultural, e o feminino na consciência começou a emergir, não a partir dos modelos do masculino, mas desde a raiz de toda vida humana: nas mulheres, nos homens, nas sociedades e nas culturas.

Durante muito tempo, filósofos e psicólogos ocidentais, com uma perspectiva voltada para o desenvolvimento, acreditaram que essa emergência de um *ego* individual separado fosse o pico da evolução humana, assim como viam a sociedade patriarcal como o pico da evolução cultural. Hoje, entretanto, muitas pessoas e signos assinalam a decadência do patriarcado e a destrutividade crescente dos valores egocêntricos, assim como o nascimento de uma outra forma de vida sobre a terra, que resgata o potencial intensificador da vida e de outros valores mais transpessoais.

Para Zweigg, dois fenômenos ajudaram a catalisar a transição cultural para fora do rígido patriarcado: *o feminismo e os estudos das culturas pré-patriarcais baseadas na mulher*. As feministas reanalisaram com rigor os estereótipos dos *gêneros*, *fazendo visível a opressão generalizada das mulheres* nesta forma de sociedade e abrindo espaços para conseguir um tratamento igualitário aos homens: paridade no lugar de trabalho, igualdade nas relações íntimas, uma educação não baseada em gênero para as crianças, e direito à igualdade ante a lei, tornaram-se metas disseminadas no mundo todo.

Além disso, segundo esta autora, o feminismo criou a *irmandade de mulheres com mulheres*, que permitiu que as mulheres tornassem os homens e o masculino uma prioridade pessoal menor na vida, e que, portanto, tornou desnecessária a competição com outras mulheres. Mais ainda, o feminismo também trouxe uma percepção crescente da necessidade das mulheres terem o poder de definição, linguagem própria e um meio de influir na mudança institucional. Isso levou a que uma geração de mulheres eruditas rescrevessem a história e revelassem o preconceito de gênero na linguagem, na religião e em muitas outras áreas.

Contudo, a luta do feminismo apresenta, no mundo, um desenvolvimento muito heterogêneo. Muitas mulheres apresentam ainda condições vergonhosas de dominação e subordinação em países em vias de desenvolvimento e do terceiro mundo, tanto no Ocidente como no Oriente (Montecino, Rossetti, 1990). A discriminação racial, assim como o abuso sexual, a violência doméstica, a discriminação ante a lei, o empobrecimento, a solidão e os problemas de saúde mental, a discriminação ao acesso ao saber, são ainda realidades que coexistem junto às conquistas das mulheres de classe média, brancas, profissionais de países desenvolvidos, européias e norte-americanas, e de algumas



mulheres privilegiadas nos países latino-americanos. As mudanças na situação e condição das mulheres latino-americanas ainda estão no seus inícios. Uma areia que se faz necessário remover: onde mais se reproduzem e persistem as diferenças polares rígidas de gênero e o desenvolvimento exagerado da consciência patriarcal é na vida cotidiana das mulheres: sua relação de casal, suas relações familiares, seu espaço de trabalho. O processo de tomada de consciência da força contida na sua feminilidade é uma tarefa que aparece no horizonte como meta a realizar.

Os custos da norma patriarcal unilateral na dimensão psíquica e dos modos de vida a ela inerentes são grandes para a nossa civilização em geral. Muitos estudiosos têm ligado o desastre ecológico global e a crise socioeconômica que ora confrontamos à predominância deste nível de consciência. Perante isto, alguns reconhecem, no momento que ora vivemos, evidências de uma revolução na cosmologia das culturas (Silva, 1996).

Conforme Zweigg, hoje os *padrões masculinos estão perdendo o poder central*, na medida em que se torna evidente que as atitudes patriarcais e suas instituições não podem apoiar e manter a vida na terra. Ao mesmo momento, sincronicamente, ainda segundo a autora, a *consciência do feminino começa a emergir* e observa-se um processo de revalorização de seus valores com vistas a novos padrões em nosso sistema social e político.

Para Zweigg, este fenômeno pode ser um sinal do que Jung denominou *enantiodromia*. Tomado da filosofia de Heráclito, o termo designa um princípio dos opostos no decorrer dos acontecimentos: o princípio estabelece que *tudo o que existe transforma-se no seu oposto*. "Emprego o termo *enantiodromia* para caracterizar a emergência do oposto inconsciente no decorrer do tempo. Este fenômeno característico ocorre quase sempre que uma tendência unilateral extrema domina a vida consciente; com o tempo, uma posição contrária igualmente poderosa é construída, e esta, em primeiro lugar, inibe a ação consciente e, posteriormente, abala o controle consciente." (Jung, 1995:426 apud Staude, 1995). Para ele, este processo também acontece nas sociedades. Contudo, este processo se apresenta como oportunidade de renovação na concepção teleológica jungiana de desenvolvimento.

Neste momento, o movimento de emergência do feminino aparece como um retorno dos valores culturalmente desvalorizados, e psicologicamente significa começar a entender a natureza do princípio feminino e fazê-lo consciente, para que possa ocupar seu lugar de parceria plena junto ao masculino. Por um tempo, será necessário desvendá-lo e, segundo o princípio da *enantiodromia*, é possível que aparentemente tome um espaço excessivo, mas inevitável para dar-lhe visibilidade.

### ***O PRINCÍPIO DO FEMININO***

Zweigg distingue o feminino como adjetivo e como substantivo. Como adjetivo, deriva de *femina*, "mulher" em latim. Descreve algo que "é de mulheres ou meninas; que tem qualidades, características de ou adequadas às mulheres: gentil, delicada, afetiva etc.". Como substantivo, feminino refere-se ao padrão universal na psique humana que Jung denominou arquétipo e que está presente nas mulheres e homens, como se explicou anteriormente.

Historicamente, as qualidades associadas ao arquétipo do feminino foram elaboradas a partir das observações feitas pelos homens a respeito dos valores que para eles apareciam característicos nas mulheres: de seu corpo, a capacidade de conceber e parir filhos, amamentar e abrigar; e dos papéis, como alimentar, cuidar e amparar. Hoje, as mulheres são cada vez menos definidas pela biologia e são também criadas menos coagidas pelas projeções idealizadas dos homens. Para desvelar este princípio, Zweigg apóia-se em pesquisas realizadas para tornar consciente nas mulheres o seu feminino – não identificado pelo masculino – não em reação a alguma outra coisa, não compensado por algo que esteja faltando. Mas, num intento de reimaginar e recriar o feminino em seu modo emergente, propõe algumas características da energia feminina baseada em Woodman (1995) e Colegrave (1995) :

- O feminino prefere *processo ao produto*, vagueando e desfrutando o prazer da jornada, em vez de, como acontece com o estilo masculino, determinar uma meta e caminhar diretamente até ela, numa linha reta.

- Essa orientação-pelo-processo envolve a *presença do corpo* – neste momento – a plena acuidade emocional e sensorial, uma permissão para seguir a sua própria experiência corpórea, em lugar de ouvir apenas ao pensamento.
- O feminino também *envolve receptividade*, ao passo que o masculino é rápido em agir. A receptividade implica uma abertura dos receptores sensoriais e psíquicos, “hoje completamente fechados para defender-se contra a brutalidade disseminada”
- O feminino *recebe, tolera, consente, absorve, dissolve, une, conecta e gesta*, enquanto o masculino separa, discrimina, controla, conquista, resiste, supera e luta.
- O feminino permite nossa experiência de nós mesmos, e o mundo se move de uma perspectiva Eu-Isso para uma Eu-Tu e, finalmente, para um a perspectiva Eu-sou e Eu-que-significa-Nós.
- O feminino, no seu processo de se tornar, revela intimidade com a dinâmica das transformações. Aceita as mudanças próprias do desenvolvimento, reconhece-as e facilita-as nos seres.

Para Zweigg, na transição anterior da consciência matriarcal para a consciência patriarcal (que é recapitulada na evolução de cada mulher individual), o feminino é sacrificado e abandonado. Tanto nos homens como nas mulheres, o feminino é banido da consciência e vai para o subterrâneo, tornando-se parte do mundo das sombras. Do ponto de vista favorável do mundo da luz, aparece destituído de poder e dependente; enquanto isso, no mundo superior da luz, o reino unilateral do masculino concentra poder na tecnologia e ameaça a destruição coletiva.

Hoje, com o fim próximo do patriarcado, o feminino é como uma raiz que se lança através da rachada superfície de concreto da cultura. *"À medida que a nossa natureza feminina evolui na imaginação coletiva e se manifesta dentro de nós e na sociedade em geral, o princípio feminino se transforma.* O arquétipo respira uma nova vida, assume uma nova fisionomia e nos oferece novos significados. Enquanto o feminino inconsciente emerge através do instinto, o feminino consciente revela-se através da imaginação e da criação. Isto significa que este estágio de desenvolvimento humano é intencional." Zweigg, (1994:40).

A evolução exige que nos concentremos nele (o feminino) para começarmos agora, neste momento, a imaginar um princípio feminino corporificado, consumado, pois, em assim o fazendo, iremos revigorar as forças da vida.

## **2.5 Estrutura guia para uma operacionalização do processo de evolução da consciência de gênero**

Com o propósito de facilitar a análise posterior da evolução da consciência de gênero, na perspectiva da Zweigg, apresento uma construção pessoal sobre as dimensões que se consideraram em cada estágio evolutivo segundo o propósito da pesquisa.

Considera-se a evolução da consciência de gênero como um processo que se desenvolve em estágios interdependentes que vão progredindo através da vida: estágio de *consciência matriarcal*, em que o feminino é inconsciente; o estágio de *consciência patriarcal*, em que predomina o princípio masculino, e o feminino é sacrificado, negado e aparece subordinado e deformado segundo o domínio do masculino. O estágio de *consciência feminina emergente* é o processo de tomada de consciência desse princípio feminino ausente ou sacrificado pelo domínio do princípio masculino patriarcal, e desejo de fazê-lo emergir na própria vida.

O processo da evolução da consciência é complexo, mas é possível aproximar-se da sua compreensão, desvelando e fazendo explícitas algumas dimensões deste processo através das representações e falas das pessoas. Estas dimensões apresentam-se nas pessoas, em múltiplos níveis de desenvolvimento e relações umas com outras, como explicitam as teorias de desenvolvimento humano adulto de Jung (1922), Erickson (1950), Levinson (1978), e Stanford (1981) e a teoria mais específica da evolução da consciência feminina de Zweigg et al. (1994). Para poder estudar este processo evolutivo da consciência de gênero, neste estudo se consideram as seguintes dimensões: o processo de individuação (“ser-si-mesmo”), os padrões de relacionamento interpessoal (“ser-com-outros”) e a percepção do feminino e masculino em si mesma que, neste trabalho, se designará como “consciência de gênero”.

- a) **O processo de individuação como construção do si-mesmo (*ego e self*)** implica separar-se e diferenciar-se dos outros para construir a própria identidade original e singular e conseguir independência afetiva e material para criar seu próprio território. Na medida que se desenvolvem as capacidades e potencialidades, a pessoa constrói sua autonomia e sua auto-estima num si-mesmo individual. Quando atinge a diferenciação pessoal, é possível estabelecer relações interpessoais com o entorno social e material num nível de troca e complementaridade criativa, superando as relações interdependentes de domínio e submissão.
- b) **O desenvolvimento da originalidade e singularidade pessoal evolui no processo de relacionamentos interpessoais.** Interessa compreender os padrões de relacionamento que a pessoa estabelece com os outros durante sua experiência de vida: desde as relações familiares com a mãe, pai, irmãos, parentes, até relações de trabalho, com outras pessoas significativas como amigos, parceiros de religião ou comunidades. Os padrões de relacionamento interpessoal desenvolvem-se em processos desde a dependência inconsciente e fusão com os outros, progredindo para relações de interdependência para afirmar a própria individualidade, até o desejo e necessidade de construir relações de troca e reciprocidade.
- c) **A terceira dimensão a explorar é o processo de percepção do Feminino e do Masculino dentro de si-mesmo e seu desenvolvimento na sua experiência de vida.** Nesta dimensão interessa compreender o desenvolvimento da consciência da pessoa com respeito aos princípios Feminino e Masculino na sua experiência de vida. Este processo evolúe desde a inconsciência deles, passando pela percepção polarizada e hierarquizada destes princípios em homens (Masculino) e mulheres (Feminino) onde se desvaloriza o Feminino ou este aparece sofrente, sacrificado, abnegado sob o domínio do masculino; até o reconhecimento e rejeição desta situação e o desejo de mudar para fazer surgir a própria originalidade Feminina realizando mudanças na vida. Por outra parte, se analisa como é que estes princípios de consciencia vão aparecendo durante a experiência de vida destas mulheres.

As proposições anteriores só pretendem orientar e clarear o processo analítico para compreender como identificar, através das falas das pessoas, o processo de evolução da

consciência através da sua vida. Torna-se, porém, necessário estabelecer que esses processos não se dão de forma linear e ordenada. Todo processo evolutivo desenvolve-se em movimentos de consciência de avanço e retrocesso, de maneira que, em certas fases da vida, pode-se vivenciar momentos de clareza, a ampliação de consciência sobre si-mesmo, sobre os desejos ou as necessidades, e pode-se realizar novas metas. Em outros momentos, pode-se regredir até paralisar-se, mas os dois processos são parte de um mesmo fenômeno, em que para progredir até um nível superior de consciência é necessário fazê-lo a partir de alguma coisa que o estimule: seja uma experiência negativa que faz sofrer (como poderia ser a consciência da opressão quando se está subordinado ao domínio de outro) ou um desejo de alcançar uma meta nova na vida (como seria desejar autonomia financeira ou uma relação de troca). Em ambos os casos, a pessoa movimenta-se de um pólo de consciência a outro em forma dinâmica, construindo pouco a pouco a compreensão do que a faz sofrer, ou a molesta, até conquistar o caminho da liberação do que a oprime ou do que deseja fazer nascer em si-mesma. Porém, cada vivência e cada desafio vindos das contingências externas ou de um desejo ou aspiração interna, do inconsciente, são estímulos e oportunidades de atingir um novo estado de consciência, mas é preciso desejar mudar. A dinâmica de desenvolvimento e transformação da pessoa, na realidade de suas experiências vitais, movimenta-a em múltiplas dimensões ao mesmo tempo, como um processo unitário e integral. Só é possível aproximar-se de sua compreensão através de leituras parciais, mas que tentam desvelar parte desse processo evolutivo.

Nesta pesquisa, pretende-se desvelar o processo de evolução da consciência de gênero, em mulheres usuárias adultas, através da compreensão de seus desejos, aspirações, realizações e frustrações através de sua experiência de vida (infância, adolescência e idade adulta) explicitando estas três dimensões e reconhecendo-as na sua evolução nos três estágios do processo da evolução da consciência segundo a teoria de Zweigg et al. (1994): estágio de consciência matriarcal, estágio de evolução da consciência patriarcal e estágio de evolução do feminino emergente.

### **2.5.1 Processo de individuação (ser-si-mesmo):**

*Conquista da identidade pessoal, original e singular através da diferenciação dos outros e desenvolvimento de qualidades e potencialidades pessoais. Desde o desejo e aspiração de ser plenamente si-mesmo até as conquistas concretas de autonomia, realizações e independência afetiva e material.*

#### **2.5.1.1 Estágio de consciência matriarcal:**

◆ *Não se deseja a individuação de um Eu autônomo. Indiferenciação, dependência e submissão aos outros(seja mãe, pai, marido, etc.)*

Indicadores:

- A vida aparece determinada pelos desejos, aspirações e realizações dos outros: seja desejos da mãe, da avó, do pai, do marido. A fala reflete mais as expectativas do que "eles" ou "ela" desejaram ou desejam sobre sua vida.
- Medo de aventurar-se ao desconhecido como um trabalho, estudos, criar relacionamentos fora de sua família, e de iguais.
- Não manifesta consciência de que este estado poderia mudar: é assim "naturalmente", porque sempre foi assim, mesmo para as mulheres de sua família.

#### **2.5.1.2 Estágio de consciência patriarcal:**

*O processo de individuação, neste estágio de consciência masculina, manifesta-se através de uma necessidade de separar-se da Mãe, e diferenciar-se dela para o nascimento da identidade individual.*

◆ *Procura sua autonomia e sua independência material e afetiva da família de origem, para criar seu próprio território*

Indicadores:

- A pessoa luta para separar-se do abraço inconsciente com a Grande Mãe, para que possa asseverar sua autoridade e poder independentes: aparecem conflitos com a mãe, eleição de um estilo de vida própria, às vezes oposto aos valores maternos.
- mora longe da família de origem, para existir independentemente, elege parceiro além da sua influência, etc.

◆ *A individuação desenvolve-se através das experiências da discriminação, individualidade e diversidade, necessárias para desenvolver a capacidade de escolha e de liberdade.*

Indicadores:

- "Individualismo inflexível": a pessoa luta pelo domínio e pela conquista pessoal, mesmo que em detrimento da comunidade.
- Conquista um senso de autonomia e conhecimento das fronteiras do ego. A pessoa fala do seu projeto de vida e das suas metas, em referência a "eu".
- Discrimina e diferencia as influências na sua vida, as opções que apareceram, e suas possibilidades de escolha, assim como suas frustrações.
- Reconhece sua participação em suas escolhas de vida, assume seus sucessos, erros e fracassos.
- Na sua experiência de vida e na conquista de suas metas, apresenta qualidades como: ação, vontade, análise, luta e competição.

◆ *Domina e controla muitos dos acontecimentos do mundo material e psicológico, desenvolvendo a capacidade de simplificar a mecânica da sobrevivência e do conforto físico. Trabalha para "ter" bem-estar social e econômico.*



Indicadores:

- Tem assumida sua vida material em forma autônoma (pode compartilhar com um parceiro, filhos, mas, na ausência deles, a pessoa se auto-sustenta).
- Tem uma vida organizada (tem documentos de identificação civil, documentos de trabalho, contratos ou outros relativos à casa, sabe concretamente informar sobre "o que" compartilha com o companheiro ou família).

◆ *O processo de individuação no estágio de consciência masculina patriarcal não é igual para homens e mulheres: outorga-se a autoridade, poder e domínio aos homens sobre as mulheres (e a sociedade) que ficam subordinadas e dependentes deles através das leis, educação e sistemas de valores culturais.*

Indicadores:

- A mulher fala dos limites e no rigor das regras de educação durante sua infância e adolescência, em comparação a seus irmãos. O sistema de vigilância, controle e castigos, se ela transgredia as regras maternas ou paternas, foi mais rigoroso que o aplicado aos irmãos, os quais tinham habitualmente mais liberdade para expressar sua singularidade, fazer suas escolhas e explorar o mundo fora da casa familiar.
- Como menina, ela tem que aprender a exibir um comportamento obediente e submisso às regras maternas e paternas.
- Sua educação como adolescente a direcionou a reprimir sua singularidade, seus desejos de troca de prazeres sexuais, suas explorações de vida, etc.
- As experiências sexuais são experimentadas com sentimentos de culpa e vergonha por estarem transgredindo as regras dos adultos ao mesmo tempo que trazem prazer. Assim, associa prazer a conflito.
- Como adulta, a mulher exibe um padrão de submissão psicológica ao homem, mesmo que tenha atividades independentes.

### **2.5.1.3 Estágio de consciência feminina emergente:**

*O processo de individuação, no estágio de nascimento da consciência feminina, manifesta-se primeiramente como conflito com a vida de subordinação ao princípio de consciência masculina no estágio patriarcal.*

- A mulher aparece cansada pela sobrecarga de tarefas derivadas das exigências da sociedade masculina (ser excelente esposa, mãe, trabalhadora, profissional, gerente, etc.) que se manifestam em exigências de servir aos outros enquanto têm que postergar seus desejos e realizações.
- A mulher reconhece que sua vida foi sacrificada em benefício do desenvolvimento dos outros. Nesta vida de serviço, ela deseja mudar, mas ainda não sabe como.

◆ *A mulher começa a nascer para uma nova consciência de si mesma, que se manifesta em mudanças concretas na sua vida.*

Indicadores:

- Pode começar a procurar uma saída, expressando suas preocupações e desejos de compartilhar as tarefas da casa e da família com seus filhos e companheiro, a fim de democratizar as relações dentro de casa, e abrir um espaço para ela.
- Pode começar a pensar nos seus desejos esquecidos e postergados e procurar mudanças na sua vida: novo trabalho, estudo, ou atividades de arte, participação comunitária, etc.
- Pode assumir meios de desenvolvimento pessoal artístico, psicológico, espiritual ou intelectual e comprometer-se em atividades de trabalho ou comunitárias.

## 2.5.2 Padrões de relacionamento com os outros (ser-com-outro):

O desenvolvimento pessoal realiza-se em uma rede de relações interpessoais que vão evoluindo através da vida, desde relações de fusão, dependência e de interdependência inconscientes até relações conscientes de colaboração, troca, reciprocidade etc.

### 2.5.2.1 Estágio de consciência matriarcal

*No estágio de consciência feminina inconsciente matriarcal, o padrão de relacionamento com os outros está marcado pela necessidade inconsciente de dependência e fusão psicológica com aquilo que pode representar a Mãe como fonte de recursos afetivos e materiais.*

*A pessoa procura na sua vida relações de fusão e dependência afetiva e material.*

Indicadores:

Dependência financeira seja do esposo, filhos, pais, etc.

◆ *Não há qualquer diferenciação entre o "Eu" e o "Outro". Procura retornar àquele estado indiferenciado, para não assumir a própria individualidade consciente, que significa romper esse vínculo que lembra o paraíso perdido.*

Indicadores:

- Mora em famílias tipo estendidas, indiferenciadas, onde a identidade é construída como um "nós" grupal. Fala em "nós", "ele", "ela".
- Mora na casa dos pais, da família, ou no mesmo terreno.
- Não têm atividades pessoais nem trabalho fora do lar, fica mais no espaço doméstico a serviço da família.
- As falas ou experiência de vida não refletem desejo de mudança de sua situação de dependência e submissão: está tudo bem, é assim mesmo, a gente é normal, etc.

### **2.5.2.2 Estágio de consciência masculina patriarcal.**

*A pessoa estabelece relações de interdependência segundo metas a atingir para afirmar sua individualidade e seu poder.*

Indicadores:

- Estabelece relações de interdependência, porque precisa dos outros para atingir um ganho, seja afetivo, social, material, etc.
- O padrão de relacionamento orienta-se segundo a meta a alcançar:
  - Se a meta é de trabalho, o estilo será colaboração, direção, supervisão, estímulo.
  - se a meta é afetiva, o estilo será sedução, conquista, manipulação, proximidade, etc.
  - se a meta é negociar, o estilo será assertividade, controle e domínio do outro para conseguir sucesso, etc.

### **2.5.2.3 Estágio de consciência do feminino emergente:**

*A pessoa, consciente de sua necessidade do outro no seu processo de desenvolvimento procura estabelecer relações de parceria, de troca e de reciprocidade entre iguais, seja em relações familiares, de amizade, ou de trabalho.*

Indicadores:

- O padrão de relacionamento está determinado pelo desejo consciente de compartilhar o que se é com o outro valorizado na sua originalidade.
- Dá prioridade ao processo de reciprocidade, com respeito, compromisso e cuidado pela relação. Dedicar tempo para cultivar a relação.
- O relacionamento se mantém enquanto é construtivo reciprocamente.

◆ *A pessoa deseja experienciar o prazer do processo de relacionar-se e da troca, sem qualquer interesse em conseguir metas. Valoriza o outro pelo que o outro é:*

Indicadores:

- As relações são desejadas pelo prazer da troca.
- As relações se mantêm e cultivam-se em si-mesmas e por suas conseqüências: se o fruto é bom para os parceiros, seja em nível emocional, intelectual, ou espiritual, a relação se desenvolve. Se o fruto da relação é destrutivo, não há qualquer interesse para mantê-la.
- Compartilha-se num nível de parceria entre dois que se consideram iguais em valor.

### **2.5.3 Processo de percepção da consciência do feminino e masculino na sua vida**

A terceira dimensão a explorar refere-se à *consciência da pessoa* a respeito das diferenças entre o princípio feminino e masculino na sua experiência de vida. Este processo evolui desde sua total inconsciência, passando pela percepção polarizada e hierarquizada do princípio masculino nos homens que dominam, e que define o feminino como exclusivo das mulheres e o desvalorizam. O princípio feminino nas mulheres aparece sofredor, sacrificado e abnegado sob o domínio do masculino. Num estágio superior, a pessoa reconhece esta situação e tem o desejo de mudar para procurar desenvolver o feminino na própria vida.

#### **2.5.3.1 Nível de consciência matriarcal:**

*A pessoa vive sem qualquer experiência consciente das diferenças entre o feminino e masculino.*

Indicadores:

- Não reflete consciência das diferenças do feminino e masculino e considera que é assim mesmo.
- A mulher não fala de si mesma como pessoa individual (eu desejo, eu decidi, eu quero), mas como pessoa indiferenciada: "A gente sabe..., a gente é assim mesmo, sabe?...".

- Não aparecem falas que indiquem alguma consciência do feminino: "nós as mulheres... como mulher eu sinto que".
- O masculino é reconhecido só nos homens, que são tratados como autoridades, com temor e distância. O feminino é reconhecido só nas mulheres.

### **2.5.3.2 Estágio de consciência patriarcal**

*Neste estágio, o que domina é o princípio de consciência masculina, tanto em homens como em mulheres. Assim, o feminino aparece adaptado, deformado e encoberto sob a influência do masculino.*

- ◆ *Existe uma crença generalizada de que os homens (e o princípio masculino) superam em hierarquia e valor as mulheres (e o princípio feminino)*

Indicadores:

- Na fala e experiência de vida a mulher reconhece o masculino e os homens como indispensáveis ("a gente precisa deles... né?"), ou superiores em autoridade ("ele gosta desse jeito, senão fica bravo..."), ou em desejos ("ele sempre quer ter relações sexuais, ele é homem né?... Eu faço as vontades dele"), ou em poder econômico (a gente colabora um pouquinho com o dinheiro, mas a força maior é dele), etc.

- ◆ *Existe a subordinação, domínio e abuso contra as mulheres, e negação e desvalorização do feminino, tanto nas mulheres como nos homens.*

Indicadores:

- A mulher depende economicamente do seu parceiro, cuida da família dando sua vida por ela: vive a serviço da satisfação das necessidades da família: "eu e meus filhos precisamos do dinheiro dele para sobreviver, então tenho que agüentar... tenho que fazer as sua vontade... senão fica bravo...Que vai fazer... a gente depende dele".
- A mulher fala de suas frustrações, dores, sacrifícios, até pode rebelar-se contra sua situação de subordinação, porém não percebe uma saída real a seu conflito

entre ser boa mãe e esposa subordinada e também ser valorizada e reconhecida como pessoa com direitos. Está ainda presa a num xadrez. “Como mulher, a gente sofre muito, não têm muita chance: minha mãe, minha avó, minhas tias, é a mesma coisa. A mulher tem que trabalhar sempre: fora e dentro da casa, a gente só trabalha. Todos precisam da gente: filhos, marido, a mãe, o pai, não têm jeito...”.

- Desejo manifesto entre "o servir e o não servir " ao homem, nos aspectos de condições de conforto da casa e até do requerimento sexual.

◆ *Como forma de reação à situação de subordinação, nesta sociedade patriarcal, governada pelo princípio de consciência masculina, as mulheres assumem formas de vida masculina:*

- Pela via de jogar com as regras do masculino, podem entrar a competir com os homens e assumir uma vida segundo o modelo masculino: mulheres dedicam sua vida a conseguir sucesso no mundo do trabalho, assumem altos postos de comando, chefias, gerências, etc. Independentes, autônomas, geram trabalho para outros.
- Outras, aborrecidas com a opressão de seu gênero, podem tentar tornar-se patriarcas num corpo feminino, e lutam pelo poder frontalmente com os homens, assumindo condutas de competição e domínio como sua forma de relacionar-se com os outros que ficam subordinados a ela.

### **2.5.3.3 Estágio de consciência feminina emergente**

*O estágio da consciência feminina emergente manifesta-se como um processo de mudança que começa por reconhecer que o estilo de vida e a identidade foram estruturados e vivenciados segundo a consciência masculina no estágio patriarcal de forma unilateral. A partir dessa consciência, reconhece que o feminino é sacrificado e abandonado, tanto nos homens como nas mulheres e, portanto, o feminino é banido da consciência, tornando-se parte do mundo das sombras, e aparece destituído de poder e dependente.*

Indicadores:

A pessoa pode manifestar um *descontentamento com seu estilo de vida subordinado*, ou *masculinizado* e desejar mudar para uma vida mais integrada, reconhecendo suas qualidades profundas como mulher ("*...estou cansada de servir aos outros, preciso descansar minha vida um pouco... desejo mudar e fazer coisas que gosto... desejo voltar a escrever, a pintar, a dançar, a trabalhar, a estudar... Desejo curtir as coisas que gosto, os filhos, os netos, e deixar de servi-los, etc.*").

◆ *O processo de nascimento da consciência feminina manifesta-se como desejo e procura desse feminino dentro de si, e fazê-lo real na sua vida.*

Indicadores:

- Reconhece que o feminino tem estado inconsciente na sua vida, posposto, negado, reprimido pela necessidade de sobrevivência num mundo patriarcal.
- Deseja mudar para ser uma pessoa integral, resgatando o feminino dentro de si mesma, nominando-o, e fazendo-o nascer.
- Não está disposta a repetir os padrões de submissão, e as condutas que a sociedade patriarcal valoriza e estimula nas mulheres: suavidade, obediência, docilidade, afetividade, ou no outro padrão masculino que se valoriza no trabalho: produtividade, eficiência, competitividade, domínio sobre os outros, agressividade, vocalidade, etc.

◆ *O feminino consciente revela-se através da imaginação e criação.*

Isto significa que este estágio de desenvolvimento humano é intencional. As mulheres apresentam desejos de mudar sua vidas para a conquista de sua autonomia, de sua liberdade de escolha, da valorização de sua singularidade e de sua vida. **Num esforço consciente trabalham na procura de sua identidade feminina** por meios de desenvolvimento, despertando para uma nova consciência de si-mesmas e de seu pertencimento ao gênero feminino.



## Indicadores:

- A mulher reconhece seu processo de se tornar mulher, e revela intimidade com a dinâmica das transformações. Aceita as mudanças próprias do desenvolvimento, reconhece-as e facilita-as, tomando meios para fazê-las realidade: "eu quero matricular-me nesse curso", "eu estou retomando a pintura, está sendo maravilhoso", "eu sempre desejei trabalhar com crianças abandonadas, agora estou fazendo-o".
- As mulheres desfrutam pelo processo da mudança, mais que pelo produto. Manifestam prazer da jornada, pelos detalhes das experiências do cotidiano, as conquistas diárias, a gente nova que conhecem, os pequenos logros: Ex.: "agora acordo com vontade de viver...,com vontade de encontrar as pessoas...,ou de trabalhar em minhas pinturas... desejo trocar minhas experiências, etc."
- O processo de transformação envolve o corpo emocional e sensorial. A mulher apresenta-se sensível à experiência corpórea, em lugar de ouvir apenas o pensamento: "tenho mais energia, mais leveza, meu corpo está me acompanhando". "Sumiram as dores das costas e de cabeça. Estou mais leve, mais alegre, tenho vontade de caminhar, de criar, de ir adiante...".
- A mudança envolve receptividade, (ao passo que o masculino é rápido em agir). A receptividade implica uma abertura dos receptores sensoriais e psíquicos que passa pela atenção aos processos da vida cotidiana. A mulher refletirá sobre suas experiências, dando detalhes de suas vivências: "é curioso, mas já não quero mais deixar o tempo passar, agora tenho uma urgência de viver, isso é novo na minha vida. Desejo agir, desejo deixar minha colaboração neste mundo, etc."
- Neste processo de transformação, a mulher irá reconhecendo de alguma forma que o feminino nela consciente recebe, tolera, consente, absorve, dissolve, une, conecta e gesta, enquanto o masculino nela separa, discrimina, controla, conquista, resiste, supera e luta. Isto pode manifestar-se, na fala que reflete

consciência de estar num processo de mudança, que não tem uma meta definida, mas que no processo em si descobre o que vai aparecendo com esse feminino: a mulher pode expressar-se a respeito, como: "eu gosto agora de comunicar-me com meus filhos, juntos a gente pode conseguir as coisas", o caçula vai se casar: estamos pensando agora em construir uma casa para ele, todos ajudam, assim a gente consegue : uma vez um e outra vez o outro. Mas todos juntos fazemos a força". "reconheço que estou mudando, agora estou mais tranqüila, curto mais a vida e meus netos". Quero descansar e ajudar meus filhos a estarem unidos".

Entretanto, algunos homens vão entrando na consciência de que desejam ser pais mais presentes, amorosos e vinculados aos filhos, ou avós mais assumidos. Que se cansam com seus papéis de provedores, que gostariam de poder expressar seus sentimentos (todos eles: de amor, força e fraqueza) e compartilhar mais com suas mulheres momentos de intimidade, de troca emocional, enfim que gostariam de ser mais vinculados e conetados emocionalmente. Neste estágio de consciência feminina, os homens e as mulheres têm que criar as condições para que seus sonhos se concretizem.

Por outro lado, a sociedade se faz consciente dos efeitos negativos do estágio de consciência patriarcal sobre as condições de vida na terra: o desastre ecológico, a falta de equidade socioeconômica, a concentração excessiva do poder e riqueza nuns poucos, a miséria e a fome, as guerras e a destruição irracionais, etc. Isto estimula a necessidade de criar um estilo de vida mais humano para todos, cuidando das pessoas, das sociedades e do entorno físico como compromisso. Isto é entrar na consciência de cuidado humano universal, onde os princípios feminino e masculino existem em harmonia dentro das pessoas e nas sociedades.

## CAPÍTULO III

### DO DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

*“Lo que puede el sentimiento, no lo ha podido el saber  
ni el mas claro proceder, ni el más ancho pensamiento  
Todo lo cambia el momento, cual mago condescendiente,  
nos aleja dulcemente de rencores y violencias  
solo el Amor con su ciencia nos vuelve tan inocentes”.*  
(Violeta Parra de Chile)

#### 3.1 Do fenômeno em estudo

O fenômeno que se constitui no foco desta pesquisa é *o processo de evolução da consciência de gênero em mulheres de meia idade, através de sua experiência de vida (ser-no-mundo), com respeito ao seu processo de individuação (ser-si-mesma), seu processo de relacionamentos (“ser-com-outros”) e sua percepção do feminino e masculino, na expressão, realização ou frustração dos seus desejos e aspirações.*

A pergunta que guia o percurso da pesquisa é: *Como é que se desenvolve o processo de evolução da consciência de gênero na experiência de vida de mulheres de meia idade, com respeito e seus desejos, aspirações realizações e frustrações durante sua infância, adolescência e idade adulta?*

Esta pergunta de pesquisa contém duas dimensões a explorar :

- *Como é que se desenvolve a experiência de tornar-se mulher durante a infância, adolescência, e idade adulta, na realização de seus desejos, aspirações ou suas frustrações?*

*- Como é que vai-se desenvolvendo sua consciência de gênero nessa experiência de vida?*

Para trabalhar esta pergunta, definiu-se duas dimensões: a experiência de tornar-se mulher desde a infância, adolescência até a vida adulta, e logo a evolução da consciência de gênero, nessa experiência de tornar-se mulher.

Para isto, o critério da escolha da abordagem teórico-metodológica fundamenta-se na natureza do fenômeno a estudar e no propósito desta pesquisa. Neste caso trata-se de *compreender* o fenômeno da experiência de tornar-se mulher e da evolução da consciência feminina, não como um conceito abstrato, mas tal como ele se revela na *experiência de vida* das mulheres usuárias dos serviços de saúde de Florianópolis-SC, e de meia idade. Para aproximar-nos disto, interrogamos o fenômeno na experiência vivida das mulheres, procurando que essa consciência feminina e masculina se nos revele na sua essencialidade.

Pressupomos, apoiando-nos em Gomes (1997), que a consciência é possível de ser descoberta, descrita e compreendida, porque ela é concebida como situada num corpo, ou seja, uma consciência encarnada numa pessoa real que pode comunicar-se. Além disso, pressupomos que a consciência de gênero (feminina e masculina) está potencialmente presente mas nem sempre vista, e que, como potencialidade, pode ser revelada. Para isso percorre-se uma trajetória em direção ao desvelamento deste fenômeno tal como ele pode aparecer na experiência de vida destas mulheres.

Entre os aspectos essenciais que nos levam a indagar sobre o método está a *compreensão* do fenômeno "evolução da consciência de gênero na experiência consciente de tornar-se mulher em usuárias de meia idade". *Compreender*, como objetivo da pesquisa, situa-nos no campo da hermenêutica como caminho de descrição, análise e interpretação do fenômeno que interessa. *Compreender* diz respeito a uma forma de cognição que diverge da explicação como tradicionalmente se entende nas ciências naturais experimentais. Para Machado (1994) "compreender é tomar o objeto a ser investigado na sua intenção total, é ver o modo peculiar, específico, do objeto existir".

Nas ciências experimentais, o que se estuda é um *problema* fundamentado e justificado dentro de uma perspectiva teórica, para demonstrar os componentes do fenômeno, suas relações causais, e com o conhecimento preexistente. Isto, para refutar,

validar ou construir teorias gerais ou leis sobre eles. Para alcançar este propósito de descrever, explicar ou prever a realidade, o trajeto de pesquisa a seguir é o método científico, próprio das ciências naturais, que garante a construção de um conhecimento objetivo (válido e confiável), demonstrável, geral (leis) e sujeito à réplica e ao controle intersubjetivo dos pares; é, portanto, temporal e perfectível. Nele o interesse é a construção de conhecimento objetivo (descritivo, explicativo, preditivo e prescritivo) acerca dos fenômenos (leis), fundados em teorias verificadas, que sustentam a proposição das hipóteses que guiam o percurso metodológico. Nesta abordagem das ciências naturais, todo conhecimento é sustentado no conhecimento prévio, porque seu propósito é acrescentar, é avançar nesse conhecimento, ou criar um novo. Este modelo foi aplicado pelas ciências humanas, criando o conhecimento "científico" do estudo do homem. Contudo, ele se mostra ineficaz quando o que se pretende estudar é a experiência humana na sua especificidade de ser, na sua integralidade, na sua essencialidade e complexidade. Porque é complexa no seu devir, a experiência humana só se nos revela segundo o modo pelo qual nos aproximamos dela.

Nesta pesquisa, interessa *compreender* as experiências vividas pelas mulheres como "*experiência consciente*" ou seja, focalizar o relacionamento do sujeito com seu mundo-vida, onde o ser que conhece está voltado para algo (consciência intencional). O foco de interesse é desvelar o fenômeno da evolução da consciência feminina tal como ele se apresenta encarnado nas experiências de vida de mulheres usuárias de meia idade.

Estas características do fenômeno a estudar e a forma de interrogá-lo (que é coerente com a forma de ver e ser no mundo da pesquisadora), satisfazem os critérios da *fenomenologia* como método de pesquisa. Entretanto, não é nossa intenção fazer uma fenomenologia da evolução da consciência feminina, porém descrever esse fenômeno seguindo o caminho metodológico mais pertinente para desvelar e responder à interrogante desta pesquisa.<sup>6</sup>

Como a trajetória da pesquisadora para contextualizar o tema deste estudo começou faz muitos anos (ver cap. 1), ela havia lido muita literatura e, no percurso recorrido para selecionar a perspectiva teórica desta tese, encontrou-se uma vasta literatura

a respeito do tema de tornar-se mulher e, ainda mais, uma enorme variedade de perspectivas teóricas possíveis de percorrer. É assim que, para chegar à pergunta da pesquisa, percorri uma longa e profunda trajetória teórica, a qual me invalidava para fazer um estudo fenomenológico tradicional. Porém, atendendo ao propósito deste estudo, como método resultou mais coerente a minha consciência.

Por outra parte, o critério assinalado pela literatura sobre a seleção do método, em qualquer trabalho de pesquisa, deve corresponder à natureza da pergunta que se deseja responder, e, portanto, deve ser feito após formulado aquilo que se deseja pesquisar (Hill, 1997; Kirk & Miller, 1996; Marques, 1989; Miles & Huberman, 1994; Minayo, 1993). Como este estudo pretende compreender como é que se desenvolve a consciência de gênero em mulheres usuárias, durante sua experiência consciente de vida, o único método que respondia essa pergunta era o de aproximação fenomenológica. Especificamente, aquele trabalhado por Gomes (1997), pesquisador do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Rio Grande do Sul, sobre “experiência consciente”, e sociólogos como Forghieri (1989); Marques (1989); e Kude (1997, 1997a), e nas enfermeiras norte-americanas como Streubert e Carpenter (1992). Estes pesquisadores apresentam rigor metodológico com respeito à seleção do método de pesquisa segundo a natureza do fenômeno a estudar, e interesse do pesquisador, e também apresentam maior clareza com respeito aos passos da análise fenomenológica.

Consciente de estar adentrando-me numa transgressão, procurei desenvolver outras alternativas de métodos qualitativos, mas suas formas de análise não satisfaziam a minha pergunta. Por exemplo, a análise de conteúdo, segundo meu entendimento, não se interessa pelas essências nem significados das experiências, porque trabalha baseada na contagem quantitativa de repetição de temas nas falas das pessoas. Quer dizer, a análise de conteúdo é uma análise quantitativa de dados qualitativos. As histórias de vida tinham como contexto estudos históricos, o que não se ajustava ao caso, e as análises de discurso e etnográficas baseiam-se em referências da antropologia como disciplina, a qual não era a minha, e pelas limitações de tempo não se poderia fazer um estudo etnográfico.

---

<sup>6</sup> Os fundamentos teóricos do método fenomenológico podem ler-se no Anexo n. 1.

Por estas razões, persistí na minha busca de estudos feitos em condições similares a este, e encontrei que só na psicologia esta situação vai repetir-se, provavelmente porque nesse campo de estudos muitos teóricos importantes nasceram da fenomenologia para criar suas teorias, como acontece com Jung. Porém, pode ser que as limitações deles tenham sido justamente o fato de terem deixado muito pouco claro os métodos que aplicaram para fazerem seus estudos e chegarem a suas teorias, como acontece com a crítica principal da psicanálise e das psicologias chamadas dinâmicas. Entretanto, ao fazer-se uma leitura de suas teorias, dos conceitos principais, da concepção de homem e da vida, pode-se perceber os principais conceitos de fenomenólogos como Hegel, Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. Foi esta descoberta que me levou a procurar de novo a fenomenologia como suporte do caminho da procura de compreender este fenômeno em estudo.

Pelo já exposto, este estudo fará uma transgressão que só pode ser compreendida no contexto da natureza e complexidade do fenômeno que interessa estudar, e da consciência da pesquisadora com respeito ao fenômeno a desvelar. Este tem duas dimensões diferentes a explorar e analisar: o processo de tornar-se mulher durante a experiência consciente de vida da mulher, (infância, adolescência e vida adulta), e o processo de evolução da consciência de gênero nessa experiência de vida. Correspondem a dois aspectos do fenômeno a compreender e a duas análises diferentes, porém integradas. No primeiro momento de análise, para estudar como é que aparece o fenômeno de tornar-se mulher durante a experiência de vida, precisamos de um método que nos permita mostrá-lo tal como ele aparece segundo as experiências compartilhadas pelas mulheres nas entrevistas. Portanto, segue-se o método de análise proposto por Georgi, segundo Streubert (1992). No segundo momento, interessa compreender como é que se dá o processo de evolução da consciência de gênero nas mulheres entrevistadas durante essa sua experiência de vida desvelada no primeiro momento; para esta análise, aplicamos o referencial teórico-filosófico que sustenta este estudo nas categorias criadas na operacionalização das teorias de Zweigg (1994) e Jung (1988) desenvolvidas no capítulo II desta Tese.

### **3.2 Recurso metodológico para compreender a experiência de tornar-se mulher: a entrevista como convite à comunicação**

Segundo Gomes (1997), a experiência consciente é um ato comunicativo de um corpo-sujeito situado em um determinado ambiente. A mensagem que expressa traz a peculiaridade de um mundo vivido. O interesse desta pesquisa é captar esta mensagem, este mundo vivido. É neste contexto que se introduz a entrevista como um convite à comunicação. O interesse não se restringe unicamente à vivência particular de uma determinada pessoa em um certo ambiente, porém interessa saber como diferentes pessoas experienciam uma certa condição que lhes é comum.

A entrevista serve como veículo de comunicação. A entrevista é organizada em torno de um roteiro direcionado para certos temas, porém aberto para ambigüidades. Ela permite explorar o mundo vivido do entrevistado, definido como experiência consciente, e está a procura do sentido que este mundo vivido tem para o entrevistado. Neste processo, a consciência do pesquisador modifica-se, amplia-se, atualiza-se na interação com o entrevistado. O entrevistador deixa-se conduzir pela expressão do entrevistado e oferece suas percepções, reduzidas na expressão para serem especificadas pelo entrevistado.

Um dos aspectos práticos, a ter em conta no caso destas entrevistas que exploram dimensões íntimas da vida, é a recomendação de iniciar a entrevista conversando sobre o presente. Aos poucos ela é desloca para acontecimentos passados e, a seguir, para os projetos futuros. No final da entrevista, abre-se espaço para acréscimos ou comentários do entrevistado. Encerrados os comentários, pedem-se as informações demográficas necessárias para caracterização do grupo em estudo.

Algumas características assinaladas por Bardin (1977), baseando-se nas recomendações de Carl Rogers sobre entrevistas não estruturadas (tipo não diretivas), coerentes com o método fenomenológico, e que seguimos nesta pesquisa, são as seguintes:

1. O entrevistador assume uma atitude centrada na pessoa, que supõe uma consideração positiva incondicional (sem julgamento de valorização ou desvalorização). Uma atitude de colocar-se intencionalmente no ponto de vista



e no sistema de referência do entrevistado, e o recurso às técnicas de reformulação só como reenvios e respostas-reflexos para aprofundar.

2. A entrevista desenvolve-se segundo a lógica do entrevistado. Porém, o entrevistador intervém quando apresenta o tema (*instruções temáticas*), quando interessa clarificar, ou aprofundar um assunto em particular.
3. O diálogo abre-se com uma *pergunta inicial, predeterminada e igual para todas as entrevistadas*.

Pouco a pouco, e seguindo a lógica da entrevistada, focaliza-se os temas de interesse, de forma flexível. A entrevista apresenta, assim, a singularidade dada pela experiência única de vida da entrevistada. A entrevistadora tem a liberdade de aprofundar aqueles aspectos mais importantes ao tema da pesquisa. Durante o processo de diálogo, conserva-se uma certa unidade e coerência que fazem com que cada entrevista forme um todo original e singular, mas comparável às outras, devido à padronização da questão inicial e à focalização do conteúdo sobre o tema em estudo. O processo implica numa elaboração do pensamento aqui e agora ligada à elaboração da palavra, num discurso dinâmico, que se apresenta como uma sucessão de transformações.

### **3.3 Dos critérios e características das mulheres entrevistadas**

O percurso efetuado pela pesquisadora iniciou-se na procura dos critérios que determinaram as características das mulheres a entrevistar, e que permitissem o desvelamento de fenômeno a compreender. Assim, determinaram-se os seguintes critérios:

1. Garantir a presença e desvelamento do fenômeno da evolução da consciência Feminina. Para isso, necessita-se de mulheres que tenham vivido o suficiente para que possam dar conta do desenvolvimento deste processo de tornar-se mulher através da experiência de vida. Por isto, convidou-se mulheres de meia idade: entre 40 e 55 anos. Além disto, nessa idade acontece um processo de revisão da própria vida que favorece mudanças. Todavia, a pesquisa não se centra no processo de mudanças da meia idade como tal.

2. Respeito à sua liberdade de escolha: foram entrevistadas mulheres com aceitação voluntária e que apresentassem condições físicas e mentais para que se pudesse manter um diálogo sobre sua experiência de vida.

3. O número de participantes se limitou por “*saturação dos temas*”.

Quando os temas começam a *repetir-se*, na informação que vai-se descobrindo e confirmando na medida em que se vão analisando os conteúdos das entrevistas, significa que a relevância do fenômeno em estudo emergiu. Os participantes confirmam as informações e achados, e não agregam nada novo à investigação do fenômeno.

4. Das características das entrevistadas:

A evolução da consciência feminina é susceptível de ser estudada em diversos grupos de mulheres e de cenários. Atendendo ao critério de que esta pesquisa corresponde ao início de um caminho de pesquisa, começa-se entrevistando usuárias do sistema público de saúde, atendendo ainda ao critério de equidade. Se o objeto da atenção de enfermagem, são as nossas usuárias, conhecê-las mais em profundidade constitui-se em prioridade, para reconceitualizar e recriar uma atenção que possa ir em busca de uma maior integralidade, ao reconhecê-las como sujeitos singulares em desenvolvimento.

### **3.4 Do percurso da pesquisadora na realização e análise das entrevistas.**

No mês de outubro procurei as usuárias no centro de assistência pública para mulheres, o mais antigo e maior de Florianópolis, a Maternidade Carmela Dutra, onde já havia feito uma outra pesquisa em anos anteriores e tinha a colaboração e permissão da enfermeira do ambulatório e da médica encarregada do programa de atendimento para mulheres menopáusicas. Selecionei aleatoriamente mulheres entre 40 e 55 anos, que estavam consultando no ambulatório por problemas de saúde (em controle<sup>7</sup>) ou problemas relacionados à menopausa.

---

<sup>7</sup> Quando a mulher está muito doente, sua fala concentra-se só no problema de saúde.

As mulheres foram chamadas e convidadas a participar da pesquisa pela enfermeira do serviço, e foi ela quem me apresentou como enfermeira chilena, fazendo uma pesquisa sobre a experiência de ser mulher. Cuidou-se de garantir os aspectos éticos sobre a participação voluntária das mulheres através do consentimento informado. Uma vez que aceitavam ser entrevistadas, eu me apresentava e me encaminhava a uma sala privativa, onde explicava o propósito da pesquisa, o respeito a seu anonimato<sup>8</sup>, a necessidade do uso do gravador, e o uso cuidadoso que se daria às fitas e a suas falas. Solicitei a ajuda delas em questões de compreensão do idioma, permitindo-lhes que interrompessem a qualquer momento.

A questão norteadora da entrevista foi articulada no sentido de permitir às mulheres falarem de maneira livre sobre sua experiência de vida. A pergunta inicial foi formulada sempre da mesma maneira:

***Poderia falar-me sobre a sua experiência de vida como mulher, desde sua infância, logo como moça e logo como adulta? Fale-me de tudo o que a senhora considera importante...***

Desta maneira, as entrevistas não foram dirigidas (só se perguntava quando não se entendia o idioma, ou se fosse preciso aprofundar ou centrar o tema), e duraram entre uma hora e uma hora e meia. Ao final, eu devolvia a elas os aspectos mais gerais do que eu havia compreendido de seu relato de vida, para obter uma primeira validação, e completava algumas informações pessoais para fazer o perfil das características das entrevistadas. Fiz notas de observações dos sentimentos e linguagem não-verbal, assim como de meus sentimentos, preconceitos e sensações durante cada entrevista. Cada encontro foi uma experiência de aprendizado para mim, de profundo envolvimento e respeito pela singularidade das histórias de vida que escutava, o que me desafiava a esforçar-me para tentar compreender aquilo que estava encoberto pela familiaridade. Posso dizer que cada mulher me surpreendia com sua vida e seu dom de existir nesse mundo, e nessa compreensão sentia-me ligada a elas.

---

<sup>8</sup> Só se mantiveram os nomes pessoais até o momento de apresentar a elas a descrição escrita de sua experiência de vida, para sua validação. Isto só foi possível com quatro mulheres que participaram. Logo mudou-se o nome de todas elas para fins da citação nesta Tese.

Contudo, este processo compreensivo foi conseguido aos poucos, porque as primeiras entrevistas com as usuárias foram tensas e difíceis. Eu não conseguia soltar-me dos objetivos de aprofundar-me ao máximo, para conseguir ter o material de análise, e com isto centrava-me na pesquisa como tarefa, ficando longe de conseguir o contato real com as entrevistadas. Essas entrevistas ajudaram a dar-me conta de que tinha que relaxar (esquecer os prazos da tese, os desafios internos, autoexigências e cobranças), liberar meus preconceitos teóricos (sobre a evolução da consciência de gênero) e abrir-me internamente para esta experiência como um novo aprendizado a fazer entrevistas abertas para compreender por compreender, (e não como tratamento, onde se compreende para ajudar), isto pela minha (de)formação profissional de enfermeira psiquiátrica. Após as primeiras entrevistas, consegui caminhar ao encontro da mulher e sua experiência. Pouco a pouco consegui estabelecer um contato mais íntimo, de mulher a mulher, e desta maneira defrontei-me com um mundo de vida tão rico em matizes pelas experiências de vida destas mulheres, que cresceu em mim um sentimento de profundo respeito e, até, de admiração.

Pela intensidade das vivências com as mulheres entrevistadas, eu necessitava ficar quieta por algumas horas, só para deixar-me envolver pelo relato, fazer minhas notas de observações e fechar a vivência. Só depois de algum tempo escutava a gravação completa da entrevista, para impregnar-me da experiência de vida da mulher. Logo transcrevia a fita pessoalmente, porque compreendia que precisava desse processo para afinar minhas intuições sobre o mundo vida da mulher e para poder apreender sua experiência com fidelidade<sup>9</sup>. Este processo inicial tomou-me muito tempo, mas foi necessário para poder fazer a descrição, análise, redução e interpretação fenomenológica.

É importante salientar, como afirmam pesquisadores de orientação fenomenológica (como Gomes, 1992; Gomes, 1997; Bicudo & Espósito, 1994), que os procedimentos de análise não são únicos, nem definitivos. *Cada pesquisador constrói seu caminho segundo sua pergunta e referencial selecionado, e usufrui de flexibilidade e liberdade quanto a esses procedimentos* (Gomes, 1992). Entretanto, entende-se que esses procedimentos devem ser justificados ou justificáveis dentro de alguma tradição teórica, e

---

<sup>9</sup> Este processo foi necessário, também, para familiarizar-me com as gírias que contém ricos significados.

devem ser coerentes com a pergunta da pesquisa. Neste caso foram seguidos os passos da análise fenomenológica propostos por Giorgi segundo Streubert (1994) e Kuba (1997) que sugerem a seguinte seqüência:

1. *Sentido do todo.*
2. *Discriminação das unidades de significado ou temas.*
3. *Clarificar e elaborar os significados, relacionando-os entre si e com respeito ao todo.*
4. *Refletir a própria linguagem dos sujeitos nas unidades de significado.*
5. *Transformação da linguagem concreta em linguagem ou conceitos da ciência.*
6. *Integração e síntese coerente das unidades de significado transformadas.*

1. *Sentido do todo*: Leitura e escuta atenta das descrições das entrevistadas (transcrições das fitas das entrevistas), para perceber o sentido do todo, tantas vezes quantas forem necessárias.

2. *Discriminação das unidades de significado*: Ao reler o texto, identificaram-se unidades mínimas de sentido em referência ao fenômeno em estudo. Neste caso, em referência à experiência de vida da mulher durante sua infância, adolescência e vida adulta. As unidades mínimas de sentido foram numeradas e discriminadas no próprio texto, e foram logo transcritas para cartões, para reagrupá-las e ordenar o processo posterior de chegar a descrever a estrutura do fenômeno.

3. *Clarificar e elaborar os significados, relacionando-os entre si e com respeito ao todo*: Na procura de convergências e divergências da descrição, estabeleceram-se as relações entre as unidades de significado e reagruparam-se as que pareciam semelhantes, procurando o sentido geral. Isto se fez com cada entrevista. Posterior às análises individuais, procuraram-se as convergências e divergências das unidades de significado das 7 entrevistas como um todo, para definir a estrutura do fenômeno.

4. *Refletir a própria linguagem dos sujeitos nas unidades de significado*: Cada unidade de significado é acompanhada de frases textuais dos sujeitos, assinalando o sentido identificado.

**5. Transformação da linguagem concreta em linguagem ou conceitos da ciência:** Nesta fase são feitas as transformações da linguagem diária do sujeito em linguagem científica, mantendo sempre a ênfase no fenômeno que está sendo pesquisado. Isto é feito através de um processo de reflexão imaginativo. O objetivo é atingir a categoria mais geral através das expressões concretas, e não só pela abstração.

**6. Integração e síntese coerente das unidades de significado transformadas:** Este passo na análise consiste na síntese e integração dos *insights* contidos nas unidades de significado, transformadas em uma descrição consistente com a estrutura do fenômeno. Na síntese, todas as unidades de significado devem ser levadas em consideração. Estabelece-se a estrutura geral do fenômeno que comunica o significado geral mas conserva-se a especificidade dos sujeitos. Esta síntese, segundo Giorgi (1988), é a etapa mais difícil, porque, ao contrário do que ocorre na pesquisa tradicional em que há convenções para os procedimentos, nesta forma de análise há possibilidades de expressar os achados de diferentes modos.

Em suma, para chegar a perceber a estrutura do fenômeno da experiência consciente de ser mulher de meia idade, que é atendida no sistema de saúde pública de Florianópolis, seguiu-se os seguintes passos: leitura e releitura de cada uma das entrevistas para captar o sentido do todo; fragmentação do todo em unidades de significado segundo as convergências e divergências das falas com respeito ao fenômeno da experiência de tornar-se mulher durante a infância, adolescência e idade adulta; agrupamento das unidades de significado em temas gerais, estruturando-as porém em frases textuais; síntese e integração, expressas em linguagem científica; e síntese final da estrutura revelada do fenômeno.

Algumas pesquisadoras agregam à fase de submeter à apreciação dos sujeitos a dos significados captados pela pesquisadora e a da descrição do fenômeno, para obter suas críticas e informações complementares do tema. Neste estudo conseguiu-se contatar quatro mulheres, para mostrar as entrevistas e as unidades de significado. Elas confirmaram e complementaram alguns temas. A seguir, a análise finalizou quando a pesquisadora integrou as sugestões, dadas pelos entrevistados, ao escrito. Porém, este tipo de abordagem não oferece conclusão, já que sempre é uma proposta que considera a perspectiva do

pesquisador e o momento quando o fenômeno é observado. Outras pessoas, e num outro momento, provavelmente encontraram outros resultados.

Uma vez revelada a estrutura do fenômeno da experiência consciente de tornar-se mulher através da vida, segue-se uma segunda análise, agora buscando interpretar os achados com respeito ao *fenômeno de evolução da consciência de gênero*, à luz da operacionalização do referencial teórico-filosófico proposto neste estudo. Nesta segunda análise foi feita uma nova leitura das entrevistas, agrupando-se os temas segundo as categorias elaboradas, para desvelar a evolução da consciência de gênero. (pg. 87).

### **3.5 Aspectos éticos da Pesquisa.**

Em relação aos aspectos éticos desta pesquisa, considerou-se a participação voluntária das mulheres através do consentimento verbal (tanto para participar da pesquisa, dar entrevistas, como para que as mesmas fossem gravadas); além de considerar o anonimato dos sujeitos do estudo e o uso das informações coletadas só para fins desta ou outra análise, e para comunicar tais informações por vias tradicionais de publicações.

### **3.6 Alguns controles a considerar**

Seguindo as propostas de Streubert & Carpenter (1994), Minayo (1994) e Kirk & Miller (1996), a meta do rigor desta pesquisa é *lograr refletir com fidelidade a experiência das entrevistadas*. Para isso, serão aplicadas as quatro técnicas operacionais propostas por Guba (1981) apud Streubert & Carpenter (1994: 25-26), que sustentam o rigor deste trabalho: *credibilidade (credibility)*, *fidedignidade (dependability)*, *confirmabilidade (confirmability)* e *transferibilidade (transferability)*.

*Credibilidade* inclui atividades que aumentam a probabilidade que resultados verdadeiros sejam produzidos. Uma das melhores maneiras de estabelecer *credibilidade* é através do compromisso prolongado com o tema a pesquisar (por isso é importante a

trajetória do pesquisador com respeito ao tema, explicitada na introdução deste estudo). Outro modo de confirmar a credibilidade dos resultados será voltando aos participantes e mostrando-lhes as análises e interpretações feitas, para que eles confirmem a coerência da escrita com suas experiências: é a confirmação dos participantes (*member checks*). O propósito deste procedimento é permitir que as pessoas que estejam vivenciando o fenômeno tenham a oportunidade de validar que os resultados informados os representam. Submeteu-se à apreciação das mulheres entrevistadas que tinham telefone (4) os significados captados pela pesquisadora e a descrição do fenômeno para obter sua validação, críticas e informações complementares do tema.

*Fidedignidade (dependability)* é um critério que se encontra através da obtenção da credibilidade. A pergunta a responder é: Quão fidedignos ou fiéis são esses resultados? Ou seja, quanto representam as experiências dos sujeitos, tal como elas são vivenciadas? Nas investigações quantitativas, se não há validade nos instrumentos de coleta de informação, não há confiabilidade nos resultados; nas pesquisas qualitativas não podem existir dados fidedignos se não existir credibilidade dos sujeitos na análise e interpretação desses dados. São dois critérios mutuamente dependentes. Este critério se alcança somente através da devolução dos resultados da pesquisa aos participantes.

*Confirmabilidade. Este é um critério de processo.* A maneira em que se pode documentar a confirmabilidade dos resultados é deixando uma trilha (*audit trail*). Uma trilha é o registro das etapas da pesquisa tal que possa ser seguida por outro pesquisador. O objetivo é ilustrar o mais claramente possível a evidência e o processo de pensamento que levou às conclusões. Este registro permitirá a continuidade, a crítica e o controle intersubjetivo dos pares.

*Transferibilidade (transferability)* refere-se a que a probabilidade dos resultados do estudo possa ter significados para outras pessoas em situações similares. Também se tem chamado de “encaixe” (*fittingness*). A expectativa de que os resultados possam ser encaixados e transferíveis para outros indivíduos em situações similares é um assunto que depende dos resultados e não do investigador. Espera-se que os resultados deste estudo sejam transferíveis a mulheres que apresentam características semelhantes às das mulheres estudadas.



Estes quatro critérios assinalados por Streubert & Rinaldi (1994) e por Kirk & Miller (1996) refletem aqueles assinalados por antropólogos e etnógrafos como Spradley, (1980) e sociólogos compreensivos, segundo Minayo, (1996). Eles representam um esforço, já que ajudam no rigor da pesquisa qualitativa, e clareiam os critérios que estabelecem a diferença da abordagem a respeito dos métodos quantitativos. Assinalam também um erro comum que tende a produzir-se entre pesquisadores quando se comparam ambos os métodos de pesquisa sob os critérios da ciência experimental, ou do método científico das ciências naturais (aplicadas à saúde e às ciências humanas). Sob essa ótica, criticam-se as abordagens qualitativas como sendo incapazes de gerar um conhecimento universal, válido e confiável.

Esta discussão, segundo Munhall (1994), é "errônea" e não tem pertinência, pois ambos os métodos permitem explorar fenômenos em diferentes perspectivas; isto é, são complementares e não opostos. Isto depende dos interesses do pesquisador e da natureza do problema a investigar. Define-se primeiro o problema ou a interrogante que interessa pesquisar e, de acordo com ela, segundo sua natureza, elegem-se os métodos, e não o contrário, como habitualmente acontece. Por isto, parece-me infértil a discussão sobre valorações *a priori* dos métodos, (só porque são mais atrativos para o pesquisador) e é por essa razão que evito a discussão dos argumentos que confrontam os métodos quantitativos com métodos qualitativos de pesquisa com critérios valorativos. Concordo plenamente com o critério já bem discutido que reafirma que o que interessa estudar são *problemas* e, de acordo com sua natureza, o pesquisador escolhe o método mais adequado para responder a sua pergunta.

## CAPÍTULO IV

# DA COMPREENSÃO DA EXPERIÊNCIA DE TORNAR-SE MULHER E DO FENÔMENO EVOLUTIVO DA CONSCIÊNCIA DE GÊNERO NAS MULHERES USUÁRIAS ENTREVISTADAS

*“El amor es torbellino, de pureza original,  
hasta el feroz animal, susurra su dulce trino,  
detiene a los peregrinos, libera a los prisioneros.  
el amor con sus esmeros, al viejo lo vuelve niño,  
y al malo solo el caño, lo vuleve puro y sincero.”*  
(Violeta Parra de Chile)

### 4.1 Do perfil das mulheres entrevistadas:

Entrevistou-se oito mulheres, mas para a análise consideraram-se sete<sup>10</sup>. Elas têm entre 43 e 52 anos, todas casadas (seja legalmente ou por união livre), têm entre 1 e 6 filhos, entre 1 e 3 netos, estudaram até a quarta série de primeiro grau.

- No momento da entrevista a maioria estava trabalhando como dona de casa, duas estavam aposentadas, e uma é operária de uma fábrica e estava encostada por um câncer de mama. Todas tinham, porém trabalhado durante sua vida (como faxineiras, cozinheiras, babás, operárias, na roça, governantas, etc).

- Vivem com ingressos familiares (os filhos que trabalham colaboram ao sustento familiar) não fixos, que flutuam entre R\$ 400 e R\$ 1.500 por mês. Os esposos trabalham na

---

<sup>10</sup> Uma delas teve que interromper a entrevista, que ficou incompleta.

construção como pedreiros independentes (3), como merceeiro (1), na roça (2) e como operário de fábrica (1).

- Todas elas nasceram em cidades do interior do Estado de Santa Catarina (Piratuba, Leoberto Leal, Laranjal de Imaruí, Santo Amaro, Colônia Santa Ana), e sua infância transcorre em pequenos sítios dedicados à lavoura, em famílias formadas pelo pai, mãe e entre 7 e 14 irmãos (média de 10 irmãos) e outros parentes.

## **4.2 Descrição da experiência consciente de tornar-se mulher nas usuárias entrevistadas**

### **4.2.1 A experiência de tornar-se menina**

A experiência consciente de vida durante a infância, descrita pelas mulheres, desvelou as seguintes categorias ou unidades de significado:

#### ***4.2.1.2 Percepção de sua experiência de vida durante a infância:***

##### ***4.2.1.2.1 A experiência de viver significa trabalhar pela sobrevivência do grupo familiar:***

- Trabalhando na roça, na horta, produzindo para a família;
- Trabalhando na casa ao lado da mãe, cuidando dos irmãos, lavando, faxinando, cuidando dos doentes...;
- Trabalhando em outras casas como ajudante de cozinha ou babá...;

##### ***4.2.1.2.2 As brincadeiras são quase sempre junto e durante o trabalho***

##### ***4.2.1.2.3 O estudo é algo que não se consegue continuar por ter que trabalhar.***

#### ***4.2.1.3 Avaliação da experiência de vida como menina, na infância:***

- Muito radical, muito trabalho;

- Luta pela sobrevivência;
- Muito pobre, muito triste;
- Ter que cuidar dos outros.

#### **4.2.1.4 Sentimentos associados à experiência de vida como menina:**

- Tristeza, raiva, pesar, depressão, saudades, alegria, ambivalência.

#### **4.2.1.5 Percepção das relações interpessoais importantes:**

- Percepção da mãe, do pai, dos irmãos e outros.

A percepção consciente das mulheres entrevistadas sobre sua infância, revela que a experiência de viver significa trabalhar pela sobrevivência do grupo familiar, seja trabalhando na roça ou na horta, seja nas labores de casa ajudando a mãe, cuidando dos irmãos, cozinhando, lavando, faxinando e cuidando dos doentes. Algumas das entrevistadas tiveram que trabalhar em outras casas, como ajudante de cozinha ou babá.

As brincadeiras transcorrem quase sempre junto e durante o trabalho, na roça. Elas são importantes e parecem ser transgressões a esta vida dura, porque se criam misturando-as entre os momentos de trabalho. Neste sentido, as brincadeiras podem ser vistas como momentos que lhes permitem afastar-se do peso da angústia da vida dura e recriar seu mundo e até burlar-se dele com ironia, na cumplicidade com as irmãs e os irmãos.

*“Minha infância? Trabalhava na roça, com frio, não tinha roupa quente, pé no chão, abaixo de zero e tinha que trabalhar, sem reclamar. Trabalhar com chuva, com calor, sempre...” (C)*

*“Era boa a vida, brincava bastante, mas quando chegava a idade de oito anos, mais foi serviço... não tínhamos dinheiro e tínhamos que trabalhar na roça, na lavoura mesmo, de fumo, colher mandioca, milho, cortar lenha... todas essas coisas a gente fazia.” (F)*

*“Quando era pequena, morávamos na “Colônia” em sítio arrendado, trabalhando na roça. Éramos muitos, né? e muito pobres. Eu tinha que trabalhar para ajudar, conforme iam crescendo, já tinha que trabalhar”. (N)*

*“Éramos muito pobre, a gente lutava e tínhamos muitas dificuldades. Aos 9 anos já trabalhei em casas particulares, cuidava de outros para sobreviver. Não gosto de lembrar da minha infância. Eu lutava muito, cuidava de crianças, fazia faxinas.” (M L)*

O estudo é algo que não se consegue continuar, por ter que trabalhar para a sobrevivência familiar. As vezes, identifica-se o pai como obstáculo para estudar, outras vezes não há professor para continuar estudos, e viajar para uma cidade maior é uma despesa que não se pode fazer. Não conseguir estudar foi um acontecimento por vezes aceito, porém as vezes deixa sonhos de estudo frustrados.

*“Tinha que parar de estudar para trabalhar, e eu tinha a cabeça cheia dos problemas da família, éramos muito pobres, a mãe doente, irmãos que cuidar, não dava para estudar, não...”(C)*

*“Eu adorava a escola... brincava de professora, até agora brinco com meus netos de professora... (ri...), mas não dava, porque tinha professor só até a quarta série...”(M)*

*“Eu sonhava com estudar, gostava muito. No lugar onde morávamos, não tinha estudos, só em outras cidades.”(L)*

*“O pai não deixava estudar. Eu era a mais velha, a mais sofrida, né? Não é como hoje não. A gente não podia falar e ter vida própria. Se fazia o que o pai dizia, pronto. Hoje não, os filhos lutam por seus sonhos, são agressivos nisto. Eu ajudava a criar aos irmãos. Meu pai era bravo, muito estrito, eu entendia ele. Nesses tempos se escutava e compreendia mais ao pai, o dia que não havia dinheiro, eu compreendia” (N)*

As oportunidades de mudanças na vida durante a infância são poucas. O cotidiano da vida está organizado numa rotina em torno do trabalho, da produção do grupo, e do sustento da vida familiar. Raramente se teve a oportunidade de sair do seio da família, e quando aconteceu foi para trabalhar como babá, mas sem deixar de ser menina. Esta situação é percebida muito positivamente ou muito negativamente:

*“...consegui estudar um pouco até a quinta série. Essa mulher me ensinou coisas maravilhosas: relacionamentos com pessoas, cozinhar, cuidar dos filhos porque eu cuidava dos filhos dela. Ela era para mim uma espécie de mestra... eu passava para as outras pessoas o aprendizado, como de fato eu passei para as minhas irmãs mais novas. Visitava minha casa, ela me dava coisas para minha mãe, minhas irmãs. Minha mãe estava doente da tiróide. Eu considero ela uma benção de Deus para a minha vida, porque foi assim uma beleza.” (Z)*

*“Aos 9 anos trabalhei em casas particulares, cuidava de outros para sobreviver. Não gosto de lembrar da minha infância... é muito triste, não tem nada bom para lembrar, só que eu lutava, cuidava crianças, fazia faxinas. Todos tínhamos que trabalhar muito duro. (Chora). (L)*

#### **4.2.1.2 Avaliação da experiência de vida como menina, na infância:**

A avaliação que as mulheres fazem da experiência de vida como menina, na infância, é expressa através de palavras como: muito radical, muito trabalho, de luta pela sobrevivência, muito pobre, muito triste. Ter que cuidar dos outros, seja daqueles que estão doentes, ou são irmãos mais novos.

*“Olhando para trás, minha infância foi muito radical, não tinha brinquedos, minha mãe costurava para a gente. Foi uma infância muito difícil. Não passei fome, isto nunca aconteceu comigo.” (N)*

*“O lema da nossa vida, que aprendi desde minha infância, é este: lutar e trabalhar duro para conseguir o que se deseja...” (Z)*

*“Viver é trabalhar, sem trabalho não se come não...” (I)*

*“Não tenho nada que lembrar, não tenho nada a dizer...muito triste, éramos muito pobres, muito pobres...” (ML,)*

*“Não gosto de lembrar da minha infância, não é para lembrar nada bom...éramos uma família muito pobre, 14 irmãos da mesma mãe, 11 sobreviveram, três morreram por doenças.” (F)*

*“Minha mãe era muito, muito doente. Eu tinha que ajudar a sustentar a família, todos trabalhávamos na roça, eles não liam, não sabiam nada, e eu tinha que levar a meu irmão ao hospital. Foi muito duro (chora)...hoje ele trabalha na prefeitura de Sto. Amaro, agradece a mim, né? Ele era muito grande e tinha que levá-lo três vezes por semana ao tratamento, em ônibus, por isso acho que agora tenho problemas de coluna...” (C)*

#### **4.2.1.3 Sentimentos associados à experiência de vida como menina:**

Os sentimentos desvelados com respeito a sua experiência de vida como menina, aparecem contraditórios e ambivalentes<sup>11</sup>: as lembranças acordam uma tristeza profunda, acompanhada de frustração, raiva e pesar. Porém, estes sentimentos convivem com um sentimento de saudades, pelas lembranças dos momentos gostosos compartilhados numa grande família que lutava unida. Entretanto, o sentimento que mais se repete é a tristeza pela vida dura, o trabalho constante e a luta contra a pobreza.

*“Hoje, ao lembrar, sinto tristeza, porque não tive um grande apoio, mas sinto saudades. Parece que esse tempo era tão bom, todos éramos unidos mais unidos, sinceros, parece que a gente se unia mais” (N)*

*“Eu acho que era gostoso, era muita gente, a turma essa. Não era muito duro. Depois, conforme a gente ia crescendo, ia aumentando mais a lavoura, e era duro. Tinha que trabalhar o dia todo, na verdade era muito duro...” (F)*

*“Foi muito duro (chora)...minha infância foi muito dura, tinha muitas responsabilidades, e todos os problemas da casa estavam na minha cabeça. Minha mãe era muito doente, e como mulher eu tinha que trabalhar na roça e na casa. Tinha que tirar leite de 12 vacas, aliás, todos tínhamos que trabalhar e lutar para sobreviver. Eu tenho problemas nos ossos por trabalhar tanto na roça.” (C)*

---

<sup>11</sup> ambivalente: conceito desenvolvido pelos psicanalistas (Freud, Abraham, Klein) para qualificar a presença simultânea, num mesmo sujeito, de sentimentos ou comportamentos antinômios e contraditórios. Na ambivalência a afirmação e a negação, o sim e o não, o amor e o ódio coexistem conflituosamente.

*“Éramos uma família muito pobre... 14 irmãos da mesma mãe, ela criou 11, os outros morreram. Éramos muito pobres, a gente lutava e tinha muitas dificuldades. Foi muito duro, muito triste... não gosto de lembrar... Todos tínhamos que trabalhar muito duro... (chora)”(M L).*

#### **4.2.1.4 Percepção das relações interpessoais importantes**

A experiência de ser menina transcorre sempre em ligação e relacionamento com outras pessoas, que formam parte do cotidiano, seja mãe, pai, irmãos, primos, e gente que vinha a trabalhar na roça. As lembranças dessas pessoas revelam-se pouco a pouco, apresentando certa dificuldade e resistência a trazê-las desde um passado que provavelmente se quer esquecer mas, ao mesmo tempo, está aí no seu mundo - vida.

##### **• Percepção da mãe:**

A mãe aparece como a figura mais importante na vida destas mulheres. Ela é uma presença constante, que apoia, guia, cuida, trabalha para o grupo familiar, ensina, é severa, educa, põe limites, é amorosa. A mãe é a fonte de segurança, e quando fica doente a prioridade é cuidá-la. Ela é a base da família, é quem organiza e sustenta a vida afetiva e material do grupo familiar. A mãe é quem tem a chave para compreender e aceitar tudo o que acontece na família. É ela que pode compreender ao pai e sempre está junto dele, mesmo quando é maltratada e humilhada por ele. Neste caso ela aparenta, frente aos filhos, uma dignidade que mistura a dor pela humilhação e a necessidade de ter paciência e aguentar, em parte porque ela precisa de seu esposo para manter a família e em parte porque isso é componente do mundo cotidiano da relação. A mãe sempre foi submissa ao pai, porque deve ser submissa ao pai: percepção da experiência de ser-mulher-mãe-submissa-digna, fica assim na lembrança acordando sentimentos contraditórios.

A mãe é percebida de várias maneiras simultâneas:

- Trabalhando sempre, em todo lugar: na roça, na horta e na casa.
- Grávida, tendo filho no colo, aleitando, cuidando dos irmãos mais novos.
- Doente, muito doente do útero, da coluna e dos ossos.



- Amorosa, muito por perto sempre, disposta e solidária.
- Criativa, empreendedora a partir do que se tinha, lutadora e estrita.
- Submissa na relação com o pai, mas tendo a chave mestra para compreendê-lo, aguentá-lo, tirá-lo das situações críticas e acompanhá-lo.

*“Minha mãe fazia milagres com o pouco que tínhamos... ela sabia fazer comidas gostosas com o que havia, já abóbora com leite, feijão, pirão, etc. Cosia as roupas para a gente, com o que sobrava das irmãs mais velhas...” (M L)*

*“Minha mãe era uma pessoa muito maravilhosa...se não usava uma coisa fazia outra, era uma pessoa muito criativa. A gente acordava cedo para ir à roça, e estava aquela comida pronta, as vezes comida de panela, uma moranga com leite...” (C)*

*“Ela era uma mãe muito amorosa, apegada à gente, quando podia estar por perto, sempre estava por perto. Aliás, eu sempre estava junto com ela, era a mais apegada, tinha a impressão que eu amava ela mais que meus irmãos, não sei. Ela sempre sentiu isso, porque muitas vezes, depois de casada, ela vinha, os irmãos comentavam isso, parece que só você é filha da mãe: O fato de meu marido beber, ela se preocupava mais, porém ela dizia que não é por isso, assim que ela tinha um amor especial por mim, assim como eu tinha por ela. A gente se dava muito bem mesmo, muito bem.”(Z)*

*“A mãe era muito legal entendia a gente, trabalhava muito, sempre trabalhava: fazia comida, feijão, carne, peixe. Arroz não se falava, era muito caro, só em festas tinha arroz. Ela era muito organizada, educava a gente direitinho....”*

*(I)*

*“Minha mãe era também muito doente, éramos muito pobres, tínhamos que trabalhar na roça, e ajudá-la na casa, porque ela não tinha condição, era muito doente, passava mais no hospital que em casa... eu tinha que cuidar dela...” (N)*

*“A lembro sempre movimentando-se, trabalhando duro, seja na roça, seja na casa. Às vezes quando meu pai brigava, e a maltratava, ela ficava quieta... assim, digna sabe? só ela sabia acalmar ele quando bebia, não sei... coitada dela, tantos filhos, tão pobres, tanto trabalho...”(F)*

**• Percepção do Pai:**

O pai é uma pessoa de quem se fala muito pouco e mais superficialmente. É um personagem de autoridade, e muito secundário comparado com a presença da mãe. O pai é percebido distante, frio, agressivo, de mau humor ou tímido e afastado das filhas. Sua presença aparece exigente em relação ao trabalho na roça. Outras têm uma lembrança de um pai estranho que muda de caráter: ora distante, agressivo e bebendo muito, ora tranqüilo e boa pessoa. Entretanto, percebe-se em certas falas uma solidariedade com a responsabilidade do pai pelo trabalho árduo para sustentar a família e ter que lutar contra a pobreza. Nesta luta, se compreende o beber em excesso às vezes, o caráter duro e agressivo, os maus tratos e até o suicídio.

O pai é percebido em geral :

- Trabalhando, cansado, preocupado com o serviço e o dinheiro.
- Distante, frio, rigoroso, áspero.
- Pouco comunicativo, tímido, introvertido, retraído, afastado do grupo.
- Agressivo, raivoso, violento.
- Bebendo bastante quando não trabalhava. Lutando contra a pobreza.

*“Meu pai era mais rigoroso. A gente não tinha liberdade de conversar com ele. Era serviço só, e era áspero, ele não sentava para conversar com a gente. Era serviço só. Era áspero, e falava gritando para a gente, então a gente se sentia mal já em falar com ele. Era assim com minha mãe. Eu acho assim que por isso minha mãe se dedicava aos filhos. Ela era diferente de meu pai, não tenho nem dúvida. Ele só trabalhava... depois que se aposentou, parou de trabalhar. Quando minha mãe morreu, aí ele vivia só para os filhos. Morreu aos 92 anos. Não tinha mais força, eu cuidei dele... coitado, sua vida foi só lutar...” (Z)*

*“Meu pai dedicava-se a trabalhar só, não era de falar muito, não... coitado! Essa luta toda porque éramos muita gente... não dava para fazer as vontades de todos, assim ele ficava bravo com facilidade... era estrito. Às vezes bebia muito, e a gente ficava com medo porque podíamos apanhar. Éramos muito pobres e ele só sabia lutar, coitado, teve que trabalhar até velhinho...” (chora) (C)*

*“Meu pai era muito bravo... a gente se afastava dele porque estava sempre de má humor... gritava raivoso, a gente se mantinha distante dele”. (N)*

*“Ele ficou com medo de viver e se matou... ele era muito certinho, muito religioso, católico... um dia mudou e ficou muito estranho, se afastou da gente, com medo, muito medo, ele bebia muito... e se matou... foi assim muito estranho...” (I)*

#### • **Percepção da relação com os irmãos:**

As famílias de origem destas mulheres são numerosas, compostas entre 9 e 14 irmãos. Como se trata de famílias que subsistem do trabalho agrícola, a relação entre eles se desenvolve nesse contexto em torno do trabalho colaborativo e interdependente, pela subsistência do grupo familiar e da luta para superar a pobreza.

A respeito dos tipos de relações entre os irmãos, na infância, o elemento que melhor as define é o cuidado. Os irmãos sempre se cuidam uns aos outros. Os maiores cuidam dos menores, os sadios dos doentes, o melhor educado ensina aos outros, e daí em diante. Como meninas, elas tiveram que assumir o cuidado dos irmãos mais novos, e assim entraram precocemente na experiência de cuidar dos outros, assim como elas foram

cuidadas. Esta experiência de - ser - para os outros as marcou para toda a vida, tanto com suas próprias famílias como com as alheias onde trabalharam como empregadas. Mediante esta experiência de cuidar dos outros, assumiram seu papel de mãe como algo natural e essencial na sua existência.

Cuidando dos irmãos doentes (tuberculose, paralisia infantil, paralisia geral), aprenderam a ser solidárias, pacientes, generosas e, sobretudo, a enfrentar e transitar pelo mundo estranho da doença e das instituições públicas de saúde, tornando-o um mundo familiar. Assim, elas enfrentaram tudo o que implica uma consulta ao ambulatório do sistema público de saúde: carregaram o irmão doente em seus braços, pegaram o ônibus, enfrentaram as longas filas para conseguir atendimento, esperaram em salas pequenas por longas horas, escutaram as indicações do tratamento médico, aprenderam a decifrar as instruções de medicamentos e dos exames, e esperaram novamente pela inscrição da hora do próximo controle.

Contudo, elas expressam admiração e reconhecimento pelas irmãs mais velhas quando estas explicaram fatos como o que é a menstruação e quando tiveram oportunidades de sair da família de origem para estudar em outras cidades. Assim, os irmãos são percebidos como recursos de apoio durante suas vidas, especialmente na infância.

*“Éramos muitos irmãos, a mãe não dava conta sozinha. A gente tinha que trabalhar cedinho na roça, tirar leite de 10 até 12 vacas, e logo na lavoura mesma, e logo na horta. De tarde se continuava trabalhando em casa lavando, passando, não faltava trabalho. Mas a gente se amava, nunca faltou uma brincadeira, entre esse trabalho todo, a turma essa era gostosa... a gente criava os brinquedos de coisas simples... porque não tinha para bonecas..” (N)*

*“Sinto saudades dessa turma, meus irmãos, a gente mora distante deles... tenho irmãos e irmãs no Tubarão, Blumenau, Itajaí, Curitiba, Caçador, todos espalhados. Tenho saudades deles. Eu me dou muito bem com todos eles. Sinto saudades desse tempo e daquela confusão, a gente compartilhou tudo, tanta coisa triste e alegre, a gente brincava na roça, fazia uma brincadeira de nada, de qualquer coisa... assim burlava um pouco a vida dura... (ri)” (F)*

*“Quando minha irmã mais velha se formou em Enfermagem, se foi para São Paulo e me levou, eu tinha 14 anos, foi quando meu pai morreu. Morávamos no hospital, sabe? Ela era muito legal, me ensinava, eu consegui estudar graças a ela. Quando fiquei mocinha foi ela quem me explicou o que estava acontecendo, devo muito a ela, sabe?” (M L)*

*“Minha infância... sofri bastante... eu era pequena, minha mãe teve duas gêmeas, eu tive que ajudar a criar as irmãs gêmeas, porque os maiores trabalhavam na roça, né? Éramos muito pobres, eu não escrevo direito porque tinha que ficar cuidando das meninas e da casa: faxinava, cozinhava, lavava roupa, passava, isso e cuidava da minhas irmãs... às vezes brincava com elas de mãe..(ri) e as tratava como minhas bonecas... sabe? Era assim gostoso, porque eu era uma menina como elas...” (I)*

*“Éramos muitos, uma turma sabe? Tínhamos que ajudar a cuidar dos irmãos. Tenho um irmão com paralisia infantil, minha mãe era muito doente, não tinha condição de cuidá-lo. Eu tinha que levá-lo ao hospital três vezes por semana, em ônibus, para fazer tratamento, acho que por isso hoje tenho problemas de coluna. Foi mito duro, eu era uma mocinha e tinha que levá-lo, foi terrível (Chora). Tinha que acordar as três da manhã para conseguir chegar e fazer essa fila para esperar ser atendida. Esperar horas nesses lugares cheios de gente, com fome, sono, um cansaço... aí depois esperar pelos medicamentos, até decifrar a escrita do médico que não entendia.. agora ele trabalha na prefeitura de Santo Amaro... agradece a mim, né?” (C)*

**• Relações com outras pessoas importantes durante a infância:**

Rara vez aparece nas falas alguém fora destas famílias-tipo estendidas, mas quando aparece é muito importante, sentida positiva ou negativamente.

*“Veio uma senhora muito boa, e me levou com ela, eu tinha 11 anos... Ela foi uma pessoa maravilhosa, me ensinou tudo para a vida: relacionamentos com pessoas, a cozinhar e cuidar dos seus filhos. Ela era para mim uma espécie de mestra... eu passava para outros pessoas o que aprendia com ela, como de fato passei para minha irmãs mais novas. Eu considero ela como uma benção para minha vida, porque foi assim uma beleza. Consegui estudar até quinta série graças a ela...” (Z)*

*“Havia pessoas que vinham a trabalhar na roça conosco, era legal, eu gostava muito, porque ríamos e nos divertíamos, no tempo que trabalhávamos...” (F)*

### **Consciência - experiência de gênero:**

Como meninas, não há qualquer diferença importante em ser menina ou menino quando se trata de trabalhar: tanto homens quanto mulheres têm que trabalhar todos os dias. Segundo a idade, o que muda é a quantidade e tipo de trabalho: os pequenos trabalham menos e em coisas consideradas “leves” como limpar mandioca para fazer a farinha e limpar a horta. Mas na medida que se tornam mais crescidos, têm que assumir mais tarefas, mais pesadas e variadas. Todos trabalham duro pela subsistência material da família, mas elas reconhecem que aos irmãos são dadas as tarefas mais pesadas. São os irmãos que aprendem junto ao pai, para assumir a responsabilidade no futuro ou quando o pai fica doente ou morre.

No entanto, ser menina sempre significou trabalhar na roça primeiro e depois continuar trabalhando e ajudando a mãe nas lavouras domésticas da manutenção da casa e cuidando dos irmãos mais novos ou doentes. Desta maneira, elas aprendem a vivenciar a dupla jornada de trabalho como algo “natural” e inerente ao ser mulher. Isto se percebe porque, no transcurso do relato, fazem afirmações envolvendo-me na sua experiência como mulher.... A Sra. sabe né?. Para elas é natural, porque sua mãe fez assim e suas irmãs, tias e avós fizeram da mesma forma. Diante disto não existe qualquer sentimento especial de revolta, de raiva, de injustiça, ou rebeldia; pelo contrário, em troca sentem-se orgulhosas por terem tido uma escola de vida que as preparou para enfrentar como guerreiras qualquer dificuldade perante a vida.

*“A gente trabalhava como homem... mesmo que meus irmãos tendo as tarefas mais pesadas, as meninas faziam, as vezes, o trabalho deles, além de ajudar na casa a mãe e cuidar dos irmãos mais novos... era muito trabalho.” (M L)*  
*“É assim: eu fui mulher, fui homem... tudo de uma só vez... Trabalho na lavoura duro, muito duro, a toda hora, e para todos da mesma forma... por outro lado tinha que cuidar de meu irmão doente, e tinha que ajudar a mãe com a cozinha, tudo isso. Por isto a gente foi criada num mesmo lema: trabalhar duro e batalhar...”(C)*

## **4.2.2 A experiência de tornar-se moça**

### ***4.2.2.1 Percepção de experiências significativas durante a adolescência:***

#### *4.2.2.1.1 A experiência da menarca*

- A menarca sobrevem como evento estressante.
- O silêncio das mulheres adultas.

#### *4.2.2.1.2 Experiências de diversão e iniciação nas relações de namoro:*

- Regras das saídas, namoros e normas de comportamento, respeito dos moços.

#### *4.2.2.1.3 O casamento como passagem para saída da família de origem*

- Significados associados ao casamento.
- Expectativas de mudanças com o casamento.

É pouco lembrada pouco a experiência da adolescência. Esta parece ser uma fase que passou muito fugazmente pela mente destas mulheres. Como se a passagem de menina à mulher fora muito curta. Foram identificados três temas ou unidades de significado em relação a percepção da experiência de ser moça: a experiência da menarca, das diversões fora da família e iniciação ao namoro, e momento e significado do casamento.

A menarca se vivencia como um evento estressante que sobrevem num momento não esperado. Acontece entre os 12 e 16 anos, aproximadamente. Algumas lembram com dificuldades as datas. O fato de sangrar despertou muito medo, até pavor, porque segundo

elas, não tinham informação prévia sobre a menstruação. Nenhuma das mulheres adultas que conviviam com elas, seja a mãe, irmã, tia, professora, explicou para elas o que é a menstruação, seu significado e cuidados, para prepará-las a enfrentar esta mudança. Essas informações só foram proporcionadas depois que a menstruação aconteceu, pelas irmãs, patroas ou amigas.

O silêncio da mãe é assinalado como um fato freqüente no seu comportamento, e se generaliza. A mãe se "abre pouco", em geral. Este silêncio fala de alguma coisa, não é um silêncio vazio: é um silêncio que aparece muito nas falas destas mulheres, não só frente às experiências de vida dos filhos, mas com respeito a sua relação ao pai, seus sofrimentos, problemas, doenças; enfim, a mãe entrega um modelo de mulher que guarda para-si-mesma, que não compartilha verbalmente sua intimidade. Por outra parte, este silêncio pode ser compreendido no contexto da vida familiar-agrícola, em que se considerava muito pouco a pessoa na sua individualidade, e nas suas necessidades subjetivas derivadas de seu desenvolvimento.

O sangramento da menstruação foi vivenciado como conseqüência de alguma ferida séria, e pôr isso despertou muito medo, até pavor, e em alguns casos as paralisou, guardando a experiência para si mesmas, reeditando o aprendizado com as mulheres da família.

*"...Quando fiquei mocinha estava trabalhando na roça. Acho que tinha treze anos. Quando sangrei fiquei apavorada e não falei nada para ninguém. Não sabia nada do que tinha acontecido. Minha mãe não se abria para a agente. Depois com as amigas, cheguei a informar-me, ninguém sabia muito, não existia a TV, porém entre todas falavam. Naquela época não existia TV, só rádio." (C)*



*"A menstruação veio quando tinha 17 anos. Não sabia nada do que isto era, minha mãe não explicava nada para a gente, não. Eu estava trabalhando para uma senhora em Lages. Quando fui a tomar banho, eu estava sangrando. Deu um susto tão grande! E pensei que me havia machucado. Saí do banheiro chorando, apavorada... aí a patroa me explicou, ela disse que agora eu estava ficando moça. Eu fiquei muito apavorada, tive tanto medo, achei que ia a morrer. Não tinha experiência nenhuma, então tinha vergonha. Todos esses temas não se falavam. Depois ela chamou a um padre para conversar comigo.."* (Z)

*"Fiquei moça com 17 anos, demorei. Eu estava trabalhando e morava no hospital em São Paulo, com minha irmã, que era enfermeira. Ela me explicou tudo direitinho, eu era muito tola, não sabia nada, me apavorei, era muito ignorante e tinha muita vergonha".* (M)

*"Fiquei moça aos 16 anos. Era muito doente, se ia a igreja desmaiava. Desmaiava de qualquer coisa. Até que fiquei mocinha. Depois disso parou. A gente trabalhava muito eu era muito magrinha, mesmo que a gente se alimentava bem, porque nós mesmos plantávamos o que comíamos. Quando fiquei moça mudou muito pouca coisa. Só trabalho."*(N)

*"Fiquei moça com 12 anos. Eu não sabia nada, minha mãe era muito fechada, e dessas coisas não se falava, não. Fiquei com muito medo e vergonha, e calada por uns dias até que minha irmã mais velha explicou como é que era. Eu tava na roça, trabalhando e senti algo quente que me corria pelas pernas... me apavorei e fui à casa correndo. Aí olhei essa sangue toda, deu um susto..."*(F)

As regras de educação eram muito rígidas com respeito às permissões para sair a divertir-se e namorar, assim como o valor da virgindade pré-matrimonial. O limite era imposto de maneira muito clara, pelo pai, a mãe, e os irmãos mais velhos: só se pode sair a divertir-se depois de fazer os serviços, quando havia baile na praça do povo e se ia em turma. O recato nos contatos com moços do povo era muito valorizado e respeitado por elas. Como os lugares onde moravam eram localidades pequenas, se tinha muito cuidado com o comportamento fora de casa, nos lugares públicos onde se faziam os bailes e

percebem por isto pouca oportunidade de privacidade: elas não se sentiam a vontade frente aos olhos de todos. De alguma maneira, isto pode refletir a importância da identidade familiar sobre a identidade individual: um comportamento inadequado aos olhos de qualquer pessoa do povo, coloca em risco a reputação da moça como membro da família. De novo a identidade coletiva da família aparece em prioridade.

Com respeito aos namoros, elas fazem uma distinção em relação aos tipos de namoros naquela época, assinalando diferenças entre namoros superficiais e namoros sérios, sendo estes últimos sempre com seu futuro esposo.

*“Naquela época era assim: moça de família é moça de família, tinha que se cuidar nos namoros, e saídas ao povo, e casar virgens, de outra forma não prestava, não...! Não é como agora, se bem que algumas ainda mantêm isso. Não se conversava sobre isso, entre namorados. Namoro foi assim: namorei cinco meses e casei. Tive um outro namorado que só pegava na mão”. (Z)*

*“Namorei, era linda, mas assim passear a gente não sabia muito não, só a praça de Santo Amaro, quando havia bailes. O pai não deixava sair, não, e os irmãos ficavam de olho na gente. A mãe era pior que o pai, era bem mais restrita. Eu lutava para sair, eu gostava muito de dançar, porém era mais importante cumprir as obrigações: tinha que deixar o trabalho pronto, porque o trabalho da roça sabe como é que é, né? Tinha aquelas coisas para fazer... assim eu não conseguia sair muito.” (C)*

*“Eu não podia namorar porque precisavam de mim. Minha mãe estava doente e meu pai gostava como de como eu rendia, porque eu era muito trabalhadora... nossa! trabalhava de sol a sombra, não me largavam! Era difícil sair, muito difícil... além disso a gente não tinha dinheiro para roupinha e ir bem calçada, eu me arrumava como podia... Namorei muito pouco, só de mão e depois aos 18, namoro sério foi com meu marido...” (N)*

*“Se você namorava com alguém do povo, todo mundo sabia... isto era chato... a gente começou a dançar depois dos doze anos, a divertir-se e namorar assim de olhares e às vezes de mão... lembro de meu primeiro namorado, eu tinha treze anos, mas namoro mesmo, foi com meu marido. Tinha 16 anos.” (F)*

O casamento acontece cedo, durante a adolescência, entre os 16 e 18 anos a maioria, e o de algumas delas quase coincidindo com a menarca. Isto porque a maioria deseja sair de casa, para ter independência e construir a própria família.

*“Eu casei cedo, aos 18 anos, para sair de casa e ter vida independente... A gente namorou sério e casou, daí saímos dali para morar numa outra cidade.” (Z)*

*“Namorei e casei, ele foi meu único namorado. A gente casou virgem. Assim, ele tem sido meu único homem e eu sou sua única mulher...” (I)*

*“Casei moça, com 16, para sair de casa e do trabalho duro...” (F)*

*“Meu segundo namorado foi meu marido, eu tinha 18 anos, namoramos um ano e quatro meses e casei...” (M L)*

*“O irmão de meu esposo namorava com a vizinha. Aí eu conheci ele numa festa, namorei e casei aos 20 anos. Meu primeiro namorado e casei. Namorei com 18 casei aos 20. Nós mudamos e fomos viver sozinhos em outro município.” (N)*

### **4.2.3 A experiência de ser mulher adulta**

A experiência de ser mulher adulta, na percepção das mulheres entrevistadas, desvelou as seguintes unidades de significado ou temas:

#### ***4.2.3.1 Significado do casamento como experiência de realização pessoal e familiar***

- O casamento como via de realização do sonho de ser independente da família de origem.
- O casamento como via de realização das aspirações e desejos através do projeto de vida pessoal.

- Significado das frustrações e crise no casamento.
- Do desejo de ser independente à dependência e subordinação ao marido.
- O trabalho remunerado como caminho de realização da autonomia e competência pessoal.

#### ***4.2.3.2 A experiência de ser mãe e avó:***

- Significados da gravidez dos filhos: por que fui tendo meus filhos?
- Significado dos filhos e relações estabelecidas com eles.
- Significado dos netos.

#### ***4.2.3.3 Auto-percepção:***

- Auto-imagem e auto-estima corporal (na meia- idade).
- Auto-imagem e auto-estima com respeito a suas qualidades como pessoa e como mulher, perante sua história de vida.

#### ***4.2.3.4 Os sonhos e aspirações***

##### ***4.2.3.4.1 Significado do casamento como experiência de realização pessoal e familiar***

O casamento aparece carregado de significados: por uma parte, representa a via escolhida para realizar o sonho de ser independente da família de origem; por outra parte, representa a via de realização das aspirações e desejos de construir o próprio projeto de família, o que significa ser mãe e esposa.

A decisão de casar aparece como primeiro momento na vida das mulheres, onde elas desejam e escolhem algo para si mesmas. Até este momento, elas existiram para servir as necessidades dos outros na sua grande família de origem. O casamento representa e significa a diferenciação e independência da família de origem, mudando-se de cidade e projetando uma nova vida com seu marido, o que inclui expectativas de afastar-se dos sofrimentos que acompanham a pobreza, o trabalho duro da roça, a opressão como pessoa,

a diluição da identidade no grupo e as relações de domínio que as submeteram (obediência e submissão ao pai, mãe e irmãos mais velhos).

*"Eu desejava tanto me casar, para sair de casa e ter vida independente. O mais importante que queria era ter vida independente porque minha família era muito pobre e numerosa. Muita boca para alimentar e pouco dinheiro. Éramos 11 irmãos, e todos tínhamos que trabalhar desde pequenos na roça. Eu trabalhei desde os 11 anos em casas de família. Queria minha própria família..." (Z)*

*"Eu casei e nós mudamos, fomos viver sozinhos em outro município, para tentar a sorte. Depois voltamos para Leoberto Leal. Passei por muitas dificuldades! Ele era bom e pobre. Minha vida de casada... mudou pouca coisa: continuamos trabalhando na roça sempre, até agora. Tínhamos que ir de um lugar a outro trabalhando, porque nós éramos muito pobres, tínhamos que alugar terra." (N)*

*"Ao casar, tive esperança de mudar minha vida, porque na minha casa minha mãe era muito estrita, éramos muitos e tinha que trabalhar sem parar. Com meu esposo, mudamos para outra cidade para viver. Os primeiros anos foram gostosos, a gente tinha esperança de um futuro melhor, tinha força para acreditar. Trabalhamos duro". (I)*

*"Muita mulher fica presa ao casar. Eu acho diferente: eu ganhei a liberdade. Em casa eu não tinha liberdade, eu não saía a hora que queria. Nada! Eu tinha que trabalhar e dar conta de tudo antes de sair, não tinha roupa nem dinheiro para roupinha... quando a lavoura dava, havia para todos, mas quando a lavoura ano dava, não tinha. Tive uma época muito traumatizante... depois me liberei... hoje tenho minha vida livre... antigamente não. Minha mãe era muito assim, repreendia muito. Na época a gente não pensava muito nisso. Depois eu pensei, nessas coisas. Eu não podia namorar porque precisavam de mim. Minha mãe doente, o pai gostava de como eu rendia, porque era muito trabalhadora... nossa! De sol a sombra - precisavam de mim, assim eu nem pensava namorar."(C)*

• *Um segundo significado do casamento aparece vinculado às expectativas de realização das aspirações e desejos pessoais. Porém esses desejos estão fundidos aos de realizar seu próprio projeto de família: ser boa esposa e boa mãe.*

Por conseguinte, as expectativas de desenvolvimento de capacidades e potencialidades pessoais estão contidas nas aspirações e realizações do projeto de vida familiar; isto é ter esposo, dinheiro para sustentar-se, filhos, uma casa própria e de ali por diante. Entretanto, casam sem ter a consciência destas expectativas pessoais. Agora é que podem fazer essa leitura, ao ter a oportunidade de realizar uma olhada retrospectiva e falar sobre sua vida.

Numa primeira etapa do casamento, as mulheres centram-se em vivenciar a iniciação da vida sexual e desfrutá-la.

*"Eu casei e não queria entregar-me para meu marido. Sentia medo, muito medo, não sei. Quando ele se encostou em mim, eu me senti mal, mal, aí, ele me começou a explicar como é que funcionava. Aí, ele não mexeu comigo, teve muita paciência comigo. Tanto assim que acho que depois por isso eu tive tanta paciência com ele. Porque ele foi assim uma pessoa maravilhosa. Começou me explicando tudo, como é que era, olha vai ser assim e assado, e por isso que eu amo ele. No sexo nunca foi um homem que me forçou, que me machucou. As minhas amigas me contavam o que sofriam. Meu marido foi devagar, calmo, esperou até os 8 dias para fazer-me sua mulher. Eu fui muito feliz, porque pensei que ia a ser sempre assim. Quando me penetrou assim, senti muita dor, algo rompeu dentro e mim, doia tudo até as coxas. Ele me disse que era assim mesmo. Ele não quis forçar a barra, sei lá... ele diz que queria que eu me sentisse segura. Depois minha vida sexual foi diferente, me interessava pelo sexo, depois aprendi a ter tesão e gozo... Quando bebia, mudou bastante, ele não me procurava mais, não conseguia. Foi indo... até por isso chegou a conclusão de que tinha que mudar e parar de beber. Recuperou sem dúvida! Três anos que não bebe." (Z)*

*"Perdi minha virgindade com meu marido. Agora me acho muito burra olhando para trás. Na lua de mel, eu não sabia que tinha que levar toalhinhas... não sabia, era muito burra, ignorante. Não sabia que tinha que usar aquilo. Minha irmã me explicou. Minha experiência foi gostosa, tem sido boa até agora com meu segundo marido desfrutamos bastante." (M de L)*  
*"Minha experiência sexual com meu marido tem sido boa, foi boa... me iniciei com ele, tudo com ele. A minha parte foi perfeita... (bem segura voz) até agora gosto". (C)*

*"Com meu esposo, a vida sexual... atrapalhava, mais assim, quer dizer, um concorda com o outro, nem ele achava ruim, nem eu... um dia eu estou bem, outro não estou bem... assim é bom também. E se eu não estou bem, não digo nada para ele, aceito tudo como é que é, né? Com dor, dificilmente eu sinto prazer. Não tenho tesão, nunca, nada, desde nova nunca tive tesão. Ele procura a gente sempre, sempre... não sinto nada. É gostoso que me procure... Nunca me preocupei, porque sempre fui assim. Se eu tivesse sido de um jeito e depois fizesse de outro... aí eu me preocupava. Ele nunca diz, tu é assim... ele perguntava sim, mas ele não teve muita experiência, não. Os dois éramos virgens quando casamos, os dois se combinam bem. Eu nunca conheci outro homem, e ele nunca conheceu outra mulher... então os dois se combinam bem, e daí tá bom, como ele é para mim, assim como eu sou para ele. Não conheço outra coisa... ele foi meu único homem e eu sua única mulher". (N)*

Experimentam a maternidade, e realizam com prazer os papéis tradicionais derivados de ser esposa e mãe. Neste sentido, repetem aquilo que aprenderam na sua família de origem, de suas mães e irmãs. Vivem para cuidar de sua família, como donas de casa, realizando as atividades domésticas necessárias através das quais satisfazem as necessidades fisiológicas, psicológicas e sociais de cada um deles. Realizam tarefas de alimentação da família, higiene da cozinha e da casa, ou tratam das roupas e cuidados especiais que as crianças pequenas requerem. Outras agregam a estas atividades trabalhos parciais de empregadas domésticas, quando têm alguém da família que cuide das crianças (habitualmente a mãe ou irmã). As que mantêm o sistema de vida agrícola, agregam às

tarefas de dona de casa e mãe atividades que contribuem para a manutenção e sustento da família, como cuidar da horta, dos animais de quintal e até trabalhos de lavoura mesmo.

Entretanto, através desta experiência de vida, algumas pouco a pouco descobrem que estão se submetendo ao domínio das vontades do marido, sentem-se amarradas, presas e dominadas. Elas reclamam que depois de um tempo gostoso de convivência igual entre ambos, a relação mudou.

Por uma parte elas têm na sua memória o modelo da própria mãe, de mulher submissa ao homem. Por outra parte elas têm a expectativa de poder construir uma relação de casal diferente daquela conhecida. Porém, durante o desenvolvimento da experiência de vida de sua nova família, será lançada do mundo familiar e conhecido de ser e existir como “filha de”, para o mundo novo, estranho e desconhecido de ser a “esposa de...”. As aspirações de ser respeitada e valorizada por si mesma formam uma experiência que não conheceu no seu mundo de origem e que terá que ser construída pouco a pouco, passando da expectativa de ser valorizada pelo marido, até dar-se conta de que é ela mesma quem deve autovalorizar-se. Entretanto, como a identidade pessoal se construiu na identidade coletiva do grupo familiar de origem, é o que ela conhece, e sua identidade de mulher adulta se irá configurando dentro da identidade de sua própria família: como esposa e mãe.

*"Por isto, casei cedo, para ter minha vida independente... Mas não consegui ter minha independência não. Aquele medo aquela insegurança... a do marido... por exemplo, meu marido no início, ele era muito possessivo - tem que ser e tem que ser! - Aí depois eu fui aprendendo a conviver, eu me disse: - não tem que ser assim, não, porque me casei ele é meu dono - Aí eu fui sendo independente de novo e comecei a trabalhar". (Z)*

*"Casada fui amarrada, responsável pela casa, pelos filhos... Porém saí de Imaruí e fomos para Tubarão. Nos primeiros anos ele era ótimo companheiro, a gente aproveitou bastante... depois é que ele mudou...". (F)*



"Casei e ficamos morando na Colônia, trabalhando na roça. Neste sentido mudou pouca coisa. Daí, passei dois anos sem ter filhos, de aí nasceu esse rapaz que tem 27 anos, e? Daí passei quatro anos sem ter filhos, e aos quatro anos tive a menina, né? Daí apareceu comprimidos e a gente começou a tomar... Daí, o médico falou que não ia engravidar mais, porém quando a menina tinha onze anos engravidei de meu menino, daí ele é meu xodó... ele está com doze anos, ele me ajuda, e ele é meu xodó... os outros dois são casados, e ele é meu xodó...". (I)

"Logo, conheci o meu marido, eu tinha 18 anos, ele teria uns 24, 25. Era cobrador de ônibus, e namorava no ônibus. Namoramos três anos. Saí numa boa ao casar-me. Saí um ano e dois meses em casa alugada, e logo compramos um sítio, fizemos nossa casinha de madeira, e logo conseguimos construir uma de material. Agora moramos em casa própria em Palhoça. Meu marido tem 56 anos, trabalha como pedreiro independente e eu trabalho em casa. Ele tem já uma empresa de serviços com meu filho, graças a Deus não falta o trabalho. A vida com meu marido, foi assim: ele me liberou totalmente, e confiou totalmente em mim. Eu sozinha fui liberada por ele, eu agradeço a ele. Muita mulher casa e fica presa ao casar, eu não." (C)

"Quando fiz cesárea de meu último filho, aos dois dias já estava fazendo o serviço de casa porque não tinha condição de pagar uma empregada. Por isso hoje estou com problemas no útero e bexiga caída, e na coluna. Lavava, faxinava, passava tudo... tudo da casa e para os filhos. A gente faz o que pode, eu fazia até mais do que podia... tem que lutar, né?...para vencer na vida. (N)

"Casamos e saímos para outro município. Aos três anos tive minha primeira filha, aí, dali três anos tive a outra. Aí dei uma parada. Nunca precisei de ninguém para cuidar de meus filhos. Eu trabalhava de empregada por horas, cuidava de meus filhos e da casa. Depois tive os outros três, um deles faleceu por infecção pulmonar. Minha vida tem sido dura: sempre trabalhando para conseguir o que queria e meu esposo nem sempre esteve de meu lado.." (Z)

*“Eu fiquei presa, casei e fiquei presa, agora de meu marido: de seus ciúmes, de sua desconfiança, de sua cobrança o tempo todo... que a faxina está má feita, que a comida não é boa, que a roupa está mal passada, que se gasta muito dinheiro... Não deu.” (M de L)*

*“Só mudei de dono... troquei uma coisa pela outra... meu primeiro marido judiava muito, bebia muito e judiava...” (I)*

**• Significado das frustrações e crise no casamento:**

Na medida que se desenvolve a vida de casada, vão-se acumulando as frustrações a respeito das expectativas que tinham como esposas e mães. Entretanto, o esposo mantém o papel de provedor, pode-se aguentar os desencontros e desavenças na relação, mas isto também até certo limite. Algumas delas não aceitam ser presas, amarradas, dominadas, mas pelos filhos têm que agüentar essas formas de dominação do marido, e convivem com o próprio mal-estar.

As mulheres, nesta situação, durante alguns anos desfrutam da vida em comum, mas depois de um tempo a ilusão se desvanece quando a vida vai-se tornando mais opaca e mais difícil de levar pelo aparecimento inevitável de situações dolorosas como perdas ou doenças de filhos, ou a falta de rendimento do trabalho para sustentar a família e pagar as dívidas. Todos estes problemas são enfrentados e vão sendo superados quando a relação com o esposo é de companheiros e parceiros que se amam e respeitam.

*“Minha vida de casada...mudou pouca coisa: continuamos trabalhando na roça sempre, até agora. Tínhamos que ir de um lugar a outro trabalhando, porque nós éramos muito pobres, tínhamos que alugar. Só que ele é muito bom, nunca revoltado. Ele não tem vício, sempre foi um homem responsável, trabalhador. Nunca foi revoltado comigo, nunca.*

*Minha vida tem sido muito sofrida, muito pobre e só consegui conservar minha filha, outros dois morreram. Sou casada 20 anos e agora trabalhamos só para pagar o terreno, aquilo ali... Sem comprar roupa, sem comprar nada para dentro de casa. Só para pagar, ainda faltam três anos para nós sermos donos de nós. Pagamos com fumo: não sobra nada.” (N)*

Entretanto, existem outras situações críticas ante as quais as forças parecem extinguir-se porque vão fraturando o projeto de família e vão tornando insuportável o convívio diário e a manutenção das condições mínimas de harmonia e bem-estar no relacionamento diário com o esposo. Trata-se do mau trato verbal e físico constante, ingestão excessiva de álcool e da resistência a trabalhar. A maioria das vezes estas três situações apresentam-se juntas, porque uma leva à outra. Quando o marido começa a beber em excesso, torna-se agressivo e violento com a esposa e com os filhos, gasta o dinheiro da família em álcool e perde o trabalho.

Neste momento, a vida apresenta-se na sua face negra, perigosa, indesejável, e a mulher torna-se estranha frente a si mesma, porque tem que trocar seu papel de amante - esposa-fiel-aguentadora - submissa ao marido, pelo papel de guerreira, pois deve procurar forças e criar mecanismos de enfrentamento para esta situação. Sente-se ameaçada na sua integridade pessoal e familiar, porque a sobrevivência do grupo depende da participação de todos e especialmente do marido.

*“...casei com mineiro, e morávamos em São Paulo. Começou a beber, a espancar-me e tratar mal aos filhos..., ele não queria trabalhar, (nas férias). Eu aguentei um tempo, aí eu não suportei! Eu trabalhava muito para sustentar meus três filhos! Ele era muito ruim para as crianças, batia muito nelas. Aí não deu mais e esperei que as crianças crescessem e me separei, já faz 12 anos”. (M de L)*

*“Tudo foi muito bem no casamento, tínhamos trabalho, Deus me abençoou com meus três filhos... éramos felizes, até que tive um momento muito crítico na minha vida: foi quando meu marido começou a beber. Não sei porque, meu marido começou a beber com amigos, e voltava totalmente bêbado. Botava o dinheiro fora, brigava dentro de casa. Se gastava todo o dinheiro...bebia, bebia, bebia... Aí eu fiquei grávida e pensei: Deus! me abençoa com um filho homem!...porque pensei que ele ia mudar...Veio o filho, mas não mudou não. Aí ganhei minha filha caçula e disse: Chega! vou cuidar da minha vida... se virar e descansar um pouco minha vida e abandonei ele”. (Z)*

*"18 anos casada com meu marido e não deu mais para viver... ele bebia muito ultimamente... quebrava tudo, surrava e dava de porrada nas crianças, me batia, ich!!! Já não se podia viver assim, não... quebrava tudo o que a gente tinha... não deu mais e separei."(I)*

Estes momentos têm sido identificados e nomeados como momentos de crise, na perspectiva das teorias do desenvolvimento (Erickson, 1984). São momentos temporários inerentes a vida humana, de intenso desequilíbrio e mal-estar, provocados em relação a ocorrência de eventos ameaçadores externos ou internos, que punham em risco a familiaridade e segurança interna, tornando a vida um caos. Entretanto, foi Heidegger (1974) quem concebeu a vida humana como *Dasein* (ser-aí) para significar que os obstáculos formam parte da existência, onde a angústia é caminho da experiência do limite, (*angst* em alemão significa estreito, que afoga...) e nessa consciência de limite a pessoa é levada para a consciência nova de sua circunstância de vida e pode recriá-la. Neste sentido, as crises são oportunidades para realizar mudanças qualitativas na vida; no entanto, quando se está vivenciando a crise, é difícil ter a consciência e distanciamento necessários que se precisa para considerá-la uma oportunidade de desenvolvimento. No momento da crise, só se vivencia o caos que traz junto sensações desagradáveis de angústia, desespero, tristeza e frustração.

*"Ach!! Vige!! Minha vida tem sido muito sofrida... desde menina, porque meu pai era muito pobre, né? Me criou pobre, né? De casada também pobre, né? Daí ele começou a beber. Ich!! Foi muito sofrido, muito sofrido... Deus me livre!!! A pobreza, o fracasso com meu marido, apanhar, sofrer... não dava mais, não." (I)*

*"Nos momentos em que tudo parece não dar certo... a gente tem que achar forças para mudar... eu não dormia pensando o que ia fazer... pensando nos meus filhos, como ia sustentá-los. Eles estavam muito pequenos... Ah! Foi um momento muito ruim mesmo." (Z)*

O processo de experiência e enfrentamento da crise em relação ao seu relacionamento com o esposo que bebe em excesso é um processo que toma longo tempo, e é experimentado como uma etapa que marca e define uma mudança importante como

mulher. O enfrentamento desta crise vai desde a tomada de consciência da destrutividade a que elas e os filhos estão submetidos; até a convicção de que elas podem trabalhar e sustentar a sua família; nesse momento põem limites à sua capacidade de tolerar o sofrimento. Tomam a decisão de abandonar o marido, primeiro de forma temporária para dar-lhe uma nova oportunidade de recuperação, ou se separam definitivamente quando não há mudanças.

O caminho para obter força, para construir sua vida independente do marido, é o do trabalho remunerado, e o critério para tomar a decisão de separar-se é a idade dos filhos. Para a maioria delas, o trabalho é o caminho de sua independência e autonomia para reconstruírem sua vida segundo a maneira que querem, e é neste momento que a maioria das mulheres sente-se livre e feliz. Com a experiência do trabalho remunerado, elas verificam a sua competência. Trabalho e coragem marcam a transição para a liberdade de criar uma outra forma de vida com seus filhos. Este processo é percebido como uma luta, mas é um desafio cujos frutos serão muito preciosos para o seu desenvolvimento como mulher e como pessoa, porque marca o caminho de sua independência.

*"Daí separei, fiquei com minhas três crianças, morava na Colônia, ainda, e trabalhava na roça. Depois quando minha menina casou, meu menino que tinha 18 anos, diz: mãe! vamos viver e trabalhar na cidade, diz, vamos ter uma vida melhor! Daí fomos a Capinzal, meu menino foi trabalhar numa empresa. Daí, eu trabalhei de doméstica e fiquei na cidade, botei meu caçula numa creche. Depois fomos para Caçador, porque ali tinha bastante serviço. Em dois meses peguei serviço. Nossa vida mudou, Graças a Deus". (I)*

*"Quando meus filhos estavam maiores, separei. Aí voltei para a Colônia Sant'Ana com minha mãe, ela precisava de mim. Era eu que ganhava e sustentava as crianças. Em 1990, tomei minha decisão e vim para Santo Amaro. Fui numa boa, trouxe meus filhos para cá, e formei todos eles." (M de L)*

Separando-se e demonstrando ao marido que são independentes, demonstram a si mesmas que são capazes de ser autônomas na vida e podem transcender desde o lugar aprendido e reforçado da submissão, até o lugar em que obtêm a autonomia. Aprendem a

degustar o respeito a si mesmas, e a autoconfiança, e com isto inauguram uma nova etapa nas suas vidas. Este processo de transformação dá frutos: desde a recuperação do marido até a possibilidade de trocar de cidade e comprar casa própria. A este sucesso reconhecem como o mais importante de suas vidas, este potencial criador que leva a perceber as experiências de dificuldades e crise como oportunidades que abrem a possibilidade de mudança e transformação pessoal.

*“Quando abandonei meu marido, peguei minha menina caçula e me mandei para Itajaí, sempre trabalhei muito e era muito boa, no meu trabalho. Aí ele deixou de beber, porque sem mim, ele não ia ser capaz de sobreviver. Chegou a conclusão que sua vida era de meu lado. Aí eu fiz com que ele se humilhasse bastante, ali em baixo... aí depois eu levantei ele de volta. Tive meu marido de volta Graças a Deus! Agora ele não bebe mais, não fuma, só vai do serviço para casa. Não saí, se não vou junto. Com a neta está muito feliz, está transparente... As vezes até esquece de si próprio, não se importa... quer mais atender aquela neta...” (Z)*

*“Depois da separação, não tinha nada, porém como sempre lutei muito para ter minhas coisas, ne? Então eu consegui! Graças a Deus, isso aí. Não posso dizer. Sempre lutei muito, e passei por muitas dificuldades, mas sempre consegui... conseguia. Isso é o que falo para meus filhos. Tem que lutar! Agora tenho minha casa, com todo conforto, minha casa então, estou fazendo aos poucos. A minha irmã me fala: como é que você consegue com essa pensão... como é que você faz? Como é que você consegue ter tudo... COMO? Eu não gasto nada supérfluo, eu guardo dinheiro, só compro o necessário.” (M de L)*

Staudé (1995), na sua revisão acerca das teorias do desenvolvimento adulto, assinala que Levingston, estudando pessoas adultas em crise, encontrou que a via para tornar a crise uma oportunidade de crescimento, é transformando os problemas e dificuldades em *desafios*; segundo ele, a pessoa adulta gosta de enfrentar desafios porque estimulam sua força de viver e sua criatividade. Desta maneira, após ter superado uma grande dificuldade, a pessoa muda porque gerou novas forças de desenvolvimento.

Entretanto, nem todas as mulheres conseguem vencer as dificuldades da vida positivamente. Algumas delas estão submersas no presente na situação de crise, apresentando-se muito sofridas, ansiosas, frustradas, deprimidas, e sobretudo, dependentes e submissas, sob a dominação do marido. Numa situação trata-se de um esposo que bebe em excesso, a maltrata e até ameaça de morte, mantendo-a em condições de extrema violência. Outra mulher sofre porque o marido a maltrata por ciúmes. Elas sentem-se sem forças para enfrentá-los e não conseguem superar o medo das conseqüências que poderia advir caso elas se separassem.

Nestas situações, tem-se percebido ora uma intensa ambivalência, ora um conformismo com respeito a estas situações. Por uma parte, sentem medo por estar sendo violentadas dia a dia e sentem desejos de sair dessa situação mediante o afastamento da exposição à violência; mas, por outra parte, sentem sentimentos de compaixão pelo marido alcoólatra ou conformismo a respeito da conduta de ciúmes. Isto aparece vinculado aos anos de vida compartilhados, à lealdade e solidariedade, mas também à dependência econômica e afetiva. Elas parecem precisar sentir que o marido alcoólatra as necessita para não morrer, e acreditam que, se o abandonarem, o esposo beberá até matar-se. Porém, nesta situação, existe um fato que pode ser interpretado a partir da relação de super valorização do marido ou, então, desvalorização de si mesmas: acontece que o medo de serem assassinadas é menor que o medo de que ele morra bebendo, caso o abandonem e ele fique sozinho.

Esta contradição aparece freqüentemente em momentos da vida destas mulheres, e reflete até que ponto pode ser levado um padrão de gênero com respeito à lealdade matrimonial, aprendido provavelmente desde pequena, no ambiente sociocultural familiar. A crença indica que a mulher deve demonstrar que pode suportar toda adversidade (como alcoolismo, maus tratos, violência, infidelidade, ciúmes) e manter-se como fiel companheira do marido em toda circunstância. Isto sustentado pelas crenças religiosas que estimulam o modelo de mulher sofrida, que apanha, é maltratada, mas que se mantém firme frente a adversidade e fiel aos princípios. Este tipo de situação é que justifica ainda a luta coletiva das mulheres para denunciar publicamente estas situações e elevar a consciência social sobre suas ocorrências.

Esta firmeza de caráter é justamente o que estas mulheres procuram cultivar: aguentar sempre as adversidades e lutar pelos filhos, os netos, a família. Porque na medida que mantêm esta conduta de "mulher-sofredora-lutadora-firme", sente-se bem consigo mesma por estar fazendo exatamente o que aprendeu desde menina através da relação com sua mãe. Por outra parte, recebe como prêmio social o reconhecimento especial de sua valentia e fidelidade, através da compaixão dos filhos, vizinhos, patroas. "Coitada da mãe" é uma expressão que elas usaram para referir-se às suas próprias mães, ou quando falavam de suas filhas. Assim, elas ficam prisioneiras destas situações críticas e não conseguem tomar uma decisão para acabar com elas. Desta maneira, estão mais dispostas a dar sua vida por ele... ou de outra forma, a vida dele vale mais que a sua própria vida.

*"No começo o casamento ia muito bem, curtíamos bastante, fui tendo meus filhos, e criando-os... tudo muito bem, seis filhos... até que ele começou a beber, faz já uns sete anos que bebe, bebe, bebe. Bate em mim, me trata de vagabunda, me ameaça de morte, que vai me matar... Eu quero separar dele, não adianta sofrer mais. Todos os meus filhos estão casados, só tenho a caçula que estuda e ela merece uma vida melhor. Eu desejo abandoná-lo mas no fundo, tenho pena dele, eu acho que se saio de casa vai beber mais ainda até se matar. Temos 30 anos juntos, criamos os filhos e agora que a gente poderia curtir os netos e uma vida já mais tranqüila, ele está pior cada dia. Me dá pena porque sem a bebida ele é o melhor marido do mundo, está em casa, lava a roupa, é silencioso, respeitoso, mas se põe a beber, parece outra pessoa, volta a incomodar... por isto me dá pena deixar ele cair na bebida... Todos me dizem que abandone ele, as vizinhas, meus filhos... até tenho trabalho... minha filha não merece ser tratada assim, mas me dá medo de que me mate e pena de que ele se mate na bebida..." (F)*



*“Bom, meu marido atual é meu segundo marido, ele não é muito companheiro não! ele é muito trabalhador, mas é muito ciumento... eu sou uma mulher muito sofrida na minha vida, Ich!!! Eu já sofri muito na minha vida. Diz que ciúme é uma doença, daí a gente não está bem assim, a gente se incomoda e não é uma vida muito boa... né? Me maltrata e me chama de vagabunda... e não quero incomodar muito agora... então não dou muita bola, deixo ele brigando... Eu tenho meus filhos, ne? Por isto deixo ele brigar sozinho, eu tenho meus filhos, sabe?” (I)*

#### **4.2.3.2 A experiência de ser mãe e avó:**

Ser mãe é uma experiência “natural” para elas, o eixo de sua existência, mas não seguiram o exemplo de suas próprias mães, de extensas famílias de origem, e controlaram sua fertilidade. Este grupo tem entre um e seis filhos, sendo a média de três.

Os filhos representam parte importante de suas vidas. Eles definem as metas de vida destas mulheres. É pelos filhos que elas lutam e trabalham duro para obter um melhor nível de vida, é pelos filhos que elas têm forças para enfrentar dificuldades e superar as crises, é pelos filhos que elas colocam um limite quando estão expostas a situações de maltrato e violência dos maridos; é pelos filhos que elas enfrentam tudo. A guerreira que vai e sai à luta é a mãe essencialmente.

Contudo, a gravidez parece ter diferentes significados para estas mulheres, alguns mais conscientes e outros mais inconscientes, e que podem ser identificados através de suas falas. Para as que não conseguiram ter os filhos por doenças, eles representam o melhor e mais precioso da vida; outras vezes engravidaram para modificar condutas do marido, por exemplo quando ele bebia.

*“Só sobreviveu minha filha que tem 23 anos, os outros dois morreram. Eu tenho endometriose, tenho sido muito doente. Agora ela está casada e tenho uma neta de 2 anos. Elas são a luz da nossa vida...”(N)*

*"Quando ele estava bebendo tanto... Ah! eu pedia tanto para Deus um filho homem para ele, pensava que ia mudar. Tive um filho homem! Deus me deu um filho Homem! mas continuo a mesma coisa, cada dia bebendo mais, e mais e ma*

Elas sentem-se orgulhosas porque parte importante de sua luta foi para que seus filhos conseguissem estudar num nível maior do que aquele alcançado por elas, e até nível superior. Outras conseguiram fazer tratamentos e recuperar filhos doentes, e outras sentem-se orgulhosas porque os filhos trabalham junto ao pai, conseguindo formar uma empresa. A maioria dos filhos estão casados, trabalham e estudam.

*"Tenho meus quatro filhos vivos, graças a Deus! (4 filhos: h 24; m 23; h 21; h 13)<sup>12</sup>. O filho de 21 anos vai casar-se agora, sua noiva está grávida. Meu filho mais velho é doente, teve paralisia infantil e ficou com defeito, mais trabalha no Hotel Valerim. Ele comprou um carro, quer dizer está pagando em prestações. Ai, meu filho de 21 anos dirige para ele e leva ele ao trabalho todos os dias, me traz ao hospital, leva o caçula para a escola e a sua irmã ao trabalho. Assim nos organizamos todos os dias. Meu filho trabalha com o pai, são pedreiros, e têm uma empresa de contratação de serviços. É muito bom assim."*  
(C)

---

<sup>12</sup> Forma adotada pela pesquisadora para identificar o número, o sexo e a idade dos filhos da entrevistada. Com relação ao sexo, utilizou-se a abreviação h = homem e m = mulher. O número que segue a abreviação do sexo corresponde a idade em anos.

*"Meus filhos moram comigo (3 filhos vivos, um falecido aos 4 meses: m 28; m 25 casada, uma neta; h 20), menos minha filha casada. Ela casou com um tenente da policia militar que foi transferido para Blumenau. Ela segue estudando, faz faculdade de letras e o marido é tenente, faz faculdade também. Eles vivem muito bem, graças a Deus. Tenho uma filha com 28 anos, que está fazendo direito (quinta fase), ela é uma pessoa maravilhosa, ela faz estágio agora. O menino gostou do exército, e está fazendo curso ali. A caçula, já está fazendo a sétima série. Me sinto maravilhosa! Mais mulher que... eu sempre fui uma mãe muito coruja...sabe? Me sinto realizada, porque eu penso assim: se meus filhos estão onde estão é porque eu lutei, LUTEI! Lutei e fui para frente. Quando meu marido bebia, eu lutava, sempre para frente!" (Z)*

*"Meus filhos são grudados a mim, (3 filhos: m 28 h 25 m 18; 3 netos). Estão sempre em casa aos fins de semana, nunca fico sozinha, minha casa está sempre cheia. Era eu que ganhava e sustentava as crianças. Sempre lutei muito para ter minhas coisas, né? Então eu consegui... graças a Deus! Isso ai não posso dizer... sempre lutei muito, e passei por muitas dificuldades, mas sempre consegui... conseguia. Isso é o que falo para eles, tem que lutar. Quando me separei, foi numa boa, trouxe meus filhos para cá, e formei todos eles: a mais nova vai prestar vestibular, a mais velha está por terminar Enfermagem na Universidade, ela casou em São Paulo. O marido não queria que ela estudasse, aí veio a viver comigo, está separada, eu lhe criei os filhos. Mora numa casinha, no mesmo terreno da nossa casa. Meu filho é eletricista..." (M de L)*

Neste momento de suas vidas, todas têm filhos casados e a maioria tem netos e netas. Para algumas os netos significam a prolongação dos filhos, moram perto deles, os cuidam e sustentam. Outras os percebem como dádivas preciosas a curtir:

*"Eu quero assim ver meu neto crescer, acompanhar o desenvolvimento dele e curtir-lo."*  
(Z)

*"Eu cuido da netinha, o marido cuida, ajuda a cuidar. Adoramos esta menina. Dividimos quem fica com a menina. Quando eu tenho tempo cuido dela e quando meu marido tem tempo, cuida. A neta é muito experta, Tainhara... elas são a luz da nossa vida. Moram numa casinha no mesmo terreno nosso, estrada em meio. Assim em frente. Ela é minha única filha, os outros dois morreram. Ela sempre foi muito fraca de saúde como eu... por isto elas são tão importantes para nós dois." (N)*

#### **4.2.3.3 Auto-percepção:**

##### **• Percepção da auto-imagem e auto-estima corporal.**

A consciência do corpo aparece só quando estão doentes. As doenças mais frequentes estão relacionadas aos problemas obstétricos ou ginecológicos como endometriose, útero e bexiga caídos, miomas, câncer de mama. Muitas delas já passaram por operações como histerectomias. Porém, neste momento aparecem problemas da meia idade, do climatério e da menopausa<sup>13</sup>. Reconhecem mudanças da força e vitalidade para fazer as coisas, aparecem dores nos ossos, na coluna, nos quartos, urina solta, falta de tesão ou dor nas relações sexuais e hemorragias.

Estas moléstias são percebidas como transitórias, e não acreditam ser sérias, apresentando uma atitude bastante calma com respeito a isto. Entretanto, duas mulheres que têm apresentado doenças sérias e mais crônicas as percebem limitantes e apresentam temores a respeito do futuro:

---

<sup>13</sup> Enquanto menopausa usa-se para referir ao término da menstruação, Climatério é o período em torno da menopausa e abrange as mudanças psicobiológicas em sua integridade.

*“Venho a consultar, porque em dezembro do ano passado, faz quase um ano já, deu uma hemorragia muito grande. Aí fiquei seis dias no hospital, e o médico sugeriu esta doutora da Carmela Dutra, tão boa. Fiz exames, e hoje estou trazendo os resultados para ela. Perdi 28% da massa óssea da coluna, e isto me molesta um pouco, porque não posso movimentar-me como gosto e não posso trabalhar. Tem dias que não consigo ficar sentada, nem ficar em pé, nem caminhar, tenho a coluna lombar doente, me incomoda. A menstruação às vezes vem duas e três vezes no mês, outras vezes não vem, mas isto não importa nada. Me sinto bem, não tenho nada, estou ótima: minha casa está paga, meu telefone está pago, graças a Deus não tenho preocupações e para comer, meu marido está trabalhando.” (Z)*

*“O corpo meu não acompanha mais. Mudei totalmente. Eu era bem magrinha, pesava 47-48 kg. Mas, comecei a ganhar peso... tenho 86 kg., agora.. tem dias que não ando, tem dias que não posso sair da cama, minha filha tem que ajudar-me, parece que estouram meus ossos, dor na coluna, na cabeça. Não consigo dar conta de tudo, assim estou obrigada a largar... Eu fazia trabalho de homem, não sou de esperar ajuda dos outros. Agora não estou mais em condições... por isto dependo. Eu tinha minha horta no quintal com temperinhos, verduras frescas, até para vender. Coisa mais linda! Você não imagina como eu tinha minha cebolinha, minha hortelã; agora só olho para o quintal (chora) adoro fazer essas coisas e agora não posso mais. Agora minha vida depende de vir a ver ao médico, quase todos os dias...” (C)*

*“Quando fiz cesárea de meu último filho, aos dois dias já estava trabalhando e fazendo o serviço de casa porque eu não tinha condições de pagar uma empregada... Por isso hoje tenho problemas no útero e bexiga caída e dores na coluna. Lavava, faxinava, passava roupa, tudo o que é o trabalho de casa. A gente faz o que pode, eu fazia até mais do que podia... tem que lutar né? Não aprendi outra coisa, mas agora não sou mais assim (chora). Me sinto fraca, porque minha menstruação... passam três, quatro meses e não tenho sangrento, não está vindo nada mais normal. As vezes, vem três vezes no mês, aí sinto fraqueza que não aguento em pé. Não tenho força para levantar os braços. Mas a doutora me colocou em tratamento hormonal, e ela diz que tudo isto mudará.” (L)*

*“Eu sempre fui fraca e doentinha, muito magrinha, tive endometriose e tenho sofrido muito por isto. Consegui engravidar três vezes e só sobreviveu minha filha que agora tem 23 anos e nos deu uma neta. Tenho sofrido muito de dor até que o Dr. descobriu que era endometriose. Fiz cirurgia e tirei meu útero, mas como continua a dor, agora quero que me tire os ovários. Os dois para não ter que abrir-me de novo. Eu estou em terapia hormonal faz dois anos já... mas a dor continua. Tenho vivido minha vida com uma dor insuportável... a dor tira o prazer da gente, parece que a energia se foi embora...” (N)*

*“Tinha muito serviço na fabrica onde trabalhava, e me deu câncer no peito e tive que fazer cirurgia. Já fui operada três vezes (mostra seu peito operado, sem mama...). Quando deu câncer, Deus! Eu pensei que ia morrer, o pessoal dizia que não ia a durar muito tempo... sabe, né? Mas graças a Deus, estou aqui, né? E tenho lutado com todas as minhas forças. Agora é só cuidar do meu braço... e sou pelo demais feliz...” (I)*

*“Me sinto bem, só que tenho que tirar o DIU porque me incomoda muito, me dá dor nas costas, hemorragias, tudo isso. Já tirei radiografias e deu que era DIU mesmo e tenho que tirá-lo. Tenho também um mioma no útero, mas assim não tenho que operar, e tirar, a médica diz que só se dá hemorragia... senão, não é para deixar tirar meu útero... agora têm saídas para o homem, ele pode usar camisinhas. Eu menstruo regular, a médica diz que estou bem e eu me sinto muito saudável...”*  
(F)

Entretanto, algumas reconhecem que a sua sexualidade com o parceiro é muito gratificante e as mantêm ativa. Por isto algumas consultam ante as mudanças no seu desejo sexual:

*“Eu acho que o sexo entre nós é bem significativo. Há pessoas que pensam que chegada certa idade o sexo muda... não é bem assim. Eu não sei, espiritualmente não me sinto velha, as vezes me olho no espelho, a pele esta ficando velha, mas eu me sinto que ainda tenho muito que aproveitar. Meu marido também, é um homem bem conservado, apesar de tudo. Não dá para ver. É alto, claro, bem conservado mesmo! Eu acho também, arrumar-me da melhor maneira, tá velha mas não morta! É bem gostoso fazer sexo com ele, eu me sinto muito bem, enquanto mais perto melhor, me sinto mais segura. Ele e muito carinhoso, amoroso, não posso queixar-me de nada porque ele já se preocupa, é muito gratificante.”* (Z)

*“Aliás, agora gosto mais de fazer sexo com meu marido, que quando era nova. Só que me molesta e dói a bexiga, tenho dor um pouco. As vezes eu me faço xixi, e dói. Tenho urina solta... um negócio assim ruim. Antes não tinha, é um negócio dagora.”* (C)

*“Agora que venho a médico, quero consultar porque estou demorando muito para ter tesão e gozo. Estou demorando demais. Será a idade? Antes terminava logo, agora não. Ele quer de todo jeito, todos os dias. Isso aí não posso, apesar de que ele é mais novo que eu 6 anos... Ele quer todos os dias... e eu sem tesão... é um pouco difícil. Meu marido é muito amoroso, muito companheiro mesmo... estou muito feliz por ter ele de meu lado.”* (M de L)

• *Auto-imagem e auto-estima com respeito as suas qualidades como pessoa e como mulher, perante sua história de experiência de vida.*

Algumas mulheres descrevem uma evolução na sua autopercepção, desde a experiência de ser submissa e subordinada ao marido e a sua condição de vida, até haver conseguido lutar e superar essa condição de submissão enfrentando e superando as dificuldades da vida, sobretudo através do trabalho remunerado. O mais essencial para estas mulheres é ter podido demonstrar ante si mesma que ela teve o poder de sustentar-se, independente do marido, de haver podido criar e educar aos filhos para que sejam independentes e em níveis superiores de educação dos alcançados por elas; ter conseguido casa própria e até de haver conseguido recuperar ao marido e tirá-lo do alcoolismo. Perante estas experiências, elas têm uma percepção de si mesmas como de mulher lutadora, trabalhadora, vencedora dos desafios da vida, de até heroína.

A maioria sente-se fortalecida pela vida, e como pilar fundamental da família, para conseguir fazer dela um grupo que se ajuda, que trabalha colaborativamente para que todos possam obter suas metas; organizando o dinheiro familiar, comunicando-se com os filhos, ajudando na criação dos netos, e partilhando a vida.

Neste momento de meia idade, elas olham para trás e reconhecem que suas conquistas são consequência da força resultante das lutas e enfrentamento das dificuldades que a vida lhes foi apresentando, e que conseguiram tornar em desafios. Isto as fez fortes.

*“...Eu organizo a família, e gosto de fazê-lo, eu sou responsável pelas contas da casa, de sempre... ele não sabe ler... eu aprendi sozinha aos poucos... e gosto de ter tudo claro... eu sou a mãe que sempre terão por perto, eles confiam em mim, e meu netos...” (M de L)*



*"... Eu me sinto muito bem e orgulhosa pela minha família. Muito bem assim, como mãe e esposa. Eu converso tudo com meus filhos, e com meu esposo. Tudo se conversa em família e tudo se compartilha, por isto temos conseguido ter o que precisamos e mais que isso. Minha vida é assim, planejar tudo em família. Pouco a pouco, se vai guardando dinheiro, e organizando, primeiro uma coisa depois a outra, assim consegui ter minha casa, compramos três terrenos, um carro e agora vamos poder construir a casa para meu filho, que ganhará nenê em oito meses. Chegaremos lá se nos organizamos, e colaboramos todos." (C)*

*"Quando chegamos da serra, não tínhamos nada, vínhamos com uma mão na frente e outra atrás. Eu disse: Vamos a tentar nossa vida lá fora. Faz oito anos disso. Aos poucos conseguimos nossa casa própria, graças a ajuda de uma patroa muito maravilhosa, um anjo na minha vida. Ela me deixou morar no hotel onde trabalhava, e podia guardar meu salário. Comprei o terreno, ela me deu a madeira para fazer a minha casa. Agora já fizemos de material..." (F)*

*"Me sinto maravilhosa, mais mulher que... e sempre fui uma mãe muito coruja... sabe? Me sinto realizada, porque eu penso assim: se meus filhos estão onde estão, é porque eu lutei. Lutei e fui para frente. Meu marido bebia, e eu lutava, sempre para frente. Agora eu vejo ele subindo cada dia e me sinto uma mulher vitoriosa, uma heroína. Muita gente me dizia: Meu Deus! Deixa teu marido, você merece algo melhor... eu dizia: não! Eu vou lutar até onde der, ele é pai dos meus filhos, ele ajudou a trazer estes filhos ao mundo e eu vou a lutar e tem que ajudar a criá-los até o fim. Eu tive uma educação muito rígida com respeito disso: marido é um e mulher é uma só. Consegui levar eles até onde estão, da maneira como fui criada, ne? Eu me sinto assim: ser mulher para mim foi muito importante, porque muitas vezes eu fui a mãe, fui o pai, fui a mulher fui o homem. Então eu acho que lutei bastante nesse sentido. Uma caminhada dura mas cheguei lá..." (F)*

#### 4.2.3.4 Os sonhos e aspirações

Pode-se pensar que, com as conseqüências dos desafios enfrentados, dos problemas solucionados e das adversidades superadas, estas mulheres estão num momento privilegiado para desejar e sonhar com coisas que deixaram para trás, precisamente por terem tido que lutar permanentemente contra as dificuldades. Elas expressam facilmente sonhos concretos a realizar agora:

*“Eu quero e assim ver meu neto crescer, acompanhar o desenvolvimento dele, e ver se posso fazer alguma coisa como já lhe falei, para não ficar parada. Eu quero começar já, quero ocupar-me em alguma coisa. Gosto de trabalhar de me movimentar, sentir-me útil. Não posso ficar uma pessoa inútil. Tenho muitas amigas que estão na menopausa e têm depressões. Não quero isso para mim. Elas são muito paradas, elas não andam eu não quero isso. Na medida do possível, eu quero andar, viajar, acompanhar a meus filhos, e ter alguma ocupação além disso. Não é suficiente ter minha casa e ficar vendo TV. Quero alguma coisa para minha vida, gosto de música, antiga... adoro, escutar essas músicas, eu volto ao passado, aquele passado que não tive, e agora consigo voltar para o passado com essas músicas. Esse passado romântico que não tive. Foi tão rápido meu namoro, em cinco meses eu namorei e casei, foi tão rápido assim que não deu para ter um romance. Aí quando pensei que podia entrar num romance com meu marido, ele entrou no alcoolismo. Agora... sim, agora sim, eu aproveito ao máximo de estar só com ele. É uma coisa tão boa, tão maravilhosa que estando com ele eu penso: Meu Deus! Será que é a mesma pessoa? Tenho um bom relacionamento com ele agora, não posso me queixar...” (Z)*

*“Agora quero estudar Enfermagem. Quero mudar, agente não pode ficar, sempre quis estudar Enfermagem. Formei todos os meus filhos, agora é minha vez. Agora tenho essa responsabiidade de ser representante comunitária no congresso comunitário de saúde. Ganhei no primeiro lugar. Eu converso muito, a gente me conhece, converso para conseguir as coisas: eu não sou política, mas sei fazer do jeito de conseguir tudo o que quero. Isso facilita para a comunidade, então por isso que aceitei. Também quero curtir a meu marido, ele é muito amoroso. (M de L)*

*“Me sinto muito bem, agora ao olhar para minha vida. Bem! Muito bem, não tenho filhos drogados. Na minha opinião, se você conversa bastante com os filhos, consegue tudo. Assim ele tem o carro, mas tem que buscar a seu irmão, sua irmã... nunca deixar a liberdade toda para eles, estar por perto, mas com limites. E conversar tudo, conversar e planejar em conjunto. Não bater, jamais. O problema de muitas mães, é a droga, não sabem onde eles andam. Choram, choram. Meu sonho, de vida... agora principalmente ter meu marido, se dar bem, ter minha família assim como ela é. Não posso queixar-me não.” (C)*

Entretanto, as mulheres que estão vivenciando experiências de vida difíceis, pelas condições financeiras ou por maus relacionamentos com os maridos, ou até crise graves por alcoolismo do marido, estão mais presas neste presente em conflito. Projetam-se ao futuro em forma mais ambivalente, e mais ambígua, mostrando às vezes, uma certa esperança.

*“Querida ter saúde, o principal paz e saúde. Não tenho sonhos. Dezoito anos que não tenho mais saúde. Um dia com uma coisa e outro dia com outra: tenho vivido com dor toda minha vida, uma dor insuportável, até que descobri que era endometrioses, demorou. Parece que a energia se foi. Por anos tenho tomado montes de remédios diferentes - a dor quita o prazer da gente - hoje em dia estou pronta para tudo... mas, assim, ainda sou feliz. A gente gosta de viver, né? A gente vê tanta coisa boa, a gente não tem a facilidade como os outros têm, né? A gente é pobre... não tenho tanta coisa que existe agora para facilitar o serviço da mulher... não tenho. Gostaria de ter uma casa bonita com coisas, como fornilho elétrico, eu não tenho; não tenho som, não tenho liquidificador,...isso. Acho que daqui a três anos, poderei comprar.”(N)*

*“Posso morar com minha filha. Gostaria de morar sozinha com minha filha e trabalhar. Tenho serviço, mas tenho pena dele. Ele já bebe assim comigo, imagina sozinho! Se vai largar só na bebida. Trinta anos juntos, criamos os filhos, batalhamos pelos filhos, e agora que não tem necessidade, eles estão ótimos, poderíamos viajar juntos. Me dá vontade de sair amanhã, e não voltar. Só de pensar em chegar a casa já me ponho nervosa. Me preparo a cabeça... para chegar a casa, porque não sei como está ele. Sou uma mulher mais bem dócil, preciso de apoio. A gente sente perder os sonhos, mas que vai fazer, tem que aceitar, né?” (F)*

### **4.3 Segundo momento de análise : da evolução da consciência de gênero (do Feminino e masculino) no processo de tornar-se mulher**

Esta segunda leitura da experiência de vida das mulheres entrevistadas centra-se na interpretação da evolução da consciência de gênero, quer dizer, dos princípios femininos e masculinos, à luz das categorias construídas a partir do marco teórico apresentado como referencial deste estudo: a teoria de desenvolvimento humano de Carl Gustav Jung e a

teoria da evolução da consciência de gênero da Connie Zweigg et al. Esta parte do estudo expõe mais diretamente a criação e subjetividade das percepções da pesquisadora.

Para identificar a evolução da consciência de gênero, nos baseamos nas categorias elaboradas que estabelecem alguns critérios para analisar como se desenvolve a mulher na sua individuação (ser-si mesma), na suas relações interpessoais (ser- com - outros) e na sua percepção de gênero (do feminino e masculino), considerando os três estágios de evolução de consciência matriarcal, patriarcal e do feminino emergente.(figura N...)

#### **4.3.1 O processo de individuação como “ser-si-mesma”**

“Ser-si-mesma”, na infância, na adolescência e na maturidade, vai evoluir desde uma maior fusão pessoal na sua família de origem, passando pelo desejo de independência na adolescência até uma expectativa de desenvolver autonomia através de seu próprio projeto de família, que se realiza por meio do casamento. Só quando enfrentam os obstáculos que a vida coloca ao prosseguimento desse projeto de vida familiar, é que estas mulheres vão a desenvolver um sentido de “ser-si-mesmas” mais autônomo e individual, porque saem fora do ambiente privado de seus lares para fazer um trabalho remunerado. Quando trabalham em troca de salário, elas sentem-se valorizadas ante si mesmas, e ante a vida, conquistando um senso de autonomia e independência material que inaugura uma nova etapa de consciência de gênero. Entretanto, as mulheres que começaram mais cedo a trabalhar remuneradamente (como babás ou ajudantes de cozinha) adquiriram uma identidade mais definida do que as que o fizeram como adultas.

No entanto, em outras situações, independente de ter trabalhado com sucesso ou não, algumas das mulheres refletiam submissão ao marido, a vida aparecia determinada pelos desejos do marido; tinham medo de aventurar-se com um trabalho e não manifestaram consciência de que este estado de dependência poderia mudar realmente. Elas ainda estavam presas na dependência material e afetiva do marido. Outras têm desenvolvido estilos de vida adaptativos que refletem caminhos intermédios.

Todas as mulheres entrevistadas têm uma experiência infantil profundamente ancorada na identidade grupal-tribal-camponesa de sua família de origem. Elas definem

esta experiência familiar na infância principalmente pela palavras “muito trabalho, vida muito dura, muito pobre, ter que lutar”. Entretanto, vários estudos têm sido feitos em relação a construção da identidade e relações de gênero, em famílias camponesas que vivem da agricultura. Por exemplo, Costa Cunha (1998) no seu estudo sobre relações de gênero na agricultura familiar, assinala que: “a agricultura familiar é fundamentada no trabalho familiar, no interior não há trabalhador assalariado, a não ser de forma ocasional. A família é o núcleo, tanto no âmbito da produção, como no do consumo, e as estratégias familiares procuram satisfazer as necessidades do grupo doméstico e as demandas da unidade de exploração”. Nestas famílias a identidade grupal define a individual.

Estas características podem ser aplicadas às famílias de origem das entrevistadas. Nelas, o fato de que a casa e roçado ocupavam o mesmo espaço, determinava que o trabalho fosse a atividade principal que estrutura toda a vida, sem separação entre tempo pessoal, livre e tempo de trabalho. De fato, todas elas tiveram que deixar de estudar para trabalhar nas atividades domésticas e agrícolas e, assim, ajudar a família na produção. As mulheres, além de fazer as atividades domésticas e cuidar das crianças, tinham que fazer a comida para os trabalhadores, e entre as atividades já assinaladas elas tinham que cuidar da limpeza e cuidados do quintal, cuidar dos animais domésticos e tirar leite das vacas. Entretanto, em momentos especiais, como os de colheita, elas faziam as mesmas atividades dos homens.

Neste contexto de família agrícola as meninas devem entregar sua contribuição ao grande grupo desde pequenas, seguindo o modelo das mulheres da família. Ela é valorizada pela quantidade e qualidade de trabalho que realiza, e não por outras qualidades mais individuais, como inteligência, rendimento na escola ou beleza<sup>14</sup>.

É por isto que sua identidade e sua individuação será profundamente influenciada pelas vivências infantis de pertencer a estas famílias que se definem por relações de trabalho produtivo, e menos pela afetividade ou interesse no desenvolvimento pessoal de seus membros. Este estágio de desenvolvimento de uma identidade submissa aos desejos dos outros, neste caso da mãe, do pai e da família, poderia corresponder segundo Zweigg

---

<sup>14</sup> Estas mulheres nasceram na década de 50. Nesse tempo a valorização do estudo nas mulheres era quase inexistente.

(1994) ao *estágio de consciência matriarcal*. Neste estágio vão formar parte da comunidade familiar num Eu não diferenciado, submetido e submerso ao Eu-tribal-familiar do grupo.

Em concordância com estas experiências infantis, algumas das mulheres entrevistadas desenvolveram sua identidade em torno de suas experiências de mãe e esposa. Suas vidas pareciam determinada pelos desejos, aspirações e realizações dos outros, seja marido ou filhos. Eram dependentes da família, tanto material como afetivamente, e de maneira inconsciente.

Entretanto, algumas das mulheres pouco a pouco desenvolvem seus caracteres mais singulares, quando se separam da família de origem para casar, se mobilizam a morar em outras cidades, e verbalizam as expectativas de desejar desenvolver seu próprio projeto de vida familiar. Com esta mudança inauguram um caminho desde o *estágio de consciência matriarcal* para o *estágio de consciência patriarcal*, porque procuram a sua independência material e afetiva da família de origem, para criar seu próprio território. Desejam criar um estilo de vida próprio com seus maridos e com a consciência de que o que estão deixando atrás é uma vida que foi muito dura, mas reconhecendo que também foi uma escola onde aprenderam a trabalhar, a lutar e vencer os obstáculos.

No entanto, esta expectativa na procura pela sua independência, não reflete um desejo de realizar metas pessoais como um “individualismo inflexível” independente de seu projeto familiar. Quer dizer, sua conquista de autonomia, no contexto de sua nova rede familiar, é sempre com outros, e cada passo será dado na continuação de fazer realidade esse projeto.

Neste estágio de *consciência patriarcal*, as diferenças no processo de individuação para homens e mulheres se fazem evidentes para estas mulheres, quando no processo de viver casadas, pouco a pouco vão se sentindo presas, submissas, dependentes e subordinadas aos maridos. Elas aprenderam a submeter-se e obedecer as regras paternas na sua família de origem, mas agora, como adultas, algumas não estão tão dispostas a cumprir essas regras e aceitar a opressão como forma de vida.

O contexto da mudança sempre está associado a situações de crise na relação marital, porque o marido começa a beber em excesso, as maltrata, gasta o dinheiro em

álcool e não se esforça por trabalhar. Ante isto, as mulheres apresentam conflito com esta vida de subordinação e submissão ao esposo e a partir deste mal estar, começam a pensar em formas de saída desta situação. Com esta consciência do mal estar, inauguram a passagem para o estágio de *consciência feminina emergente*, porque segundo Zweigg (1994) o processo de individuação neste estágio, manifesta-se primeiramente como conflito com a vida de subordinação ao domínio do masculino, a mulher começa a nascer para uma nova consciência de si mesma, que se manifesta em mudanças concretas na sua vida para procurar uma saída.

No estágio de *consciência feminina emergente*, elas reconhecem que sua vida está sendo sacrificada em vão, desejam mudar e tomam duas ações que inauguram a passagem para a mudança definitiva: separam-se do marido e procuram trabalho. Sem a pressão negativa do marido, elas podem tentar resgatar sua auto-estima num clima de paz e tranqüilidade, e com o trabalho remunerado podem tornar realidade seu novo projeto de vida que inclui sempre a seus filhos. Com o trabalho aprendem a valorizar-se em-si-mesmas, porque desenvolvem competências novas e, sobretudo, ao autosustentarem-se, podem tornar realidade seus projetos de moradia e de financiar estudos para os filhos. Entretanto, a separação serve de estímulo para que alguns esposos deixem de beber, e voltem a morar juntos; só que, de agora em diante, a relação muda para uma maior igualdade. Outras, depois de alguns anos, voltam a casar.

Porém, neste processo de conquista de independência e autonomia, elas não chegam a manifestar essa consciência de querer ser em primeiro lugar seres autônomos e indivíduos na concepção de Jung. Para ele, o processo de individuação é o da conquista consciente progressiva da integração das polaridades do inconsciente. É um processo intensamente individual e interno.

Estas mulheres, têm internalizado um padrão de identidade relacionada, vinculada, e não em oposição entre seu ser “consigo-mesma” e seu ser “com-os-outros”. Ou seja, elas sempre se percebem em relação às pessoas com quem têm sua vida estruturada. São mulheres em relação com os filhos, os netos e o parceiro. Neste sentido, poderia dizer-se que elas não superaram o estágio de evolução da consciência do feminino inconsciente do



estágio matriarcal, onde se permanece no abraço e dependência da Grande Mãe representado no grupo do pertencer familiar.

O ideal criado pelas teorias psicológicas européias (Jung) ou norteamericanas (Zweig) enfatiza o processo de individuação como uma viagem ao interior de si mesmo, solitário, representado pelo herói grego que sai à conquista de seu “Eu-Self-sozinho”, enfrentando seu inconsciente e tornando-se cada vez mais consciente e integrado com respeito às polaridades internas. Nesta idéia, a viagem terá mais probabilidades de sucesso se existe alguém, um deus, um anjo, um Virgílio, ou em linguagem atual, um psicanalista, que ajude, e se fosse assim, o processo de individualização ficaria restringido a uns poucos que têm as condições de consciência, desejo e condições financeiras para sustentar esses meios que permitem a exploração do inconsciente pessoal.

Percebendo as experiências de vida destas mulheres, o processo de individualização vai progredindo, mas é numa realidade ligada, de consciência de “si-em-relação” e sem nenhuma consciência do outro caminho possível. Assim, torna-se mais importante analisar este processo de desenvolvimento relacional.

#### **4.3.2 O processo de desenvolvimento em relações interpessoais: “Ser-com-outros”**

O processo de desenvolvimento pessoal ocorre numa rede de relações interpessoais que vão proporcionando a terra onde a pessoa cresce, desde a infância. Como já foi exposto, nestas mulheres o “ser-com-os-outros” é a matriz mais importante de suas vidas: elas cresceram em famílias estendidas, casaram para sair delas e criar a própria família que agora é o lugar onde transcorre sua vida.

De maneira geral, pode-se dizer que, assim como no processo de individualização, a família de origem estendida agrícola as marcará definitivamente com respeito as relações que estabelecerá na sua vida. Nestas grandes famílias havia mais oportunidades de estabelecer relações diferentes e flexíveis pela possibilidades de estar num espaço que mistura as relações domésticas às relações de trabalho produtivo. Desta forma, ainda quando elas foram educadas para ser obedientes e submissas ao pai e a mãe, era possível estabelecer relações de colaboração e parceria com eles quando trabalhavam juntos na roça,

no cuidado do quintal ou dos animais. Na esfera do doméstico, elas eram cuidadas pelas irmãs mais velhas, mas depois foram elas que cuidaram das crianças; tendo a oportunidade de experimentar um novo relacionamento. Esta situação de origem as privilegiou com diversas opções de relacionamentos e diversos tipos e dinâmicas de relação. Por exemplo: elas viram a dependência e submissão da mãe ao pai mas também a observaram trabalhando com eficiência, qualidade e delicadeza nas colheitas, ou realizando com segurança as atividades da cozinha, da roupa, da limpeza todos os dias.

Esta experiência de socialização pode estar relacionada ao fato de que as mulheres entrevistadas desenvolvem relacionamentos que entrelaçam dimensões do estágio de *consciência matriarcal*, do estágio de *consciência masculina patriarcal* e do estágio do *feminino emergente*. Pode-se identificar relacionamentos no estágio de *consciência matriarcal* quando precisam relações de fusão e dependência afetiva e material do marido, ou filhos, o que aconteceu numa mulher que passava por um momento crítico de alcoolismo do marido. Pode-se identificar relacionamentos no estágio de *consciência masculina*, quando estabelecem relações de interdependência para atingir metas como casar-se para ter independência da família de origem e formar sua própria família; ou quando separam do esposo para colocar limites a um relacionamento destrutivo, e possibilitar recomeçar outro projeto de vida com seu filhos, e ainda quando saem da casa para trabalhar para obter benefícios financeiros. O estágio do *feminino emergente* percebe-se mais sutilmente quando estas mulheres, conscientes de suas necessidades e opção pela família, procuram estabelecer relações de parceria, de colaboração mútua, de troca e reciprocidade com os filhos e parceiros.

Se analisarmos as maneiras em que algumas delas têm organizado sua vida familiar se compreende melhor esta matriz relacional e se percebem dimensões dos três estágios evolutivos de consciência integrados. Estas mulheres construíram, junto a seus esposos, um tipo de vida similar ao de suas famílias de origem: vivem em famílias estendidas que habitam em casas individuais num mesmo terreno, compartilham e trocam atividades de cuidado de crianças e anciãos; alguns trabalham juntos (pedreiros ou roça), compartilham os bens materiais, organizam a vida com a colaboração de todos para a satisfação das necessidades de cada um e do grupo. Os relacionamentos nestas famílias são

variados e flexíveis, porque ora se tem relações de trabalho (quando filho e pai trabalham juntos na roça ou como pedreiros); ora se tem relações de cuidado (os adultos e adolescentes se intercambiam para cuidar das crianças, anciãos e doentes), ou de colaboração para compartilhar os afazeres domésticos, como fazer a comida dominical, as compras, ou para organizar os traslados à cidade, etc. Inclusive, quando se apresentam problemas de doenças, acidentes ou gravidez inesperada, se enfrentam com a ajuda de todos. Ou seja, este sistema é solidário.

Existe um padrão geral de relações de interdependência entre estas famílias porque eles sobrevivem no grupo assim estruturado, se têm uma identidade construída como "nós" grupal. As entrevistadas são as "mães-avós" destas famílias e elas têm consciência de que este sistema de vida é o melhor para todos, e que são elas que formam o coração deste sistema que pode ser percebido como uma forma estratégica e criativa de lidar com a situação, porque têm benefícios para todos os membros: econômicos, afetivos e sociais. Esta característica de relacionar-se para atingir metas que beneficiem ao indivíduo e para atingir ganhos é própria do estágio de *consciência masculina*. Mas se vive junto por opção e o desejo consciente de compartilhar a vida porque também se percebe que é prazeroso, e se deseja cultivar as relações porque o fruto é bom para todos. Estes elementos correspondem as dimensões do estágio de *consciência feminina emergente*.

Contudo, esta situação não é passível de generalização para todas as mulheres entrevistadas. Uma, no entanto, estava mantendo relações dramáticas de intenso conflito, submetida a opressão e ao medo de um marido alcoólatra que a maltratava com violência. Sentia intensa ambivalência e conflito por desejar separar-se do companheiro, mas ao mesmo tempo temia que ele bebesse até morrer. Esta única mulher apresentava padrões de dependência e submissão. Ela havia dedicado sua vida à maternidade (seis filhos) e às tarefas domésticas, e se encontrava perdida nesta situação.

Os padrões mais específicos de relacionamento com o marido se desenvolvem desde a dependência e submissão a eles na juventude, passam pelo confronto e conflito depois de uns anos, tentam mudar e reconstruir a relação e se não dá certo, aparece a rejeição e se separam. Depois da separação, criam relações mais de iguais, de colaboração,

de troca e parceria, com os mesmos maridos ou com outros. Porém, também uma mulher mantém uma relação de casal insatisfatória, só pela necessidade da subsistência da família.

Refletindo sobre as experiências no transcurso da vida destas mulheres, quando a relação de casal tornou-se destrutiva para elas e foi impossível modificá-la, tiveram força para separar-se, partiram a desenvolver sua vida através do trabalho, conseguiram auto-sustentar-se, colocaram-se metas para obter sua casa, dar estudos aos filhos e conseguiram. Esta é ação e frutos do princípio de *consciência masculina*, que segundo Colegrave (1994), que vai à luta pela autonomia e independência e fornece a força da discriminação dos meios para obter as metas a atingir. Neste sentido, o princípio de *consciência masculina* é objetivo e eficaz.

Quando tiveram que perdoar ao esposo porque retornou mudado, ou se deram outra oportunidade para si mesmas, casando de novo, e arriscaram acreditando na possibilidade de criar um relacionamento prazeroso para os dois, acreditaram na possibilidade de reparação, de transformação. Isto é próprio do estágio de *consciência do feminino* que emerge novo, inédito, que se cria no risco de viver.

Segundo Zweigg (1994), quando a pessoa consciente de sua necessidade do outro no seu processo de desenvolvimento procura estabelecer relações de parceria, de troca e de reciprocidade entre iguais, seja em relações familiares, de amizade, ou de trabalho, se relaciona segundo o estágio de *consciência feminina* emergente. Neste estágio a pessoa tem um desejo consciente de compartilhar a vida, valorizando ao outro na sua originalidade. Dá prioridade ao processo de reciprocidade, compromisso e cuidado pela relação e dedica tempo para cultivá-las, mantendo-as enquanto sejam construtivas.

#### **4.3.3 Processo de percepção da consciência do princípio feminino e masculino na sua vida**

A terceira dimensão a explorar nesta análise, refere-se ao desenvolvimento da consciência dos princípios feminino e masculino nas mulheres entrevistadas, através de suas experiências de vida. Para fazer esta análise, continuamos baseando-nos nas categorias e dimensões que construímos para este estudo, a partir da teoria da Zweigg et als (1994).

Nestas mulheres este processo evolui desde a total inconsciência, num estágio de consciência matriarcal, passando pela percepção polarizada e hierarquizada do princípio masculino nos homens que dominam, e que define o feminino como exclusivo das mulheres e o desvaloriza, próprio do estágio de consciência patriarcal. O feminino nas mulheres aparece ambíguo, às vezes sofredor, sacrificado e abnegado sob o domínio do masculino, porém, outras vezes, também aparece forte, trabalhando pela subsistência do grupo familiar, cuidando, nutrindo, apaziguando, acompanhando, parindo, orientando, compreendendo.

Num estágio superior de desenvolvimento, o feminino vai abrindo espaço, e se apresentando através dos conflitos e crise por ter que lutar contra essas situações de submissão e subordinação, até desenvolver pouco a pouco um outro estilo de vida mais em harmonia com seus desejos de “*ser-com-os-outros*” e não “*só-para-os-outros*” exclusivamente, integrando ambos princípios de consciência tanto feminina como masculina.

No entanto, nenhuma das mulheres entrevistadas revela ter consciência do feminino e masculino como princípios de consciência. Para elas ainda não existe uma linguagem para nominar suas experiências desde esta nova consciência. Elas se desenvolvem segundo a consciência de gênero que foram adquirindo, desde suas experiências de vida infantil nas suas famílias agrícolas eminentemente patriarcais, onde a autoridade é do pai, e as mulheres, mesmo que trabalhem até mais na luta pela sobrevivência familiar, têm que manter-se num segundo plano.

Desde sua experiência infantil, o feminino e masculino é identificado de modo polarizado nas mulheres e nos homens. As mulheres têm suas obrigações a cumprir derivadas de suas funções “naturais” de esposa e mãe, que neste caso se estendem além das tarefas domésticas tradicionais ao cuidado da horta no quintal e dos animais. Além do anterior, as mulheres devem fazer trabalhos na roça quando foi necessário. Estes padrões correspondem a mais estrita consciência do masculino patriarcal.

Entretanto é possível identificar algumas dimensões de desenvolvimento da sua consciência de gênero, através das vivências na sua experiência infantil, na sua família agrícola de origem. Elas aprendem desde pequenas a integrar algumas das forças do

masculino e feminino, nas suas vidas cotidianas, quando crescem trabalhando e contribuindo para a subsistência do grupo familiar através da realização de atividades ao lado da mãe (domésticas, cuidado do quintal, dos animais) e também na roça ao lado do pai. Neste sentido, Costa Cunha (1988 : 208-209) no seu estudo sobre relações de gênero na agricultura familiar, assinala as mudanças nas relações de gênero nestas famílias, especialmente na consideração da importância do trabalho da mulher para subsistência do grupo, e a tradicional resistência dos homens para compartilhar as tarefas domésticas.

*“Os relatos dos casais demonstram que a complementaridade das relações de gênero faz parte da divisão sexual do trabalho no que se refere ao papel de provedor. As relações de igualdade apareceram na flexibilização da função de sustento da família, que passou a ser dividida entre o homem e a mulher. Porém, quanto ao trabalho da casa, marca presença a oposição dos homens diante da mudança de rumo a uma divisão mais igualitária das tarefas domésticas.” Costa Cunha (1988 : 209)*

No entanto, o mesmo autor assinala que se uma das características básicas da agricultura familiar é a complementaridade do trabalho, em que cada membro tem uma função em decorrência de fatores socioculturais, sexo e idade, então a mulher está sendo de múltiplas formas explorada. Primeiro, porque o lugar dela seria a casa, e no entanto, ela vai também para a roça (que é trabalho para homem). Segundo, porque trabalhando na roça, ela não está sendo liberada do trabalho da casa e da família.

O trabalho doméstico é obrigação da mulher, mãe de família, que deve ir educando suas filhas para assumirem também esse papel para quando se casarem. O processo de educação e socialização direciona-se para que as filhas interiorizem estas obrigações como naturais ao seu sexo. Em troca, os homens, não compartilham as tarefas domésticas e descansam depois do trabalho. As mulheres não descansam.

Um outro aspecto assinalado neste trabalho por Costa Cunha (1998) é o fato de que mesmo que as mulheres sejam mão de obra e produzam tanto quanto os homens, seu trabalho é considerado sempre "ajuda" e não recebem remuneração, ou seja continua desvalorizado, e por outro lado elas são normalmente afastadas da tomada de decisões da comercialização dos produtos (com exceções).

Este estilo de vida dominada pelo princípio patriarcal de consciência masculina, determinou, nas mulheres entrevistadas, a internalização de seu papel de gênero (onde o feminino aparece abnegado ao masculino) colocando sua vida ao serviço do desenvolvimento de seu projeto de família onde ela será esposa e mãe. Porém, quando casam, também acordam ao princípio de consciência masculina como força de individuação, porque saem da família de origem e procuram realizar suas aspirações e desejos com respeito a construir sua própria família. Trabalham ao lado do marido, compartilham a vida com eles, tem seus filhos, lutam para sair da pobreza, educam aos filhos e mantém a casa fiéis a seu sonho de família. São dóceis, subalternas e submissas ao marido segundo o padrão que aprendeu.

Mas, há diferença de suas mães, pois estas mulheres apresentam mudanças: existem situações que colocam um limite para essa docilidade e subalternidade ao homem, e marcam a passada para um outro nível de desenvolvimento, que misturam dimensões da *consciência masculina* (nas suas características de determinação, luta por conseguir independência e autonomia na conquista de metas pessoais) e da *consciência do feminino* que emerge. Estas situações são: o marido bebendo em excesso (fora com amigos, gastando o dinheiro da família), a violência verbal e física e maus tratos com ela e os filhos.

Esta consciência de limitar a exposição à opressão e subordinação nestas mulheres, as faz mobilizar-se perante uma outra *consciência do masculino e do feminino* emergente. Isto se realiza porque a crise desperta um mal-estar frente a sua situação o que permite discernir o que fazer para conseguir enfrentar e superar sua situação. Porém, tem que ter muita coragem, porque ela não tem modelos a seguir de transgressão da regra paterna, (suas mães se mantiveram submissas à opressão dos maridos). Portanto, é um caminho muito solitário, muito doloroso, e se tem filhos que sustentar. Mas a nova *consciência do masculino*, no seu arquétipo do "herói" acorda os meios de desenvolvimento de si mesma que permitiram enfrentar concretamente a situação, como é obter um trabalho remunerado. O trabalho lhe vai permitir reconstruir sua autovalorização pessoal e com isto uma identidade mais definida baseada na consciência de competência para auto-sustentar-se e sustentar aos filhos. A segurança em si mesma, permite reconhecer seus desejos, como pode ser, desejar ser conscientemente tratada como uma pessoa, ser

respeitada, e decidir com quem ela deseja compartilhar sua vida. A partir deste momento, ela pode separar-se e abrir-se a novas maneiras de viver onde também cabe procurar outro companheiro para estabelecer uma relação prazerosa de troca e parceria.

As experiências no processo de enfrentamento e superação das crises, desenvolvem uma dimensão importante que aparece na evolução da consciência de gênero nestas mulheres, é que Colegrave (1994) chama de *intimidade com as dinâmicas dos processos de transformação pessoal, com o processo de se tornar, e as mudanças próprias do desenvolvimento*. Esta nova consciência se reflete, também, na sensibilidade e valorização que estas mulheres fazem dos processos de mudanças dos membros de sua família: a gravidez nos filhos, a superação das limitações nos filhos aleijados e mudanças de emprego. As conquistas pessoais, dos filhos e o desenvolvimento dos netos, são acompanhados com prazer e saboreados no grupo.

Outra característica do feminino que emerge conscientemente nestas mulheres é a *consciência das mudanças e transformações corporais*<sup>15</sup> vivenciadas seja por doenças ou por estar no climatério e menopausa. Segundo Woodmann (1994), esta intimidade com as transformações corporais, leva a uma abertura emocional e sensorial que permite seguir a própria experiência corpórea, em lugar de ouvir apenas ao pensamento. Ainda quando às vezes o corpo molestava, doía, e se sentia como uma carga, também ele proporcionava experiências gostosas como as de intimidade sexual.

Escutar as experiências de vida destas mulheres, levou-me a perceber como elas acreditam em valorizar a vida em si, não como um projeto, um sonho feito de aspirações idealizadas de desejos que querem realizar-se, porém..., algum dia... Mas a vida quanto oferecimento de oportunidades que são possibilidades de desenvolvimento, no acontecimento real das relações no dia a dia. A vida encarnada nas pessoas que se ama e com quem se compartilha o dia a dia; a vida situada e projetada nos projetos de trabalho que se realizam com os outros; a vida que está contida nas mudanças reais de estilo de vida

---

<sup>15</sup> Todas as mulheres estavam vivenciando mudanças climatéricas e algumas tinham experiências de doenças graves superadas: câncer de mama e endometriose. Este fato as estimulava a ser mais conscientes da fragilidade de seu corpo ao tempo que as estimulava a aproveitar o que se tem.



e de relação com o companheiro, a vida que se experiencia prazerosa junto aos netos e filhos, a vida que lhe ensina a transformar obstáculos e problemas em desafios.

Esta forma de privilegiar a vida e de experimenta-la em relação a vida vinculada e revinculada permanentemente; a vida no seu dinamismo e atividade mobilizadora, revela uma forma de integração dos *princípios masculinos e femininos* nestas mulheres pesquisadas. Entretanto sendo fiéis ao aprendido, compreendendo estas mulheres, esta forma de integração tem que entender-se não como relação estática, porém como uma relação dinâmica entre as forças que compõem os princípios de *consciência femininos e masculinos* encarnados e situados nestes corpos e não outros e na sua mobilização e transformação constante.

## CAPÍTULO V

### DAS PRINCIPAIS DESCOBERTAS

#### 5.1 Em relação à concepção teórica diante da realidade.

As propostas teóricas da Zweigg et al. (1994), com respeito ao desenvolvimento da *consciência do feminino e masculino* em estágios, mesmo estágios interligados e dinâmicos, divide analiticamente (e teoricamente) uma realidade que na experiência de vida destas mulheres, se apresenta sempre vinculada e relacionada, como um todo. Porém entendemos que ela não está propondo um desenvolvimento linear do humano, mas de estágios interligados e dinâmicos.

Neste trabalho, ao escutar a voz das mulheres para compreender a evolução de sua consciência de gênero, encontrou-se que os princípios de consciência masculinos e femininos aparecem no transcurso de suas experiências de vida, ora predominando um elemento ou dimensão do masculino patriarcal ou do masculino que ajuda na construção de si mesmo, ora predominando mais o feminino inconsciente matriarcal-regressivo ou o feminino- adaptativo-patriarcal ou o feminino-emergente-criativo. Ou seja, os princípios do feminino e masculino estão sempre existindo, mostrando-se e desvelando-se em relações dinâmicas, enfatizando uma dimensão ou outra e mais ou menos integrados segundo o momento da vida e do desenvolvimento da mulher.

O momento de meia idade parece um tempo privilegiado para integrar um pouco mais os dois princípios e fazê-los mais conscientes, quando se tem a oportunidade de falar,

comunicar e trocar com outra pessoa as experiências de tornar-se mulher. Ou seja, durante este momento existencial a pessoa realiza uma certa avaliação de sua própria vida diante de sua finitude e diante da experiência vivida, o que propicia as decisões de mudanças.

O desenvolvimento da consciência de gênero, do masculino e do feminino emergente, parece ter múltiplos caminhos para seu desenvolvimento. Eles estão inscritos na própria vida da pessoa, porém na dinâmica interativa do sujeito na sua sociocultura, esses padrões de gênero individuais refletem os de seu macrocontexto sociocultural. Na situação destas mulheres entrevistadas, revelou-se uma dinâmica que avança e regride através de padrões de consciência de gênero patriarcal e matriarcal tradicionais, polarizados e hierarquizados em papéis sexuais na sua infância e adolescência. Logo na vida adulta, por ter que enfrentar as contingências inevitáveis e transições da vida que geram ou acordam conflitos, vêm-se orientadas pelo princípios de consciência masculina (a luta por conseguir metas, a força para vencer as dificuldades, a objetividade para avaliar as situações, etc..) e pelo princípio de consciência feminina emergente quando conseguem dar-se conta de que sua submissão às situações de subordinação e domínio do homem (companheiro, esposo) que bebe, maltrata, ou não trabalha, não têm que ser assumido por ela como uma cruz que deve levar por natureza. Neste momento, elas acordam para uma nova consciência de gênero, que irá se desenvolvendo pouco a pouco, na medida que elas conseguem ter autonomia e independência financeira. Nestes momentos de crise, o acompanhamento de outras mulheres pode ser muito importante, para transitar as mudanças de forma mais prazerosa, e para iniciar um caminho de reeducação da sua consciência. E é neste contexto que as intervenções intencionais têm sentido e eficácia.

As mulheres que constroem suas famílias segundo o estilo agrícola tradicional da sua família de origem, apresentam inconsciência de gênero, conservam os papéis sexuais de esposa e mãe, e agora de avó, como o centro de suas vidas, pareciam estar em aparente harmonia com suas vidas, porém mais apagadas, tristes e apresentavam maiores queixas somáticas (sobretudo cansaço no corpo) e doenças físicas, o qual pode ser lido como uma outra forma de comunicar seu mal-estar de gênero (Burin, 1990). Para estas mulheres, as vozes coletivas e militantes de denúncia das diversas formas em que as mulheres continuam sendo subordinadas, exploradas, e oprimidas nesta sociedade, constituem uma

estratégia válida, para orientar as mudanças que ainda se têm que fazer a nível sociocultural, para conseguir a igualdade de direitos entre os sexos, no nível das relações institucionais e no nível das relações cotidianas.

Os trabalhos pessoais de desenvolvimento da autoconsciência intencional do tipo dos "*raising groups*", psicoterapias, práticas espirituais tipo orientais e trabalhos corporais, se justificam quando têm sido criados para facilitar e acelerar os processos de mudanças nas pessoas, como assinala Zweigg (1994;12). Porém, o processo de transformação e desenvolvimento pessoal tem seu próprio ritmo de mudança em relação à própria dinâmica das experiências de vida, aos processos de reflexão consciente e aos processos de integração do inconsciente. Este ritmo é único e singular para cada pessoa. Tentar acelerar ou direcionar os processos de transformação pessoal, invade a intimidade e ameaça o que se pretende construir: a autonomia e direito de cidadania.

Cada pessoa terá que aprender diante da vida as experiências que são desafios a vencer, as que são relações a curtir, ou vivências a explorar. Cada pessoa tem o segredo de sua própria construção. Contudo, sendo pessoas inseridas e vinculadas aos contextos socioculturais, o processo de viver significa a interação constante com esse meio ao qual é impossível subtrair-se. Ou seja, se existem mudanças hoje na consciência de gênero, é porque umas poucas mulheres acordaram a consciência de outras e juntas mobilizaram a sociedade, num processo que ainda está em pleno desenvolvimento, em plena luta, ainda quando aparentemente apareça meio dormido nestes momentos.

A reconstrução da consciência de gênero, nas mulheres, tem mobilizado as mulheres de classe média, profissionais e acadêmicas que se fizeram responsáveis pela articulação coletiva de uma voz denunciadora. Agora é o momento de construir também o caminho da diferença, do cultivo de si-mesma como sujeito, na sua singularidade, mas isto não significa negar a luta necessária ainda para superar as situações de discriminação e exploração de classe, racial, étnica, moral, religiosa, económica, sexual, etc. de muitas mulheres sobre este planeta.

Este processo de transformação deve-se estender aos homens. Eles, inconscientes de seus processos de desenvolvimento, têm sido igualmente sujeitos a diversas formas de dominação e exploração como as mulheres, têm sido manipulados nos seus desejos e papel

sexual, têm sido estimulados no seu processo de desenvolvimento afetivo para reagir com agressividade como forma masculina aceita de relacionamento com os outros, e a reprimir toda a gama de emoções sensíveis de afeto, intimidade, dor e pena, e da proximidade afetiva em geral. Os homens precisam de homens que falem e trabalhem coletivamente nestes temas do masculino emergente, para fazê-lo diálogo público porque o futuro o solicita.

A evolução da consciência de gênero individual só é possível mediante a construção coletiva dessa consciência, e esse diálogo tem que tomar seu espaço de agora em diante. O desenvolvimento dialético do pessoal e coletivo permite criar esta nova consciência de gênero, porque sendo pessoas vinculadas com os outros e o contexto, sendo pessoas em relação constante, sendo pessoas em movimento de avanço e retrocesso, nas trocas múltiplas da vida, podemos recriar-nos neste processo de nos tornarmos constantemente mais conscientes.

Neste sentido, a contribuição das teorias feministas e, em particular a da evolução da consciência feminina proposta por Zweigg et al. (1994), não vai direcionada a eliminar e agredir aos homens; pelo contrário, o movimento de criação da consciência de gênero inclui ambos os sexos: homens e mulheres, e tem potencial para pensar sobre o masculino emergente, como o processo de integração nos homens de sua consciência feminina e masculina. Neste sentido esta perspectiva do desenvolvimento da consciência de gênero apresenta múltiplas possibilidades de perspectivas de análise, de concreção, e de ação.

Até hoje, as feministas merecem o reconhecimento pela vocalidade, coragem e compromisso nas lutas e conquistas obtidas para desenvolver na humanidade a consciência de gênero, e a situação e condições de opressão das mulheres respeito dos homens nas sociedades especialmente as de países em vias de desenvolvimento. Por outro lado, o movimento também permitiu tomar consciência e deter as situações vergonhosas de desigualdade e exploração de algumas mulheres, e ainda fez visível outras desigualdades de raça, etnia, classe, sexo, etc. Os frutos destas contribuições refletem-se nas mudanças que estão acontecendo no nível macro-social, onde as mulheres têm ganho espaço e reconhecimento como cidadãs de plenos direitos, e os homens têm ganho reconhecimento como pessoas com direito a serem sensíveis e a assumirem novos papéis sociais. Estas

mudanças refletem-se em novos padrões de consciência gênero e de papéis sociais em jovens latino-americanos, como assinala Rodó (1993).

*Sinais de mudanças em Enfermagem.*

*Formas de estudar e construir conhecimento.*

Neste sentido, as contribuições das pesquisas feitas por Enfermeiras das Universidades no Brasil<sup>16</sup>, têm demonstrado um novo olhar mais compreensivo sobre as experiências das mulheres no contexto sociocultural brasileiro, como o demonstram publicações dedicadas ao tema da saúde das mulheres, na UFSC, a partir do ano 1988<sup>17</sup> e recentemente em 1997<sup>18</sup>, na revista *Texto & Contexto Enfermagem* de jan/abr, dedicado as mulheres. (Kantorski, Moreira, Luz, 1997; Silva, 1997; Landerdahl, 1997; Marcon, et als, 1997; Nascimento, Santos, de Souza, 1997; Souza, Simões, 1997; Mandú, Silva, 1997; Almeida, Passos, 1997; Zampieri, 1997; Santos, Custódio, 1997; Backes, 1997).

Este conjunto de novos conhecimentos pode ser lido como o fundamento para as transformações dos sistemas de atendimento na saúde das mulheres no Brasil, e como modelo para outros países da América Latina, que ainda quando possam estar até em melhor situação de desenvolvimento econômico, não têm conseguido as transformações para criar uma consciência da necessidade de desenvolver modelos de pesquisas compreensivos em saúde. Como estas pesquisas o demonstram, quando se consideram os processos de vida desde as experiências situadas em pessoas concretas, desvela-se uma realidade que é muito mais complexa e rica, pois é considerada na perspectiva daqueles que estão sendo protagonistas da vida, e apresentam enfermagem como uma profissão sensível e solidária com as mulheres. Os modelos socio-históricos oferecem leituras críticas sobre os processos que têm tornado alguns paradigmas de pensamento dominantes sobre os outros e que se apresentam quase como imodificáveis, tornando as pessoas e o coletivo vazios de sentido e tornando as mudanças como utopias impossíveis de realizar. Neste sentido, os modelos de pensamento e construção do conhecimento sociológicos,

---

<sup>16</sup> Informações sobre Pesquisas e Pesquisadores em Enfermagem. Associação Brasileira de Enfermagem. Centro de Estudos e Pesquisas em Enfermagem - CEPEn. Vol VII até Vol. XIII.

<sup>17</sup> Dissertações de Mestrado em Enfermagem, Catálogo 1978-1995. UFSC. Florianópolis, Santa Catarina. 1995.

<sup>18</sup> Revista *Texto Contexto Enferm.* Florianópolis, v.6,n.1, jan./abr. 1997. Mulher...Mulheres!

antropológicos, históricos, etc., têm que ser incorporados ao modelo tradicional biologista-médico para pensar a saúde como processo de vida, e não só restrito à doença.

A partir destas perspectivas compreensivas, é construído um conhecimento novo que serve de base para a visualização e implementação prática de estratégias de atenção e cuidados que se criam em conjunto com usuárias e pessoal que atende, porque se estruturam baseadas nas experiências e necessidades das usuárias. Neste sentido, a Enfermagem já tem um número bastante grande de experiências acumuladas<sup>19</sup>, porém não se tem conseguido uma mudança geral no planejamento do sistema de saúde, que continua planejando e avaliando os programas de atenção em saúde baseados somente em critérios quantitativos estatísticos.

Desta forma, os sistemas de atendimento continuam estruturados de tal maneira que a voz das usuárias, em sua riqueza e força, permanece no silêncio, e só se escuta sua fraqueza e debilidade. Em troca, seu silêncio é ocupado pelas nossas vozes que decidem, orientam, indicam, controlam e determinam sobre sua saúde. Com esta forma de proceder, deixamos de ouvir suas experiências de ser mãe, mas sabemos muito acerca da gravidez, parto e puerpério desde a visão medicalizada; não ouvimos as múltiplas experiências de parir, mas atendemos o parto como uma doença física, hospitalizando-a, e obrigando-a a parir numa cama de operações; não ouvimos suas experiências de ser esposa de alcoólatra, quando a maioria de nossas usuárias têm essa experiência e lutam sozinhas.

Precisamos compreender as experiências de nossas usuárias, porque elas desvelam as forças que as levam a enfrentar os problemas da vida como desafios, e a vencê-los. Precisamos aproximar-nos de suas experiências nas transições e crise na vida, no processo de envelhecimento, das experiências de ser avó, porque a partir destas novas formas de aproximar-nos e compreender as nossas usuárias, descobriremos qual é o conhecimento a construir e, a partir dele, é que devemos modificar as formas de atendimento em saúde

---

<sup>19</sup> Por citar só um exemplo, 55 dissertações de Mestrado em Enfermagem da UFSC, desde 1988 relatam projetos assistenciais baseados nas experiências dos usuários. Na América Latina, a Fundação Kellogg tem apoiado projetos em saúde comunitária participativos há meio século. Um exemplo, o EPAS (Educación para el Autocuidado en Salud) que conseguiu mudar o sistema tradicional de atenção da saúde, incorporando a participação dos usuários. Rivera (1996).

dentro de relações mais prazerosas, respeitosas, complementares, de colaboração e de iguais.

## **5.2 Refletindo sobre esta pesquisa, a partir de um olhar para a saúde mental das mulheres: Feminizar as teorias e práticas vigentes na saúde mental**

Voltando ao princípio desta tese, e por vincular-se minha identidade com esta área de trabalho, desejo terminar com uma reflexão sobre a perspectiva de saúde mental das mulheres, tal como proposta por várias autoras, principalmente as latino-americanas.

Mabel Burin (1991), numa aproximação a pensar a saúde mental das mulheres desde uma nova visão paradigmática<sup>20</sup>, propõe enxergar os mal-estares das mulheres desde um olhar específico. Na introdução de seu livro "El malestar de las mujeres: la tranquilidad recetada", Mabel Burín (1998), assinala<sup>21</sup>:

*“As mulheres somos as principais consumidoras de toda classe de terapias. Somos, também, a proporção mais numerosa de estudantes e profissionais que assistem a qualquer curso e atividade de corte psicológico. Os serviços assistenciais contam, nas equipes de saúde e colaboradores, com um número sempre superior de mulheres com respeito ao dos homens. No entanto, neste evidente fenômeno de feminização da saúde mental, não são as mulheres as protagonistas principais na hora do planejamento e da definição das políticas públicas de assistência para enfrentar os problemas que afetam as mulheres.” Burin, (1991: 3)*

Ainda segundo Burin (1991), Hyde (1995), e Terragona (1992), os paradigmas psiquiátricos tradicionais não têm demonstrado ser eficazes para ajudar as mulheres quando

---

<sup>20</sup> Utilizamos a noção de paradigma num sentido amplo, como um conjunto de concepções gerais perante uma realidade, que direciona uma visão sobre ela. (Burin, 1991).

<sup>21</sup> Tradução do espanhol, feita pela autora.



sofrem problemas de saúde mental, especialmente depressões, ansiedades, e transtornos afetivos em geral. O campo da saúde mental pode ser concebido como um campo montado entre o setor saúde - saúde mental e ciências sociais e humanas, já que na atualidade é impossível negar as necessidades de integrar aos conhecimentos tradicionais da psiquiatria e psicologia os conhecimentos da antropologia, sociologia, psicologia social, história e até filosofia e ética, a fim de compreender as diversas relações das forças em jogo nos problemas chamados de saúde mental. Nesta perspectiva a *interdisciplinaridade* é uma necessidade.

Por outro lado, quando se fala de saúde mental das mulheres, é necessário considerar seus malestares (e modos de adoecer) no contexto da construção social do gênero feminino que expressa através de seus sintomas as condições de opressão e subordinação a que as mulheres têm sido submetidas como membros de um grupo social, na sociedade dominada pelo princípio de consciência masculina patriarcal. Portanto, o campo da saúde mental das mulheres se recontroe considerando as características próprias de construção social do gênero feminino; que determina condições de vida e práticas sociais que incidem sobre sua saúde mental; que determina uma área de estudos que tem sua própria especificidade e que requer um cuidadoso trabalho de desconstrução e reconstrução com respeito aos critérios sobre os quais se tem baseado tradicionalmente.

A partir destes critérios, Burin (1991), e Hayde (1995), propõem *feminizar* as teorias e práticas vigentes na saúde mental. Neste caso, *feminizar* significa incluir a perspectiva das mesmas mulheres sobre suas condições de saúde e seus modos específicos de viver e adoecer, e também a experiência das mulheres profissionais e técnicas que sentem mal-estar ao desempenharem seu trabalho com mulheres segundo as práticas tradicionais em saúde. Neste caso, utilizam-se conhecimentos e recursos técnicos alheios à sensibilidade e experiência com mulheres, já que indicam uma clara perspectiva masculina tanto nos modos de perceber o mal-estar feminino, como nos de operar segundo a percepção da doença (como acontece com a prescrição indiscriminada de psicofármacos).

Quando se fala de feminização das teorias e práticas na saúde mental está a enfatizar-se a necessidade de incluir a experiência das mulheres, como profissionais e como usuárias, nos enfoques tradicionais da psiquiatria. Isto porque esses enfoques

médicos excluem a voz das mulheres, e com isso as privam do direito da diferença e deixam sem manifestar, e tornam invisíveis, as causas mais específicas dos mal-estares das mulheres. Esta é uma das razões que fundamentam a inclusão da qualidade de vida cotidiana das mulheres como categoria de análise, quando se estuda o que se denomina "patologias do gênero feminino" como as depressões, transtornos por ansiedade ou transtornos afetivos em geral. Elas teriam que ser estudadas, também, como respostas às condições de vida que as induzem.

No Seminário Internacional sobre Mal-Estar Psíquico das Mulheres, realizado na Itália (1988), definiu-se a doença mental como "a perda da consciência de viver em condições perturbadoras, sendo sujeito de um padecimento individual, atribuído a disfunções biológicas", enquanto o sofrimento feminino foi entendido como decorrente da "situação de subordinação social própria das mulheres" (Torres, 1996). Por sua parte Burín (1991) assinala que este sofrimento feminino expressa o "mal-estar das mulheres", entendendo-o como "uma sensação subjetiva de padecimento psíquico que não se enquadra dentro dos clássicos critérios de saúde ou doença". Nesta perspectiva, a saúde mental das mulheres caracteriza-se melhor em termos de *conflito*, que "são sempre situações contraditórias, incompatíveis entre si, que podem ser registradas pelo sujeito tanto em forma consciente como inconsciente; neste último caso, o sujeito percebe a tensão ou a ansiedade, porém não reconhece nem discrimina os termos do conflito que as produzem." (Burín, 1991: 39). A partir destas concepções, Burín considera a existência de três modelos de compreensão sobre a saúde mental das mulheres: o modelo psicopatológico, o modelo emotivo-sensível e o modelo tensional-conflitivo.

**A. Modelo psicopatológico.** Este modelo se sustenta num pressuposto assim formulado: "as mulheres são todas um pouco loucas". Nesta afirmação se indica que um certo grau de loucura acompanha e define a saúde mental das mulheres. Baseia-se no critério de doença como desvio do "normal". Na sua fundamentação alude a condições femininas inatas ou naturais que se formulam como "úteros migratórios", "febre uterina", "hipersensibilidade", "transtornos hormonais", situações associadas a reprodução e a menopausa. Seus princípios são biologistas, a-históricos, individualistas, a-sociais e essencialistas. Aplica uma racionalidade baseada em critérios dualistas saúde-doença, que divide "sadios-normais",

por um lado, e os “doentes-loucos-patológicos”, por outro, e a partir daí coloca as mulheres dentro do universo “socio-simbólico” das “loucas”. A partir destes critérios, os modos de intervenção ocorrem através de “*experts*”, de “profissionais” (geralmente médicos) que confiam em ferramentas, principalmente farmacológicas ou coercitivas, para “curar”.

**B. Modelo “emotivo-sensível”.** Sua formulação seria a seguinte: “As mulheres são saudáveis quando elas podem manter seu equilíbrio emocional e harmonizar os afetos entre aqueles que as rodeiam”. Baseia-se no critério da saúde como equilíbrio e harmonia. Seu fundamento consiste na ação de harmonizar os problemas da vida afetiva que põem em tensão as relações familiares e domésticas, assim como na atitude de cuidados (*caring*) e preservação das necessidades emocionais de cada um dos membros da família. Seus princípios baseiam-se na capacidade de manter, preservar e equilibrar os conflitos familiares. Fundamentam-se numa racionalidade sustentada na sensibilidade feminina (como equiparada à saúde mental) para detectar as necessidades emocionais de quem as rodeia, e na capacidade para dar uma resposta apropriada a tais necessidades. Este modelo admite a existência de conflitos, porém seu destino será “integrá-los”, “harmonizá-los”, isto é, neutralizá-los mediante implementações técnicas utilizadas por “técnicos” especialmente treinados para isto. Nas suas versões mais modernas, admite-se que as situações de conflito e/ou de crise podem apresentar-se durante o “tratamento” que se realiza nos “pacientes”, mas com a condição de que não cheguem a transtornar a vida das mulheres. Seu modo de intervenção, para conseguir o controle disto, ocorre através de recursos humanos com conhecimentos técnicos apropriados para controlar as situações de desequilíbrio (através de psicoterapias, assessoramentos tipo *counseling*). Ocasionalmente, podem combinar-se com recursos farmacológicos.

**C. Modelo “tensional-conflitivo”.** Sua formulação seria: “as mulheres padecem estados de mal-estar, que expressam através de sentimentos de tensão e de conflito; a agudização dos estados de conflito, denominados crise, constituem situações ótimas para abordar as problemáticas das mulheres” (Burím, 1991: 70). Neste modelo reconhece-se que as mulheres, como grupo social, têm padecido de condições opressivas de existência, especialmente em suas vidas cotidianas. O modelo define dois espaços de realização para as mulheres: espaço doméstico e espaço extra-doméstico (as vezes superpostos a âmbito

privado e âmbito público), e caracteriza diversos modos da mulher adoecer, e a interação entre ambos os espaços. Associa a saúde mental das mulheres ao enfrentamento dos conflitos e destaca os estados de crise, especialmente as crises vitais evolutivas (como na adolescência, meia idade) e as crises acidentais (associadas a gravidez indesejada, aborto, divórcio), como propiciadoras de transformações para as mulheres.

Este modelo desenvolve uma racionalidade afirmada sobre a noção de conflito, de crise e transição. Seus modos de operar neste campo baseiam-se na noção de gênero feminino socialmente construído, portanto sujeito a desconstrução e reconstrução, e para aumentar a consciência das mulheres aplica metodologias grupais do tipo “grupos de consciência” ou “*consciousness-raising*”. Quando aplica recursos individuais, para compreender o mal-estar das mulheres, o faz visando a consciência da subjetividade feminina como construção social.

Um aspecto importante a ressaltar nestas propostas de Mabel Burím é que ela define as mulheres não como elas *são*, mas como sujeitos que vão-se construindo e que vão se transformando através da experiência de vida. Esta concepção privilegia as mulheres como sujeitos e não só como o “outro” do masculino; quer dizer, pretende-se fazer visível aquilo que nelas *é*, aquilo que *existe*, aquilo que *aparece* como o *singular e particular*.

A nova racionalidade para pensar as mulheres inclui outras lógicas como a paradoxal, a noção de transição, a vivência da ambigüidade, a articulação e desarticulação constante entre “razão-emoção-paixão”, as vivências das crises e mobilidade. A consciência do múltiplo, do diverso, a diferença dos tradicionais conceitos de saúde mental que enfatizam o completo, o unitário e o centrado. O resgate e valorização do invisível, do cotidiano, do rotineiro, do pequeno, a diferença do visível, do geral, do extraordinário, do todo, na saúde mental das mulheres.

Nestas formulações, é possível perceber uma posição ética que a própria Burím assim formula:

*“Trata-se de assumir nossa responsabilidade pelas nossas construções da realidade e pelas ferramentas conceituais que oferecemos para compreendê-las. Não se trata de supor que existe uma realidade alheia a nós, mas que somos participantes ativos da realidade que construímos e recortamos ao mesmo tempo, ao nos ocuparmos destas problemáticas” (Burín, 1991: 72)*

### **5.3 Considerações finais: Consciência de Gênero como um diálogo de enfermagem em evolução**

Muitos são os aspectos possíveis de considerar na construção de um diálogo na enfermagem sobre consciência de gênero; portanto, o que se propõe a seguir são reflexões iniciais para estimulá-lo.

Através desta tese, interessa contribuir para a reflexão do processo de desenvolvimento da consciência de gênero nas mulheres e homens, estimulando a refletir sobre novas formas de consciência sobre a presença do feminino e masculino no processo de se tornar pessoa, mas não nos restringimos a este nível, porque o desenvolvimento individual encontra-se sempre vinculado ao contexto sociocultural.

Neste sentido, o desenvolvimento da consciência não só oferece possibilidades de mudanças a nível pessoal mas, também, social. Por exemplo, na literatura de Enfermagem brasileira e sobre saúde da mulher, é reconhecido que a abordagem de gênero no estudo e no atendimento das mulheres é uma questão que tem sido bastante negligenciada até o presente (Silva, 1998; Faúndez, 1996). A partir dos 90, porém, inicia-se um desenvolvimento importante na pesquisa sobre perspectivas de gênero na Enfermagem latinoamericana e no Brasil, como demonstram os estudos de Waldow, Lopez, Meyer (1996); Silva (1997); Nascimento (1996) e, na América Latina, De los Rios (1987); Daskal, (1990), e Ravazzola (1990).

Das razões oferecidas para esta situação, destaca-se o fato da área de saúde ter sido considerada uma das mais tradicionais e masculinas dentro das ciências e, nesse

contexto, a Enfermagem ter-se mantido como uma profissão de mulheres que, no seu modo de agir na docência e na assistência, reproduzem os padrões tradicionais de gênero (Nascimento, 1996). Por outra parte, existem preconceitos a respeito das contribuições que as teorias feministas poderiam oferecer ao desenvolvimento da Enfermagem, conforme afirmam Lopez, Meyer, Waldow, (1996), e Silva (1997), assim como das contribuições das teorias psicossociais e da saúde mental à Saúde Pública (Minayo, 1994), ao atendimento integral da saúde das pessoas em geral e das mulheres em particular.

Silva (1997) faz uma aproximação entre o modelo das ciências médicas que tem dominado a epistemologia da saúde, e as características do estágio patriarcal segundo Zweigg. Nessa reflexão, ela alude ao fato de que o modelo biomédico enfatiza a tecnologia, isto é, o saber para transformar a realidade, para dominar e controlar as situações de saúde e doença, segundo a racionalidade do princípio masculino de consciência. Tal modelo, segundo Zweigg, orienta-se à racionalidade analítica que separa o todo nas suas partes, perde a visão integrada, orienta-se a alcançar metas e controlar sua natureza. Nesta visão, os sistemas de cuidado planificam-se para intervir na realidade, sem considerá-la na sua complexidade e em seus processos. Ou seja, o sistema de saúde não favorece o fluir da força das pessoas nos seus processos de saúde e doença; ao impor seu agir preestabelecido, sufoca a vida que precisa de ar e de espaço para desenvolver-se. Como o princípio feminino privilegia as coisas como elas são na sua complexidade, ele age para que as coisas se desenvolvam segundo sua natureza e, por isso, não tem lugar dentro do sistema tradicional de saúde.

Como consequência do predomínio de uma consciência masculina patriarcal nos sistemas de saúde, tradicionalmente a mulher tem sido pensada e visualizada parcialmente como fêmea na sua função reprodutiva, ou tem sido reduzida ao aparelho genital, ou à doença. Estas visões das mulheres na saúde refletem um padrão de consciência masculina patriarcal que valoriza a mulher enquanto cumpre os papéis que se lhe atribuem por natureza: ser mãe e esposa, e a pensar sob a ótica da lógica reprodutiva como binômio mãe-filho, negando qualquer identidade mais integral como cidadã com direito ao prazer, ao domínio e à decisão sobre o seu corpo e sua vida. Nesta perspectiva, a lógica da reprodução fundamenta-se na visão tradicional médico-filosófica que valoriza a instituição da

maternidade enquanto ela reproduz e garante a multiplicação de cidadãos e negligencia a “experiência da maternidade” que é o que as mulheres vivenciam subjetivamente quando são mães (Rubin, 1984). Esta distinção é importante porque a primeira não considera a mulher usuária como pessoa em desenvolvimento tendo uma experiência singular, única e incapaz de repetição; se assim fosse, cada ação em saúde estaria acompanhando os processos das pessoas, segundo suas experiências de vida.

Por outra parte, as relações entre os gêneros nos sistemas de saúde, segundo Peplau (1990), traduzem os modelos tradicionais patriarcais, quando se reconhece nos médicos (predominantemente homens) o pai, e nas enfermeiras (predominantemente mulheres), a mãe, e sua relação se apresenta dentro dos padrões de domínio-submissão. Nós, as enfermeiras, somos participantes ativas deste sistema. Tomar consciência das formas de domínio e submissão que criamos permite modificá-las.

Uma visão evolutiva da consciência de gênero vem a completar um elemento ausente do sistema de saúde e dos sistemas de Enfermagem a qual, sendo uma profissão de mulheres, tem se mantido muito à margem do movimento de mulheres e do feminismo, evidenciando, assim, sua tendência à identificação com o princípio feminino inconsciente matriarcal e com a consciência masculina patriarcal (Silva, 1998).

Enfermagem, baixo o domínio inconsciente do feminino matriarcal, apresenta-se influenciada pelo arquétipo da Grande Mãe que tudo tem para dar, que sempre está ali para proteger, amparar, sustentar, alimentar, dar afeto e calor (André, 1996) Este tipo de relação vai tender a criar laços indiferenciados entre as pessoas, as quais permanecem como filhos, como um grupo em permanente necessidade, porque a mãe gera filhos na relação, e nesse tipo de relação se estabelece dependência (a mãe têm para dar e o filho têm que receber). Ser enfermeira-mãe é intensamente estimulado na assistência e ensino, quando alunos e pacientes são tratados como filhos. Entretanto, na saúde mental, quando a pessoa que consulta está num estado de intensa indefensibilidade e vulnerabilidade afetiva, este tipo de relação ajuda temporalmente, mas é estabelecida consciente e terapeuticamente, como afirma Peplau (1990)

Quando Enfermagem aparece sob o domínio da consciência patriarcal, vai optar pelo modo adaptativo da submissão, do silêncio, da subordinação e do serviço aos outros.

Neste estágio de consciência, enfermagem aparece abnegada, sacrificada, redimindo as culpas e sofredora. Apoiadas pela via da Ciência e religião que dá fundamentos para afirmar que essas “qualidades femininas” formam parte de uma essência imutável, na enfermagem, por ser uma profissão composta por mulheres, as enfermeiras repetiram por muito tempo este estereótipo do feminino–patriarcal.

A outra via de desenvolvimento da consciência Feminina no estágio patriarcal é a via da masculinização, da luta frontal contra aquilo que é identificado como obstáculo ao desenvolvimento como profissão. Neste eixo se situam os estudos sobre gênero que denunciam estas situações de submissão, subordinação, exploração, etc., das enfermeiras e, recentemente, dos enfermeiros. Também outra linha que se pode situar neste nível de consciência têm sido as lutas confrontacionais das enfermeiras para obter salários justos, e condições de trabalho mínimas. Por outro lado, o princípio de consciência masculina ajudou as enfermeiras a criar as condições de formação e desenvolvimento acadêmico para garantir à população um atendimento qualificado.

Colegrave (1994) afirma que quando o abraço inconsciente da Grande Mãe impede o crescimento da pessoa na sua autonomia e independência, o princípio de consciência masculina ajuda a desprender-se dela para prosseguir o caminho do desenvolvimento pessoal. Mas, quando o mundo da consciência masculina leva ao individualismo inflexível, a luta pela autonomia, pelos princípios da *techne, do útil, do eficaz e eficiente*, as pessoas e profissões vão ficando isoladas umas das outras, estabelecendo relações de competitividade entre elas. Neste momento, a consciência do feminino emergente vai permitir detectar estes sintomas e apresentar outras possibilidades.

Enfermagem, sob o princípio do feminino consciente, vai denunciar as formas masculinas de produção de conhecimento (Silva, 1997), as formas masculinas de práticas de saúde (Silva, 1997) para propor outras formas de ação. O feminino emergente na enfermagem considera o ser humano como uma unidade, um todo em si. Qualquer discurso a construir será uma proposta perspectiva e parcial. O feminino consciente na enfermagem pode significar repensar as formas tradicionais para construir conhecimento, e vai trabalhar em parcerias multi- inter e transprofissionais para recriar aquilo que se deseja compreender na sua amplitude. O feminino consciente na enfermagem revela-se como os processos de



mudanças e transformações que estão acontecendo na pesquisa, ensino e assistência que privilegiam a compreensão sobre as explicações, os diálogos sobre os monólogos, a criatividade que envolve o corpo, que desfruta com prazer dos processos de mudanças, e estabelece relações de troca e parcerias entre iguais no ser e no fazer. O estágio do feminino emergente desenvolve, também, o masculino consciente, e nessa relação dialética de integração de ambos os princípios de consciência é que se vai dando o processo de desenvolvimento.

Sob esta perspectiva de análise, é nestes processos que Enfermagem está transitando na procura de sua autonomia, independência e desenvolvimento de sua identidade profissional e acadêmica na sua singularidade, na procura de sua plenitude e pleno direito de existir como profissão.

Porém, cabe perguntar se basta a tomada de consciência para provocar processos de transformação tão complexos e abrangentes como vimos propondo. A este respeito Bourdieu (1996), no seu trabalho sobre reflexões acerca da dominação masculina, discute estas questões e propõe que a conscientização é o começo de um processo de transformação social; aliás, ela é fundamental mas não é suficiente. Na sua teoria sobre a dominação simbólica, estabelece que qualquer forma de dominação simbólica (como a dominação da consciência masculina) é uma dominação que se exerce com a cumplicidade do dominado ou, mais precisamente, com a cumplicidade das estruturas que o dominado adquiriu na confrontação prolongada com as estruturas de dominação e pela incorporação dessas estruturas. Nestes processos parece evidente que não é suficiente tomar consciência dessas estruturas. Ele afirma: “É preciso transformar profundamente as disposições adquiridas por uma espécie de reeducação – aquela que é necessária para perder um mau costume, um mau hábito... A gente sabe como é longo e difícil mudar, e que é preciso mudar de forma inseparável as condições de produção dessas disposições, dessas estruturas incorporadas,...a tomada de consciência é então indispensável para desencadear o processo de transformação e para assegurar seus resultados” (Bourdieu, 1996: 37-38). Nesta perspectiva, este trabalho centra-se no processo de conscientização de gênero como aspecto fundamental nos processos de transformação social, a exemplo da área da saúde.

Na literatura de Enfermagem, no Brasil, algumas destas idéias têm sido discutidas a partir de diferentes perspectivas: desde as teorias do poder pastoral de Foucault, como a governabilidade na Enfermagem (Lunardi, 1998), até a reprodução das relações desiguais e polares de gênero nas professoras de uma escola da Bahia, em Nascimento (1996).

O desenvolvimento teórico da perspectiva de gênero na Enfermagem brasileira é um assunto recente segundo as estudiosas do tema neste país: uma reflexão sobre a evolução da consciência de gênero - mas entendida aqui como a consciência da evolução dos princípios femininos e masculinos nos seus estágios matriarcal, patriarcal e do feminino emergente - propõe um desenvolvimento novo, subjetivo e coletivo do feminino que estaria por aparecer. Não se trata de reeditar velhos padrões conhecidos e fracassados, mas de arriscar ir além deles e exercer a liberdade de criar, de aprender juntas esse que é novo, num processo dialógico e disposicional. Este novo olhar pode ser estimulante para o setor da saúde tradicional e para as enfermeiras, quando as convida a rever sua identidade feminina em desenvolvimento, integrando nelas os princípios masculinos e femininos, e deixando-se assim existir plenamente criativas de suas vidas.

Compartilho com Perls (1973), Rogers (1970), Jung (1988), Erickson (1984), Travelbee (1982), Paplau (1990), *que só é possível estimular, nos outros, mudanças da consciência, quando se conquistou para si mesmo esse nível*. É um processo recíproco, porque à medida que se vai tomando consciência da própria vida, e se assume sua construção, nominando, fazendo mudanças e realizando as próprias metas, os próprios desejos, necessidades e aspirações, pode-se compreender e participar nos processos de desenvolvimento dos outros.

Neste sentido, o processo de desvelamento da consciência de gênero feminina e masculina é uma tarefa a ser realizada pelas mulheres e pelos homens que dão atendimento de saúde. O processo então constitui-se, ao mesmo tempo, em caminho de pesquisa e em estratégia de mudança no ensino e assistência.

Interessa, com esta tese, contribuir para mudanças nos paradigmas tradicionais de pensamento que direcionam ensino, pesquisa, e assistência. Mudar as formas de atendimento nos sistemas da saúde, tanto para mulheres como para homens, oferecendo uma atenção integral que visualize a pessoa em processo de desenvolvimento de sua vida e

de sua consciência, para uma realização plena de si mesma, na sua singularidade, dentro de suas possibilidades e limites. Neste sentido, participar desse processo de vida significa ter o privilégio de acompanhar as pessoas na saúde, nas crises e nos processos de adoecer e morrer.

Além disso, a teoria da evolução da consciência de gênero, visando o desenvolvimento do feminino e masculino integrados, é uma contribuição recente das novas teorias de um setor de profissionais psico-analíticos jungianos ao desenvolvimento teórico do feminismo, e pode ser o primeiro intento de aplicá-la à realidade de mulheres latino-americanas, uma contribuição muito inicial, por certo. O desenvolvimento do saber atual sobre as mulheres no mundo precisa, para melhor compreensão, informações dos grupos singulares da América Latina.

Por último, como mulher, enfermeira e acadêmica, sou depositária do privilégio de comunicar-me com, e acompanhar, muitas mulheres durante os estágios de seu ciclo de vida. Introduzir esta visão da evolução da consciência de gênero está sendo uma luz nova no meu processo de desenvolvimento pessoal e profissional, que me estimula a continuar nesta incursão com outros grupos de mulheres e homens, no Chile, e poder, no futuro, estabelecer intercâmbios com profissionais e instituições, em outras partes do mundo, sem esquecer das companheiras brasileiras que me proporcionaram a base da pesquisa para a finalização desta tese .

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS<sup>22</sup>

- ABAGGNANO Nicola: **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora Mestre. 1982. 171-1181, p. 226- 227, p. 368-376, p. 386-393.
- ALMEIDA, Mariza; Elizete PASSOS. Sentimentos femininos : o significado do desmame precoce para as mulheres. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, v.6, n.1, p. 260-275, jan/abr.1977.
- ANDRÉ Serge: **O que quer uma mulher?** Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,1996..
- ARNOLD; EYSENCK; MEILI. **Diccionario de Psicologia**. Madrid:Ed. RIODUERO. 1979. p. 259-263; p. 320-327.
- ARTEAGA, Ana M; FIGUEROA Victória. **La salud de las Mujeres en Chile**. Repertorio de Investigaciones 1985-1992. Santiago de Chile: Ed. CEDEM. 1993.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. **Informações sobre pesquisas e pesquisadores em Enfermagem**. Centro de estudos e pesquisas em Enfermagem. CEPEn. 1994. Volume XII.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. **Informações sobre pesquisas e pesquisadores em Enfermagem**. Centro de estudos e pesquisas em Enfermagem. CEPEn. 1995. Volume XIII.
- BACKES, Vannia. O processo de viver e adoecer para mulheres pós-mastectomizadas. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, v.6, n.1, p.305-316. jan/abr.1977.
- BANDINTER. Elizabeth. **Um Amor Conquistado: o mito de amor materno**. Trad. Maria Luisa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BANDINTER, Elizabeth. **O discurso médico herdado de Freud**. In: BANDINTER. Elizabeth. **Um Amor Conquistado: o mito de amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

---

<sup>22</sup> [ Referências bibliográficas de acordo com a NB 66/1989 (NBR 6023) da ABNT. ]

- BARBOSA, Jaqueline. Compreendendo o ser doente renal crônico. Riberão Preto. Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem. Dissertação (Mestrado em Enfermagem. 1993. In: Associação Brasileira De Enfermagem. **Informações sobre pesquisas e pesquisadores em Enfermagem**. Centro de estudos e pesquisas em Enfermagem. CEPEn. 1994. Volume XII.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, Ltda.1977.
- BASTIAS Juan; SAAVEDRA, Ricardo. **Educación de la sexualidad en parejas jóvenes de sectores populares**. Santiago: CIDE. doc. n.13. 1983.
- BICUDO, Maria Aparecida. Sobre a fenomenologia. IN: BICUDO, Maria Aparecida; ESPÓSITO Victoria Helena. **Pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Unimep, 1994. p. 15-22.
- BICUDO, Maria Aparecida; ESPÓSITO, Victoria Helena. **Pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Unimep, 1994.
- BOCKLE et al. **Sexualidad Prematrimonial**. Salamanca: Sigueme. 1974
- BOEMER, Magaly, DO VALLE Elizabeth. **O significado do cuidar de criança com câncer-visão das enfermeiras**. Livro de Resumos. I Encontro Interamericano de Pesquisa Qualitativa em Enfermagem. 22-26 de fev. 1988. São Paulo. p. 205-207.
- BORGOÑO, LARRAÍN et al. **Sexualidad y Moral Cristiana**. Barcelona: Herder 1972.
- BOURDIEU, Pierre. Novas reflexões sobre a dominação masculina. IN: LOPEZ Marta; MEYER Dagmar; WALDOW Vera. **Gênero & Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas.1996.
- BURÍN, Mabel; MONCAZ, Esther; VELÁZQUEZ, Susana. **El malestar de las Mujeres: la tranquilidad recetada**. Buenos Aires: Paidós. 1991.
- BUSTO, Miren. **Aspectos psicológicos de la sexualidad de la mujer**. Santiago:PUC. 1980.
- CABRAL, Juçara Teresinha: **Constituição Histórica da sexualidade humana na tradição Ocidental**: uma contribuição para a educação-sexual. Dissertação Mestrado em Educação. Orientador. Dr.Prof. Selvino Assmann. UFSC. Florianópolis. Julho 1994.
- CAPLAN, Gerald: **Princípios de psiquiatria preventiva**. Bs As: Paidós. 1975.
- CARDACI, Dora. Educación nutricional: mujeres culpabilizando a mujeres. **Mujeres y Medicina**. México D.F.1990. p. 15-24.
- CARDACI, Dora. Volar hacia el otro lado. **Mujeres y Medicina**. Mexico D.F.abril.1990.

- CAVALCANTI, Raïssa. **O casamento do sol com a lua. Uma visão simbólica do masculino e do feminino.** São Paulo: Circulo do Libro, 1987.
- CEBOTAREV, E. A organização do tempo de atividades domésticas e não-domésticas de mulheres camponesas na America Latina. IN: AGUIAR Neuma. (coord). **Mulheres na força de trabalho na América Latina.** Petrópolis: Vozes. 1984: p. 45-98.
- CHODOROW Nancy. **Gender, Relation, and Difference in Psychoanalytic Perspective.** Part I Differentiation and the Sexual Politics of Gender. In: EISENSTEIN, Hester; JARDINE Alice. **The Future of Difference.** 2. ed. London: Rutgers University Press, 1987. p. 3-19.
- COLEGRAVE, Sukie. **O desvendar do princípio feminino na consciência humana** In: ZWEIGG Connie: **Mulher: em busca da feminilidade perdida.** trad. Vera de Paula Assis. São Paulo: Gente. 1994. p.39-63. (Original inglês. 1990.)
- COLVERO, Luciana. O significado do ser enfermeiro em ambulatório de saúde mental. São Paulo: Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). 1994. In: Associação Brasileira de Enfermagem. **Informações sobre pesquisas e pesquisadores em Enfermagem.** Centro de estudos e pesquisas em Enfermagem. CEPEn. 1995. Volume XIII.
- CORRÊA, Adriana. Sendo enfermeira no Centro de terapia intensiva. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem. 1995. In: Associação Brasileira de Enfermagem. **Informações sobre pesquisas e pesquisadores em Enfermagem.** Centro de estudos e pesquisas em Enfermagem. CEPEn. 1995. Volume XIII. p. 88-89.
- COSTA CUNHA, Auri. Relações de gênero na agricultura familiar no perímetro irrigado de São Gonçalo (PB). In: BRUCHINI, Cristina; HOLLANDA D, Heloísa. **Horizontes Plurais. Novos estudos de Gênero no Brasil.** Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas. 1998. 193-224.
- COVARRUBIAS, Paz. **:En búsqueda de la familia Chilena.** Santiago: Ed. Universidad Católica de Chile.1988.
- COVARRUBIAS, Paz et al: **Chile: Mujer y Sociedad.** UNESCO. Madrid:Chile. 1982.
- DARTIGUES, André. **O que é a Fenomenologia?** Rio de Janeiro: El Dorado, 1973. Trad. Maria José J.G.de Almeida. Original francês.
- DASKAL, Ana Maria; RAVAZZOLA, Cristina. **El malestar silenciado: la otra salud mental.** Santiago-Chile: ISIS. Ediciones de las Mulheres n. 14. Dic. 1990.

- DASKAL, Ana Maria **La vida cotidiana de las mujeres**. In: El malestar silenciado: la otra salud mental. Santiago-Chile: ISIS. Ediciones de las Mujeres n. 14. Dic. 1990.
- DE BEAUVOIR, Simone **El segundo sexo. La experiencia vivida**. Buenos Aires: Siglo Veinte. Tomo II. 1981. p
- DE BEAUVOIR, Simone. **El segundo sexo. Los hechos y los mitos**. Buenos Aires: Siglo Veinte. Tomo I. 1981.
- DE LOS RIOS Rebecca. **Mujer, salud y autocuidado**. Cali: OPS. 1991 Doc. Grupo de trabajo.
- DE LOS RIOS Rebecca; GOMEZ Elsa. **La mujer en la salud y el desarrollo: un enfoque alternativo**. OPS. Presentación. In: III Reunión Internacional sobre Atención Primaria em Salud. La Habana, Cuba, Marzo, 1991.
- De OLIVEIRA, Rosiska. **Elogio da diferença: o feminino emergente**. São Paulo: Brasiliense. 1993.
- DILTHEY, Wilhelm: **Teoria de las Concepciones del Mundo**. México:Alianza. Trad, Julián Marías. 1990.
- DO NASCIMENTO, Enilda. **Gênero e enfermagem**. Salvador: Positiva. 1996.
- DOMINGUEZ, Rosario et al. **Estudio diagnóstico sobre relaciones humanas y trato al público del Sistema Metropolitano de Salud**. Santiago: Ministerio de Salud Pública de Chile. doc. 1993.
- ECHEVERRÍA Rafael. **El Búho de minerva: introducción a la filosofía moderna**. Santiago: Dolmen.2ed. 1993.
- EISENSTEIN Hester. **Contemporary Feminist Thought**. Boston: G.K. Hall& Co. 1983. p.35-42;. p.69-78 p.79-90.
- EISENSTEIN, Hester; JARDINE Alice.Editors. **The future of difference**. 2. ed. New Brunswick and London: Rutgers University Press, 1987.
- EISLER, Riane. **Transformação social e o feminino: da dominação à parceria**. In In: ZWEIGG, C: **Mulher: em busca da feminilidade perdida**.São Paulo: Gente. 1994. trad. Vera de Paula Assis. Original inglés.1990. p.49-63.
- ELSNER P; MONTERO M; REYES,C;y cols. **La familia: una aventura**. Santiago: Ed. Universidad Católica de Chile. Noviembre.1988.

- ENGELMANN, Arno. Principais modos de pesquisar a consciência-mediata-de outros. **Psicologia USP**, São Paulo, v.8, n.2, p. 251-274. 1997.
- ERICKSON, Erick: **Infancia y sociedad**. Bs. As: Ed. Paidós. 1980.
- ERICKSON, Erick: **La Adultez**. México D.F. Fondo de Cultura Económica. 1984.
- ESPOSITO, Vitória. Pesquisa qualitativa: modalidade fenomenológica hermenêutica. Relato de uma pesquisa. In: BICUDO, Maria Aparecida; ESPÓSITO Victoria Helena. **Pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Unimep, 1994. p.81-93.
- FARNHAM, Christie: **The Impact of feminist research in the academy**. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press. 1987.
- FERRATER, José: **Diccionario de Filosofia**. Barcelona:Alianza Editorial.1981. p 561-571; 767-769.
- FINI, Maria Inês. Sobre a pesquisa qualitativa em educação que tem a fenomenologia como suporte. IN: BICUDO, Maria Aparecida; ESPÓSITO Victoria Helena. **Pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Unimep, 1994.p. 23-34.
- FLAX, Jane.Woman do theory. In: JAGGAR Alison; ROTHENBERG Paula. eds. **Feminist frameworks. Alternative theoretical accounts of the relations between women and men**.New York.:Mc Graw-Hill, Inc. 1993.
- FLAX, Jane. Mother-daughter relationships: psychodynamics, politics and philosophy. In: EISENSTEIN, Hester; JARDINE Alice.Editors. **The future of difference**. 2.ed. New Brunswick and London: Rutgers University Press, 1987.
- FLAX, Jane. Transitional Thinking: Psychoanalytic, feminist and postmodernist theories.In: **Thinking Fragments**. Berkeley: Oxford, University of California Press. 1990. p. 14-43.
- FORGHIERI, Yolanda. Contribuições da Fenomenologia para o estudo de vivências. **Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia**.2. 01. 1989.p.7-20.
- FREITAS, Manuel da Costa: **Consciência, Desejo**. In: LOGOS. Enciclopédia LUSO-Brasileira de Filosofia, 1.Lisboa/ São Paulo: VERBO:, 1989. p.1130-1140 e p. 1345-1350.
- FREUD Sigmund. **Sexualidade Feminina**. Ed Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. v.21. (1927-1931). 1974.



- FREUD Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. II. A sexualidade infantil. Ed Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. v. 7(1901-1905). 1989. p 162-188.
- GALLOP Jane and BURKE Carolyn: **Psychoanalysis and feminism in France**. In: EISENSTEIN, Hester; JARDINE Alice: **The future of difference**. 2. ed New Brunswick and London: Rutgers University Press, 1987. p. 3-19; p. 106-114.
- GANDOLFO Baron Rafael: **De Aristóteles a Heidegger**. Santiago: Ediciones Pontificia Universidad Católica de Chile. 1990.
- GEERTZ Clifford: Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978. p.13-41.
- GELAIN, Ivo. **O significado do "ethos" e da consciência ética do enfermeiro em suas relações de trabalho**. Tese apresentada à Escola de Enfermagem USP, São Paulo, 1991. Tese Doutorado.
- GIDDENS Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade e erotismo nas sociedades modernas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista. 1993. (Original: inglês.)
- GILLIGAN, Carol. **Uma voz diferente. Psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1993.
- GISSI, Jorge El machismo en los dos sexos. In: COVARRUBIAS,PAZ.: **CHILE: Mujer y Sociedad**. UNESCO. Madrid, México, Chile. (1982).
- GISSI, Jorge. Machismo, socialización familiar y conflictos psicológicos. **Fam. Educación y Sociedad**. Mexico. v 3(9). p. 8-11.1985.
- GOMES Maria Magda. Ter filho internado na unidade de terapia intensiva neonatal.: o significado para os pais. São Paulo. Escola Paulista de Medicina, 1992. Dissertação (Mestrado Em Enfermagem). In: Associação Brasileira de Enfermagem. **Informações sobre pesquisas e pesquisadores em Enfermagem**. Centro de estudos e pesquisas em. Enfermagem. CEPEn. 1994. Volume XII. p.67.
- GOMES, William. A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. **Psicologia USP**, São Paulo, v.8, n.2, p. 251-274. 1997.
- GREGERSEN,Edgard. **Práticas sexuais: a história da sexualidade Humana**. São Paulo: Roca Ltda. 1983.

- GUERRA, Lucía. La modalidad hermética de lo femenino. In: **La Mujer Fragmentada: Histórias de un signo**. La Habana. Casa de las Américas. 1994. p. 52-70.
- GUERRA, Lucía. Tentativas da integracion de lo masculino y de lo femenino. In: **La Mujer Fragmentada: Histórias de un signo**. La Habana. Casa de las Américas. 1994. p. 84-108.
- GUERRA, Lucía. Fronteras y antifaces del signo mujer. In: **La Mujer Fragmentada: Histórias de un signo**. La Habana. Casa de las Américas. 1994. p.35-50.
- HEIDDEGER, Martin. El método fenomenológico de la Investigación. In: **El Ser y el Tiempo**. México: Fondo de Cultura Económica. 1974.p. 37-49.
- HEIDDEGER, Martin. **El Ser y el Tiempo**. México: Fondo de Cultura Económica. 1974.p. 37-49.
- HEIDDEGER, Martin. **Todos... nós, ninguém** São Paulo, Moraes. 1991.
- HELMAN, Cecil. **Cultura, Saúde e Doença**. 2ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994.
- HILL, Patricia. Finding your way around qualitative methods in nursing research. **Journal of Advanced Nursing**, 1997, 25, 18-22, 1997.
- HIMMEL Ericka, MALTES Sergio. **Metodologia de la Investigación Científica** Santiago: Ed. PUC. 1981.
- HITE, Shere. **El informe HITE: estudio sobre sexualidad femenina**. España: Plaza Janés. S.A. 1982.
- HYDE, Janet. **Psicología de la Mujer. La otra mitad de la experiencia humana**. Madrid: Ediciones Morata. 1995.
- JAGGAR Alison; ROTHENBERG. **Feminist frameworks: alternative theoretical accounts of the relations between women and men**. New York: Mc Graw- Hill, Inc.1993. p. xi.-xviii. 1-5.
- JAGGAR, Alison M; BORDO, Susan R.: **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.
- JUNG, Carl. **Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- JUNG, Carl. **O eu**. In: **Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 1-5.
- JUNG, Carl. **Sizígia: anima e animus**. In: **Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 9-20.

- JUNG, Carl. **A sombra**. In: Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. Petrópolis: Vozes, 1988. p.6-7.
- JUNG, Carl. **O si-mesmo**. In: Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 21- 33.
- KANTORSKI, Luciane; MOREIRA, Aguida; LUZ, Hildete. Representação da violência contra a mulher. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, v.6, n.1, p. 33-49, jan/abr.1977.
- KAPLAN Helen S: **La nueva terapia sexual**. Madrid: Alianza 1978. Tomo I y II
- KEEN, Ernest. **Introdução à psicologia fenomenológica**. Rio de Janeiro: Interamericana. 1979.
- KEESING, R. Worlds of Women and men. In: **Cultural Antropology**. New York: Holt, Rinehart e Winston. 1981. Cap. 14.
- KERLINGER, Fred. **Investigación del comportamiento: técnicas y metodología**. México: Interamericana. 1975.
- KINSEY, A; POMEROY, M; GEBHARD: **Conducta sexual de la mujer**. Bs. As: Ed. Siglo Veinte. 1967.
- KINSEY, A; POMEROY, M; GEBHARD: **Conducta sexual del hombre**. Bs. As: Ed. Siglo Veinte. 1964.
- KIRK, Jerome; MILLER, Marc. **Reliability and validity in qualitative research**. A Beverly Hills, California: SAGE. Sd Printing. 85 pp. 1996.
- KUDE Vera. Como se faz projeto de pesquisa qualitativa em psicologia. **Psico**. Porto Alegre, v.28, n.1, p. 9-34. jan./jun.1997.
- KUDE Vera.. Como se faz análise de dados na pesquisa qualitativa em psicologia. **Psico**. Porto Alegre, v.28, n.2, p. 183-202. jan./jun.1997.
- LABRA, Maria Eliana. **Mulher, saúde e sociedade no brasil**. Petrópolis: Vozes. Abrasco. 1989.
- LANDERDAHL, Maria Celeste. Buscando novas maneiras de pensar e viver o climatério feminino. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, v.6, n.1, p.130-134, jan/abr.1977.
- LARRAÍN, H: **Especificidad de la Sexualidad Humana**. Em: Borgoño; Larrain; et al. Sexualidad y Moral Cristiana. Barcelona: Ed Herder. 1972.

- LARRAÍN, J de D. **Breve Tratado de Filosofia Moral**. Universidad de los Andes. 1992. p.11-15.
- LERCH, Philippe. **Psicologia Social**. Buenos Aires: Scientia. 1972. p. 41-87; 139-172.
- LEVINSON, D; et al. **The seasons of a man's life**. New York: Knopf. 1978.
- LOPEZ Marta; MEYER Dagmar; WALDOW Vera. **Gênero & Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas.1996.
- LOURO, Guacira. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPEZ Marta; MEYER Dagmar; WALDOW Vera. **Gênero & Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- LUNARDI, Valéria. **Do poder pastoral ao cuidado de si: governabilidade na Enfermagem**. Florianópolis: pós-graduação na Enfermagem. UFSC. 1997. Tese de Doutorado.
- MACE D.R.; BANNERMAN H.O; BURTAN J. Las enseñanzas de sexualidad humana em las escuelas de formación de profesionales de la Salud. **Cuadernos de Salud Pública**. Organización Mundial de la Salud. Ginebra. n.57. 1975.
- MACHADO, Ozeneide. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: BICUDO, Maria Aparecida; ESPÓSITO Victoria Helena. **Pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Unimep, 1994. p.35-46.
- MANDÚ, Edir; SILVA, Graciette. A saúde -doença no olhar das mulheres. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, v.6, n.1, p.219- 245, jan/abr.1977.
- MARCOLINO Clarice. **Trajetória da mulher em direção à esterilização cirúrgica feminina: um estudo fenomenológico**. São Paulo. Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem, 1994. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). In: Associação Brasileira De Enfermagem. **Informações sobre pesquisas e pesquisadores em Enfermagem**. Centro de estudos e pesquisas em Enfermagem. CEPEn. 1995. Volume XIII. p. 86.
- MARCON, Sonia et. als. Trabalho da mulher: o confronto com a realidade familiar. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, v.6, n.1, p. 135-156, jan/abr.1977.
- MARQUES, Juracy. Abordagem fenomenológica em pesquisa: os significados das experiências e concepções. **Psico**. Porto Alegre, v.17, n.1, p. 31-42.jan/jun.1989.
- MARTINS Joel; BICUDO, Maria Aparecida. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes. 1989.

- MARTINS Joel; BOEMER, Magali; FERRAZ, Clarice: A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa. Algumas Considerações. **Rev. Esc. Enf. USP**, São Paulo, 24 (1): 139-147, abr.1990.
- MARTINS, Joel. FARINHA Maria Fernanda; DICHTCHEKENIAN, Beirão. **Temas fundamentais de fenomenologia**. Centro de Estudos Fenomenológicos de São Paulo. São Paulo: Moraes. 1984.
- MARTINS, Joel. Psicologia da Cognição. Como fazer fenomenologia. In: MARTINS, Joel. FARINHA Maria Fernanda; DICHTCHEKENIAN, Beirão. **Temas fundamentais de fenomenologia**. Centro de Estudos Fenomenológicos de São Paulo. São Paulo: Moraes. 1984. p. 75-87.
- MASLOW, Abraham. **La personalidad creadora**. Argentina: Troquel. 1991.
- MASLOW, Abraham. **El hombre autorealizado: hacia una psicología del Ser**. Argentina: Troquel. 1993.
- MASTERS Willam & JOHNSON Virginia. **El Vinculo del placer**. Buenos Aires.:Ed. Intermédica. 1975.
- MASTERS Willam & JOHNSON Virginia. **Incompatibilidad Sexual Humana**. Buenos Aires: Ed. Intermédica. 1972.
- MASTERS Willam & JOHNSON Virginia. **La Respuesta Sexual Humana**. Buenos Aires: Ed. Intermédica. 1967.
- Mc CARY, James; Mc CARY Stephen. **Sexualidade humana de McCary**. Mexico: ed el Manual Moderno. 1991.
- MEAD, Margaret : **Sexo y Temperamento**. Buenos Aires: Paidós. 1961.
- MENDES Iranilde. O ser hanseniano. Livro de Resumos. **I Encontro Interamericano de Pesquisa Qualitativa em Enfermagem**. 22-26 de fev. 1988. São Paulo, p. 201-204.
- MERLEAU-PONTY, Maurice.(1945) **A Fenomenologia da percepção**. Trad. Reginaldo do Pietro. Rio de Janeiro: Freitas, 1971
- MERLEAU-PONTY, Maurice.(1960). Fenomenologia da linguagem. In: **Textos escolhidos/ Maurice Merleau-Ponty**. Trad. Marilena Chauí. São Paulo, Abril cultural, 1984.
- MEYER, Dagmar: Do poder ao gênero: uma articulação teórico-analítica. In: LOPEZ Marta; MEYER Dagmar; WALDOW Vera. **Gênero & Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.

- MILES, Matthew; HUBERMAN Michael. **Qualitative data analysis: an expanded source book**. California: Sage. 2<sup>nd</sup> ed. 1994.
- MINAYO, Cecília. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Huctec- Abrasco. 1994.
- MINAYO, Maria Cecilia; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Publ.**, Rio de Janeiro,9(3): 239-262, jul./set, 1993.
- MIZRAHI, Liliana. Herederas de una moral inquisidora. In: DASKAL, Ana Maria; RAVAZZOLA, Cristina. **El malestar silenciado: la otra salud mental**. Santiago-Chile: ISIS. Ediciones de las Mulheres n. 14. Dic. 1990.
- MONTECINO, SONIA: **Madres y Huachos. alegorías del mestizaje chileno**. Santiago: Cedem. 2. ed. 1993.
- MONTECINO, Sonia; ROSSETTI, Josefina. **Tramas para un nuevo destino. Propuestas de mujeres por la democracia**. Santiago -Chile: Arancibia edt. 1990.
- MORGADO, Belkis: **A solidão da mulher bem-casada**. Um estudio sobre a mulher brasileira. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986.
- MUNHALL, Patricia. **Qualitative Research: Proposal and Reports: a guide**. New York: National League for Nursing. 1994. Trad. livre Maria Soledad Rivera.
- MURARO, Rose Marie: **Sexualidade da Mulher Brasileira**. Corpo e classe social no Brasil. Petrópolis: VOZES, 1983.
- MUSZKAT, Malvina. **Desejo de Mulher**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1994.
- NASCIMENTO, Enilda do. **Gênero e Enfermagem**. Salvador: Positiva. 1996.
- NASCIMENTO, Maria da Graça, et als. Vivenciando o processo de nascimento. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, v.6, n.1, p. 157- 167, jan/abr.1977.
- OLESEN Virginia, **Feminisms and Models of Qualitative research**. California: SAGE. 1994. p. 158-174.
- OMS: **Instrucciones y asistencia em cuestiones de sexualidad humana: Formación de profesionales de la Salud**. OMS. Serie II n. 572. Ginebra. 1975.
- ORTIZ, Juan. **Salud Mental popular**. Santiago: CIDE doc. n.20. 1983.
- PASACHE, Victoria. Sexualidad, pareja y familia. **Terapia Sicológica**. Santiago. Año II. n.3, 1983.

- PASCOE Elizabeth. The value to nursing research of Gadamer's hermeneutic philosophy. **Journal of Advanced Nursing**, 1996, 24, 1309-1314.
- PATRICIO, Zuleica et al. Nas representações de meninas sobre sexualidade - reprodução. A construção do ser mulher e do ser homem. **Texto & Contexto** Florianópolis. v. 6. n. 1. jan./abr. 1997.
- PEDRO, Joana Maria: **Mulheres honestas, e mulheres faladas, uma questão de classe**. Florianópolis: EdUFSC. 1994.
- PEPLAU, Hildegard. **Relaciones interpersonales em enfermería: un marco de referencia conceptual para la enfermería psicodinámica**. Barcelona: Salvat. 1990.
- PERLS, Fritz. **Sueños y existencia: introducción a la terapia guesáltica**. Buenos Aires: Cuatro Vientos Ed. 1973.
- RANSOM, Thomas. Edmund Husserl. Martin Heidegger. In: **História do existencialismo e da fenomenologia**. v.1 São Paulo: Ed Pedagógica e Universitária Ltda. 1975. p. 129-298.
- RAVAZZOLLA, Maria C. Dejarse abusar no ayuda. In: DASKAL, 1990 Ana Maria; RAVAZZOLA Cristina. **El malestar silenciado: la otra salud mental**. Santiago-Chile: ISIS. Ediciones de las Mulheres n. 14. Dic. 1990. p. 99-115.
- REYES, Carmen et al. Familia. In: MONTECINO Sonia; ROSSETTI, Josefina, eds. **Tramas para un nuevo destino. Propuestas de mulheres por la democracia**. Santiago -Chile: Arancibia. 1990. p.60-79.
- RICE J & RICE D. **Developmental approach to life cycle**. New York: The Guilford Press. NY. 1986.
- RIVERA Diana, Et al. **Relaciones de Género y Sexualidad: informe de investigación**. Santiago: Centro de Estudios Sociales y Educación. SUR.Doc. n. 153. 1995.
- RIVERA M., Soledad; COMPAGNONI, V, OPGAARD, A: Un modelo de Intervención em Enfermería Psiquiátrica. **Rev. Enfermería**. Santiago-Chile. Año XII (57) p. 4-9. Julio- Agosto-Septiembre. 1978.
- RIVERA M. Soledad: **Vida sexual de mulheres adultas, de estrato social medio bajo y bajo, y su relación con la comunicación y conflictos de pareja, sistema de valores sexuales y antecedentes traumáticos sexuales**. Tesis de Magister em Salud Pública. Mención Epidemiología. Universidad de Chile. Santiago, 1986.

- RIVERA M. Soledad: Análisis de algunos aspectos sociológicos del puerperio y rol de la enfermera como educadora. 1985. **EPA**. Educación para el Autocuidado en Salud. Santiago de Chile. Vol II (5): p. 55-62. P.U.C. 1987.
- RIVERA M. Soledad: Sexualidad en el embarazo. Revista. **EPAS**. Educación para el Autocuidado en Salud. Santiago de Chile. v.1. n.10. p. 28-30, 1987a.
- RIVERA M. Soledad: Estados Depresivos en la mujer **EPAS**. Santiago de Chile **SALUD MENTAL II**. v.5, n. 2, 1989. P. 30-40.
- RIVERA M Soledad. Mirada evolutiva de la adultez. **EPAS**. Adulto Mayor. Santiago de Chile. v. 8, n. 4. Diciembre 1991. p. 18-30.
- RIVERA M Soledad: Autocuidado en Salud Sexual. **EPAS**. Salud Mental. Santiago de Chile. v. 7, n. 3 Mayo. 1990. p 21-25.
- RIVERA M Soledad: Técnicas de relajación física y mental. In: **Tiempo nuevo para el adulto mayor**. Programa para el Adulto mayor. Santiago de Chile: Ed. Pontificia Universidad Católica de Chile. VRA. O.P.S. Ministerio de Salud Pública. 1993. II Parte, Cap. 4. p.315- 331.
- RIVERA M. Soledad. **Mariazinhas De Florianópolis: Una Lectura De Discursos De Mujeres Sobre Su Satisfacción Sexual**. Relato de una pesquisa microetnográfica. Trabalho de conclusão de disciplina de doutorado: Introdução a Pesquisa Etnográfica. Prof. Jean Langdom. 1996.
- RIVERA M. Soledad. **Educacion para el autocuidado de la salud sexual de mulheres adultas: una experiencia em construccion y reconstruccion** In: I ENBRACCE: PRIMER ENCUENTRO BRASILEIRO sobre CUIDADO Y CONFORTO EM ENFERMERIA. Itapema, SC. AGOSTO 1996a.
- RIVERA M Soledad. **Educacion en salud sexual de adultos: una aventura**. In: II CONFERENCIA LATINOAMERICANA DE PROMOCION Y EDUCACION PARA LA SALUD. Santiago de Chile. Octubre, 1996b.
- RIVERA, M Soledad. **Sexualidad saludable de adultos: integralidad, dinamismo y complejidad**. In: II CONFERENCIA LATINOAMERICANA DE PROMOCION Y EDUCACION PARA LA SALUD. Santiago de Chile. Octubre, 1996c.
- RODÓ Andrea, et al. **Los nuevos Roles y la construcción de identidad femenina**. Informe de investigación. Santiago: Centro de Estudios Sociales y Educación. SUR. Doc. n. 144. Oct. 1993.



- RODRIGUEZ MAGDA, Rosa M: **Femenino Fin de Siglo: la seducción de la diferencia.** Barcelona: Anthropos. 1994.
- ROGERS, C: **El Camino del Ser.** Argentina. Kairos-Troquvel. 1980.
- ROGERS, C: **Libertad y Creatividad em Educacion.**Bs As: PAIDOS. 1976.
- ROGERS, C: **El matrimonio y sus alternativas.** Argentina. Kairos-Troquvel 1979.
- ROGERS, C: **El Proceso de Convertirse em Persona.** Bs. As: PAIDOS. 1972.
- ROGERS, C: **La Enseñanza Centrada em el Alumno.**Bs. As: Paidos.. 1974.
- ROGERS, C; KINGET, M. **Psicoterapia y relaciones humanas.** Madrid: Alfa Guara. 1970.
- ROGERS, Carl. **El proceso de convertirse em persona.** Buenos Aires: PAIDOS. 1972.
- ROMO, Waldo. Amor y sexualidad: elementos para una moral cristiana de la sexualidad. **Persona y Sociedad.** Santiago-Chile: Ilades.Vol.IV.Nº1.1990. p.31-44.
- RUBIN, Lilian: The sexual dilema. In: JAGGAR Alison; ROTHENBERG. **Feminist Frameworks: Alternative Theoretical Accounts of the Relations between Women and Men.** New York: Mc Graw- Hill, Inc. 1993.p.461-468.
- SALAMOVIC, Sofia. Mujer psicoterapia y cambio. In: DASKAL, 1990 Ana Maria; RAVAZZOLA Cristina. **El malestar silenciado: la otra salud mental.** Santiago-Chile: ISIS. Ediciones de las Mulheres n.14. Dic. 1990.
- SANTOS,Odaléia; CUSTÓDIO Zaira. Encontro de gestantes do terceiro trimestre: uma experiência facilitadora para vivenciar o processo do nascimento. **Texto Contexto Enferm.** Florianópolis, v.6, n.1, p. 293- 304, jan/abr.1977.
- SCHELL, Robert. **Psicologia evolutiva actual.** Londres: Random House. 1985.
- SILVA, Alcione da. Femenino Pós-moderno e a pesquisa: implicações para Enfermagem. **Texto & Contexto- Enfermegem.** Florianópolis, v.6, n.1, p.66-83, jan./abr.1997.
- SILVA, Alcione da. Trascendendo feminino e masculino: uma relação estética para a consciência do cuidado. **Texto & Contexto - Enfermagem.** Florianópolis, v.5, n.1, p.18 -33, jan./jun.1996.
- SIMÕES, Sonia; SOUZA Ívis. Parturição: vivência de mulheres. **Texto Contexto Enferm.** Florianópolis, v.6, n.1, p.168- 180, jan/abr.1977.
- SPRADLEY, James P. **Participant observation.** New York: Holt, Rinehart and Winston, 1980.

- STAUDE, John. Raphael: **O Desenvolvimento adulto de C. G. Jung**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- STEIN Robert. **Da liberação da mulher à liberação do feminino**. In: ZWEIGG,C: **Mulher: em busca da feminilidade perdida**.São Paulo: Gente. 1994. p. 65-79
- STREUBERT, Helen; CARPENTER, Dona. **Qualitative Research in Nursing: Advancing the Humanistic Imperative**. Philadelphia: J.B Lippincott Company, 1992.
- TERRAGONA, Margarita.La mujer y los expertos en salud mental. In: **Familias en transformación y códigos por transformar**. México: Grupo de Educación Popular com Mujeres. 1992.
- TORRES, Carmen. **La otra mirada de la salud mental**. Santiago: ISIS Intenacional. Agenda Salud. 3. Julio-Septiembre. 1996.
- TRAVELBEE, Joyce. **Intervención em enfermería psiquiátrica**. Colombia: OPS. 1982.
- TRIGUERO, Maria Cristina: **Velhice: perda ou ganho?** Dissertação de Mestrado em Psicologia. UFSC. 1997.
- TUBER Silvia. **Mujer y calidad de vida: morbilidad mental diferencial**. Barcelona: Vall Llobert& Méndez. 1991. p. 118-129.
- VASCONI, Ruben. El Hombre pensado desde la existencia. In: VASCONI, Ruben. **Perspectivas: una introducción a la antropología filosófica**. Rosario: UNR. 1992.
- VERISSIMO Maria. **Tentar preservar-se: a escolha da enfermeira em situações difíceis**. São Paulo. Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem, 1995. In: Associação Brasileira de Enfermagem. **Informações sobre pesquisas e pesquisadores em Enfermagem**. Centro de estudos e pesquisas em Enfermagem. CEPEn. 1995. Volume XIII. p. 88.
- VIEIRA DA SILVA D. **A construção da experiência de estar em condição crônica de saúde**. Projeto de Tese de Doutorado em Enfermagem. UFSC. 1997.
- VON ZUBEN, Newton. Fenomenologia e existência: uma leitura de Merleau-Ponty. In: MARTINS, Joel. FARINHA Maria Fernanda; DICHTCHEKENIAN, Beirão. **Temas fundamentais de fenomenologia**. Centro de Estudos Fenomenológicos de São Paulo. São Paulo: Moraes. 1984. p. 55-68.

- WALDOW Vera. A opressão na enfermagem: um estudo exploratório. In: LOPEZ Marta; MEYER Dagmar; WALDOW Vera. **Gênero & Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas.1996.
- WILLIS Jurg. **La Pareja:su relacion y conflictos**. Madrid: Morata.1978.
- WOODMAN, Marion. **Feminilidade consciente: mãe, virgem, anciã**. In: ZWEIGG,C: **Mulher: em busca da feminilidade perdida**. trad. Vera de Paula Assis. São Paulo: Gente. 1994. 1990. 151-169.
- ZAMPIERI, Maria da Fátima. Mulheres cuidando de mulheres: em busca de uma enfermagem mais humanizada. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, v.6, n.1, p. 276-292, jan/abr.1977.
- ZWEIGG, Connie (org). **Mulher: em busca da feminilidade perdida**. São Paulo: Gente.1994.

## ANEXOS

### ANEXO I -

#### **Aproximação Fenomenológica como Metodologia de Pesquisa**

Dentro das eleições teóricas do método fenomenológico voltadas para o estudo da *experiência consciente*, na Enfermagem norte-americana, segundo Streubert (1994) tem-se aplicado o método da psicologia fenomenológica desenvolvida por Van Kaam (1959) e posteriormente por Amadeo Georgi (1975, 1985) da Duquesne University, e seu colegas Colaizzi (1978), Van Manen (1984) e os desenvolvidos por enfermeiras como Paterson & Zderad (1976), e a própria Streubert (1991). Estes modelos são fiéis à tradição de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty conservando o essencial da fenomenologia, mas enriquecendo-a com diversas maneiras de operacionalizar o processo de pesquisa.

A linha teórica da fenomenologia na pesquisa em Enfermagem no Brasil é recente e apresenta a tendência a apoiar-se nas fenomenologias originais de Edmund Husserl (1857-1938) e Martin Heidegger (1889- 1976) Maurice Merleau-Ponty (1905-1980), segundo foram retematizadas nas perspectivas dos professores Joel Martins e seus discípulos, Maria Aparecida Bicudo e Vitoria Esposito, assim como Lucila e Maria Ines Fini, Ozeneide Machado, Luiz Lima, todos fundadores da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa, e responsáveis pelas publicações sobre abordagem fenomenológica nas pesquisas em Educação. As pesquisas realizadas na Enfermagem têm demonstrado sua contribuição para a compreensão das experiências vividas pelos usuários e enfermeiras; entre elas destaco as de Boemer (1988,1991), Gelain (1991), Barbosa (1993), Gomes (1993) Colvero (1994), Marcolino (1994) Veríssimo, (1994), Corrêa (1995), entre outras.

No Brasil, William B. Gomes (1997), pesquisador do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Rio Grande do Sul, tem trabalhado segundo a perspectiva de

Amadeo Georgi da Duquesne University, complementando-a com a fenomenologia semiótica, desenvolvida por Richard Lanigan (1972), da Southern Illinois University, cujo fundamento baseia-se na teoria fenomenológica de Merleau-Ponty. Gomes tem centrado seus estudos na *experiência consciente* do alcoolista que está em busca de reabilitação, de adolescentes que se deparam com a bebida alcoólica e seus efeitos; a experiência consciente de adolescentes portadores de doenças orgânicas crônicas; a experiência consciente de mães de três gerações sobre suas preocupações com a vida familiar e com a educação dos filhos entre outros (Gomes, 1997). Esta perspectiva resultou coerente com nossa interrogante e ajudou a fundamentar esta pesquisa. Portanto, a perspectiva teórico-metodológica que apresentamos baseia-se na psicologia fenomenológica e sua aplicação ao estudo da *experiência consciente* segundo Gomes (1997), complementada com os trabalhos de outros pesquisadores da psicologia como Marques(1989), Kude (1997a, 1997b) da Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul, e Forghieri (1989) da Universidade de São Paulo, e Joel Martins et al. (1984, 1990)

### **A fenomenologia como trajetória de pesquisa**

O termo "fenomenologia" vem de *phainomenon*, que significa aquilo que se mostra como é, o manifesto, o revelado, e de *logos*, que significa discurso, isto é, aquilo que é transmitido na fala. Significa deixar que as coisas se manifestem como o que são, sem que projetemos nelas as nossas próprias categorias (Heidegger, 1974; Esposito, 1994). São as coisas que se nos revelam no que são, através das múltiplas formas de manifestar-se e de expressar-se em linguagens verbal, corporal, plástica, musical, etc. Porém, isto que se mostra, ao ser percebido por uma outra consciência, sempre será perspectival, já que sempre haverá um outro sujeito para o qual ele se mostrará de uma maneira diferente (Bicudo,1994). Por sua parte, Bicudo cita Joel Martins quando transcreve: "fenomenologia é, neste século, um nome que se dá a um movimento cujo objetivo precípua é a investigação direta e a descrição de fenômenos que são experienciados conscientemente, sem teorias sobre sua explicação causal e tão livre quanto possível, de pressupostos ou de preconceitos" (Bicudo, 1994: 15).

Merleau-Ponty (1971), baseado em Husserl, o criador da fenomenologia, interroga no prefácio de seu texto *Fenomenologia da percepção*: O que é fenomenologia? Sua descrição reflete o estado aberto desta questão até hoje, porque, em essência, a fenomenologia desvela-se na medida que passa o tempo, estando em permanente desenvolvimento. Ela mesma é caminho aberto de interrogação na medida em que o assunto de que trata sua investigação é a *experiência vivida* no mundo, no dia-a-dia da existência. "E revelar o mistério do mundo... reaprender a ver o mundo" (Merleau-Ponty, 1971: XV). "O que é Fenomenologia?" pergunta Merleau-Ponty: "é o estudo das essências", é uma "filosofia que recoloca as essências na existência"; "uma filosofia para a qual não se pode compreender o homem e o mundo senão a partir de sua facticidade"; é uma filosofia transcendental, que coloca entre parêntesis as afirmações da atitude natural para entendê-las; porém é também uma filosofia para quem o *mundo está sempre ali, antes da reflexão começar* – como uma presença inalienável – e todos seus esforços estão concentrados em *resgatar um contato direto e primitivo com o mundo*". E além disso "a tentativa de uma *descrição direta de nossa experiência* tal como é, sem levar em conta a sua gênese psicológica e as explicações causais do cientista..." (Merleau-Ponty, 1971).

A fenomenologia é descrita por Merleau-Ponty (1984) como filosofia e método. Por sua parte, Martins (1984), Bicudo (1994) percebem-na como uma maneira de ver-se a si mesmo, aos outros, e a tudo aquilo com o que temos contacto na vida. "Fenomenologia é um *sistema de interpretação* que nos ajuda a *perceber e conceber a nós mesmos*, nossos contatos e intercâmbios *com os outros*, e tudo o demais nas próprias experiências, numa variedade de formas..." (Martins, 1984: 75).

O foco central da fenomenologia é a *experiência vivida do mundo*, no dia-a-dia. Schutz, conforme Streubert (1994), descreve o mundo do dia-a-dia como a esfera total das experiências de um indivíduo que está circunscrito pelos objetos, pessoas, e eventos presentes nos objetivos pragmáticos da vida. Em outras palavras, é esta experiência vivida que apresenta ao indivíduo o que é *verdade ou real na sua vida*. Além disso, é a experiência vivida que dá *significados* a cada percepção do indivíduo a respeito de um fenômeno particular e às influências internas e externas ao indivíduo.

Conforme Streubert (1994), como *método*, a fenomenologia é um *caminho para pensar e perceber a experiência vivida*. Sua meta é descrever essa experiência vivida. Sua trajetória histórica começa com Brentano (1838-1917) que definiu o conceito de *intencionalidade* da consciência, na clássica frase: "*a consciência é sempre consciência de algo*". Ele destaca a experiência de direcionalidade da consciência para os objetos e a experiência passou a ser entendida como a expressividade da consciência. Segundo Streubert, (1994), Merleau-Ponty (1956) acrescentou que a percepção interior é impossível sem a consciência exterior, que o mundo como conexão do fenômeno é antecipado na consciência da minha unidade, e é a maneira de realizar-me em consciência. Entretanto, não é possível escutar senão alguma coisa, ou acreditar sem acreditar em algo.

Edmund Husserl (1857-1938) e Martin Heidegger (1889-1976) são os fundadores da fenomenologia. Heidegger desenvolve seu pensamento seguindo a Husserl. Junto a Hegel são considerados como os pensadores mais criativos e fecundos do século, inspirando as escolas de pensamento mais revolucionárias como a fenomenologia, o marxismo, a psicanálise, Nietzsche, entre muitos outros. Os temas centrais desenvolvidos na sua visão de mundo, segundo Streubert (1994), Echeverría (1993), e Gandolfo (1995), são os conceitos de *essências, intuição e redução fenomenológica*.

As *essências* referem-se aos elementos relativos ao ideal, ou o verdadeiro significado de algo. Elas são aquilo que faz com que uma coisa seja o que ela é. As *essências* são conceitos que dão uma compreensão comum ao fenômeno sobre pesquisa, na medida em que sendo elas contidas no fenômeno podem revelar-se ao observador. Todo fenômeno tem sua essencialidade. Aprender essas essências é tarefa do fenomenólogo. Ele interroga as essências dos fenômenos. As *essências* emergem isoladas e em relação entre elas. Elas são a unidade básica de qualquer fenômeno. Diz Bicudo a respeito: "O mostrar-se não ocorre em um primeiro olhar o fenômeno, mas paulatinamente, dá-se na busca atenta e rigorosa do sujeito que interroga e que procura ver além da aparência, insistindo na procura do característico, básico, essencial do fenômeno (aquilo que se mostra para o sujeito)" (Bicudo, 1994: 18).

*Intuir* como compreensão eidética é a interpretação dos significados implícitos na descrição do fenômeno sob pesquisa. O pesquisador observa o fenômeno através diferentes

condições, e realiza várias descrições até que as unidades de significado ou essências do fenômeno se lhe revelem. Neste processo intuitivo, também chamado *insight* (ato de perceber o que se manifesta na consciência), o pesquisador é orientado por um sentido, por uma busca de significados que ele intui e detecta nos discursos que revelam as intenções expressas ou articuladas. O sujeito da pesquisa é atribuidor de significados, e o que se busca é a compreensão destes significados, ou seja, trata-se de uma meta-compreensão do fenômeno buscado (meta-compreensão é o que Husserl denomina *cogito, cogitatum*, ou seja, pensar o pensado), o que constitui uma "interpretação" (Streubert, 1994: 32-33).

A *redução fenomenológica* é o retorno à compreensão original do fenômeno em investigação. É o retorno "às coisas mesmas" (Heidegger, 1974: 38) É o processo de aproximar-se do fenômeno, a sua essencialidade que se me revela de maneira ingênua, direta, real. Para isso o pesquisador tem que fazer um parêntesis, e deixar em suspensão todo conhecimento prévio, teórico ou experiencial, que possa direcionar a percepção do fenômeno. Para Husserl (1931,1965), a redução permite descrever com exatidão científica a vida da consciência em seu encontro original com o mundo. E o caminho para "ir às coisas em si-mesmas". Entretanto, para Merleau-Ponty, a redução completa é impossível, já que como indivíduos somos um agora, mais enraizado num passado experiencial e voltados para um futuro, em íntima relação com o mundo. A experiência de vida está contida no ser-no-mundo-com-os-outros e com-as-coisas. Entretanto, como parte do processo de redução, o pesquisador deve identificar suas noções preconcebidas e idéias sobre o fenômeno a pesquisar. Uma vez identificadas, deve deixar em suspenso essas idéias, separando-as da consciência. Esta redução deve ser feita ao longo do percurso da pesquisa, em cada fase da descrição e análise, para apreender o fenômeno puro (Streubert, 1994).

A esse respeito existem muitas discrepâncias na literatura. Os fenomenólogos brasileiros da tradição ortodoxa européia parecem ser mais estritos a respeito da "redução", deixando de lado a literatura, até ao final do estudo, quando discutem seus achados com a literatura. Neste grupo estão as enfermeiras que, muitas vezes, por serem rigorosas, usam



uma linguagem tão "tribal"<sup>23</sup> que me resultava difícil compreender os textos. Por sua parte, as pesquisadoras enfermeiras norteamericanas e os pesquisadores psicólogos me pareceram mais flexíveis, provavelmente porque se fundam em fenomenólogos mais contemporâneos como Giorgi, Van Kaan e Van Manen, que seguindo a tradição americana, tentam traduzir à linguagem simples o método, para torná-lo aplicável e compreensível a qualquer um que o leia.

Assim, no que diz respeito à revisão da literatura, Marques (1989) assinala diretamente: "a abordagem teórica segue a tradição fenomenológica, mas se supõe que o pesquisador faça uma revisão das pesquisas anteriores sobre o assunto, a fim de ter consciência clara sobre o 'estado da arte' naquela área de conhecimento. Naturalmente esta não é uma exigência da abordagem fenomenológica, mas um pressuposto da pesquisa científica em geral. Antes de poder identificar quais são meus "achados" tenho que saber o que outros pesquisadores já contribuíram para a compreensão do assunto em questão" (Marques, 1989: 33).

Gabriel Marcel (1889- 1873), Merleau-Ponty (1905-1980) e Sartre (1905-1980), são representantes franceses da terceira fase do movimento fenomenológico, segundo Streubert (1994). Eles desenvolvem os conceitos de *ser-no-mundo* e *encarnação*. Acreditam que a experiência vivida é dada no mundo percebido, e isto é o que deve ser descrito. Munhall (1998: 24) explica esses conceitos chaves como: "A encarnação explica que a consciência de ser-no-mundo se dá no corpo. Eu sou meu corpo. O corpo dá a oportunidade de perceber o mundo através dos sentidos: se olha, cheira, toca, escuta, pensa, sente. A expansão da consciência se dá no corpo, em cada tempo e de cada indivíduo em particular. Essa consciência é perspectival e individual já que se baseia na história, conhecimento do mundo, e até na abertura (*openness*) da pessoa para ao mundo. Compreender a experiência consciente de outro é considerar os significados tal como os indivíduos os interpretam." Munhall (1994:24)

---

<sup>23</sup> Este termo é utilizado por Joel Martins para denotar o fato de que a fenomenologia tem sua própria linguagem, que é necessário explicitar para o leitor.

### *O que é experiência consciente?*

A *experiência consciente* foi e é o foco de atenção da psicologia. Segundo Gómez (1997), Husserl escolheu a experiência consciente como foco central de sua teoria, apresentando a fenomenologia como uma técnica para a interrogação dela através da descrição de seu conteúdo. Seu objetivo era clarificar a articulação entre o real, a experiência e a consciência. O método fenomenológico possibilitaria a separação dos preconceitos, ou seja, toda a história significada das memórias, juízos, valores, desejos e imaginações.

Conforme Gomes (1997: 308), a "*experiência consciente* trata de uma capacidade e uma habilidade comunicacional". Como capacidade, ela se esclarece a partir da significação dos acontecimentos que a constituem. Os objetos da consciência ganham sentido na contextualização de interligações que aparecem organizadas em forma de estrutura. Esta estrutura, enquanto experiência consciente do mundo vivido, é uma matriz social e uma expressão dos construtos mentais (Shütz, 1972); um mundo no qual a vida cotidiana se desenrola e um lugar onde apresentam-se nossas metas e objetivos; e contém os entrelaçamentos do eu com o outro e com o mundo (Merleau-Ponty, 1945/1971). A experiência consciente constitui-se e expressa-se através do corpo. O corpo é o centro onde vislumbram-se todas as perspectivas. É a unidade de síntese entre os objetos dados à consciência e a consciência destes objetos enquanto experiência.

O processo da experiência consciente inicia-se como sensações indiferenciadas numa configuração emergente de uma certa ordem. Sua aparência traz um sentido que revela um todo. Este todo é anterior às suas partes mas não é um todo ideal. Trata-se de uma aparência momentânea que traz em si uma certa coerência ou que está à procura desta coerência em si mesma. Tem um *status* de versão e, sendo assim, é sempre provisória, e organiza-se segundo suas próprias leis que são independentes da vontade. Um exemplo apontado por Merleau-Ponty é quando "uma dada combinação aparece para mim de um certo modo e, ao mover-me de um ponto para outro, certifico-me de que minha primeira aparência era enganosa" (Gomes(1997: 309).

Para a fenomenologia semiótica ou comunicologia (Lanigan, 1992 apud Gomes, 1997) a *consciência* é definida como "um movimento sinérgico (ação simultânea;

associação de vários fatores que, contribuindo para uma ação ordenada, aumentam sua eficiência), na *reversão* entre *percepção* e *expressão*. A reversão mostra-se tanto na similitude (identidade) da percepção e da expressão do próprio sujeito que percebe sua expressão e expressa sua percepção, quanto na alteridade da expressão e da percepção na relação com um outro indivíduo. Esta circularidade, entre a similitude da percepção e expressão de si mesmo e entre a alteridade da expressão e da percepção com o outro, explicita tanto a subjetividade quanto a objetividade. Explicita a subjetividade de um indivíduo cuja experiência intrapessoal do silêncio e do pensamento cria sua percepção de si mesmo e cuja experiência de usar algum sistema de linguagem cria a expressão de sua privacidade. Por contraste, explicita a objetividade da experiência mútua de duas ou mais pessoas que, através de algum tipo de linguagem comum, transformam, por conseguinte, a própria percepção e a própria expressão. A circularidade entre percepção e expressão produz o sentido da consciência imediata e toda a atividade da consciência mediata, enquanto uma unidade, na qual se organizam os processos cognitivos (pensar), afetivos (sentir) e conativos (fazer juízos) (Gomes, 1997:309-310).

Numa perspectiva compreensiva e hermenêutica, a consciência (como modo e entendimento de uma substância ou realidade) se dá a conhecer através de sinais na forma de *gesto e fala*. Gestos e falas organizam-se em sistemas de códigos que, do ponto de vista da compreensão, são tomados em sua totalidade. Gestos e falas constituem as mensagens da consciência situada no corpo. É sempre uma relação entre um eu que fala e um outro que ouve, entre um eu que se mostra em gestos e um outro que vê o movimento, ou mesmo entre um eu e os seus pensamentos. Temos, assim, no discurso do gesto e da fala, uma evidência empírica da consciência, e na tarefa da compreensão deste discurso temos um método que é a fenomenologia. O foco desta abordagem para a consciência é a diferenciação da significação de um objeto (experiência) enquanto apresentação e representação (Husserl, 1907/1986 apud Gomes, 1997: 311).

### ***Como ter acesso à experiência consciente?***

Conforme Gomes (1997) o acesso à experiência consciente realiza-se de diferentes maneiras ao longo dos tempos: a dialética de Hegel faz uma análise dos conceitos segundo o modelo de tese-antítese-síntese. Neste exercício, a reflexão desenvolvia-se

progressivamente através da superação de contradições do sujeito e do objeto, prevalecendo a verdade como uma idéia absoluta. Wundt a estudou através de métodos tomados por empréstimo das ciências naturais. Brentano e Dilthey sugeriram que o método deveria ser descritivo, compreensivo e argumentativo. No entanto, foi Husserl, com a proposta do método fenomenológico, quem estabeleceu os três passos reflexivos para o estudo da experiência consciente

### *Estratégia metodológica da pesquisa*

O primeiro passo do método fenomenológico de Husserl sugere a descrição do objeto da experiência como si se tratasse de um primeiro encontro. Esse primeiro passo é conhecido de epoché, o tradicional pôr em suspenso ou entre parêntesis tudo o que se conhece acerca dele. O objeto deve ser descrito como se o observador não soubesse absolutamente nada a seu respeito, deixando de lado suas preferências, memórias sugeridas pelo objeto em descrição, desejos, imaginações e valores. Também não estaria preocupado em descobrir as causas do objeto ou as justificativas de sua existência. O questionamento vem a seguir: Como poderei afastar toda minha história de vida que mascara subjacente e sutilmente a minha experiência consciente?

Concluída a primeira descrição, passa-se ao segundo passo, que é a exploração ou investigação do relato escrito da descrição. Esta reflexão se faz interrogando-se o texto de modo a explorá-lo exaustivamente. A seguir o pesquisador verifica que partes identificadas na descrição podem ser retiradas sem comprometer a estrutura de sentido ou a essência do fenômeno. Por estrutura, entende-se o conjunto mínimo de informação que continue garantindo a permanência da identificação do fenômeno. Ou seja, aquilo que é essencial, característico, básico à identificação do fenômeno. Estas unidades são chamadas de unidades de significado por alguns fenomenólogos (Kude, 1997: 188-189; Fini, 1994:31; Machado, 1994: 41; Fini, 1994: 54-55; Gomes, 1992). Esta segunda descrição mostra a nova consciência do objeto da experiência. O objeto está definido, as partes identificadas (unidades e significado) e as distinções entre o essencial e não essencial indicadas.

O terceiro passo revela o direcionamento da consciência para aquele determinado objeto da experiência. Este direcionamento, que é o mesmo que intenção, é então o sentido que aquele objeto assume para a consciência. Na teoria de Husserl, chega-se a este sentido

através das várias modalidades dos processos mentais. Estes processos são conhecidos como afeição (eu sinto), conação (eu julgo) e cognição (eu penso). Husserl procurava, neste último passo do seu método, um eu submerso na experiência. Assim, a investigação chega ao fim com a descoberta da intencionalidade do outro. Em outras palavras, a descrição final do fenômeno da experiência seria a consciência do pesquisador (eu), da intencionalidade do pesquisado (outro). O que possibilita a experiência de acesso à experiência consciente do outro (alteridade) é a intersubjetividade – uma subjetividade comum a duas pessoas. (Gomes, 1997).

A fenomenologia existencial de Merleau-Ponty (1945/1971), conforme Gomes (1997) preservou os três passos do método fenomenológico de Husserl. Contudo, Merleau-Ponty toma como ponto de partida o lugar que Husserl definiu como ponto de chegada. Na fenomenologia existencial, a primeira preocupação é a descoberta da intencionalidade, ou a descoberta do sentido do objeto da experiência para a consciência. Husserl desenvolveu os três passos do seu método para conhecer a intencionalidade do outro. Merleau-Ponty, ao contrário, parte da procura pela intencionalidade do outro para recolocá-lo no mundo. Isto revela uma virada importante no campo teórico. Husserl deixou-se prender pela idealidade de um ego-transcendental, isto é, de um eu que existisse por definição aprioristicamente. Merleau-Ponty estava à procura de um eu que existisse no mundo.

O primeiro passo do método fenomenológico existencial descreve o mundo como vivido pelo sujeito, isto é, sua experiência consciente. Este mundo vivido preexiste a qualquer análise que se possa fazer dele. Está aí para ser conhecido como é, sem necessidade de maiores explicações ou justificativas. A descrição concentra-se, portanto, numa determinada realidade como vivida por alguém e faz desta vivência seu objeto de estudo. A tarefa de descrever desvenda progressivamente a postura de um sujeito em relação ao mundo em que vive, revelando seu modo de existir. O resultado é a definição de um sentido, de uma perspectiva, ou seja, de uma intencionalidade (Gomes, 1997: 317).

O segundo passo do método de Merleau-Ponty relaciona-se ao primeiro passo de Husserl. Toma-se a descrição de um certo todo, que é a experiência de uma realidade ou mundo vivido por alguém, e procura-se entendê-la em si mesma. Novamente, procura-se

fazer uma redução e afastar as interferências dos afetos, cognições e conações. Desta maneira, distinguem-se as partes essenciais das não essenciais (unidades de significado).

O terceiro passo ultrapassa o método fenomenológico de Husserl. Não se limita à definição de um sentido ou intencionalidade, pois especifica um determinado modo de ser e de relacionar-se com o mundo. A fenomenologia existencial entende a experiência consciente como uma visão do mundo, que traz um corpo-sujeito com capacidade de ação. Neste sentido, o método tem potencialidade para a mudança. Não se trata de uma descrição passiva das situações vividas, mas de uma descrição para entender melhor determinadas situações, algumas vezes críticas, porém visando as suas possibilidades de transformação. Isto, para quem atua no mundo da saúde, é de vital importância na eleição deste método versus outros. Todo estudo, na perspectiva de saúde, olha para o dinamismo da vida e das experiências humanas e interessa-se pelas modificações dos comportamentos, dos estilos de vida quando esses são estruturados para manter as doenças, como acontece no caso de doenças mentais, e crônicas. Gomes (1997).

Entretanto Gomes sugere que existem algumas questões do método que merecem clarificação. Como esses objetos da experiência apresentam-se à consciência e como a consciência os expressa na experiência? Longe de ficar no jogo aparente de trocadilho de palavras, acontece que esta circularidade existe na relação objeto-consciência-experiência de maneira tal que um objeto ora é experiência, ora é consciência e reversivamente. Os objetos da experiência apresentam-se à consciência em forma de linguagem e em forma de linguagem especificam-se na experiência. Trata-se de um conceito amplo, incluindo a linguagem plástica, musical, verbal ou gestual.

Segundo Gomes (1997), os fenomenólogos sempre reconheceram a pertinência da linguagem para a fenomenologia. Husserl viu na linguagem a corporificação do sentido e a manifestação da vontade. Merleau-Ponty definiu a linguagem como a mediação entre a experiência e a consciência. Neste sentido, a experiência consciente passa a ser entendida como um sistema significativo de expressão no discurso e na ação.

## ANEXO II - Roteiro de Entrevista

A pergunta que abriu o diálogo com as mulheres entrevistadas foi a mesma para todas elas:

*Poderia falar-me acerca de sua experiência de ser mulher durante sua vida: fale-me desde a sua infância.*

Entretanto, para aprofundar sobre sua experiência de ser mulher na infância, adolescência e idade adulta, foram feitas perguntas do tipo como segue:

Poderia falar-me como mulher:

- Como é que a senhora sente sua vida atualmente ?
- Como é que a senhora se sente atualmente como mulher ?
- Como se sente em relação a si-mesma?
- Como está se sentindo em relação aos outros, aos filhos, marido, colegas, vizinhos, etc.?
- Como está se sentindo na realização de metas de trabalho e metas familiares?
- Como está sintindo seu corpo? Tem havido mudanças?

**Infância:**

- Como é que foi sua experiência de vida como menina?
- Como era sua família? Onde moravam? Como era sua vida diária? As rotinas?
- A sua relação com a mãe, o pai, os avós, os irmãos?
- Sua experiência na escola, com seus companheiros e professores?
- O que mais odiava, quais suas dores, suas frustrações?
- De que mais gostava? Quais suas alegrias, quais seus sonhos?
- O que sonhava ser no futuro?

- Havia diferença entre os irmãos em relação aos castigos, as permissões?

**Adolescência:**

- Como foi sua experiência de namoro, como funcionavam as permissões, como foram as primeiras experiência sexuais?
- Como foram suas relações com a mãe, pai e irmãos?
- Quais as aspirações: seus projetos de estudo e de trabalho?
- Quais as frustrações, as dores? Como reagiu?

**Vida Adulta:**

- Quais aspirações e desejos se realizaram: casamento, trabalho, estudos, filhos?
- Como sente a sua relação de casal? Como tem sentido sua vida sexual?
- Como tem sido sua vida material? Moradia, financeira, condições materiais?
- Quais as frustrações mais importantes?
- O que a fazia mais feliz? O que a fazia mais infeliz?
- Como sente sua relação com os filhos?
- O que sente que tem sido importante na sua vida?
- Como se sente como mulher agora?
- Quais seus sonhos de agora em diante?